

**UNIVERSIDADE FEDERAL MINAS GERAIS**  
**Faculdade de Letras**  
**Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos**

Karina Nogueira Druve Novais

**MODALIZAÇÃO E ESTRATÉGIAS DE PRODUÇÃO DE EFEITOS DE VERDADE  
EM ARTIGOS ACADÊMICOS DA ÁREA DA LINGUÍSTICA**

Belo Horizonte

2020

Karina Nogueira Druve Novais

**MODALIZAÇÃO E ESTRATÉGIAS DE PRODUÇÃO DE EFEITOS DE VERDADE  
EM ARTIGOS ACADÊMICOS DA ÁREA DA LINGUÍSTICA**

**Versão final**

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais, como requisito parcial para a obtenção do título de Doutor em Linguística do Texto e do Discurso.

Área de Concentração: Linguística do Texto e do Discurso.

Linha de Pesquisa: Análise do Discurso.

Orientador: Prof. Dr. Wander Emediato de Souza

Belo Horizonte

2020

Ficha catalográfica elaborada pelos Bibliotecários da Biblioteca FALE/UFMG

N935m Novais, Karina Nogueira Druve.  
Modalização e estratégias de produção de efeitos de verdade em artigos acadêmicos da área da linguística [manuscrito] / Karina Nogueira Druve Novais. – 2020.  
215 f., enc. : il., grafs, tabs (color (p&b))  
Orientador: Wander Emediato de Souza.  
Área de concentração: Linguística do Texto e do Discurso.  
Linha de Pesquisa: Análise do Discurso.  
Tese (doutorado) – Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de Letras.  
Bibliografia: f. 194-203.  
Anexos: f. 204-205.

1. Revista de Estudos da Linguagem (Revista) – Teses. 2. Revista Brasileira de Linguística Aplicada (Revista) – Teses. 3. Análise do discurso – Teses. 4. Discurso científico – Teses. 5. Comunicação na ciência – Teses. 6. Verdade – Teses. I. Emediato, Wander, 1964- II. Universidade Federal de Minas Gerais. Faculdade de Letras. III. Título.

CDD: 418



UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ESTUDOS LINGÜÍSTICOS



## FOLHA DE APROVAÇÃO

### MODALIZAÇÃO E ESTRATÉGIAS DE PRODUÇÃO DE EFEITOS DE VERDADE EM ARTIGOS ACADÊMICOS DA ÁREA DA LINGÜÍSTICA

#### KARINA NOGUEIRA DRUVE NOVAIS

Tese submetida à Banca Examinadora designada pelo Colegiado do Programa de Pós-Graduação em ESTUDOS LINGÜÍSTICOS, como requisito para obtenção do grau de Doutor em ESTUDOS LINGÜÍSTICOS, área de concentração LINGÜÍSTICA DO TEXTO E DO DISCURSO, linha de pesquisa Análise do Discurso.

Aprovada em 05 de março de 2020, pela banca constituída pelos membros:

Prof(a). Wander Emediato de Souza - Orientador  
UFMG

Prof(a). Helcira Maria Rodrigues de Lima  
UFMG

Prof(a). Ida Lucia Machado  
UFMG

Prof(a). Antônio Augusto Braico Andrade  
CEFET-MG

Prof(a). Rubens Damasceno Moraes  
UFG

Belo Horizonte, 5 de março de 2020.

Profa. Graziela Inês  
Diretora da Faculdade  
de Letras/UFMG.  
Data nº 30 de 28/04/20

Àqueles que participaram de todo o processo e  
que, à sua maneira, permitiram que mais  
um projeto se concretizasse:  
Rosângela, minha querida mãe.  
Junior, meu companheiro e  
parceiro para toda vida.  
Matheus, meu presente de Deus.  
Wander Emediato, meu estimado orientador.

## **Agradecimentos**

Enfim, é chegado o grande momento. Momento de respirar fundo e perceber que tudo valeu a pena. Momento de entender que as perdas se converteram em vitória; que o medo e a angústia de não conseguir cederam lugar para a satisfação e realização pessoal; e que é chegada a hora de relaxar, de comemorar, de dividir.

Dividir, porque o trabalho não é meu. Ou, ao menos, não só meu. Somente em um delírio solipsista alguém poderia tomar como apenas seu o trabalho que é construído solidariamente por tantos. E é por isso, que também é chegado o momento de agradecer.

Começo agradecendo ao meu orientador, Prof. Dr. Wander Emediato, a confiança em mim depositada ao assumir a orientação; a compreensão e a ajuda nos momentos difíceis e conflituosos; as palavras de incentivo e a indicação de um caminho a seguir; a dedicação com que me orientou; a frequente disponibilidade em me atender e, em especial, o conhecimento que, gentilmente, dividiu comigo durante todo o processo. Obrigada por tudo!

Agradeço, em especial, aos meus pais a base que me permitiram ter. Também agradeço toda ajuda recebida: mãe, se não fosse sua presença sempre constante, o medo e a angústia, fatalmente, teriam sido maiores. A sua dedicação permitiu que a minha fosse possível. Serei eternamente grata por ter aberto mão de seus interesses, do seu tempo para cuidar, carinhosamente, de todos nós. Muito obrigada!

Ao Wilson Junior, agradeço a companhia em todos os momentos; a paciência; a compreensão; o fato de ter aceitado protelar outros de nossos projetos, em função de meu momento; e, sobretudo, a confiança depositada em mim. Graças a você, que não permitiu que eu fraquejasse, é que hoje este trabalho aparece concluído. Você me ajudou a compreender que, por mais difícil que seja concluir algum ato, desistir não é a solução, principalmente, quando o centro desse ato somos nós. Quando o que está em jogo são os meus – ou melhor, os nossos – sonhos, os nossos projetos. Muito obrigada, por ser esse parceiro tão maravilhoso.

Ao Matheus, agradeço o carinho e o amor incondicional. Mesmo não me tendo sempre presente, mesmo tendo que ficar em casa durante vários períodos de férias, nunca ficou irritado. Pelo contrário, sempre arrumava um jeitinho de ir ao escritório para me abraçar, beijar e sussurrar ao meu ouvido “Eu te amo, minha gatinha!”. Como isso me fortalecia... Filho, obrigada por ser tão incrível, tão amável e tão paciente. Essa conquista também é sua.

À Tati e ao Pedro, agradeço o carinho, a companhia, o reconhecimento e as demonstrações de felicidade em relação às minhas conquistas. Faz muita diferença termos pessoas torcendo junto. E, graças a Deus, vocês sempre estiveram por perto. Muito obrigada por tudo!

À Joselle e ao Dalmo, agradeço o incentivo e, de certa forma, a cobrança. Afinal, sempre que ouvia “Minha comadre é Doutora!” ou “Este *veuve clicquot* será para comemorarmos”, sentia-me na obrigação de não desistir.

Aos meus tios, primos, sogros, cunhados e amigos, agradeço a vibração e o carinho. A presença de todos foi muito importante durante o processo. Mesmo que, às vezes, eu não pudesse estar presente. Agradeço a compreensão. Almira, agora podemos colocar em prática todas as nossas viagens!

Aos colegas do CTPM-MG que sempre torceram por mim. Em especial, à Fernanda Antônia Silva Souza, pessoa de grande coração, que, além de estar na torcida, fez tudo o que pôde para me ajudar. Obrigada pela colaboração.

Aos professores do Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos da FALE/UFMG, que, desde o mestrado, contribuíram de forma efetiva para a execução deste trabalho, apresentando-me a teorias e conceitos que fundamentaram minha pesquisa.

Agradeço, em particular, à Profa. Dra. Ida Lucia Machado, professora que muito me ajudou. Muito obrigada pelas intervenções durante todo o processo: desde a banca de

seleção, passando pelo parecer do projeto e pelas orientações e sugestões no exame de qualificação, até a defesa da tese.

Ao Eduardo Assunção Franco que, sempre muito gentil, tinha palavras de conforto e incentivo para me dar. Também agradeço as orientações e as sugestões dadas durante o exame de qualificação. Espero tê-las compreendido a ponto de executá-las da melhor maneira.

A todos os funcionários da secretaria do Poslin, agradeço a presteza e a prontidão em nos ajudar.

Aos colegas do programa que sempre se mostraram abertos e disponíveis a colaborar.

E, finalmente, agradeço a Deus o fato de ter colocado, em meu caminho, pessoas tão importantes para meu crescimento pessoal e intelectual. É graças a Ele, que hoje tenho, novamente, a oportunidade de ter o que e a quem agradecer.

*"No dia 13 de agosto de 1979, dia cinzento e triste, que me causou arrepios, fui para o meu laboratório, onde, por sinal, pendurei uma tela de Bruegel, um dos meus favoritos. Lá, trabalhando com tripanossomas, e vencendo uma terrível dor de dentes..."*

*Não. De saída tal artigo seria rejeitado, ainda que os resultados fossem soberbos. O estilo... O cientista não deve falar. É o objeto que deve falar por meio dele. Daí o estilo impessoal, vazio de*

*emoções e valores:*

*observa- se,*

*constata- se,*

*obtem- se,*

*conclui- se.*

*Quem? Não faz diferença...*

Rubem Alves

## RESUMO

Partindo do pressuposto de que o conhecimento científico, apesar de verificável, é falível, podemos encarar os resultados e as conclusões apontados pelas práticas científicas apenas como potenciais verdades provisórias. No entanto, mesmo não sendo portadores de verdades definitivas, os textos científicos frequentemente são utilizados como validadores em outros textos. É em função dessa particularidade que surge o interesse de nossa pesquisa: analisar como um discurso utilizado como garantia por outros discursos organiza-se de modo a produzir credibilidade e evidência, de modo a ser reconhecido como uma fonte de verdade. Para essa análise, selecionamos um *corpus* de dez artigos científicos: sete da “Revista de Estudos da Linguagem” e três da “Revista Brasileira de Linguística Aplicada”, ambas de Belo Horizonte. Ao examinarmos os artigos, não buscamos verificar se as informações apresentadas eram verdadeiras ou falsas, nem se os passos lógicos da ciência foram bem seguidos, mas buscamos analisar quais estratégias discursivas foram utilizadas para criar um efeito de verdade. Ademais, procuramos verificar se há uma regularidade dessas estratégias discursivas nos artigos analisados da área de Linguística. Para tanto, sob o viés da Análise do Discurso – em especial, da Teoria Semiolinguística – e dos estudos da Argumentação, analisamos os artigos selecionados destacando, principalmente, aspectos relacionados às estratégias enunciativas (a apresentação do enunciador; a gestão do dialogismo e a modalização) e às estratégias argumentativas (os argumentos baseados na estrutura do real: argumento de autoridade, argumento pelo vínculo-causal; as ligações que fundamentam a estrutura do real: argumento pelo exemplo ou pela ilustração e os elementos típicos dos textos científicos: a escrita científica e a utilização de gráficos, quadros e tabelas). A partir dessa análise, foi possível evidenciar um padrão na escrita dos artigos analisados. Embora todos os textos analisados sejam da área de Linguística, os resultados devem ser entendidos apenas como padrões e tendências de escrita acadêmico-científica da área, não como específicos ou típicos dela. Mesmo obedecendo a vários preceitos científicos gerais, próprios do discurso científico, algumas particularidades podem não ser tão percebíveis em outras áreas do conhecimento: a investida do sujeito pesquisador; a recorrência de períodos longos e complexos; a presença de modalizações avaliativas e epistêmicas de crença. Resultado esse que nos faz acreditar na influência das comunidades científicas no fazer científico.

**Palavras-chave:** Discurso Científico. Artigo Científico de Linguística. Credibilidade. Efeito de Verdade. Análise do Discurso. Argumentação.

## RÉSUMÉ

Partant de l'hypothèse que les connaissances scientifiques, bien que vérifiables, sont faillibles, nous devons considérer les vérités scientifiques comme provisoires. Cependant, même si elles ne sont pas porteuses de vérités définitives, les textes scientifiques sont souvent utilisés comme validateurs dans d'autres textes et comme une source crédible. C'est cette particularité qui a suscité notre intérêt pour mener cette recherche: analyser comment le discours scientifique est construit de façon à produire de la crédibilité et des effets d'évidence, des effets de vérité. Pour mener à bien cette analyse, nous avons sélectionné dix articles scientifiques, étant donné que les résultats des recherches scientifiques sont traditionnellement diffusés par le biais de ce genre de textes dans des revues périodiques spécialisées: le corpus est constitué d'articles publiés dans la «Revista de Estudos de Linguagem» et d'autres publiés dans la «Revista Brasileira de Linguística Aplicada». Lorsque nous avons examiné les articles, nous n'avons pas cherché à vérifier si les informations étaient vraies ou fausses, ni si les étapes logiques de la science ont été bien suivies, nous nous sommes intéressés uniquement aux stratégies discursives mises au point pour créer, selon notre optique analytique, un effet de vérité scientifique. Ainsi, en adoptant le cadre théorique de l'Analyse du Discours, notamment de la sémiolinguistique, et des études sur l'argumentation, nous avons analysé les articles sélectionnés en mettant en évidence certains procédés discursifs telles que la gestion du dialogisme (le rôle et les formes des locuteurs et des énonciateurs), la modalisation énonciative et ses formes dominantes, les stratégies argumentatives (les arguments structurés dans le réel – arguments d'autorité, arguments causaux, l'exemple, l'illustration, les images et les schémas graphiques, l'usage des tableaux, etc). De plus, nous avons cherché à vérifier s'il y a une régularité au niveau de ces stratégies discursives dans les articles analysés. À partir de cette analyse, il a été possible de mettre en évidence des formes discursives et énonciatives régulières dans la rédaction des articles scientifiques. Bien que tous les textes analysés soient du domaine de la linguistique, les résultats ne doivent être compris que comme des modèles et des tendances dans l'écriture académique et scientifique de ce domaine, et non comme des formes générales ou typiques de celui-ci. Même en obéissant à plusieurs préceptes scientifiques généraux, typiques du discours scientifique, certaines particularités peuvent ne pas être perceptibles dans d'autres domaines de la connaissance que nous n'avons pas traités. Quoi qu'il en soit, des régularités discursives et énonciatives telles que l'investissement subjectif – ou non - du chercheur, la récurrence de périodes longues et complexes, la présence de modalités évaluatives et épistémiques, des formes de citations routinières, nous font croire à l'influence des communautés scientifiques et de la tradition dans l'écriture scientifique.

**Mots-clés:** discours scientifique, énonciation, discours, argumentation, modalisation, effet de vérité.

## ABSTRACT

Based on the assumption that scientific knowledge, although verifiable, is fallible, we can view the results and conclusions evidenced by scientific practices only as potential provisional truths. However, even though they are not carriers of definitive truths, scientific texts are often used as validators in other texts. It is due to this particularity that the interest of our research arises: to analyze how a discourse used as a guarantee by other discourses is organized in order to produce credibility and evidence, in order to be recognized as a source of truth. For this analysis, we selected a corpus of ten scientific articles: seven from “Revista de Estudos da Linguagem” and three from “Revista Brasileira de Linguística Aplicada”, both from Belo Horizonte. When examining the articles, we did not seek to verify whether the information presented was true or false, nor whether the logical steps of science were well followed, but we sought to analyze which discursive strategies were used to create a real effect. In addition, we seek to verify whether there is a regularity of these discursive strategies in the analyzed articles in the area of Linguistics. Therefore, under the Discourse Analysis bias - in particular, the Semiolinguistic Theory - and the Argumentation studies, we analyzed the selected articles, mainly highlighting aspects related to the enunciative strategies (the presentation of the enunciator; the management of dialogism and modalization) and argumentative strategies (arguments based on the structure of the real: argument from authority, argument by the causal link; the links that underlie the structure of the real: argument by example or illustration and the typical elements of scientific texts: scientific writing and the use of graphs, charts, and tables). From this analysis, it was possible to evidence a pattern in the writing of the analyzed articles. Although all texts analyzed are in the area of Linguistics, the results should be understood only as patterns and trends in academic-scientific writing in the area, not as specific or typical of it. Even obeying several general scientific precepts, typical of scientific discourse, some particularities may not be so noticeable in other areas of knowledge: the discursive presence of the researcher; the recurrence of long and complex periods; the presence of evaluative and epistemic modalities of belief. Such results enable us to acknowledge the influence of scientific communities in scientific practice.

**Keywords:** Scientific Discourse. Scientific Article on Linguistics. Credibility. Truth Effect. Discourse Analysis. Argumentation.

## LISTA DE FIGURAS, QUADROS E TABELAS

<b>Figura 01:</b> Esquema da Situação de Comunicação.....	30
<b>Figura 02:</b> Classificação das Ciências.....	38
<b>Figura 03:</b> Exemplo de Gráfico.....	71
<b>Quadro 01:</b> Etapas para a avaliação de um artigo científico.....	50
<b>Quadro 02:</b> Tipos e Subtipos de Modalização (NASCIMENTO, 2013).....	61
<b>Quadro 03:</b> Tipos e Subtipos de Modalização.....	62
<b>Quadro 04:</b> Exemplo de quadro.....	70
<b>Quadro 05:</b> Classificação dos Verbos e Expressões Indicadores de Citação.....	150
<b>Quadro 06:</b> A Organização Estrutural dos Artigos de Linguística.....	181
<b>Quadro 07:</b> Os Resumos dos Artigos de Linguística.....	181
<b>Quadro 08:</b> As Conclusões dos Artigos de Linguística.....	182
<b>Quadro 09:</b> Sujeito enunciador nos Artigos de Linguística.....	183
<b>Quadro 10:</b> A Modalização nos Artigos de Linguística.....	184
<b>Quadro 11:</b> Argumento de Autoridade nos Artigos de Linguística.....	184
<b>Quadro 12:</b> Sequências Explicativas e Conclusivas nos Artigos de Linguística.....	185
<b>Quadro 13:</b> Apresentação de recortes do <i>corpus</i> analisado nos Artigos de Linguística.....	185
<b>Quadro 14:</b> Utilização de Gráficos, Quadros e Tabelas nos Artigos de Linguística.....	186
<b>Quadro 15:</b> A Escrita Científica nos Artigos de Linguística.....	187

**Tabela 01:** Exemplo de Tabela.....69

**Tabela 02:** Organização estrutural dos artigos.....83

## LISTA DE SIGLAS

<b>EUc</b>	Eu comunicante
<b>EUi</b>	Eu enunciador
<b>TUd</b>	Tu destinatário
<b>TUi</b>	Tu interpretante
<b>PS</b>	Pessoa do singular
<b>PP</b>	Pessoa do plural
<b>T1</b>	Texto 1
<b>T2</b>	Texto 2
<b>T3</b>	Texto 3
<b>T4</b>	Texto 4
<b>T5</b>	Texto 5
<b>T6</b>	Texto 6
<b>T7</b>	Texto 7
<b>T8</b>	Texto 8
<b>T9</b>	Texto 9
<b>T10</b>	Texto 10

# Sumário

<b>INTRODUÇÃO</b> .....	18
<b>CAPÍTULO 1 – A TEORIA SEMIOLINGUÍSTICA</b> .....	30
1.1 A teoria semiolinguística e os sujeitos do ato de linguagem .....	30
1.2 A situação e o contrato de comunicação .....	32
<b>CAPÍTULO 2 – DO DISCURSO CIENTÍFICO AO DISCURSO DOS ARTIGOS ACADÊMICO-PERIODISTA</b> .....	36
2.1 Os tipos de conhecimentos.....	36
2.2 Um breve histórico do método científico .....	38
2.3 O discurso científico.....	40
2.4 O discurso acadêmico-periodista.....	41
2.5 O contrato de comunicação e a padronização do discurso acadêmico-periodista .....	44
<b>CAPÍTULO 3 – A CIÊNCIA E O EFEITO DE VERDADE</b> .....	47
3.1 O efeito de verdade e o discurso .....	47
3.2 A problemática do efeito de verdade na ciência.....	48
3.3 O efeito de verdade e a questão da justificação .....	50
3.4 As estratégias discursivas do discurso acadêmico-periodista.....	53
3.4.1 A estrutura dos artigos científicos.....	55
3.4.2 As estratégias enunciativas .....	57
3.4.2.1 O enunciador do artigo científico e a gestão do dialogismo .....	58
3.4.2.2 A modalização no artigo científico.....	61
3.4.3 As estratégias argumentativas .....	65
3.4.3.1 Argumentos baseados na estrutura do real.....	66
3.4.3.1.1 Argumento de autoridade: a citação .....	66
3.4.3.1.2 Argumento pelo vínculo causal .....	67
3.4.3.2 Ligações que fundamentam a estrutura do real .....	68
3.4.3.2.1 Argumento pelo exemplo ou pela ilustração .....	68
3.4.3.3 Elementos típicos dos textos científicos .....	69
3.4.3.3.1 A utilização de tabelas, quadros e figuras.....	70
3.4.3.3.2 A escrita científica.....	73

<b>CAPÍTULO 4 – O CORPUS: DESCRIÇÃO E ANÁLISE</b> .....	76
4.1 A apresentação do <i>corpus</i> .....	76
4.2 Procedimentos de análise .....	79
4.3 Análise descritiva do <i>corpus</i> .....	80
4.3.1 A organização estrutural dos artigos de linguística .....	82
4.3.1.1 Organização dos resumos .....	86
4.3.1.2 Organização das considerações finais .....	94
4.3.2 Modalidade argumentativa dos artigos científicos de linguística .....	103
4.3.3 Os aspectos discursivos dos artigos científicos de linguística .....	104
4.3.3.1 Sujeito enunciador .....	105
4.3.3.1.1 A frequência do investimento da 1ª pessoa nos artigos .....	120
4.3.3.2 Modalização .....	123
4.3.3.3 Argumento de autoridade .....	146
4.3.3.3.1 Formas de citação .....	146
4.3.3.3.2 Verbos e expressões indicadores de citação .....	148
4.3.3.4 Sequências explicativas e conclusivas .....	157
4.3.3.5 Apresentação de recortes do <i>corpus</i> analisado .....	163
4.3.3.6 Utilização de gráficos, quadros e tabelas .....	167
4.3.3.7 A escrita científica: vocabulário técnico e acadêmico .....	172
4.3.4 Síntese dos resultados .....	181
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	189
<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS</b> .....	195
<b>ANEXOS</b> .....	205
Anexo 01 – Normas de Publicação da <i>Revista de Estudos da Linguagem</i> .....	206
Anexo 02 – Normas de Publicação da <i>Revista Brasileira de Linguística Aplicada</i> .....	211

## INTRODUÇÃO

Durante o período do mestrado, trabalhamos com a argumentação no discurso publicitário<sup>1</sup>. Mais precisamente, com os modos de organização dos efeitos de verdade. Nessa pesquisa, analisamos publicidades impressas<sup>2</sup> do tipo competitiva buscando evidenciar quais estratégias discursivas conferem a esse tipo de discurso um tom de credibilidade. Isso, porque, mesmo se tratando de um discurso encenado, é possível que algumas escolhas sejam responsáveis por trazer um efeito de verdade ao que é proferido.

Durante esse trabalho, percebemos que uma das estratégias argumentativas mais recorrentes nesse gênero é o argumento de autoridade: entre os quais, o argumento de uma autoridade especializada que traz o resultado de uma pesquisa que garante a qualidade do produto/serviço anunciado. Essa pesquisa se aproxima, de certa forma, do fazer científico, tendo em vista que apresenta uma conclusão/resultado, após estudos, análises, comparações, etc.

Nesse ponto, surgiu o interesse em verificarmos como um discurso que é utilizado como garantia por outros discursos organiza-se de modo a produzir a sensação de credibilidade, de ser uma possível fonte de verdade e quais os meios discursivos mais utilizados para esse fim. Não se trata aqui, contudo, de uma pesquisa sobre metodologia científica, domínio em que tradicionalmente se avaliam os passos, técnicas, instrumentos e critérios do fazer científico. Menos pretensioso, nosso trabalho consiste em mapear estratégias discursivas de produção de efeitos de verdade no discurso científico. Limitamos, portanto, nossa presente pesquisa à discursividade científica e não aos aspectos metodológicos e epistemológicos da ciência.

---

<sup>1</sup>NOVAIS, K. N. D. *Argumentação na Publicidade: os modos de organização dos efeitos de verdade*. 2015. 204 f. dissertação (Mestrado em Letras – Estudos Linguísticos) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2015.

<sup>2</sup> Publicidades que circularam em revistas impressas de circulação nacional (Veja, Istoé, Época) relacionadas a três produtos diferentes: carros, bancos e cosméticos.

De acordo com Maingueneau (2008c, p.37), alguns discursos podem ser agrupados numa categoria de *discursos constituintes*<sup>3</sup>, uma vez que são apresentados e/ou recebidos como aqueles que não reconhecem outra autoridade além da sua própria; que não admitem quaisquer outros discursos acima deles e podem, inclusive, ser utilizados em outros discursos e produzir outros discursos que ficam a eles vinculados ou subordinados. É o caso, como citamos, do discurso publicitário, que muitas vezes se vale do discurso científico para seus objetivos persuasivos. Dentre os discursos constituintes, recebidos como a fonte e o comando, optamos por analisar o discurso científico.

Tendo em vista que os discursos científicos comumente são destinados a uma comunidade específica – como um mecanismo que visa a estabelecer um diálogo entre os próprios membros de um grupo –, decidimos optar pela análise de discursos que versem acerca de um mesmo objeto: a linguagem. Partimos da ideia de que os parâmetros de natureza situacional podem, eventualmente, contribuir para gerar variantes em termos das estratégias discursivas adotadas na configuração dos textos, tais como léxico, estilo, construções linguístico-discursivas, atitudes modais, gestão do dialogismo (citações), etc. Assim, ao investigarmos o discurso de uma área específica, estaremos evidenciando algumas particularidades discursivas dessa área, e não as apresentando como gerais a toda comunidade científica, nem mesmo como típicas da área analisada. No entanto, os procedimentos analisados parecem relevantes e recorrentes, e a regularidade com que surgem coloca em evidência tendências importantes do discurso científico-acadêmico.

Neste trabalho, decidimos analisar as estratégias discursivas<sup>4</sup> observadas em artigos acadêmicos da área da Linguística com o objetivo central de descrever e interpretar as regularidades e as variantes de construção do discurso científico, em especial, aquelas responsáveis por imprimir um tom de credibilidade ao que é exposto.

---

<sup>3</sup> Vale, aqui, já sinalizarmos que a noção de discurso constituinte não é consensual entre os teóricos e pesquisadores da linguagem. Para alguns, a categoria idealizada por Maingueneau é vulnerável e sujeita a questionamentos. Sendo assim, mais à frente, discutiremos um pouco acerca dessa questão.

<sup>4</sup>Ao longo do trabalho apresentaremos mais detalhadamente o que estamos chamando de estratégias discursivas.

Mesmo não sendo um discurso que visa a ser recebido como o provedor de uma verdade inquestionável, o discurso científico acaba, por vezes, recebendo tal qualificação. Para muitos, é visto como um discurso utilitário, capaz de responder aos questionamentos da sociedade e de revelar parte da verdade que o homem busca. Nessa perspectiva, é utilizado por outros discursos como um argumento de autoridade, como uma garantia de que o posicionamento apresentado é possível – ou mesmo, garantia de verdade. Coracini, retomando Descartes, aponta que,

há muitos séculos se acredita que o objetivo magno da ciência está na busca do conhecimento objetivo, ou *seja, comprovado*, dos seres e fenômenos do Universo. A concepção de objetividade apresentou-se sob duas facetas distintas: a prova do intelecto e a prova dos sentidos. No primeiro caso, conhecer significaria penetrar pela *razão* na 'verdade' dos seres e fenômenos naturais. O conceito de verdade assumiria aqui a acepção de realidade essencial dos fatos e o único meio que o homem via a sua disposição para realizar sua tarefa era a própria consciência, a própria razão (cf. Descartes). [...]  
No segundo caso, o da prova dos sentidos, a base do conhecimento estaria na concepção de que a verdade dos fatos só poderia ser atingida pelos *sentidos*: era o método indutivo por excelência. (CORACINI, 1991, p.26)

No entanto, a intenção do discurso científico é a de se aproximar de uma verdade, a de, ao menos por algum período, apresentar possíveis respostas a algumas questões que circulam em uma comunidade (seja ela científica ou não). E, como a verdade está intimamente relacionada ao momento histórico, à sociedade, é possível – e até esperado<sup>5</sup> – que a verdade científica seja falível e provisória. Uma das características do conhecimento científico é exatamente a sua falibilidade.

Uma quebra de expectativa quanto aos dados/resultados apresentados no e pelo discurso científico é, de alguma forma, propiciada por John Locke em suas investigações referentes às origens, aos fundamentos e aos limites do conhecimento científico, como aponta Chibeni:

Foi ele quem pela primeira vez concluiu, por meio de uma análise sistemática, que no domínio do conhecimento do mundo natural (em oposição, por exemplo, ao domínio da matemática), não devemos ter esperanças de satisfazer

---

<sup>5</sup> Esperado não no sentido de ser desejado, mas no sentido de ser provável.

simultaneamente a dois dos desiderata clássicos da ciência: a universalidade e a certeza. (CHIBENI, 2006, p.03<sup>6</sup>)

Mas é importante ter em mente que, mesmo não tendo a intenção de apresentar uma verdade absoluta – em um sentido universal, aplicável a todas as situações de mesma natureza –, o discurso científico busca ter um impacto sobre o leitor-alvo, uma vez que busca convencer seus pares<sup>7</sup> de que a pesquisa científica é relevante e de que os resultados apresentados são consistentes e merecedores de crédito.

Emediato (2013) discorre sobre o problema da subjetividade e da objetividade em diferentes contextos, definindo a segunda em termos de estratégia enunciativa e discursiva. O autor, citando Kerbrat-Orecchioni (1980), lembra que “... toda unidade lexical é, em certo sentido, subjetiva, já que as ‘palavras’ da língua nunca são apenas símbolos substitutivos e interpretativos das ‘coisas’”. Para Emediato, quando analisamos um discurso em termos de “objetivo” ou “subjetivo”, estamos nos referindo ao comportamento enunciativo adotado, e não a uma propriedade de referenciação absoluta da linguagem. Assim,

O discurso “objetivo” é, apenas para efeito de análise e categorização, aquele em que o enunciador adota a estratégia do “apagamento enunciativo” (Vion, 2001), ao passo que o discurso “subjetivo” seria aquele em que o enunciador, de modo explícito ou implícito, se coloca como a fonte avaliativa (Kerbrat-Orecchioni, 1990) adotando o regime do “investimento subjetivo” (Parret, 1983). (EMEDIATO, 2013, p.80)

O autor ressalta, portanto, a relação entre efeito de objetividade, modalização e postura enunciativa. Em nosso trabalho, preferimos falar do efeito de verdade, pois acreditamos que isso vai além do problema da objetividade e da subjetividade, estando mais próximo do que Charaudeau (1990) chama de efeito de real, sem se resumir, no entanto, a este último. Trata-se de algo diferente de valor de verdade.

O efeito de verdade está mais para o lado do “acreditar ser verdadeiro” do que para o do “ser verdadeiro” (...) Diferentemente do valor de verdade, que se baseia na evidência, o efeito de verdade baseia-se na convicção, e participa de um movimento que se prende

---

<sup>6</sup>CHIBENI, S. *Algumas observações sobre o “método científico”*. Notas de aula, 12/2006. Disponível em: <<http://www.unicamp.br/~chibeni/textosdidaticos/metodocientifico.pdf>>. Acesso em: 20 de agosto de 2014.

<sup>7</sup> Ou mesmo os leitores leigos.

a um saber de opinião, a qual só pode ser apreendida empiricamente, através dos textos portadores de julgamento. O efeito de verdade não existe, pois, fora de um dispositivo enunciativo de influência psicossocial, no qual cada um dos parceiros da troca verbal tenta fazer com que o outro dê sua adesão a seu universo de pensamento e de verdade. O que está em causa aqui não é tanto a busca de uma verdade em si, mas a busca de “credibilidade”, isto é, aquilo que determina o “direito à palavra” dos seres que comunicam, e as condições de validade da palavra emitida. (CHARAUDEAU, 2010b, p.49)

Para nós, os efeitos de objetividade, alcançados pela modalização e por posturas enunciativas de apagamento, assim como os efeitos de real, construídos por operações diversas, fazem parte das estratégias de produção de efeitos de verdade, mas não são fenômenos equivalentes.

Lembremos ainda que, para Charaudeau (2004), a intencionalidade psico-sócio-discursiva que determina a expectativa do ato de linguagem do sujeito falante e da própria troca linguageira corresponde a visadas discursivas. Desse modo, podemos dizer que, mais do que uma visada de informação (na qual o EU quer “fazer-saber” e o TU encontra-se na posição de “dever saber”<sup>8</sup>), o discurso científico também possui uma visada de demonstração (na qual o EU quer estabelecer uma verdade e, para tanto, apresenta provas, baseando-se em uma posição de autoridade de saber – cientista, especialista, *expert*. Paralelamente, o TU aparece em posição de ter que receber e “ter que avaliar” uma verdade e, então, ter a capacidade de fazê-lo<sup>9</sup>). Em outras palavras, o discurso científico também precisa trabalhar com uma intenção perlocutória do tipo “fazer-creer”, pois uma vez que nem tudo é passível de comprovação empírica ou de demonstração, deve-se valer da força de evidência das asserções para fazer crer à validade do discurso científico. A partir dessa ótica, torna-se relevante verificar quais estratégias discursivas conferem a esse discurso a orientação de ser o portador de uma verdade.

Sobre o discurso científico, Charaudeau aponta algumas de suas características fundamentais:

A finalidade do discurso científico se caracteriza por uma visada demonstrativa, um querer estabelecer uma verdade para a qual é necessário desenvolver uma

---

<sup>8</sup>Cf. Charaudeau (2004).

<sup>9</sup>Cf. Charaudeau (2004).

atividade de argumentação que situa alguns tipos de raciocínios (axiomas e regras) e a escolha de argumentos que devem desempenhar o papel de prova. Assim, desenvolver-se-á um discurso segundo uma organização tripla: problematização (apresentação de um questionamento), posicionamento (engajamento do sujeito argumentante em uma posição a ser defendida), persuasão (apresentação de estratégias de provas), segundo um raciocínio hipotético-dedutivo. (CHARAUDEAU, 2016, p.551)

Sob essa perspectiva, o efeito de verdade dialoga diretamente com a noção de verossímil, que consiste em apresentar algo como provável, possível; como algo que parece ser verdadeiro sem necessidade de prova. Segundo Plantin (2008b, p.493-494),

O verossímil deve ser compreendido tanto como um produto quanto como um fundamento do discurso.

[...] O verossímil é uma qualidade da opinião, que a opõe ao verdadeiro. Ele corresponde ao **provável** da estatística ou ao **plausível** da doxa, ou seja, às representações, maneiras de fazer, de pensar e de dizer normais, coerentes, freqüentes numa comunidade (rotinas, cenários, lugares comuns, estereótipos), que pré-formam as expectativas e as guiam. (grifos do autor)

Mesmo antes da apresentação de uma prova, é provável que o discurso científico tenha um caráter verossímil. Isso porque, a estrutura do dizer científico segue algumas normas e representações comuns a cada comunidade.

A pesquisa que desenvolveremos utilizará, como *corpus*, artigos científicos que circulam no meio acadêmico e buscará analisar diferentes estratégias discursivas que conferem um efeito de verdade ao discurso acadêmico- científico. Vale dizer que nosso interesse não será o de verificar se as informações apresentadas nos referidos artigos são verdadeiras ou falsas, nem se os passos lógicos da ciência foram bem seguidos na pesquisa realizada, mas analisar quais estratégias discursivas são utilizadas para criar o efeito de verdade, bem como o de verificar se há uma regularidade dessas estratégias discursivas nos artigos selecionados. Em relação às características apontadas acima por Charaudeau, um dos aspectos relevantes será o de justamente verificar como cada artigo analisado desenvolve a sua ordem trilogica, ou seja, como problematiza, como se posiciona, como organiza seu sistema de persuasão/provação.

Nesse ponto, torna-se essencial evidenciar o que trataremos por efeito de verdade. Chamaremos de efeito de verdade o efeito possível de alguns discursos (ou de partes desses discursos) que carregam propriedades que poderíamos classificar como associadas à verdade ou de alguma forma estruturadas no real, como fatos, verdades,

presunções, analogias, situações possíveis, argumentos quase-lógicos, modalizações de evidência, descrições, formas enunciativas, escolhas lexicais, estruturas gramaticais, ou mesmo certas estruturas narrativas (NOVAIS, 2015). Nessa concepção, o efeito de verdade será tratado como o resultado obtido pelo emprego de várias estratégias argumentativas e, ao mesmo tempo, como sendo uma das estratégias persuasivas do discurso científico. Diante disso, nossa hipótese é a de que o artigo científico não precisa ser o veículo de uma verdade para produzir a impressão de que é consistente e confiável, uma vez que algumas estratégias discursivas podem ser especialmente responsáveis por criar um efeito de verdade sobre o que é apresentado.

Voltando à questão do discurso constituinte, mesmo sendo uma definição que gera certa polêmica entre os pesquisadores da linguagem, resolvemos abordá-lo por percebermos algo de válido no que afirmam Maingueneau e Cossutta (1995), a começar pela regularidade em que os textos científicos são acessados para explicar alguns fatos e garantir outros.

Segundo os autores, o discurso científico – assim como os discursos religiosos, filosóficos, literários e jurídicos – é um exemplo de discurso constituinte: discurso que pretensamente é visto como fundador e não como fundado. Para os autores, essa posição

“[...] não significa que múltiplos outros tipos de enunciações (a conversação, a imprensa, os documentos administrativos, etc.) não exerçam ação sobre eles; bem ao contrário, há uma interação contínua entre discursos constituintes e não-constituintes, do mesmo modo que entre discursos constituintes. Mas é da natureza destes últimos de negar essa interação ou de pretender submetê-la a seus princípios. Os discursos constituintes implementam a mesma função na produção simbólica de uma sociedade, uma função que poderíamos chamar de *archeion*.” (MAINGUENEAU; COSSUTTA, 1995, p.112, tradução nossa)<sup>10</sup>

---

<sup>10</sup> No original, em francês: “Cela ne signifie pas que les multiples autres types d'énonciations (les conversations, la presse, les documents administratifs, etc.) n'ont pas d'action sur eux; bien au contraire, il existe une interaction continue entre discours constituants et non-constituants, de même qu'entre discours constituants. Mais il est dans la nature de ces derniers de dénier cette interaction ou de prétendre la soumettre à des principes. Les discours constituants mettent en œuvre une même fonction dans la production symbolique d'une société, une fonction que nous pourrions dire *d'archéion*.”

Em outras palavras, trata-se de um discurso que se apresenta como a fonte e o comando; como a autoridade que apresenta o que deve (ou parece) ser a verdade. É por essa sua natureza – incluindo os aspectos discursivos – que, mesmo trazendo posicionamentos questionáveis e falíveis, o discurso científico é utilizado como garantia por vários gêneros do discurso. Mas é importante não compreendermos a força desses discursos como algo inerente a eles: eles próprios não são capazes de se autorizarem e de se apresentarem como discursos fundadores. De acordo com Maingueneau (2008c<sup>11</sup>), é preciso observar que o estatuto de discurso constituinte implica alguns limites que chegam a ser paradoxais. Entre eles, o fato de ser, ao mesmo tempo, auto e heteroconstituintes e o fato de que o Absoluto (a Fonte) que o legitima é aparentemente exterior ao discurso, mas, ao mesmo tempo, deve ser construído no discurso. Assim, pensando no discurso científico, podemos perceber que a autoridade que lhe é atribuída é, inicialmente, dada *a priori*: antes mesmo de ser recebido pelo leitor-alvo, o discurso científico, em geral, já possui uma carga de autoridade<sup>12</sup>, autoridade essa conferida pela Fonte que o legitima<sup>13</sup> e lhe concede um papel de discurso constituinte. No entanto, é imprescindível que essa Fonte (o Absoluto) seja construída – e, mesmo, garantida – no interior do discurso. É preciso que o próprio discurso se apresente de forma a sustentar a legitimidade da Fonte que o legitima.

No entanto, essa classificação de alguns discursos como sendo constituintes não é consensual e, por isso, tal definição gera alguns embates. A começar, é possível percebermos algumas distinções dentro do próprio grupo dos gêneros considerados constituintes, ou seja, aparentemente apresentados como fundadores e detentores de uma pretensa verdade. Afinal, diferentemente, do discurso religioso que trabalha com a fé e do discurso literário que trabalha com o mágico, o discurso científico necessita de comprovações para ser encarado como fonte de verdade. E, mesmo, trazendo essas comprovações, não é certo de que seja, de fato, um instrumento portador da verdade. É comum, dentro de uma mesma linha científica, haver pesquisas que cheguem a

---

<sup>11</sup>Cf., também, Maingueneau e Cossutta (1995).

<sup>12</sup>Essa autoridade atribuída ao discurso científico é garantia para que ele seja autofundante.

<sup>13</sup>Vale comentar que essa Fonte (o Absoluto) legitimadora dos discursos constituintes está intimamente relacionada à sociedade, ao momento histórico. Tal relação pode ser sustentada pelo fato de que, “conforme a época e as civilizações, a função de *archeion* não mobiliza os mesmos discursos constituintes” (MAINGUENEAU, 2008b, p.39).

conclusões bem distintas. Nessa perspectiva, alguns discursos apontados por Maingueneau e Cossutta (1995) – dentre eles, o científico – poderiam ser enquadrados fora do grupo dos constituintes, uma vez que, por si próprios não conseguem garantir a característica de serem fundadores e detentores de uma desejável verdade.

Partindo da necessidade supracitada, percebemos a influência das formações discursivas<sup>14</sup> para a manutenção da autoridade do discurso científico. Maingueneau (2008b, p.241), citando Haroche, Henry e Pêcheux (1971), explica que as formações discursivas “determinam *o que pode e deve ser dito* [...] a partir de uma posição dada em uma conjuntura dada”. A essa ideia, talvez possamos acrescentar que também cabe às formações discursivas determinar a *forma como pode e deve ser dito* (NOVAIS, 2015).

Deve-se a isso o fato de os artigos acadêmicos apresentarem-se de maneira relativamente estáveis: no que se refere à estrutura, à necessidade de citação, à busca de uma aparente objetividade, ao uso de modalizações de evidência e de descrições, entre outros aspectos. No entanto, essa estabilidade não é total. É possível percebermos mudanças quanto à forma de veicular a informação, quanto aos recursos mais valorizados para conferir a credibilidade esperada por esse discurso. Tais variações podem ocorrer em função de alguns fatores, entre eles o tipo da pesquisa (quantitativa ou qualitativa; focada na produção ou na recepção; experimental, bibliográfica, historiográfica, etc.), o campo da pesquisa (humanas, biológicas, exatas...), a área da pesquisa (divisões dentro de um mesmo campo) e a linha da pesquisa (divisões dentro de uma mesma área). O importante é que o discurso se estruture de forma a assegurar sua consistência e a validar o posicionamento defendido, o que possibilitará que seja visto e utilizado como garantia para outros gêneros do discurso.

Tendo em vista a possibilidade de a verdade científica não ser estruturada da mesma forma em textos científicos distintos, surge o interesse de analisar quais são os

---

<sup>14</sup> A noção de formação discursiva foi introduzida por Foucault (em *Arqueologia do Saber*) e reformulada por Pêcheux no quadro da análise do discurso.

elementos discursivos responsáveis por conferir efeitos de verdade a artigos acadêmicos da área da Linguística. Vale destacar que, apesar de acreditarmos que outras áreas organizam seu fazer científico de maneiras diversas – a saber, as das ciências exatas e das ciências da saúde –, não será nosso objeto de investigação apresentar uma análise contrastiva entre diferentes áreas do conhecimento.

Diante do exposto, o interesse de estudar o discurso científico – mais precisamente, artigos acadêmicos da área de Linguística – sob o viés da Análise do Discurso e dos estudos da Argumentação configura-se a base da justificativa para a realização deste trabalho. Aliados a essa questão, outros argumentos também fundamentam a importância da efetivação da pesquisa aqui proposta. De início, temos o fato de que, na busca de material que servisse de orientação para esta proposta de pesquisa, não foram encontrados trabalhos que propusessem uma análise dos efeitos de verdade em artigos acadêmicos da área da Linguística. Outro fator que sustenta a relevância deste estudo relaciona-se ao próprio fato de o discurso científico ser um discurso que serve de garantia (e, mesmo, de mediador da verdade) para outros discursos.

Partindo do princípio de que a verdade é construída socialmente e que a área de estudo pode interferir na forma como os textos são apresentados, tal trabalho nos possibilitará reconhecer possíveis recorrências estruturais e organizacionais dos efeitos de verdade em artigos acadêmicos do campo da Linguística.

Ademais, a pesquisa ora apresentada aparece como instrumento de divulgação do próprio fazer científico. Fazer esse que – em todas as áreas do conhecimento – demanda um trabalho árduo de análise, de investigação, de contraposição de fatos e teorias a fim de alcançar os resultados. São esses resultados que permitirão ao cientista (a partir da análise dos dados obtidos) apresentar a conclusão alcançada aos membros da comunidade científica. Tais resultados serão recebidos pela comunidade e servirão de base para novas pesquisas: que poderão confirmar sua validade, acrescentar ou alterar seus resultados, ou, mesmo, refutar todo o trabalho desenvolvido. É dessa forma que a ciência caminha: desenvolvendo e desconstruindo conceitos e regras anteriores. E os resultados obtidos nessa “cadeia evolutiva da ciência” orientam e facilitam a vida de todos – mesmo que de maneira indireta. Desse modo, este trabalho também pode

se apresentar como socialmente importante para a academia, por valorizar a seriedade envolvida na produção científica.

A respeito da tese levantada por este trabalho, ela se refere à possibilidade de a verdade científica não ser estruturada discursivamente de uma única maneira, mas possuir propriedades discursivas que podemos chamar de situacionais e que podem caracterizar a escrita acadêmica. Os parâmetros situacionais que podem concorrer para as restrições, as regularidades e as variações discursivas são de natureza diversa, como, a identidade dos sujeitos, o dispositivo em que enunciam, o espaço e o tempo da enunciação (a *déixis* enunciativa), o suporte (os meios, inclusive as ferramentas tecnológicas), etc. As estratégias discursivas produtoras de efeitos de verdade, como já dissemos, vão além do problema, já bem estudado, da modalização (GUIMARÃES, 2001). A verdade absoluta não pode ser alcançada pela ciência e os resultados de uma pesquisa, por mais controlados que possam ser, são expressos discursivamente, ou seja, por meio de textos. Isso faz com que a verdade científica, como um efeito da enunciação, seja parte do fenômeno discursivo. E, se as comunidades científicas possuem parâmetros distintos de avaliação e de investigação, é provável que a forma de apresentar e assegurar a possível validade dos resultados por elas apontados também seja distinta. É nessa perspectiva que surge a hipótese que orientará nossa investigação: a de que a organização do efeito de verdade no artigo acadêmico está ligada à área de estudo e a aspectos subjetivos da escrita. Assim, uma mudança nesses aspectos implicaria uma mudança das estratégias discursivas utilizadas para conferir credibilidade ao texto; implicaria uma mudança de como a verdade científica é apresentada no discurso.

A fim de organizarmos nosso trabalho, partimos de um objetivo geral que será o de avaliar como se dá a construção discursiva dos efeitos de verdade em artigos acadêmicos da área da Linguística. Para tanto, teremos como objetivos específicos: I. analisar um conjunto de artigos acadêmicos (na área da Linguística) para verificar seus modos de organização discursiva e como eles contribuem para a natureza do texto acadêmico-científico; II. analisar quais recursos e estratégias discursivas são potencialmente responsáveis pela criação do efeito de verdade em artigos acadêmicos a partir dos modos de organização do discurso (enunciativo e argumentativo) nos

artigos acadêmicos selecionados, destacando os elementos sobre os quais incidiriam efeitos de verdade, tais como a apresentação do enunciador, a gestão do dialogismo, a modalização (enunciativo); os domínios de avaliação, os tipos de argumentos, a construção do *ethos* de pesquisador (argumentativo).

Antes de iniciarmos nossa análise, vale destacar dois pontos de suma importância. O primeiro diz respeito à divisão que apresentaremos entre as estratégias enunciativas e as argumentativas. Mesmo não sendo possível, de fato, separarmos uma da outra, pelo fato de que se esbarram, se complementam ou, mesmo, coincidem-se – a começar pelo fato de que as estratégias enunciativas (a apresentação do enunciador, o dialogismo e os modalizadores) também se apresentam como estratégias argumentativas –, optamos por fazer essa divisão para melhor abordar os aspectos analisados e para enfatizar/explicar que na linguagem há categorias ligadas aos procedimentos enunciativos e aos argumentativos. Mas, em situação de comunicação real, os processos da *mise-en-énonciation* e da *mise-en-argumentation*, fatalmente se imbricam.

O segundo ponto é referente à identificação do *corpus* analisado como sendo artigos acadêmicos da área da Linguística. De acordo com a organização seguida pela CAPES<sup>15</sup>, as 49 áreas de avaliação são agregadas, por critério de afinidade, em dois níveis: Colégios (primeiro nível) e Grandes Áreas (segundo nível). Nessa divisão, a Linguística aparece como um dos elementos da Grande Área e como uma subárea da Grande Área *Linguística, Letras e Artes* que, por sua vez, faz parte do Colégio das Humanidades. De modo a simplificar – e para esclarecer –, neste trabalho, adotamos a terminologia *área da Linguística*, de maneira geral, inclusive para fazer referência à subárea de mesmo nome.

---

<sup>15</sup> Conferir em: <<https://www.capes.gov.br/avaliacao/sobre-as-areas-de-avaliacao>>. Acesso em: 26 de janeiro de 2020.

## CAPÍTULO 1 – A TEORIA SEMIOLINGUÍSTICA

### 1.1 A teoria semiolinguística e os sujeitos do ato de linguagem

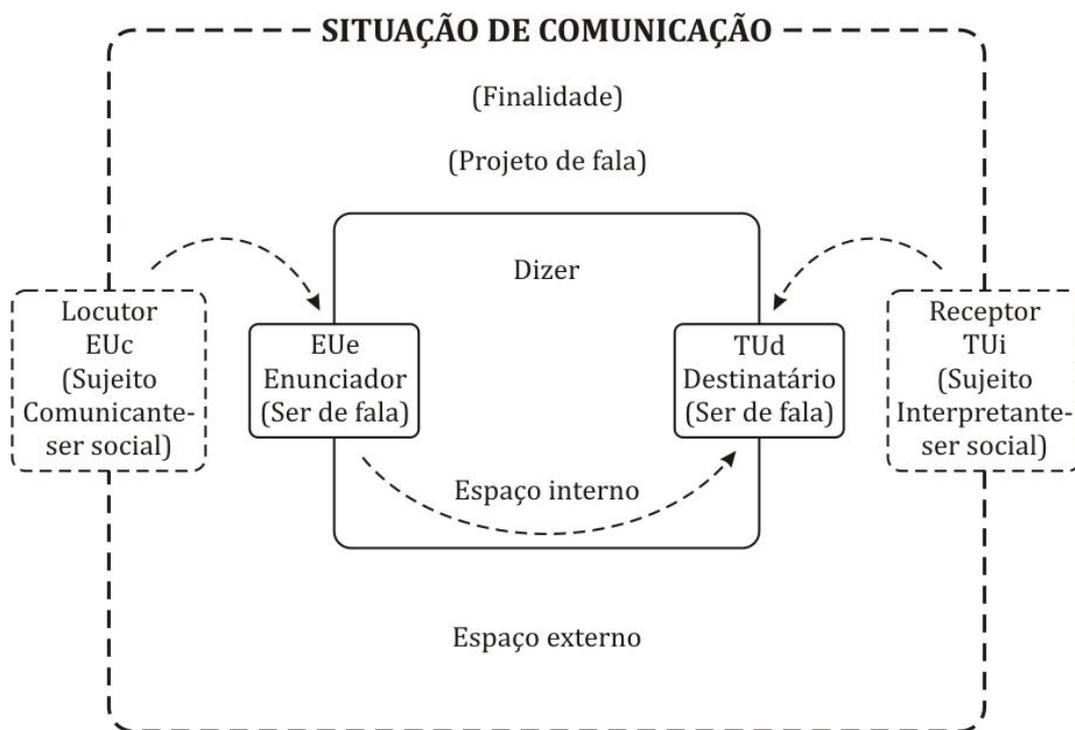
Proposta por Patrick Charaudeau, a Teoria Semiolinguística insere o discurso em um dispositivo comunicacional que relaciona aspectos tipicamente languageiros e aspectos externos no processo de transmissão de informação: os sujeitos do ato languageiro, a situação comunicativa, os papéis sociais/culturais desempenhados pelos sujeitos envolvidos no processo, a intenção comunicativa. Nessa perspectiva, a linguagem é percebida como um sistema complexo que mantém relação com o contexto de produção no qual se insere. Assim, o sentido se estabelece a partir de um grupo de fatores que se relacionam entre si durante todo o ato de linguagem: quem produziu o discurso; para quem o discurso é destinado; qual o papel social desses dois sujeitos nessa interação; qual a intenção daquele que fala; quais estratégias foram utilizadas; qual o contexto social que envolve todo o ato languageiro. Enfim, não basta analisar o dito, também é preciso considerar o não dito.

Percebemos, aqui, um duplo trabalho nesse processo: aquele que produz o discurso deve considerar todos os aspectos mencionados acima para, assim, escolher as estratégias mais adequadas para fazer com que o receptor da mensagem a receba da maneira pretendida. Da mesma forma, o receptor da mensagem precisa se ater a todo o contexto de produção para compreender o que era pretendido pelo emissor do discurso.

De acordo com a Teoria Semiolinguística de Charaudeau (2010a, p.68), comunicar é mais do que transmitir uma informação, é “proceder a uma *encenação*”. Isso, porque, “assim como, na encenação teatral, [...] o locutor – seja ao falar ou ao escrever - utiliza componentes do dispositivo da comunicação em função dos efeitos que pretende produzir em seu interlocutor”. Vale dizer que tal encenação compreende um dispositivo com dois circuitos: um *externo*, referente aos seres sociais, responsáveis pela produção e interpretação; e um *interno*, referente aos seres de fala, relacionados à imagem que o sujeito comunicante convoca para si e à imagem que o sujeito comunicante constrói

de seu destinatário ideal. Essa situação de comunicação é representada por Charaudeau pelo seguinte esquema:

**Figura 01** – Esquema da Situação de Comunicação



Fonte: CHARAUDEAU, 2010, p.52

A partir do quadro acima, vemos a existência de quatro sujeitos envolvidos no ato comunicativo: o eu comunicante (EUC), o eu enunciador (EUE), o tu destinatário (TUD) e o tu interpretante (TUI). Na verdade, temos dois sujeitos externos (EUC e TUI) que, interagindo na situação de comunicação, se apresentam no processo de produção como seres de fala (EUE e TUD). Ou seja, quando pensamos no ato linguageiro na perspectiva semiolinguística, temos dois sujeitos externos que, por sua vez, se desdobram em outros dois, internos:

- o sujeito que produz o discurso, o EU, se desdobra em dois: EUC e EUE.
- o sujeito que recebe o discurso, o TU, também se desdobra em dois: TUD e TUI, ainda que o TUD seja uma construção do EUC.

No decorrer do ato languageiro, o EUC se apresenta de determinada maneira, de modo que essa sua imagem interfere no próprio processo de comunicação. Trata-se do que Charaudeau denomina EUE. A partir da intenção comunicativa do EUC, esse se apresenta dentro do circuito interno como EUE e escolhe as melhores estratégias para fazer com que o seu destinatário virtual (o TUD) o compreenda. Acontece que esse destinatário ideal só existe no circuito interno do processo, visto que é uma idealização que o sujeito comunicante criou do sujeito receptor (o TUI). No final, quem irá receber a mensagem produzida pelo EUC é o TUI.

Considerando a complexidade envolvida, fica evidente que não há garantias de que o receptor da mensagem a receberá da forma esperada pelo emissor. Corrêa-Rosado (2015), ao se referir à teoria proposta por Charaudeau, também menciona a possibilidade de haver problemas nesse ato.

Semiolinguística considera o ato de linguagem como produto de um contexto do qual participam um emissor e um receptor que, por serem pessoas diferentes, podem atribuir a uma expressão linguística diferentes interpretações, dando a elas sentidos não previstos. (CORRÊA-ROSADO, 2015, p.03)

Quando o TUD corresponde ao TUI, a intenção do EUC é bem compreendida e o ato de comunicação é validado. Do contrário, quando o TUD não corresponde ao TUI, a intenção do EUC não é compreendida e o ato não é validado. Para que os problemas sejam minimizados, é necessário, portanto, que o EUC conheça o TUI e, em função disso, reconheça as melhores estratégias para atingi-lo. Da mesma forma, é fundamental que o TUI tenha conhecimentos prévios necessário para reconhecer todos os aspectos envolvidos na situação de comunicação.

## **1.2 A situação e o contrato de comunicação**

Conforme vimos acima, para que um ato de comunicação seja validado não basta o EUC tomar a palavra. É necessário que o TUI tenha condições de compreender as

intenções de produção daquele que produziu o discurso. Dessa forma, toda a situação comunicativa deve ser considerada.

De acordo com Charaudeau (2008b, p.450-451), situação de comunicação não deve ser confundida com contexto. Isso, porque “esse termo<sup>16</sup> refere-se ao conjunto de condições que organizam a emissão de um ato de linguagem”. E mais,

A situação da comunicação é aquela em que os atores (pelo menos dois) se comunicam, ou seja, trocam propósitos com o interesse de alcançar um certo entendimento, e cujo significado depende, por um lado, das condições em que a troca ocorre. (CHARAUDEAU, 2009, p.01, tradução livre<sup>17</sup>)

Em resumo, podemos definir a situação de comunicação a partir de quatro elementos: o propósito da comunicação, os interlocutores envolvidos, a finalidade da comunicação e as circunstâncias em que se desenvolve a comunicação. Ademais, pensando nas condições envolvidas na situação de comunicação, conseguimos, por exemplo, descobrir o implícito que se encontra escondido nos atos de fala e o sentido de um enunciado a partir do posicionamento ideológico do emissor.

Associado à importância de reconhecer as condições próprias da situação de comunicação, temos a necessidade de avaliarmos o próprio contrato de comunicação envolvido, visto que os parceiros da troca linguageira são ligados por um contrato que regula toda a comunicação. Do contrário, não haveria uma compreensão mútua. Nas palavras de Charaudeau (2008a, p.60), trata-se do “conjunto das restrições que codificam as práticas sociolinguageiras, lembrando que tais restrições resultam das condições de produção e de interpretação (*Circunstâncias de Discurso*) do ato de linguagem”.

Considerando a existência das convenções que regulam todo o ato linguageiro, não basta ao EUC tomar a palavra: é preciso que ele atenda aos pré-requisitos impostos

---

<sup>16</sup>A situação de comunicação.

<sup>17</sup>No original, em espanhol: "La situación de comunicación es la situación en la cual se encuentran los actores (dos al menos) que comunican, es decir que intercambian propósitos con el interés de lograr una cierta inter-comprensión, y cuyo sentido depende, por una parte, de las condiciones en las cuales se realiza el intercambio."

pelo contrato e tenha, ainda, sua fala validada pelo TUi (que deve reconhecê-lo e aceitá-lo como locutor/enunciador). Segundo Emediato (2007, p.84), “A validação parece constituir um momento primeiro e fundador do reconhecimento à palavra do outro”. Vale dizer que a própria validação conferida pelo receptor depende de sua consciência acerca do contrato de comunicação: caso não tenha conhecimentos necessários para perceber as convenções e todas as circunstâncias envolvidas no ato comunicacional, ele não reconhecerá o direito à fala do outro.

Na perspectiva semiolinguística, Charaudeau informa que o contrato é o que permite que algumas expectativas acerca de um texto sejam estabelecidas, antes mesmo de sua leitura:

O contrato é o que é falado antes que alguém tenha falado, o que é entendido mesmo antes de ter sido lido. Quero dizer, com isso, que o sistema de reconhecimento recíproco entre produtor e receptor do ato de linguagem que gera o contrato, faça com que o texto produzido signifique, em primeiro lugar, por suas condições de comunicação: quando se vê um cartaz publicitário na rua, percebe-se, imediatamente, o sentido de tudo que diz respeito ao discurso publicitário, mesmo sem ter lido as particularidades do pôster em questão [...]. Uma parte do sentido é construída antes de entrar na especificidade de um texto e isso é resultado do contrato de comunicação, que também predetermina, em parte, os atores da troca. (CHARAUDEAU, 2009, p.02, tradução livre<sup>18</sup>)

Mas é importante entendermos que “o contrato não deve ser pensado como algo constitutivo do discurso, visto que ele não é dado *a priori* na comunicação, mas construído na interação entre o locutor e o interlocutor”, até mesmo, porque “só haverá contrato se partirmos do fundamento de que a base de todo discurso é institucional” (NOVAIS; GUIMARÃES, 2015, p.138). Em outras palavras, é o conjunto das práticas que se repetem que legitimam e naturalizam aquilo que é instituído e apontado como convenção.

---

<sup>18</sup>No original, em espanhol: “El contrato es de lo que se habla antes de que cualquiera haya hablado, lo que es comprendido incluso antes de que se haya leído. Quiero decir con esto que el sistema de reconocimiento recíproco entre productor y receptor del acto de lenguaje que engendra el contrato, hace que el texto producido signifique, en primer lugar, por sus condiciones de comunicación: cuando se ve un afiche publicitario en la calle, se percibe inmediatamente el sentido de todo lo que concierne al discurso publicitario, sin haber incluso leído las particularidades del afiche en cuestión [...]. Una parte del sentido es construido antes de entrar en la especificidad de un texto y esto es resultado del contrato de comunicación, que además predetermina, en parte, los actores del intercambio.”

Seguindo o que afirma Guirado (1997) e recuperado por Viaro e Valore (2011, p.724),

Em algum momento da história e para dar conta de certas necessidades e urgências sociais, os homens foram se organizando de determinada forma, e essa forma de organização ou de relação vai-se perpetuando; são as instituições. Tendemos a dizer, em meio à reprodução das relações e exatamente porque desconhecemos sua origem, que as relações são assim *por natureza*; não as consideramos como instituídas e sim, como se tivessem sido *criadas por Deus!* Tal legitimação acontece por um efeito de reconhecimento das práticas como as únicas possíveis e um desconhecimento de outras modalidades de relação.

Diante do exposto, fica claro que as instituições, por serem a base de todo discurso são, também, o que fundamenta os contratos de comunicação. É a própria repetição de um modelo linguístico dentro de uma instituição (visando atender às necessidades e intenções comunicativas dos sujeitos nela inseridos) que faz surgir um padrão comunicativo que, a princípio, deve ser seguido pelos seres envolvidos no processo, de modo a manter a compreensão mútua e a validação do ato languageiro.

A seguir, veremos como a instituição científica elabora seus discursos: o que preconiza e legitima como sendo pertencentes ao discurso da ciência. Em outras palavras, quais aspectos e regras são apresentados como próprios do contrato de comunicação do discurso científico.

## CAPÍTULO 2 – DO DISCURSO CIENTÍFICO AO DISCURSO DOS ARTIGOS ACADÊMICO-PERIODISTAS

### 2.1 Os tipos de conhecimentos

Antes de iniciarmos a abordagem em relação ao discurso científico, julgamos interessante passarmos, mesmo que rapidamente, pelos quatro tipos de conhecimento a fim de entendermos o que diferencia o conhecimento científico dos demais: conhecimento popular (ou senso comum), conhecimento filosófico e conhecimento religioso (teológico).

Trujillo (1974), citado por Marconi e Lakatos (2003) sistematiza as características dos quatro tipos de conhecimento:

<i>Conhecimento Popular</i>	<i>Conhecimento Científico</i>
Valorativo	Real (factual)
Reflexivo	Contingente
Assistemático	Sistemático
Verificável	Verificável
Falível	Falível
Inexato	Aproximadamente exato

<i>Conhecimento Filosófico</i>	<i>Conhecimento Religioso (Teológico)</i>
Valorativo	Valorativo
Racional	Inspiracional
Sistemático	Sistemático
Não verificável	Não verificável
Infalível	Infalível
Exato	Exato

Fonte: Marconi e Lakatos (2003, p.77-78)

De acordo com essa divisão, os quatro tipos de conhecimento podem ser explicados a partir 06 (seis) aspectos que fazem com que sejam explicados da seguinte forma:

- *Conhecimento Popular*: o conhecimento 1. fundamenta-se em estados de ânimo e emoções, sendo que os valores do sujeito impregnam o objeto; 2. é limitado pela familiaridade com o objeto; 3. baseia-se nas experiências particulares do sujeito do conhecimento; 4. está relacionado àquilo que se pode perceber no dia-a-dia; 5. conforma-se com a aparência e com o que se ouviu dizer, não permitindo a formulação de hipóteses sobre a existência de fenômenos situados além das percepções particulares.
- *Conhecimento Filosófico*: o conhecimento 1. parte de hipóteses que não podem ser submetidas à observação, visto que surge das experiências e não da experimentação; 2. constitui-se um conjunto de enunciados logicamente relacionados; 3. apresenta hipóteses e enunciados que visam a uma representação coerente da realidade; 4. é infalível e exato, na medida que seus postulados e suas hipóteses não são submetidos ao teste da observação/experimentação. Trata-se de um conhecimento que recorre apenas à própria razão humana para questionar os problemas e discernir o certo e o errado.
- *Conhecimento Religioso*: o conhecimento 1. apoia-se em doutrinas que contêm proposições sagradas, por terem sido reveladas pelo sobrenatural e, em função disso, tais verdades são inquestionáveis e infalíveis; 2. usado para explicar a origem, o significado, a finalidade e o destino da nossa existência; 3. não pode ser verificado, porque advém da obra de um criador divino. A adesão das pessoas é vista como um ato de fé, pois a visão sistemática do mundo é interpretada como decorrente do ato de um criador divino, cujas evidências não são postas em dúvida nem sequer verificáveis.
- *Conhecimento Científico*: o conhecimento 1. lida com ocorrências ou fatos que se manifestam de algum modo; 2. possui proposições ou hipóteses com veracidade ou falsidade conhecida por meio de experiências e não apenas pela razão (como ocorre no conhecimento filosófico); 3. é um saber ordenado logicamente, formando um sistema de ideias; 4. apresenta afirmações (hipóteses) que podem ser comprovadas no âmbito da ciência; 5. não é definitivo, absoluto ou final, visto que pode ser alterado ou “desconstruído” por outra teoria.  
(MARCONI; LAKATOS, 2003, p.78-80. Adaptado) (grifos nossos)

Apesar da divisão metodológica entre os tipos de conhecimento, é possível vermos muitos aspectos que os aproximam. Para as autoras, e, a partir do que vimos acima, o conhecimento popular e o conhecimento científico, por exemplo, não se diferenciam “nem pela veracidade nem pela natureza do objeto conhecido: o que os diferencia é a forma, o modo ou o método e os instrumentos do ‘conhecer’” (MARCONI; LAKATOS; 2003, p.76). Ou seja, assim como ocorre entre o conhecimento científico e os conhecimentos filosóficos e religiosos, a diferença está muito mais associada ao contexto metodológico do conhecimento do que ao seu conteúdo.

## 2.2 Um breve histórico do método científico

O desejo de conhecer, explicar e controlar as forças da natureza vem desde os tempos mais antigos da humanidade. O homem queria compreender as forças que o controlavam e, quem sabe, assim, passar a controlá-las. É o que já dizia Aristóteles (384-322 a.C.) em *Metafísica* (livro I, cap.1) “todos os homens têm, por natureza, o desejo de conhecer”.

Até o século XV, de acordo com Silva (2001), as investigações humanas foram orientadas pelo senso comum, pelas explicações religiosas (que descreviam os fenômenos da natureza e o caráter transcendental da morte como sendo revelações da divindade) e pelo conhecimento filosófico (que, para captar a essência imutável do real, partiu para a investigação racional da forma e das leis da natureza). A busca por um método científico adequado torna-se, dessa forma, a preocupação de grandes pensadores.

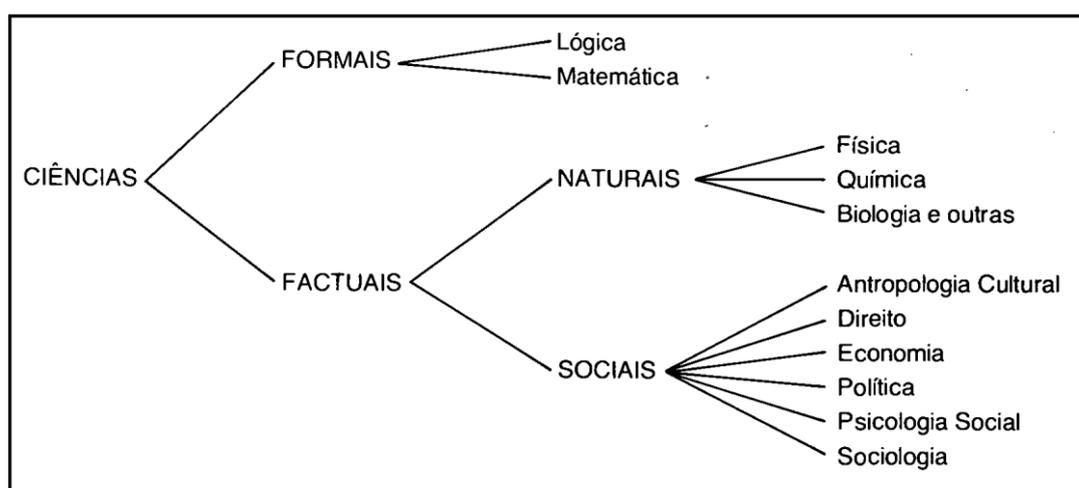
É a partir do século XVI que se desenvolve o primeiro método científico. “Cabendo a Galileu (1564-1642) dar um tratamento teórico para o assunto, através do método experimental. Para essa pesquisadora, *“as ciências não tinham, como principal foco de preocupações, a qualidade, mas as relações quantitativas”* (SILVA, 2001, p.111, citando LAKATOS & MARCONI, 1988) (grifos da autora). O método criado por Galileu Galilei fundou a ciência moderna ao preconizar uma abordagem mais experimental do que especulativa, diferenciando-a, assim, da abordagem aristotélica, que utilizava uma metodologia apenas formal e não empírica. No entanto, esse método não considerava a relação entre o pesquisador e o objeto pesquisado, apresentando os fatos ou os dados como independentes do próprio processo. Dessa forma, mesmo tendo sido importante para o início de uma sistematização do método científico, trata-se de um parâmetro que não dá conta de todos os processos investigativos.

Ainda em Silva (2001, p.111), vemos que Francis Bacon (1561-1626) cria o método indutivo, ao dizer que “a descoberta dos fatos verdadeiros dependia da observação e

da experimentação dos fenômenos guiados pelo raciocínio indutivo<sup>19</sup>. Nessa concepção empírica, a razão fica subordinada à experimentação. Em seguida, Descartes (1596-1650) formula o método dedutivo. Para ele, chegava-se à certeza por meio da razão. Segundo Descartes, basta compreender as partes para compreender o todo, assim, as experiências servem apenas para confirmar os princípios gerais delineados pela razão. Nessa perspectiva, postula quatro regras: evidência, análise, síntese e enumeração. Isaac Newton (1643-1727) aparece para unificar as duas tendências opostas que orientavam a ciência: o método empírico, indutivo de Bacon e o método racional, dedutivo de Descartes. Mas foi a dialética trazida por Aristóteles (384-322 a.C.) que impulsionou os pensamentos de Montaigne, Diderot, Hegel e Marx: “no século XVI, com Montaigne e, no século XVIII, com Diderot, o pensamento dialético recebeu reforços até atingir o apogeu com Hegel, antes de sua transformação por Marx” (SILVA, 2001, p.112).

Ainda pensando nessa busca do homem de estudar todos os acontecimentos que o rodeiam, temos a própria natureza dos fenômenos orientando as pesquisas científicas. Diante disso, surge uma classificação das ciências, “quer de acordo com sua ordem de complexidade, quer de acordo com seu conteúdo: objeto ou temas, diferença de enunciados e metodologia empregada” (MARCONI; LAKATOS, 2003, p.80).

**Figura 02:** Classificação das Ciências



Fonte: MARCONI; LAKATOS, 2003, p.80.

<sup>19</sup> Silva (2001) citando Chizzotti (1991).

A partir do que foi exposto acima, fica claro que a definição de qual método utilizar – se indutivo, dedutivo, hipotético-dedutivo, ou dialético, por exemplo – dependerá de cada pesquisador, considerando, é claro, o tipo de ciência, o objeto, e a natureza da pesquisa a ser desenvolvida. Isso, porque não há um método científico único que consiga ser aplicável em todas as áreas.

### **2.3 O discurso científico**

Vieira (2017) traz que, durante o século XVII, a transmissão do conhecimento científico acontecia sem nenhuma sistematização, de maneira lenta e informalmente. Os mecanismos utilizados na divulgação das pesquisas eram bem primitivos, se comparados ao que temos hoje: por cartas informativas, que os pesquisadores trocavam entre si; ou oralmente, passando as informações de um para outro. Todas essas estratégias prejudicavam o bom andamento da ciência, seja pela demora, seja pela inexatidão da transmissão.

O fato de as informações demorarem até chegar às outras cidades em que havia interesse pela ciência, dificultava a evolução do processo científico. Afinal, o fazer científico baseia-se nessa troca, tendo em vista que o amadurecimento da pesquisa depende, por vezes, da colocação feita pelo olhar do outro. Além disso, a transmissão pelo “boca a boca”, seja por conversas ou por manuscritos informais, comprometiam a fidedignidade do conteúdo divulgado.

É nesse contexto que surge a necessidade de um método que garantisse maior rapidez e eficiência. Surge, então, o periódico científico.

O periódico científico surge, assim, nesse contexto da segunda metade do século XVII por razões que compreendem desde a expectativa de lucro por seus editores até a crença de que era necessário um debate coletivo das idéias, tendo em vista novos descobrimentos. Mas a motivação principal recai na necessidade de comunicação ágil e mais eficiente possível para a clientela interessada em novas realizações, conforme bem observou Meadows (1999).

Para além dessas observações, de fato a introdução do periódico no ciclo de comunicação científica significou uma formalização desse processo. A comunicação informal possuía, como característica, a audiência restrita à informação em geral e não era armazenada e, portanto, irrecuperável.

Já a comunicação formal, contrapõe, em certa medida, a informal, pois possui audiência pública e recuperação dessas informações, as quais o periódico agregava as publicava. O armazenamento desses conhecimentos ficava disponível por um longo período em bibliotecas e, atualmente, em meio eletrônico, objetivando a circulação formalizada da ciência.

Nesse mesmo período, a efervescência das ideias e propostas para a institucionalização e a profissionalização da ciência espalhou-se pela Europa, trazendo os periódicos científicos. (VIEIRA, 2017, p.37-38)

Foi a necessidade comunicativa de fazer escoar todo esse conhecimento que fez surgir cada gênero científico, entre eles: as publicações acadêmicas (trabalhos de conclusão de cursos de graduação, monografias de especialização, dissertações e teses), os trabalhos apresentados em eventos científicos, os artigos de revista especializada, os livros, as publicações eletrônicas. A seguir, abordaremos algumas particularidades do gênero artigo científico, em especial, seus aspectos discursivos.

## 2.4 O discurso acadêmico-periodista

Nas palavras de Targino (2007, p.21),

A ciência avança, em princípio, no interior da comunidade científica, até porque, consensual e universalmente, a avaliação pelos pares, na condição de processo de corroboração ou refutação de hipóteses e teorias, consiste no único recurso de validação ou não dos conhecimentos recém-gerados, sem interferência de quaisquer outras esferas, sejam religiosas, políticas ou institucionais.

O artigo acadêmico-periodista (ou artigo acadêmico, ou artigo científico<sup>20</sup>, como o tratamos por quase toda nossa pesquisa) é um gênero de grande importância no universo acadêmico-científico, tendo em vista que é um dos mecanismos de divulgação do conhecimento científico mais utilizados entre os pares. Trata-se de um texto de reduzida dimensão – se comparado a monografias, dissertações ou teses –, todavia, com resultados de estudos completos acerca de um objeto de pesquisa.

---

<sup>20</sup> Neste trabalho, utilizaremos os termos *artigo acadêmico-periodista*, *artigo acadêmico* e *artigo científico* como sinônimos. Nessa perspectiva, o artigo acadêmico-periodista ou artigo científico-periodista deve ser percebido como o artigo produzido por membros da comunidade acadêmica/científica, a fim de divulgar os resultados finais ou parciais de pesquisas realizadas.

O propósito dos artigos científicos é comunicar os resultados (finais ou parciais) de uma pesquisa, bem como apresentar novas ideias e teorias. Destarte, é um recurso utilizado por cientistas de uma área de atuação como instrumento de troca de ideias e de conhecimentos.

Diferentemente do que vemos nos artigos de divulgação científica<sup>21</sup>, que – por se destinarem a divulgar as pesquisas/descobertas científicas a um público não especializado – vulgarizam seu discurso para atender às necessidades desse seu destinatário; nos artigos científicos, o discurso segue um padrão mais formal e menos aberto a variações.

Por ser um mecanismo responsável por divulgar o fazer científico para os próprios pares, a escrita dos artigos científicos segue convenções linguísticas mais rígidas, o que já sugere o rigor do próprio fazer científico. Para exemplificar, temos o emprego de uma linguagem formal e objetiva, com a tentativa de apagamento do sujeito comunicante na divulgação da pesquisa (com o emprego usual da 3ª pessoa do singular ou da 1ª pessoa do plural – como um sujeito universal); a utilização de vocabulários técnicos e acadêmicos; a substituição de construções verbais por nominalização; a rejeição a traços da linguagem afetiva e a concisão linguística.

No entanto, essa estética atual não era a mesma observada nos primeiros artigos científicos, que, por sua vez, possuíam uma semelhança com o gênero carta, visto que se desenvolveram a partir das cartas trocadas pelos cientistas<sup>22</sup>. Sendo assim, eram comuns narrativas longas apresentando os experimentos realizados; uso da 1ª pessoa do singular; e, em alguns casos, presença de saudações.

Costa (2003, p.37), ao falar sobre as alterações percebidas no gênero artigo científico, recorre a Swales (1990) que, por sua vez, citava Bazerman (1983).

---

<sup>21</sup> Publicados em revistas de divulgação científica destinadas a um público geral, sem a necessidade de ser especialista no assunto.

<sup>22</sup> Swales (1990) citado por Costa (2003).

Na medida em que os fenômenos começam a ser tratados como mais problemáticos, os artigos passam a tomar uma organização diferente, abrindo com uma introdução aos fenômenos problemáticos, freqüentemente substanciada com a história de um experimento que não saiu de acordo com a expectativa. Com o problema estabelecido, o artigo deveria descrever cronologicamente uma série de experimentos almejados para chegar ao fundo do mistério. Transições entre cada dois experimentos poderiam desenhar conclusões do experimento prévio e apontar para a razão ou a necessidade do subsequente. Na continuidade altamente desenvolvida observamos o experimentador chegar gradualmente a uma compreensão adequada do fenômeno, que deveria ser relacionado numa síntese conclusiva ou explanação dos fenômenos como nas investigações de Hewinson sobre a natureza do sangue.

Outros aspectos também foram observados no decorrer dos anos. Talvez um dos mais significativos seja o relacionado às referências apresentadas nos artigos que, entre 1890-1980, pouco se relacionavam com as descobertas ou com os tópicos específicos investigados pelos autores de algumas áreas.

Em relação à classificação dos artigos científicos, podemos agrupá-los em dois grupos dependendo do propósito geral: os *artigos originais* e os *artigos de revisão*. Os primeiros possuem um caráter inovador ao apresentarem um novo olhar acerca de determinado conceito/teoria; ao proporem novo conceito/teoria; ao informarem sobre resultados de pesquisas realizadas, sugerindo a comprovação ou a invalidação de certo conceito/teoria. Os segundos, por sua vez, visam a apresentar, a analisar e a discutir conceitos/teorias/informações já publicados anteriormente. Em alguns casos, é possível encontrarmos, em artigos desse grupo, algumas contribuições do autor do artigo. Nessas situações, o autor do artigo inclui informações originais a fim de colaborar na discussão do tema selecionado.

Quanto à análise de seus conteúdos, Marconi e Lakatos (2003), trazem uma possível classificação dos artigos científicos em 03 (três) categorias:

- *Artigo científico de argumentação teórica*: Apresenta argumentos favoráveis ou contrários a uma opinião. Inicialmente, enfoca-se um dado argumento e depois os fatos que possam prová-lo ou refutá-lo. O desenrolar da argumentação leva a uma tomada de posição. Possui como roteiro: exposição da teoria, apresentação dos fatos, síntese dos fatos e conclusão.
- *Artigo científico de análise*: Apresenta análise dos elementos constitutivos de um assunto em relação ao todo. "O técnico ou cientista procura descobrir e provar a verdadeira natureza do assunto e das relações entre suas partes" (Siqueira, 1969:61). A análise engloba: descrição, classificação e definição do assunto, tendo em vista a estrutura, forma, o objetivo e a finalidade do

tema. Possui como roteiro: definição do assunto, apresentação dos aspectos principais e secundários, apresentação das partes e relações existentes.

- *Artigo científico classificatório*: Procura-se classificar os aspectos de um determinado assunto e explicar suas partes. Primeiro divide o tema em classes e depois apresenta definição, descrição objetiva e análise. Possui como roteiro: definição do assunto, explicitação da divisão, tabulação dos tipos, definição de cada espécie.  
(MARCONI; LAKATOS, 2003, p.261-262. Adaptado) (grifos nossos)

A seguir, apontaremos algumas das especificidades do modelo atual do artigo científico, relacionando-o a seu contrato de comunicação.

## **2.5 O contrato de comunicação e a padronização do discurso acadêmico-periodista**

Antes de pensarmos nas estratégias discursivas que podem conferir um efeito de verdade ao artigo acadêmico, torna-se necessário pensarmos no ato de comunicação que envolve esse gênero.

Considerando que os artigos acadêmicos são, em sua maioria, elaborados com a intenção de apresentar um posicionamento como possível e tendo em mente um destinatário específico – membro da própria comunidade científica<sup>23</sup> –, tais textos utilizarão, em suas encenações (estratégias discursivas que possibilitarão a efetivação de suas visadas - de informação e de demonstração), a começar pela própria imagem que o sujeito comunicante constrói de si por meio da linguagem. Nesse ponto, nos aproximamos do que Grize (2004, p.35, tradução livre) encara como argumentação: “como um tipo de esquematização discursiva, isto é, como a produção de um discurso organizado a fim de intervir sobre a opinião, a atitude e o comportamento do outro”<sup>24</sup>.

---

<sup>23</sup>Macedo (2006, p. 32) corrobora o posicionamento adotado, ao falar sobre o gênero *Artigo Acadêmico*. Recuperando Swales (1993), a autora informa que “esses gêneros são os mecanismos que a comunidade decidiu legitimar como forma de estabelecer o diálogo entre seus membros”.

<sup>24</sup>No original, em francês: “[...] comme un type de schématisation discursive, c’est-à-dire comme la production d’un discours (démarche et résultat) organisé en vue d’intervenir sur l’opinion, l’attitude et le comportement de quelqu’un”.

A questão da argumentação é facilmente percebida nos discursos científicos, uma vez que é próprio do contrato de comunicação que envolve os textos científicos a intenção de expor e convencer os pares e a sociedade das ideias apresentadas na pesquisa. Mesmo antes da leitura, o interlocutor já conhece o que está em jogo. Retomando o que vimos anteriormente, o contrato de comunicação é um conjunto de restrições que codificam as práticas languageiras e

é o que permite aos parceiros de uma troca languageira reconhecerem um ao outro com os traços identitários que os definem como sujeitos desse ato (*identidade*), reconhecerem o objetivo do ato que os sobredetermina (*finalidade*), entenderem-se sobre o que constitui o objeto temático da troca (*propósito*) e considerarem a relevância das coerções materiais que determinam esse ato (*circunstâncias*). (CHARAUDEAU, 2008a, p.132.) (grifos do autor)

Pensando na importância do contrato de comunicação para a identificação dos parceiros, vemos que ele é fundamental no processo de validação do ato languageiro, uma vez que está diretamente ligado à legitimidade do sujeito falante, está diretamente ligado ao *direito à palavra*. Desse modo, aquele que não preencha os requisitos impostos pelo contrato não será recebido como legítimo para produzi-lo. Relacionando ao discurso científico, podemos dizer que apenas àquele que atende às exigências do fazer científico será reconhecido o poder de fala.

Ao apresentar a definição e a explicação do contrato de comunicação, Charaudeau (2008a) ainda o associa à teoria dos gêneros discursivos, uma vez que, para ele, as imposições trazidas pelo contrato acabam definindo os gêneros de discurso. Em alguns casos, perceber essa influência torna-se uma tarefa mais difícil, tendo em vista que alguns gêneros são mais flexíveis: por exemplo, a publicidade, que, de acordo com Maingueneau (2004), é um gênero que não possui uma cenografia<sup>25</sup> esperada. Mas, no caso do discurso científico, essa relação entre o contrato e o gênero é mais clara, em virtude de esse ser um discurso que se estrutura em gêneros mais rígidos: artigos acadêmicos, dissertações, teses, entre outros.

---

<sup>25</sup> A cenografia, segundo Maingueneau (2004), seria a forma como o texto se apresenta, podendo ser preferencial/esperada (que segue um modelo pré-definido) ou original (que não segue um modelo pré-definido).

Vale observar que essa padronização nem sempre foi bem estabelecida. Vimos, acima, que o contrato de comunicação deve ser pensado como algo construído na interação entre locutor e interlocutor, tendo em vista que a base do discurso é institucional, ou seja, que o contrato é fundamentado pelas práticas recorrentes e, por isso, reconhecidas pelas instituições. Esse ponto justifica as mudanças da escrita científica ocorridas ao longo dos anos. Dessa forma, quando apontarmos as particularidades do artigo científico do campo de Linguística, não estaremos nos referindo a um padrão que perpassa por toda a manifestação escrita da ciência da área. Nesse estudo, nos ateremos em analisar a padronização mais recente dos artigos científicos de Linguística. Isso justifica o recorte, inclusive, temporal que fizemos: textos publicados no período entre 2014 e 2017.

## CAPÍTULO 3 – A CIÊNCIA E O EFEITO DE VERDADE

*Devemos confiar apenas provisoriamente  
no que quer que aceitemos...*

Feyerabend

Neste capítulo, nosso objetivo é debater a problemática que envolve a questão da verdade, não apenas no campo científico, mas, principalmente, nele. Para tanto, iniciamos com uma discussão acerca da relação entre o efeito de verdade e o discurso.

### 3.1 O efeito de verdade e o discurso

Antes de pensarmos nos efeitos de verdade – objeto de nossa pesquisa -, torna-se fundamental evidenciarmos o que consideramos, compreendemos como verdade.

Neste trabalho, não encaramos a verdade como algo que exista por si só. Nós a tratamos como um “sistema” que é produzido e definido pela sociedade. São os costumes e as regras sociais que estabelecem o que deve ou não ser aceito como verdadeiro.

Nessa perspectiva, é possível entendermos por que a verdade de um grupo social pode ser vista como uma não verdade por outro grupo social. Isso fica fácil de ser percebido no campo religioso: confrontando religiões diversas, encontramos verdades bem distintas, em alguns casos, até antagônicas. E a verdade de fé trazida pela religião, por exemplo, é, muitas vezes, contestada e negada pela verdade apresentada pelo campo científico.

A partir dessa visão, aproximamo-nos do conceito trazido por Foucault (s/d), para quem a verdade não é algo que deva ser descoberto e aceito, mas um produto social que segue um conjunto de regras capaz de distinguir o verdadeiro do falso além de atribuir ao verdadeiro uma íntima relação com o poder:

O importante, creio, é que a verdade não existe fora do poder ou sem poder [...]. A verdade é deste mundo; ela é produzida nele graças a múltiplas

coerções e nele produz efeitos regulamentados de poder. Cada sociedade tem seu regime de verdade, sua "política geral" de verdade: isto é, os tipos de discurso que ela acolhe e faz funcionar como verdadeiros; os mecanismos e as instâncias que permitem distinguir os enunciados verdadeiros dos falsos, a maneira como se sanciona uns e outros; as técnicas e os procedimentos que são valorizados para a obtenção da verdade; o estatuto daqueles que têm o encargo de dizer o que funciona como verdadeiro. (FOUCAULT, s/d, p.10)

Vemos, assim, que há um vínculo direto entre o discurso e a verdade. Afinal, há regras discursivas que devem ser seguidas para que o enunciado seja aceito como verdadeiro. E mais, há uma relação entre a “verdade” e o tipo de discurso e o enunciador desse discurso, visto que nem todo tipo de discurso será visto como o anunciador da verdade – mesmo que obedeça às regras discursivas impostas para isso – e nem todo enunciador terá o poder de definir o que deve ser visto como verdadeiro.

Voltando aos exemplos acima – aos discursos religiosos e científicos – podemos dizer que, a princípio, são acolhidos como disseminadores de verdades, desde que a seus produtores tenha sido conferida a competência para isso. Pensando nisso, não é bem o sujeito físico que tem a qualificação para estabelecer a verdade, mas a posição que ocupa: padre, pastor, cientista, pesquisador, etc.

### **3.2 A problemática do efeito de verdade na ciência**

Vimos que a verdade está vinculada a um conjunto de normas que deve ser respeitado para que seja aceita como tal. Considerando o gênero do nosso *corpus*, passamos, agora, a nos dedicar a analisar como a verdade – ou o efeito de verdade – se manifesta no discurso científico.

Faz parte de uma crença social conceber o conhecimento científico como superior aos demais. Isso se torna fácil de ser percebido quando outros discursos recorrem à autoridade da ciência para validar e garantir respeitabilidade e confiança ao que afirmam ou apresentam.

A autoridade da ciência é evocada amplamente. Indústrias, por exemplo, frequentemente rotulam de “científicos” processos por meio dos quais fabricam seus produtos, bem como os testes aos quais os submetem. Atividades várias de pesquisa nascentes se auto-qualificam “científicas”, buscando respeitabilidade. Essa atitude quase que de veneração à ciência deve-se, em

boa parte, ao extraordinário sucesso prático alcançado pela física, pela química, pela biologia e por suas ramificações. Assume-se, implícita ou explicitamente, que por detrás desse sucesso existe um “método” especial que, quando seguido, redundava em conhecimento certo, seguro. (CHIBENI, 2006, p.01<sup>26</sup>)

No entanto, sabemos que essa certeza e essa segurança trazidas pela ciência não podem ser garantidas. Os resultados e as conclusões apontados pelas práticas científicas trazem, na realidade, potenciais verdades. É possível, por exemplo, que outras pesquisas apareçam, justamente, para derrubar o que, anteriormente, era considerado verdade. É nessa perspectiva que a verdade científica deve ser tomada: como uma verdade possível e, em muitos casos, temporária, e não como uma verdade definitiva e universal.

Para entendermos a força do discurso científico, inicialmente, temos que compreender a relação entre o discurso científico e a obtenção da verdade. Para isso, recorreremos a uma passagem de *Verdade e Poder* para começarmos a discutir a questão discursiva que envolve a verdade científica.

Numa ciência como a medicina, por exemplo, até o fim do século XVIII, temos um certo tipo de discurso cujas lentas transformações – 25, 30 anos – romperam não somente com as proposições “verdadeiras” que até então puderam ser formuladas, mas, mais profundamente, com as maneiras de falar e de ver, com todo o conjunto das práticas que serviam de suporte à medicina. (FOUCAULT, s/d, p.05)

Nesse fragmento vemos que, mais do que apresentar novas ideias, teorias – que contradigam as apresentadas como verdade em outra época –, é possível que o discurso científico acabe demonstrando modificações na forma de “falar e ver” a verdade. Ou seja, as regras discursivas não são estáticas – e nem as mesmas para áreas distintas.

Vale abordarmos, aqui, que a própria força dos discursos científicos não se manifesta da mesma forma. Quando comparamos discursos de grandes áreas diferentes, por exemplo, Ciências Exatas, Ciências da Saúde e Letras, percebemos que a força de

---

<sup>26</sup> CHIBENI, S. *Algumas observações sobre o “método científico”*. Notas de aula, 12/2006. Disponível em: <<http://www.unicamp.br/~chibeni/textosdidaticos/metodocientifico.pdf>>. Acesso em: 20 de agosto de 2014.

persuasão dos discursos não é a mesma: os discursos das duas primeiras grandes áreas parecem gerar um impacto maior nos interlocutores do que os da última<sup>27</sup>. Uma possível explicação para essa situação pode ser o fato de que as Ciências do Colégio das Humanidades<sup>28</sup> – em especial, a grande área de Letras – trabalham com objetos mais “frouxos”, mais abstratos que as outras duas; o que pode potencializar uma sensação de serem mais subjetivos os resultados apresentados (mesmo que em todas o caráter falível da ciência possa ser observado).

Pensando nisso, buscamos, na análise do nosso *corpus*, verificar as particularidades do fazer científico da área de Linguística entre 2014 e 2017. Nesse trabalho, não procuramos identificar qual é o poder que age do exterior sobre a ciência, e sim das construções enunciativas para a manutenção do poder conferido a esse discurso.

Considerando o poder falível e provisório das conquistas científicas, acreditamos que o uso da expressão efeito de verdade para nos referirmos aos efeitos produzidos pelos discursos – ou por estratégias discursivas adotadas por eles – pode ser o mais adequado. Até mesmo, porque, como vimos, esses discursos apontam para verdades científicas que não são, em si, nem verdadeiras nem falsas<sup>29</sup>. São verdades possíveis.

### **3.3 O efeito de verdade e a questão da justificação**

Considerando a intenção dupla do fazer científico que é de apresentar um conhecimento, ao mesmo tempo que busca demonstrá-lo como possivelmente verdadeiro, torna-se importante verificarmos como a verdade científica é validada. A partir do que vimos e veremos, vários aspectos corroboram a sensação de os artigos científicos serem divulgadores de verdade. A saber, a estrutura padronizada, a presença de termos técnicos e acadêmicos, a objetividade e a clareza, o apagamento do sujeito pesquisador. Aliados a esses aspectos, temos as etapas do trabalho

---

<sup>27</sup> Para alguns, é possível que as descobertas das Ciências Humanas não sejam encaradas como manifestação científica.

<sup>28</sup> Fazendo uso da divisão das áreas de avaliação seguida pela CAPES.

<sup>29</sup> Num sentido mais amplo, que traz algo como verdade ou mentira em todas as situações. Sem que seja passível de refutação.

demonstrando todo o procedimento científico adotado, com a indicação dos objetivos, das hipóteses, da teoria e da metodologia empregadas, dos resultados obtidos/prováveis e da conclusão.

Mas, talvez, o que não tenha sido enfatizado até agora é a questão do contexto de comunicação e o papel do outro nesse processo.

Além de ser um gênero produzido por e para membros de uma comunidade científica, é também regulado pela própria comunidade. Em outras palavras, o artigo científico, apesar de escrito por um membro da comunidade científica – o que já possibilita a instauração de uma imagem de credibilidade –, precisa passar pelo crivo de um comitê de avaliação que definirá pela sua publicação ou pela sua não publicação.

Tendo em vista que as normas para submissão dos artigos variam de revista para revista, torna-se evidente que os próprios critérios de avaliação não são fixos, podendo variar em função das revistas e da própria área de conhecimento. No entanto, alguns aspectos parecem ser observados pela maior parte dos avaliadores. Porto e Gurgel (2018, p. 113), em seu trabalho, sugerem um roteiro de avaliação dos artigos científicos após o avaliador ter identificado o escopo do manuscrito e ter se considerado apto a avaliá-lo:

#### **Quadro 01:** Etapas para a avaliação de um artigo científico

1. *Rastreamento de plágio*
  2. *Conferição de citações*
  3. *Leitura superficial do artigo*
  4. *Detecção e análise de problema, objetivos, hipóteses*
  5. *Análise da justificativa e relevância*
  6. *Análise da metodologia*
  7. *Análise dos resultados*
  8. *Análise da discussão*
  9. *Análise do resumo e palavras-chaves*
  10. *Conferição das referências*
- (PORTO; GURGEL, 2018, p.113) (grifos dos autores)

O que vemos, é que os pareceres a respeito dos trabalhos submetidos à análise dos avaliadores, são, a princípio, bem fundamentados e, conseqüentemente, as aprovações dos trabalhos são vistas, dentro da comunidade científica, como um

validador para a pesquisa. É nessa medida que o próprio processo de publicação funciona como um selo de autenticidade científica.

Além da participação de um corpo técnico que avalia, confirma a validade do trabalho e aprova a publicação do artigo, temos a constante presença do outro no decorrer de toda pesquisa. Mesmo que de maneira não mostrada, o discurso do cientista faz ecoar várias outras vozes que possibilitaram ao autor do trabalho chegar às análises, às interpretações e às conclusões apresentadas.

[...] todo cientista vê com seus próprios olhos e com os de seus predecessores e colegas. Nunca se trata de um único indivíduo que passa sozinho por todas as etapas da cadeia lógico-indutiva, e sim de um grupo de indivíduos que partilham entre si o trabalho, mas fiscalizam permanente e zelosamente as contribuições de cada um (ZIMAN, 1979, citado por TARGINO, 2007, p.21).

Vale dizer que, além de orientar a pesquisa, é a presença dessas vozes que demonstra um embasamento por parte do autor do artigo, conferindo, assim, maior credibilidade ao que é proferido por ele. Na verdade, essa presença do olhar de seus predecessores fundamenta o trabalho científico, visto que assegura o conhecimento daquele que diz no artigo e demonstra seu pertencimento à comunidade. Assim, não é concebível, nos dias de hoje, um fazer científico que não dialogue com outros fazeres científicos.

É nessa perspectiva de mútua colaboração e, por que não dizer, de mútua coparticipação que o conhecimento científico se estrutura e se constitui como um conhecimento fundamentado.

Ademais, soma-se a esses fatores, talvez o principal aspecto que possibilita ao discurso científico ser percebido como fonte de uma possível verdade: o método científico. Conforme vimos na seção 3.1 *Os tipos de conhecimento*, é exatamente o método utilizado na obtenção do conhecimento científico que o diferencia dos demais tipos de conhecimento. Método que associa a experimentação ao uso da razão (diferentemente do conhecimento filosófico); que apresenta afirmações que podem ser verificáveis (diferentemente do conhecimento religioso); que se baseia em experiências mais gerais e com o mínimo de influência do ânimo e das emoções (diferentemente do conhecimento popular).

Vale lembrar que todos os conhecimentos podem apontar para uma verdade, contudo, observando suas particularidades, podemos perceber que o científico busca interferir na verdade de todos os outros conhecimentos: seja explicando-as, seja refutando-as.

### 3.4 As estratégias discursivas do discurso acadêmico-periodista

Considerando que o discurso científico não traz uma verdade absoluta – principalmente, por seu caráter falível<sup>30</sup> –, mas que, mesmo assim, busca apresentar seus resultados como consistentes, é necessário que o texto se apresente de forma a contribuir para sua credibilidade e para a evidência dos fatos científicos.

Antes mesmo da leitura do artigo acadêmico, o leitor se depara com um dado de grande força para a obtenção do efeito de verdade: a identificação do pesquisador com sua credencial acadêmica/profissional. Quanto maior for o grau acadêmico, quanto mais *status*<sup>31</sup> tiver sua ocupação profissional, maior será a chance de o texto ser visto como legítimo, pois o locutor possuiria *capital de autoridade* (BOURDIEU, 1979). Nesse caso, o papel social (Doutor, Professor Universitário...) interfere na construção da imagem do autor do texto (pessoa qualificada para abordar o tema)<sup>32</sup>. Estamos, assim, diante de uma das provas retóricas utilizadas para a persuasão: o *ethos*. Segundo Aristóteles (1990, p.33), a persuasão pelo *ethos* se dá “quando o discurso procede de maneira que deixa a impressão de o orador ser digno de confiança”. Mas é importante destacar que alguns artigos acadêmicos não apresentam tal identificação de seu autor<sup>33</sup> e, ainda assim, a autoria é vista como garantia de um texto coerente. Nesse caso, é a imagem prévia que o leitor tem desse autor que conferirá maior credibilidade ao texto, antes

---

<sup>30</sup> Uma pesquisa científica pode, ao longo do tempo, apresentar resultados que derrubem a *verdade* apontada por outra(s) pesquisa(s). Além disso, precisamos considerar o fato de que é possível nos depararmos com verdades científicas opostas – ou aparentemente opostas – que não se anulam: afinal, o fato de pesquisas de campos/linhas/tipos diferentes apresentarem resultados distintos não significa, necessariamente, que uma das *verdades* anula a outra (mas contribuem para pensarmos nelas, apenas como uma possibilidade e não como algo definitivo). Até mesmo, porque o campo e o método empregado não são os mesmos. O importante é perceber que o fato de poder ser questionada e, mesmo, refutada, faz da verdade científica apenas um efeito.

<sup>31</sup> Considerando o cargo e/ou a instituição à qual se vincula.

<sup>32</sup> O que não deixa de estar relacionado aos imaginários sociodiscursivos propostos por Charaudeau (2007).

<sup>33</sup> Apenas o nome do autor é informado.

mesmo de sua leitura<sup>34</sup>. Maingueneau (2011, p.71), contrariando o que é postulado por Aristóteles<sup>35</sup>, estende a noção de *ethos* a essa imagem pré-discursiva: “se o *ethos* está crucialmente ligado ao ato de enunciação, não se pode ignorar, entretanto, que o público constrói representações do *ethos* do enunciador antes mesmo que ele fale”.

No entanto, como já foi explicado, esse não será um aspecto a ser enfatizado nessa pesquisa. Até mesmo, porque não analisaremos os artigos individualmente, o que nos possibilitaria associar estratégias específicas ao autor em questão. Nosso interesse será o de analisar a escrita dos artigos de Linguística e, assim, verificar as estratégias discursivas, enunciativas e enuncivas, mais recorrentes no corpo dos textos que podem ser responsáveis pela instauração da credibilidade aos artigos científicos da área em questão.

Ao lado do *ethos* do autor do texto, também temos uma força exercida pelo próprio suporte no qual o texto é veiculado. Isso, porque alguns dispositivos comunicativos são capazes de gerar credibilidade, confiança. O dispositivo científico, por exemplo, traz, consigo, um poder de conferir maior credibilidade do que um dispositivo como revista popular ou de divulgação científica.

Pensando nisso, analisaremos, discursivamente, quais aspectos podem ser considerados na efetivação da credibilidade nos artigos científicos de Linguística. Vale aqui, ressaltar que não trataremos a particularidade das revistas científicas analisadas, até porque o *corpus* selecionado foi retirado de duas revistas, mas analisado sem interesse em identificar distinções entre elas. Assim, quando nos referirmos ao veículo de comunicação, estaremos falando das revistas científicas de Linguística.

Ainda sob a perspectiva semiolinguística charaudeana, mas já a associando aos aspectos próprios da argumentação, podemos dizer que, ao lado da força persuasiva da imagem construída pelo sujeito comunicante, temos a influência do destinatário

---

<sup>34</sup> Faz-se necessário esclarecer que outras estratégias discursivas também podem contribuir para a construção de um *ethos* confiável: a saber, o próprio tom empregado no texto.

<sup>35</sup> Aristóteles (s/d, p.33) afirma que o caráter do orador deve ser construído no e pelo discurso, “sem que intervenha qualquer preconceito favorável”.

idealizado para o alcance do efeito de verdade. Isso, porque, segundo Perelman e Olbrechts-Tyteca (2005, p.26-27) “o importante, na argumentação, não é saber o que o próprio orador considera verdadeiro ou probatório, mas qual é o parecer daqueles a quem ela se dirige”. Tendo em vista o destinatário projetado pelo autor do artigo acadêmico<sup>36</sup>, as estratégias discursivas – e por que não dizer, argumentativas – são as valorizadas pela própria comunidade científica.

Dessa forma, iniciamos, a seguir, a apresentação de questões que orientarão nossa análise. A saber: a organização dos artigos científicos; as estratégias enunciativas (apresentação do enunciador; a gestão do dialogismo e a modalização) e as estratégias argumentativas (argumentos baseados na estrutura do real, ligações que fundamentam a estrutura do real e elementos típicos dos textos científicos)

### **3.4.1 A estrutura dos artigos científicos**

A partir do entendimento de que o artigo científico é um discurso produzido pela e destinado à própria instituição científica, verificamos uma forte influência do rigor científico na estruturação dos textos. Dessa forma, ao contrário de outros gêneros mais abertos às investidas dos autores – sem um *script* bem definido – temos um padrão institucionalizado para esse tipo de discurso. Trata-se do que Maingueneau (2004), denominou Gênero Instituído do Modo I: aqueles mais rígidos, que estão pouco – ou nada – sujeitos a variações.

A respeito da estrutura básica do texto científico, Costa (2003), citando Van Dijk (1989), apresenta um esquema baseado nos quatro pilares do método científico: a presença de uma justificativa, a colocação de um problema, a indicação de uma solução e a apresentação de uma conclusão.

Para a explicação do problema, levantam-se hipóteses e sugerem-se expectativas (predições). A comprovação das expectativas só é possível após

---

<sup>36</sup> Normalmente são elaborados para membros da própria comunidade acadêmica, tendo em vista os veículos utilizados, os locais por onde circulam, o teor dos artigos e a linguagem utilizada (própria da comunidade à qual se vincula).

o resultado dos testes experimentais. Só depois da comprovação é que se pode chegar às conclusões. E é baseada nessas conclusões que se pode confirmar ou não as hipóteses, e demonstrar se foi encontrada uma explicação adequada (solução) às observações originais. (COSTA, 2003, p.40)

A fim de apresentar todo o percurso científico observado na pesquisa, os artigos costumam seguir um padrão estrutural mais ou menos estável. A partir do que apontam Gomes (2000), Marcantonio (1993), Lakatos e Marconi (1991), ambos citados por Costa (2003), podemos chegar a uma estrutura composta por 04 partes:

**1. Informações preliminares:**

- Título (e subtítulo) do trabalho.
- Indicação do(s) autor(es): associada às credenciais do(s) autor(es).

**2. Resumo:** um parágrafo com os propósitos da pesquisa, bem como a indicação de hipóteses ou, mesmo, das conclusões observadas ao término do trabalho. Em seguida, a indicação de palavras-chave que indicam os temas/teorias que orientaram a pesquisa.

**3. Corpo do artigo:**

- Introdução: contextualizar o leitor a respeito do assunto abordado e apresentar o objetivo, a base teórica e a metodologia da pesquisa.
- Texto: indicação de teoria anterior que fundamente a pesquisa; exposição, explicação e demonstração do material/pesquisa; apresentação dos resultados.
- Conclusões: uma das opções é repassar, de forma resumida, os passos observados na pesquisa e indicar as conclusões tiradas do trabalho desenvolvido.

**4. Parte referencial:**

- Referência Bibliográfica.
- Anexos, apêndices, glossário e notas explicativas (quando necessário).

Convém destacar que essa estrutura também pode ser orientada a partir de 03 (três) partes:

- Elementos pré-textuais: título e subtítulo; nomes e credenciais dos autores; resumo.
- Elementos textuais: introdução; texto/desenvolvimento; conclusão.
- Elementos pós-textuais: notas explicativas; referências; glossário; apêndices; anexos.

De acordo com Costa (2003, p.44), “a divisão do Corpo do artigo pode sofrer alterações, de acordo com o texto, e ser subdividido em mais itens. Todavia, não convém que os artigos sejam muito divididos, para que o leitor não perca a sequência”. É pensando nessa possibilidade de variação estrutural que investigaremos esse aspecto nos artigos de Linguística: verificando, ou não, a manutenção de uma estrutura básica nos textos da área.

### **3.4.2 As estratégias enunciativas**

Seguindo o conceito de *modo enunciativo* trazido por Charaudeau (2010a, p.81), temos esse modo de organização como “uma *categoria de discurso* que aponta para a maneira pela qual o sujeito falante age na *encenação* do ato de comunicação” (grifos do autor). A começar, podemos pensar nas diferentes maneiras que o sujeito comunicante tem de formular o seu discurso: por um comportamento alocutivo, delocutivo ou elocutivo.

- Comportamento alocutivo: o sujeito falante elabora seu dizer convocando seu interlocutor e lhe impondo um comportamento.
- Comportamento delocutivo: o sujeito falante se apaga em seu discurso e não convoca seu interlocutor a ter um comportamento.
- Comportamento elocutivo: o sujeito falante insere-se no discurso, anunciando seu ponto de vista sobre o mundo (sobre o que se fala).

Associado ao comportamento enunciativo adotado, temos também que considerar os procedimentos linguísticos responsáveis por demonstrar a postura do sujeito falante

diante do que enuncia. Em outras palavras, precisamos considerar a questão da modalização.

Dessa forma, cabe aqui, analisarmos como o sujeito falante se mostra nos artigos de Linguística e qual a sua postura diante dos fatos apresentados. Para isso, abordaremos, neste tópico, três questões ligadas, intimamente, a esse modo de organização do discurso: a apresentação do enunciador, a gestão do dialogismo e a modalização.

### 3.4.2.1 O enunciador do artigo científico e a gestão do dialogismo

De acordo com o que é preconizado pela instituição científica, a pesquisa deve ser apresentada com o mínimo de interferência do sujeito pesquisador, a fim de garantir veracidade e legitimidade ao que é anunciado. A intenção é a de apresentar a pesquisa, bem como seus resultados, de maneira imparcial, sugerindo que não sofreram a interferência dos valores e do posicionamento subjetivo do pesquisador.

Leibruder (2000), citada por Targino (2007, p.21-22), associa essa busca pelo apagamento do sujeito a mecanismos argumentativos, uma vez que é utilizado como estratégia persuasiva pelo texto científico.

[...] o discurso científico tenta fazer com que o seu leitor creia que o que está sendo exposto não é uma interpretação, mas sim a própria realidade. Os índices de impessoalidade, tal como o apagamento do sujeito, nada mais são do que mecanismos argumentativos, cuja finalidade é provar a veracidade e legitimação do discurso [...] É [...] neste sentido, que se pode considerar o discurso da ciência como um **fazer persuasivo** (grifo no original)

Oliveira (2014), ao abordar a origem da objetividade, da neutralidade e da modéstia no universo acadêmico, recorre à Reutner (2013) que, em seu artigo “As marcas de pessoa em artigo científico”, afirma que

o princípio formulado por Francis Bacon ‘De nobis ipsis silemus’ [Sobre nós mesmos guardamos silêncio] expressa a tradição de que, em nome da objetividade, da neutralidade e da modéstia, o autor não pode se colocar explicitamente em seu texto. Seria contrário ao espírito científico, que deve enfatizar os resultados da pesquisa, exigindo a impessoalidade como marca do discurso científico. (OLIVEIRA, 2014, p.05)

Diante disso, o apagamento discursivo do *eu*, ou seja, do sujeito comunicante, torna-se prática recorrente nos artigos científicos e outros gêneros do campo. A maneira mais tradicional é por meio da utilização da 3ª pessoa do singular. Nesse caso, vemos construções na voz passiva (sintética e analítica); uso do pronome -se para indeterminar o sujeito; atribuição das ações a coisas (artigo, pesquisa, trabalho...) e não a pessoas<sup>37</sup>; uso de orações subordinadas substantivas subjetivas.

Outra forma de buscar o afastamento do sujeito pesquisador na escrita do artigo é empregando verbos e pronomes na 1ª pessoa do plural evidenciando um sujeito universal, em especial, quando o artigo tiver apenas um autor. Isso, porque, no caso de dois ou mais autores, o emprego dessa pessoa também pode sinalizar um posicionamento particular dos pesquisadores. A marcação desse sujeito universal pode fazer referência a dois grupos bem distintos: 1. um grupo mais especializado, simbolizando a voz da própria comunidade científica; 2 um grupo mais aberto, composto pelo autor da pesquisa e por seu(s) interlocutor(es). Considerando que, a princípio, o artigo científico é voltado para membros da própria comunidade, um grupo acaba se esbarrando no outro. A diferença mais significativa está na maior credibilidade científica<sup>38</sup> advinda do primeiro grupo, afinal, esse traz a voz de toda a comunidade e não apenas de alguns membros<sup>39</sup> dela.

A fim de diferenciarmos as manifestações da 1ª pessoa do plural, apresentamos uma possível distinção em relação ao uso do *nós*:

- *Nós autoral* (ou *1ª pessoa do plural com tom autoral*): seria o emprego da 1ª pessoa do plural para fazer referência aos autores da pesquisa. Nesse caso, só temos o uso do *nós autoral* em artigos com mais de um autor.

---

<sup>37</sup> O que, posteriormente, será definido por metáfora metonímica.

<sup>38</sup> Credibilidade científica, aqui, foi utilizada opondo-se à credibilidade proveniente de outras formas de conhecimento. Nessa perspectiva, a credibilidade da ciência tem mais força quando consideramos a comunidade como um todo do que quando consideramos seus membros isoladamente. O que a comunidade afirma parece ser mais factível do que aquilo que é afirmado por apenas um grupo. Mesmo que essa sensação não possa ser garantida como a mais correta.

<sup>39</sup> O autor da pesquisa e aquele(s) com quem ele divide o pensamento e a responsabilidade pelo que é dito.

- *Nós generalizante* (ou *1ª pessoa do plural com tom generalizante*): seria o emprego da 1ª pessoa do plural para fazer referência a todos os sujeitos da situação comunicativa: tanto o(s) enunciador(es), quanto seu(s) interlocutor(es).
- *Nós epistêmico* (ou *1ª pessoa do plural representando a voz da academia*): seria o emprego da 1ª pessoa do plural para indicar o posicionamento/visão do enunciador aliado ao da comunidade científica na qual está inserido. Por se apresentar como uma voz validada pela ciência, porta-se como a manifestação de uma (possível) verdade. Daí a definição do nome *nós epistêmico*<sup>40</sup>.

Essa postura de adotar o *nós epistêmico* é bem recorrente em artigos de algumas áreas, a saber, da própria área analisada em nossa pesquisa. Isso acontece, porque, mesmo que de maneira inconsciente, o sujeito enunciador nunca fala sozinho. Bakhtin e Volochínov (2009), ao abordarem a questão do dialogismo, explicam que todo discurso é duplamente dialógico, uma vez que todo discurso é voltado para o outro (interlocutor) ao mesmo tempo em que todo discurso dialoga com outros discursos. “Assim, ao dizermos algo a alguém, também trazemos – em nossos discursos – várias vozes advindas de outras enunciações (mesmo que de maneira inconsciente)” (Novais, 2015, p.18). Nessa perspectiva, não há discurso totalmente original: sempre construímos nossos discursos utilizando, ao menos, parte de outros discursos.

Dessa forma, quando o pesquisador recorre à 1ª pessoa do plural por meio de um *nós epistêmico*, ele faz ecoar, de maneira mais evidente, as contribuições que recebeu e que o permitiram realizar a pesquisa e alcançar os resultados divulgados. Trata-se do que muitos chamam de *plural de modéstia*, visto que o sujeito pesquisador divide todo o trabalho realizado com as vozes que lhe levaram ao conhecimento científico. Tendo em vista que esse plural de modéstia também é verificado nas construções com o *nós generalizante*, uma vez que o autor também convida o interlocutor a se posicionar e participar da “construção” do texto, preferimos adotar a classificação que distingue os dois tipos de manifestação do sujeito universal: *generalizante* e *epistêmico*.

---

<sup>40</sup> Mais à frente, abordaremos o conceito de epistêmico.

Para finalizarmos, voltamos a falar da impessoalidade e da neutralidade nos artigos científicos, a fim de apresentá-las como inalcançáveis. Isso, porque é sabido que esse apagamento do sujeito comunicante é apenas um efeito discursivo, o que, por sua vez, nos faz falar em efeito de objetividade<sup>41</sup>, efeito de impessoalidade e efeito de neutralidade. Como bem disse Targino (2007, p.22): “Cientistas e jornalistas, como qualquer indivíduo, não se despem das próprias escalas de valores ao exercer o seu ofício. Quando muito, o que conseguem é a objetivação, com o intuito de reproduzir a realidade sem disfarces, mediante postura crítica e racional. E isto não se configura como neutralidade”.

#### **3.4.2.2 A modalização no artigo científico**

Além da tentativa de apagamento do sujeito comunicante diante do que é enunciado, para a manutenção da credibilidade científica, temos a importância de uma modalização de evidência, de certeza. Isso, porque, segundo Andrade (201, p.78), é comum que os autores de textos de comunicação científica mostrem-se o mais imparcial possível, como forma de assegurar credibilidade a seu posicionamento. Sendo assim, “a escolha pela modalidade epistêmica de certeza, portanto, se justifica”.

Ao falar a respeito da modalização em sua dissertação, Matos (2009, p.17) recorre a Castilho e Castilho (1993), para quem esse termo expressa um julgamento do falante perante a proposição.

Esse julgamento expressa-se de dois modos: por *modalidade*, quando o falante apresenta o conteúdo proposicional numa forma assertiva (afirmativa ou negativa), interrogativa (polar ou não - polar) e jussiva (imperativa ou optativa); ou por *modalização*, quando o falante manifesta seu relacionamento com conteúdo proposicional, avaliando seu teor de verdade ou manifestando seu julgamento sobre a forma selecionada para a verbalização desse conteúdo. (Grifos do autor)

Como vimos, os dois termos (modalidade e modalização) possuem uma distinção um pouco confusa, visto que a própria avaliação do sujeito comunicante acerca do que vai

---

<sup>41</sup> Em oposição à subjetividade.

veicular interfere no modo como ele apresentará a proposição. É em função disso que, assim como Castilho e Castilho (1993), não faremos distinção entre ambos neste trabalho.

Diante disso, passamos agora para uma possível classificação das modalizações tendo em vista o efeito que imprimem às proposições. Inicialmente, recorreremos à Nascimento (2013) que reformulou a classificação proposta por Castilho e Castilho (1993) que classificavam os modalizadores em: Epistêmicos (subdivididos em asseverativos, quase-asseverativos e delimitadores), Deônticos e Afetivos. A fim de dar conta da modalização nos gêneros *Redação Escolar* e *Formulaicos* investigados pelo projeto ESAGD (Estudos Semânticos Argumentativos de Gêneros do Discurso: Redação Escolar e Gêneros Formulaicos), o pesquisador passa a agrupar a modalização em quatro grandes grupos: Epistêmica, Deôntica, Avaliativa e Delimitadora.

**Quadro 02:** Tipos e Subtipos de Modalização (NASCIMENTO, 2013)

Tipo de Modalização	Subtipos	Efeito de sentido no enunciado ou enunciação
Epistêmica – expressa avaliação sobre o caráter de verdade ou conhecimento	Asseverativa	Apresenta o conteúdo como algo certo ou verdadeiro
	Quase-asseverativa	Apresenta o conteúdo como algo quase certo ou verdadeiro
	Habilitativa	Expressa a capacidade de algo ou alguém realizar o conteúdo do enunciado
Deôntica – expressa avaliação sobre o caráter facultativo, proibitivo, volitivo ou de obrigatoriedade	De obrigatoriedade	Apresenta o conteúdo como algo obrigatório e que precisa acontecer
	De proibição	Expressa o conteúdo como algo proibido, que não pode acontecer
	De possibilidade	Expressa o conteúdo como algo facultativo ou dá a permissão para que algo aconteça
	Volitiva	Expressa um desejo ou vontade de que algo ocorra
Avaliativa – expressa avaliação ou ponto de vista	---	Expressa uma avaliação ou ponto de vista sobre o conteúdo, excetuando-se qualquer caráter deôntico ou epistêmico
Delimitadora	---	Determina os limites sobre os quais se deve considerar o conteúdo do enunciado

Fonte: Nascimento (2013, p.12)

No entanto, a partir de nossa análise dos artigos selecionados, percebemos a necessidade de inserirmos mais um subtipo de modalidade *epistêmica*. Um subtipo que conseguisse contemplar a potencial verdade de uma proposição que surge da crença do sujeito comunicante. Castilho e Castilho (1993) inseriam essa situação no subgrupo *Quase-Asseverativa*. No entanto, consideramos que enunciados que apresentam uma proposição como possivelmente certa pode se manifestar de duas formas bem distintas: a partir de fatos que levaram a essa proposição (é possível que...); a partir de uma visão particular que levou a essa proposição (acreditamos que...). Parece-nos que a impessoalização leva a uma força de credibilidade maior. Por isso, a distinção entre os dois processos. Ademais, sugerimos a retirada do subtipo *Habilitativa* do grupo das modalizações *Epistêmicas* – como sugeriu Nascimento (2013) –, tendo em vista que não percebemos “a capacidade de algo ou alguém realizar o conteúdo do enunciado” como sendo uma expressão avaliativa sobre o caráter de verdade ou conhecimento. Assim, como no quadro de Nascimento (2013), preferimos manter a modalização *Delimitadora* como um tipo e não como um subtipo da modalização *Epistêmica*. Isso, porque a compreendemos não como uma avaliação sobre o caráter de verdade da proposição, mas como um delimitador da própria proposição. Dessa forma, trabalhamos com um quadro que tem como base a proposta de Nascimento (2013), bem como o que já orientavam os trabalhos de Castilho e Castilho (1993), todavia com as mudanças indicadas. Sendo assim, o quadro utilizado foi o seguinte:

**Quadro 03:** Tipos e Subtipos de Modalização

<b>Tipos de Modalização</b>	<b>Subtipos de Modalização</b>	<b>Efeitos de sentidos no enunciado ou enunciação</b>
<b>Epistêmica</b> Expressa uma avaliação acerca do valor de verdade.	Asseverativa	Apresentam o conteúdo proposicional como certo ou verdadeiro.
	Quase-Asseverativa	Apresenta o conteúdo proposicional como algo quase certo/verdadeiro; como uma hipótese a ser verificada; como algo possível ou provável.

	De Crença	Apresenta o conteúdo proposicional como potencialmente certo, a partir de um conhecimento ou modo de ver particular.
<p><b>Deôntica</b></p> <p>Demonstra a avaliação do locutor a respeito das posturas a serem adotadas diante às proposições.</p>	Obrigatoriedade	Apresenta o conteúdo da proposição como algo obrigatório.
	Proibição	Apresenta o conteúdo da proposição como algo proibido.
	Possibilidade/Permissão	Apresenta o conteúdo da proposição como algo que pode acontecer: no sentido que tem a permissão para acontecer.
	Volitiva	Apresenta a intenção, o desejo, a vontade de que o conteúdo proposicional aconteça.
<p><b>Delimitadora</b></p> <p>Delimita o “campo de atuação” das proposições.</p>		Determina o âmbito dentro do qual o conteúdo proposicional deve ser considerado.
<p><b>Avaliativa, Afetiva ou Apreciativa</b></p> <p>Expressa avaliação, o ponto de vista ou as reações emotivas do locutor.</p>		Expressa uma avaliação, um ponto de vista, uma reação emotiva do locutor a respeito do conteúdo proposicional.
<p><b>Habilitativa</b></p> <p>Indica a habilidade ou a falta de habilidade de algo ou alguém realizar o que é proposto.</p>		Expressa a (in)capacidade de algo ou alguém realizar o que é expresso pelo conteúdo proposicional.

Fonte: Elaborada pela autora.

Vale aqui, apontarmos alguns termos que podem exercer, no texto, o papel de modalizadores: os verbos principais e auxiliares (bem como o tempo/modo em que são conjugados), os substantivos, os advérbios, os adjetivos... Tendo em vista que vários trabalhos já foram realizados com o objetivo de analisar tais categorias como instrumentos modalizadores, neste momento, daremos atenção apenas à sua função geral, ao associá-los aos aspectos concorrentes para a produção de efeitos de verdade no texto científico.

Considerando, que a modalização é a avaliação ou o julgamento feito pelo sujeito falante acerca do conteúdo proposicional e que pode ser observada a partir da maneira como ele apresenta a proposição, conseguimos, aqui, evidenciar a impossibilidade de o sujeito falante se apagar completamente no texto. Guimarães (2001), igualmente, ressalta a relevância dos procedimentos de modalização para a construção subjetiva do discurso de divulgação científica. Para a autora, “A camuflagem enunciativa que se surpreende no discurso científico – a título de lhe salvaguardar a objetividade – não o isenta de manifestações de subjetividade discursiva, dado, em primeiro lugar, o caráter subjetivo da própria natureza da linguagem” (GUIMARÃES, 2001, p.74). Ademais, a autora, em consonância com Orecchioni (1977), mostra, em sua pesquisa, que

ainda que enunciando as “ditas verdades universais”, o discurso de divulgação científica não se exime da ligação com a enunciação, com a natureza dos participantes da comunicação verbal e com seu contexto situacional, o que acarreta a pertinência, ou mesmo a necessidade, da utilização dos modalizadores como expressão linguística dessa variedade de ligação. (GUIMARÃES, 2001, p.75)

Assim, mesmo por meio de um comportamento delocutivo, é possível identificarmos marcas de posicionamento do enunciador no interior de qualquer texto, inclusive nos científicos. Vale dizer que essa forma de apresentar as informações está associada diretamente à intenção comunicativa do sujeito falante. Nessa perspectiva, a modalização também pode ser percebida como uma estratégia retórico-argumentativa, visto que orienta o texto a partir dos pontos de vista do sujeito comunicante de modo a buscar a adesão do interlocutor. Ou seja, possuem uma intencionalidade discursiva de persuadir o outro.

### **3.4.3 As estratégias argumentativas**

A seguir, apresentaremos algumas categorias que orientarão nossa análise. Pensando em uma organização mais sistemática, seguimos as nomenclaturas de algumas das técnicas argumentativas propostas por Perelman e Olbrechts-Tyteca (2005).

### **3.4.3.1 Argumentos baseados na estrutura do real**

São argumentos baseados naquilo que o auditório acredita ser real. Diferente do que é visto nos argumentos quase-lógicos, que se baseiam em raciocínios lógicos e/ou matemáticos, os argumentos baseados na estrutura do real se fundamentam nas experiências e em ligações existentes no mundo real. A fim de estabelecer uma aproximação entre juízos permitidos e aqueles que se procura defender, utiliza-se de validades existentes na própria sociedade. No caso dos artigos analisados, chamamos a atenção para duas práticas muito recorrentes: o argumento de autoridade, verificado nas citações e o argumento pelo vínculo causal, verificado na utilização de sequências explicativas e conclusivas.

#### **3.4.3.1.1 Argumento de autoridade: a citação**

Sabe-se que um dos recursos mais utilizados para conferir credibilidade ao artigo acadêmico é a citação. Em sua tese, Macedo (2006) aborda a importância da citação nos artigos acadêmicos. A autora, citando Ivanic (1998), indica que as citações estão relacionadas aos valores e às crenças defendidos pela comunidade acadêmica: por revelar respeito pela autoridade já estabelecida e por demonstrar que o pesquisador passou por um processo de pesquisa, de reflexão. Complementando tal concepção, Macedo (2006, p.38) recupera a fala de Hyland (1999), para quem o autor do texto “busca não apenas comunicar os resultados de sua pesquisa, como também convencer o(a) leitor(a) de que seu trabalho é pertinente e importante, de modo a conseguir aceitação por parte da comunidade científica”. E, mais, que a maneira mais forte para alcançar essa aceitação é utilizando citações. O que vemos, então, é que a citação também é utilizada como um argumento de autoridade para legitimar o posicionamento defendido pelo autor do artigo acadêmico. Trata-se de uma argumentação que “visa fazer admitir uma tese ou ideia remetendo-a a um autor, digno de fé e com autoridade reconhecida no assunto” (EMEDIATO, 2010, p.174-175). Para Perelman e Olbrechts-Tyteca (2005, p.348), o argumento de autoridade corresponde àquele que “utiliza atos ou juízos de uma pessoa ou de um grupo de pessoas como meio de prova a favor de uma tese”. Mas, diferente do que é visto em outros discursos (como o publicitário, o

político<sup>42</sup>), há uma necessidade de que a autoridade utilizada seja especialista no assunto.

Recorrendo à Authier-Revuz (1982; 2004), vemos que a presença do outro em um discurso pode se dar de duas maneiras, apresentada pelo viés da heterogeneidade. Segundo a autora, todo discurso é heterogêneo, ou seja, todo discurso traz interferência de um discurso outro. Em outras palavras, é próprio do discurso essa presença de outros discursos em sua constituição<sup>43</sup>, mesmo que não haja marcas explícitas ou recuperáveis<sup>44</sup> de outro discurso. Essa propriedade do discurso é nomeada por Authier-Revuz como heterogeneidade constitutiva. Outro tipo de heterogeneidade também é apontado pela autora: a mostrada (marcada ou não marcada). Trata-se dos enunciados que mostram a presença de outro dizer, de maneira explícita (marcada<sup>45</sup>) ou implícita (não marcada<sup>46</sup>).

Associando essa contribuição de Authier-Revuz às estratégias argumentativas do discurso científico, podemos estabelecer uma relação entre as heterogeneidades enunciativas (a constitutiva, mas, em especial, a mostrada) e a construção de um *ethos* de confiável para o autor do artigo e, conseqüentemente, a sensação de credibilidade para o próprio artigo. Nessa perspectiva, a presença de outras vozes – principalmente, as marcadas pelas citações – reforçam a imagem de um autor pesquisador, com ideias embasadas e consistentes.

#### **3.4.3.1.2 Argumento pelo vínculo causal**

Um importante recurso para demonstrar a validade de uma ideia é a demonstração do que a motivou. Em outras palavras, o pesquisador evidencia as causas que o fizeram

---

<sup>42</sup>É comum, na publicidade e na propaganda política, a utilização de argumentos de autoridades não especializadas como forma de sustentar um ponto de vista. (cf. NOVAIS, 2015)

<sup>43</sup> Conforme já preconizava Bakhtin (2009).

<sup>44</sup> Recuperáveis no sentido de ser percebido, mesmo sem a indicação explícita de outra autoria.

<sup>45</sup> Exemplos de heterogeneidade mostrada e marcada: discurso relatado, citações diretas ou indiretas, aspas.

<sup>46</sup> Exemplos de heterogeneidade mostrada e não marcada: ironia, discurso indireto livre (que contam com o “outro dizer”, mas sem explicitá-lo).

acreditar naquilo que ele apresenta e, em função disso, tais resultados são percebidos como mais consistentes.

De acordo com Perelman e Oldbrechts-Tyteca (2005, p.299-300), essa técnica pode ser vista como um argumento baseado na estrutura do real e que pode se estruturar de três formas:

- a) as que tendem a relacionar dois acontecimentos sucessivos dados entre eles, por meio de um vínculo causal;
- b) as que, sendo dado um acontecimento, tendem a descobrir a existência de uma causa que pôde determiná-lo;
- c) as que, sendo dado um acontecimento, tendem a evidenciar o efeito que dele deve resultar.

Diante do exposto, a indicação do que motivou as interpretações faz com que o resultado seja percebido como uma consequência quase que inevitável, uma vez que é pautada em uma situação apresentada como estruturada no real. Nessa busca em demonstrar a consistência das afirmações científicas, a utilização de sentenças causais e explicativas é uma aliada.

### **3.4.3.2 Ligações que fundamentam a estrutura do real**

São os argumentos que generalizam o que é aceito em um caso particular ou por meio de um raciocínio construído a partir de analogias. Nos artigos selecionados, destacamos a presença de uma argumentação pelo exemplo e pela ilustração.

#### **3.4.3.2.1 Argumento pelo exemplo ou pela ilustração**

A evolução de um raciocínio passa, frequentemente, pelas observações dos fatos, pela análise das relações que eles estabelecem com outros fatos até que as conclusões sejam formuladas. A partir dessa metodologia, é possível que o resultado obtido seja estendido a outras situações de mesma natureza, construindo ou validando, assim, uma teoria. Uma estratégia muito empregada para assegurar a validade de um

posicionamento ou, mesmo, de uma teoria é a argumentação pelo exemplo ou pela ilustração.

De acordo com Perelman e Olbrechts-Tyteca (2005), trata-se de estratégias distintas: quando o resultado da análise é apresentado para fundamentar/instituir uma regra, temos uma argumentação pelo exemplo; quando é apresentado para reforçar uma regra, temos uma argumentação pela ilustração.

Pensando nessa distinção entre a função do exemplo e da ilustração no processo argumentativo, esse tem uma necessidade maior de ser incontestável, visto que é empregado para fundamentar uma regra.

Enquanto o exemplo era incumbido de fundamentar a regra, a ilustração tem a função de reforçar a adesão a uma regra conhecida e aceita, fornecendo casos particulares que esclarecem o enunciado geral, mostram o interesse deste através da variedade das aplicações possíveis, aumentam-lhe a presença na consciência. [...] Enquanto o exemplo deve ser incontestável, a ilustração, da qual não depende a adesão à regra, pode ser duvidosa, mas deve impressionar vivamente a imaginação para impor-se à atenção. (PERELMAN; OLBRECHTS-TYTECA, 2005, p.407).

De qualquer modo, seja por exemplificação ou por ilustração, o que percebemos é que o resultado dessas técnicas argumentativas dificilmente poderá garantir a manutenção da teoria (elaborada ou testada) a partir da análise de outros fatos de mesma natureza e em situações similares. Todavia, como se trata de uma metodologia científica – análise de um universo reduzido na busca pela explicação de um universo mais amplo –, essa técnica é bem recebida, ao menos, até que outra análise demonstre sua invalidade.

### **3.4.3.3 Elementos típicos dos textos científicos**

Mesmo que sejam recursos observáveis em outros gêneros discursivos, optamos por identificá-los como típicos dos textos científicos. Isso, porque são frequentemente percebidos em textos desse campo. Nesta seção, abordaremos o recurso das tabelas, dos quadros e das figuras e a alguns aspectos da escrita científica ainda não mencionados.

### 3.4.3.3.1 A utilização de tabelas, quadros e figuras

Comumente, verificamos a presença de outras modalidades comunicativas – além das verbais – nos discursos científicos escritos: tabelas, quadros e figuras (fotos, gráficos, mapas, desenhos, plantas, gravuras).

Trata-se de representações ilustrativas que possuem a função de organizar e possibilitar a interpretação do trabalho desenvolvido, de forma clara e objetiva. Ou seja, mais uma vez nos esbarramos em estratégias para garantir a clareza das informações. Pensando na estrutura desses recursos, podemos dizer que a escolha entre o uso deles depende das características dos dados e do objetivo a que se propõe.

- TABELAS: utilizadas para apresentar dados numéricos e codificações, sendo dispostos em uma ordem determinada, observando as variáveis analisadas do fenômeno. Devem ser construídas de maneira a serem compreendidas sem a necessidade de uma consulta ao texto. Possuem um teor estatístico e, como são empregadas para indicar valores mais precisos, entre todos os recursos, é o mais recomendável.

**Tabela 01:** Exemplo de Tabela

**Tabela** - Número e proporção de docentes dos Programas de Pós-Graduação em Saúde Coletiva da Capes\*, segundo faixa etária, Brasil, 2002.

Faixa etária	N	%
21-30 anos	3	1,3
31-40 anos	16	6,8
41-50 anos	93	39,2
51-60 anos	87	36,7
61 anos ou +	33	13,9
Sem resposta	5	2,1
<b>Total</b>	<b>237</b>	<b>100,0</b>

\* Coordenadoria de Aperfeiçoamento de Pessoal de Ensino Superior

Fonte: Guia de Apresentação de Teses (2017)  
FSP - Universidade de São Paulo

- QUADROS: mais utilizados como um arranjo de informações verbais. Nesse caso, a informação é dividida em tópicos que aparecem dispostos em linhas e colunas. Apresentam um teor esquemático e descritivo.

**Quadro 04:** Exemplo de quadro

**Quadro 10** - Principais bases de dados bibliográficas de interesse para a área de saúde pública disponíveis para acesso na Biblioteca da Faculdade de Saúde Pública da USP\*, em 2014.

Nome da base	Instituição responsável/abrangência	Indexa
Lilacs	BIREME (Sistema Latino-Americano e do Caribe de Informação em Ciências da Saúde) divulga a literatura convencional e não-convencional em ciências da saúde, gerada na América Latina e Caribe.	Década de 80 em diante
Environmental Engineering Abstracts	Literatura mundial nos aspectos tecnológicos do ar, solo, segurança ambiental, sustentabilidade.	Artigos, livros, conferências, publicações governamentais.
Medline	National Library of Medicine (NLM), com resumos de artigos de periódicos em medicina e áreas afins.	Artigos de periódicos.
Sociological Abstracts	Compilada pelo Sociological Abstracts Inc., apresenta resumos de diferentes tipos de documentos em sociologia e disciplinas correlatas.	Livros, capítulos de teses, congressos e cerca de 5 mil periódicos.

Fonte: Guia de Apresentação de Teses (2017)  
FSP - Universidade de São Paulo

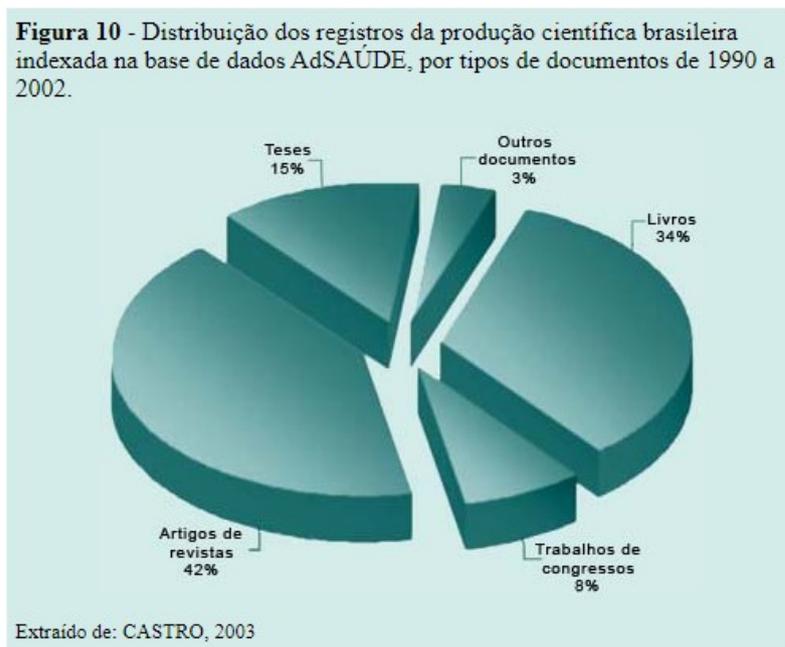
- FIGURA: termo genérico para todas as imagens presentes nos textos (gráficos, infográficos, gravuras, mapas, plantas, desenhos...).

A respeito dos gráficos, figura mais empregada nos artigos analisados, podemos dizer que são dinâmicos e facilitam a compreensão dos dados, visto que são eficientes na indicação de tendências. Por isso, são atraentes.

Sobre sua apresentação, eles podem ser de vários tipos, entre eles:

- De coluna e de barra: indicam, geralmente, um dado quantitativo sobre diferentes variáveis, lugares ou setores e não dependem de proporções. O de coluna organiza-se na vertical, já o de barra, na horizontal.
- De círculo (ou de pizza): expressam uma relação de proporcionalidade, em que todos os dados somados compõem o todo de um dado aspecto da realidade.
- De linhas: demonstram uma sequência numérica de certo dado ao longo do tempo, evidenciando suas evoluções e/ou suas regressões.
- De áreas: assemelham-se ao gráfico em linhas, diferenciando-se apenas por evidenciar uma noção de proporção sobre o todo.

**Figura 03:** Exemplo de Gráfico



Fonte: Guia de Apresentação de Teses (2017)  
FSP - Universidade de São Paulo

Vale dizer que, quando a figura for representada apenas por gráficos nos textos, a denominação pode ser substituída por “gráfico”: Gráfico 1, Gráfico 2.

O que fica do exposto acima, é que tais recursos se tornam típicos do gênero artigo científico em função de seu caráter facilitador para o entendimento das informações e dados.

### 3.4.3.3.2 A escrita científica

Outro aspecto de grande importância para a obtenção de um efeito de verdade no artigo acadêmico refere-se ao ritual de escrita. Miranda (2016) aponta alguns fatores como relevantes na construção do texto científico: a utilização de um vocabulário técnico e de um vocabulário acadêmico. A respeito do vocabulário técnico, a autora diz ser aquele que demanda conhecimento de determinada área para sua compreensão. Recuperando Nation (2001) e Chung e Nation (2003), Miranda (2016, p.23) diz que a classificação de um termo como sendo técnico depende “da frequência com que a palavra ocorre fora do contexto daquela área (qual seu alcance em diferentes áreas) e do sentido em que tais palavras foram utilizadas”. Para falar do vocabulário acadêmico, a autora cita Hyland (2006). Trata-se de um vocabulário que apresenta algumas características típicas:

1) alta densidade lexical, marcada pela elevada proporção de palavras de conteúdo por palavras gramaticais; 2) estilo altamente nominal, em que eventos e ações são expressos como nomes, em vez de verbos, agrupando um fenômeno complexo em uma sentença. Tal nominalização “congela” o evento, reformulando-o como um objeto. Essa transformação (tornando processos em objetos) expressa uma perspectiva científica que busca estabelecer relações entre entidades; 3) construções impessoais, evitando-se o uso da primeira pessoa do singular (ou plural) e de sentimentos. A primeira pessoa é geralmente substituída pela passiva, por processos existenciais [...] e por metáforas metonímicas, em que a agentividade é atribuída a coisas em vez de pessoas. (MIRANDA, 2016, p.26)

O que podemos dizer é que a utilização de termos técnicos e acadêmicos confere ao autor do texto o direito à fala e, mais do que isso, acabam funcionando como uma espécie de argumento de autoridade para o próprio autor do artigo, uma vez que demonstram seu conhecimento e, por conseguinte, seu pertencimento ao determinado campo científico. Diante disso, são recursos que potencializam a manifestação de um efeito de verdade ao que é apresentado no artigo. Outro aspecto relevante a destacar é que o léxico especializado remete à competência enciclopédica do autor e, de modo mais amplo, ao destinatário presumido. A competência enciclopédica evidenciada pelo domínio de um léxico especializado situa o autor do texto em uma comunidade discursiva no campo acadêmico-científico e permite, inclusive, categorizá-lo no interior desse campo.

Tendo em vista que nossa pesquisa objetiva o tratamento discursivo e argumentativo – não tendo, portanto, a pretensão de investigar a fundo a incidência dos termos técnicos e científicos nos artigos selecionados –, abordaremos essa questão de forma mais pontual: buscando relacioná-la aos efeitos de verdade. Em outras palavras, como uma estratégia discursiva para a obtenção da credibilidade científica.

Além dos vocabulários técnicos e acadêmicos na escrita científica, Hyland (2006), citado por Miranda (2016), pontua a presença de construções impessoais (já abordadas anteriormente) e o estilo altamente nominal. Para abordarmos a técnica de nominalização, recorreremos à Oliveira, Orfanó e Miranda (2017), que a apresentam como um processo morfológico de transformação de um termo não nominal em um nome. Segundo as autoras, trata-se de um processo complexo no qual podem ser preservados os argumentos exigidos pelo verbo que deu origem ao nome – visto que a “incompletude semântica” desses verbos é mantida na nova estrutura. No entanto, percebemos algumas mudanças significativas, como apontam ao recuperarem Hopper e Thompson (1984):

- a. há perda de marcação de tempo, aspecto e modalidade
  - b. há perda da marcação de concordância pronominal
  - c. o sujeito/objeto da oração de origem adquire marcação de caso genitivo
  - d. os determinantes do SN são adicionados
  - e. os advérbios são normalmente convertidos em adjetivos
- (OLIVEIRA, ORFANÓ e MIRANDA, 2017, p.3271)

Vale reforçar que a própria conservação dos argumentos exigidos pelo verbo não é garantida em todas as situações. Em algumas construções, o sujeito enunciator conta com a participação ativa do sujeito interlocutor, que deverá possuir competências para recuperá-las no texto ou, mesmo, “produzi-las” a partir de seus conhecimentos anteriores.

Oliveira, Orfanó e Miranda (2017) completam dizendo que há outros fatores envolvidos nessa alteração do verbo para o nome, a começar pelo próprio grau de formalidade dos textos. E essa associação a textos mais formais fica mais evidente, em função da complexidade do processo.

A alta frequência dos deverbais nos textos formais, em geral escritos, ocorre porque as nominalizações veiculam ideias abstratas e, sendo semântico-

cognitivamente complexos, aproximam-se do modo sintático de comunicação (Givón, 2001), ligados a textos mais elaborados, ou mais formais, produzidos com planejamento e sob menor tensão/urgência comunicativa. Diante desses aspectos, a falta de expressão de um ou mais argumentos de um deverbal está ligada, também, ao domínio discursivo mais formal em que estes aparecem, e o leitor mais experiente pode lançar mão de mecanismos variados para recuperação de possíveis lacunas argumentais. (OLIVEIRA, ORFANÓ e MIRANDA, 2017, p.3271)

Diante do exposto, fica clara a ligação entre o estilo nominal e a escrita acadêmico-científica e, por que não dizer, os propósitos persuasivos envolvidos. Isso, porque reformular o evento como um objeto, possibilita que esse seja visto como algo mais concreto, mais factível.

Para finalizarmos, abordamos a clareza tão mencionada em manuais de escrita acadêmico-científica. De acordo com os manuais, a escrita científica deve ser concisa, precisa e clara, a fim de que o texto científico transmita as informações, os dados e os resultados maximizando a compreensão. Para tanto, orientam que informações desnecessárias sejam eliminadas e que períodos longos e complexos sejam evitados. A respeito do tamanho dos períodos, surgem explicações que os colocam como potenciais responsáveis por uma dificuldade de compreensão do texto. Desse modo, as orientações costumam caminhar para períodos curtos e diretos, evitando a existência de muitas orações interligadas e, principalmente, intercaladas.

Como dissemos acima, não se trata de uma orientação oficial. São observações verificadas em manuais de fácil acesso. No entanto, é possível que seja o padrão verificado em diversos textos do gênero.

No capítulo seguinte, apresentamos a análise feita do *corpus* selecionado.

## CAPÍTULO 4 – O CORPUS: DESCRIÇÃO E ANÁLISE

Neste capítulo, procederemos à análise dos artigos investigados. Para tanto, analisamos cada artigo individualmente para, em seguida, apresentarmos uma análise mais geral. Vale antecipar que a análise individual não será apresentada neste trabalho, visto que nosso objetivo não é uma avaliação pontual de cada artigo, mas uma avaliação das estratégias discursivas responsáveis pela manutenção ou instauração da credibilidade nos artigos científicos da área de Linguística.

A seguir, apresentamos o *corpus* selecionado.

### 4.1 A apresentação do *corpus*

A pesquisa que desenvolvemos adota, como *corpus*, 10 artigos acadêmicos da área de Linguística. Tais artigos foram publicados em duas revistas científicas: 07 (sete) na Revista de Estudos da Linguagem<sup>47</sup> e 03 (três) na Revista Brasileira de Linguística Aplicada<sup>48</sup>, ambas pela Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais. Mesmo sendo artigos de duas revistas específicas, é possível que o recorte feito consiga apontar para as estratégias empregadas nos textos de Linguística, em geral,

---

<sup>47</sup> “A Revista de Estudos da Linguagem é uma revista trimestral revisada por pares, patrocinada pela Faculdade de Letras e pelo Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal de Minas Gerais desde 1992. Sua missão é promover o avanço científico na área de Teoria e Análise Linguística, permitindo que pesquisadores do Brasil e do exterior divulguem suas pesquisas originais e inéditas e contribuam para o debate científico e o progresso na área.” Disponível em: <<http://www.periodicos.letras.ufmg.br/index.php/relin/about/editorialPolicies#focusAndScope>>. Acesso em: 13 de janeiro de 2020 (página traduzida)

<sup>48</sup> “A Revista Brasileira de Linguística Aplicada, uma publicação sem fins lucrativos, é um periódico trimestral, com avaliação por pares, que tem a missão de incentivar a pesquisa na área de Linguística Aplicada. Criada em 2001, a revista recebe artigos originais, de mestres e doutores, que tratam dos muitos fenômenos relacionados a problemas de linguagem da vida real relacionados à língua em uso em contextos diversos ou à aprendizagem. O periódico também publica resenhas, entrevistas e dois números temáticos por ano. A publicação, com apoio financeiro do CNPq e da FAPEMIG, é de responsabilidade do Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos, área de concentração em Linguística Aplicada e é distribuída, gratuitamente, aos sócios da ALAB.” Disponível em: <<http://www.scielo.br/revistas/rbla/pinstruc.htm>>. Acesso em: 13 de janeiro de 2020.

uma vez que os textos nelas publicados são de autores de diversas localidades (do país e do mundo).

A opção por selecionar artigos acadêmicos como objeto para análise se deu pelo fato de serem textos mais curtos<sup>49</sup> – o que possibilita a análise de um número maior de textos –, mas que, mesmo assim, são completos e já demonstram o fazer científico de uma área e por serem textos avaliados por uma comissão editorial. O objetivo da pesquisa é perceber a manutenção de estratégias discursivas próprias do gênero artigo científico nos textos analisados, mas, também, investigar possíveis variações em função da área do conhecimento.

Tendo em vista que um dos objetivos da pesquisa é apresentar as estratégias discursivas adotadas em função da área (Linguística), optamos por um recorte também temporal: foram selecionados artigos entre 2014 e 2017. Com isso, podemos fazer um mapeamento das particularidades presenciadas em textos acadêmicos de uma mesma época. Uma vez que, se o período não fosse delimitado, poderíamos perceber diferenças discursivas, não apenas em função da área, mas, também, da época da publicação.

Abaixo, listamos os artigos analisados, dispostos em ordem alfabética quanto à autoria.

ANDRADE, Karylleila Santos. O *lugar* nos estudos toponímicos: reflexões. In: *Revista de Estudos da Linguagem*, Belo Horizonte, v.25, n.2, p.585-607, 2017.

ASSIS, André William Alves de; BENITES, Sônia Aparecida Lopes. Sobreasseverações: manobras discursivas em notícias *on-line*. In: *Rev. Est. Ling.*, Belo Horizonte, v.22, n.2, p.93-112, jul./dez. 2014.

BARONAS, Roberto Leiser; CARDOSO, Jorcemara Matos. A (des)ordem da polêmica na mídia: o caso da pílula do câncer. In: *Revista de Estudos da Linguagem*, Belo Horizonte, v.26, n.3, p.673-702, 2016.

BEZERRA, Benedito Gomes. Discurso religioso e tradução: uma análise crítica da tradução de termos relativos ao sacerdócio. In: *RBLA*, Belo Horizonte, v.15, n.1, p.237-259, 2015.

---

<sup>49</sup> Em comparação aos gêneros acadêmicos dissertação e tese.

FERREIRA, Nilton César; SOARES, Alexandre Sebastião Ferrari. A representação do homossexual no discurso humorístico: uma análise do canal “Porta dos Fundos”. In: *Revista de Estudos da Linguagem*, Belo Horizonte, v.25, n.2, p.739-763, 2017.

GERHARDT, Ana Flávia Lopes Magela; BOTELHO, Patrícia Ferreira; AMANTES, Aline Mendes. Metacognição, objetivos de leitura e atividades didáticas de língua portuguesa. In: *RBLA*, Belo Horizonte, v.15, n.1, p.180-208, 2015.

LYSARDO-DIAS, Dylia. Narrativas de moradores de rua nas mídias sociais. In: *Revista de Estudos da Linguagem*, Belo Horizonte, v.26, n.3, p.989-1013, 2016.

MAGALHÃES, Célia Maria; MELO, Ícaro Luiz Rodrigues de. Padrões de uso dos dois pontos e reticências em traduções de Paulo Henriques Britto como traço do estilo do tradutor. In: *Revista de Estudos da Linguagem*, Belo Horizonte, v.25, n.1, p.305-332, 2017.

MARCUSCHI, Elizabeth; LEDO, Amanda Cavalcante de Oliveira. Representações de gênero social em livros didáticos de língua portuguesa. In: *RBLA*, Belo Horizonte, v.15, n.1, p.149-178, 2015.

TOMAZ, Natália Rocha Oliveira; GOUVÊA, Lúcia Helena Martins. Um estudo do ethos em discursos do ex-presidente Lula. In: *Revista de Estudos da Linguagem*, Belo Horizonte, v.25, n.1, p.441-471, 2017.

Considerando que a intenção deste trabalho não é a de analisar as estratégias discursivas utilizadas por determinados autores, mas as tendências da área, optamos por não relacionar, no corpo do nosso texto, o nome dos artigos e dos autores analisados às análises efetuadas. Desse modo, nossa intenção será priorizar os recursos mais recorrentes na área da Linguística. Para tanto, os artigos analisados serão identificados apenas como T1 (Texto 01), T2 (Texto 02), T3 (Texto 03), T4 (Texto 04), T5 (Texto 05), T6 (Texto 06), T7 (Texto 07), T8 (Texto 08), T9 (Texto 09) e T10 (Texto 10). Vale dizer que a sequência apresentada dos artigos não corresponde à ordem utilizada na análise.

Em função dessa opção de não relacionarmos os nomes dos artigos, bem como a autoria, não será possível fazermos uma análise que aponte influências persuasivas trazidas pelo papel social do autor (Mestre, Doutor, Professor Universitário...) na construção de um *ethos* de confiável – o que transmitiria, ao texto, uma sensação de portar a verdade. Conforme vimos anteriormente, é muito provável que a notoriedade do autor exerça alguma influência na elaboração do artigo, na forma como o texto é

construído. Por exemplo, é possível que a maior incidência de marcas de subjetividade seja verificada em textos cujo autor possua maior prestígio/reconhecimento dentro da comunidade na qual se insere, tendo em vista que, para outros pesquisadores, eles passam a ser referências de conhecimento. Desse modo, podem, com mais frequência, assumir discursivamente, a autoria de seus pensamentos e teorias. Além disso, é possível que textos de autores menos reconhecidos no universo acadêmico – e mesmo, de autores de titulação inferior a doutorado – façam mais uso de citações para sustentar seus posicionamentos. Contudo, sabemos que a avaliação de pares dos artigos enviados a periódicos é feita de forma anônima, o que não permite aos avaliadores considerar, em suas avaliações, o peso do nome do autor ou seu capital de autoridade. Portanto, neste trabalho, pelos motivos já expostos, essas questões continuarão apenas no campo das hipóteses.

#### **4.2 Procedimentos de análise**

No que concerne à metodologia a ser utilizada, o trabalho ancorar-se-á em uma análise descritiva e qualitativa. Visto que, a partir de dados descritivos buscaremos levantar hipóteses sobre o que leva à utilização e à valorização de certas estratégias discursivas nos artigos de Linguística. Ou seja, nossa intenção não será apenas a de apresentar as estratégias mais empregadas; nossa intenção também será a de buscar elementos que interpretem essa utilização. Nesse ponto, caminhamos ao encontro da necessidade apontada por Charaudeau (2011, p. 17) a respeito da importância de a pesquisa ir além do método descritivista do *corpus*: “Um tal catálogo é indispensável a toda pesquisa de *corpus*, mas não devemos fazer com que esse estágio de coleta de material de análise passe a ser considerado como a própria análise, pois este constitui uma posição anterior à análise.”

Pensando, então, nos objetivos da pesquisa proposta, podemos dividi-la em três etapas:

1ª – Recolher artigos acadêmicos de diferentes suportes e autores, descrevê-los e identificar as estratégias discursivas responsáveis pelo efeito de verdade presentes em cada um.

2ª – Contrastar os dados obtidos na etapa anterior, buscando verificar se os aspectos considerados nas escolhas dos textos são recorrentes ou distintos e como interferem no modo como a verdade científica é apresentada.

3ª – Buscar interpretações para os resultados obtidos na segunda etapa.

Categorias de análise:

- Modo enunciativo: apresentação do sujeito enunciador; procedimentos de gestão do dialogismo interno; modalização e modalidades enunciativas.
- Modo argumentativo: problematização, posicionamento e persuasão; tipos de argumentos (analogias, argumentos de autoridade, argumentos estruturados no real, como fatos, verdades, etc.), aspectos relacionados à construção do *ethos de cientista*.

A seguir, trazemos a análise geral dos artigos selecionados.

### **4.3 Análise descritiva do corpus**

A partir das análises dos dez artigos, foi possível observar algumas semelhanças e particularidades quanto à organização do artigo e quanto às estratégias discursivas adotadas. Para tanto, organizamos nossa pesquisa em três seções: I. A Organização Estrutural dos Artigos Científicos de Linguística; II. A Modalidade Argumentativa dos Artigos Científicos de Linguística e III. Os Aspectos Discursivos dos Artigos Científicos de Linguística (contemplando as questões acerca dos modos enunciativos e argumentativos).

Na primeira parte, abordaremos a organização dos artigos, isto é, como estruturam suas seções ao longo do trabalho: se seguem um padrão nos tipos de seções<sup>50</sup>, bem como se essas se apresentam em uma sequência semelhante. Além disso, verificaremos se as informações presentes nas seções de abertura (resumo) e de fechamento dos textos (considerações finais) também seguem um arquétipo – apresentando os mesmos tipos de informações. Na segunda parte, verificaremos o tipo de modalidade predominante nos 10 (dez) artigos, bem como a indicação do porquê dessa opção. Na terceira parte, reuniremos alguns aspectos discursivos presentes na maioria dos textos – se não, em todos – que se apresentam como próprios desses discursos e, concomitantemente, como potencializadores do efeito de verdade aos artigos científicos de Linguística.

Serão aspectos verificados na seção *Os Aspectos Discursivos dos Artigos Científicos de Linguística*: I. Sujeito Enunciador; II. Modalização; III. Argumento de Autoridade; IV. Sequências Explicativas e Conclusivas; V. Apresentação de Recortes do *Corpus* Analisado; VI. Utilização de Gráficos, Quadros e Tabelas; e VII. A Escrita Científica: Vocabulário Técnico e Acadêmico.

Em *Sujeito Enunciador*, revelaremos como os autores dos artigos se manifestam no corpo do texto: se buscam se apagar ou se permitem se manifestar discursivamente no decorrer da pesquisa. Neste caso, também procuraremos evidenciar a forma como essa manifestação subjetiva acontece: se revelando um posicionamento particular ou coletivo (incluindo o interlocutor ou a própria comunidade científica). Em *Modalização*, indicaremos os tipos e subtipos de modalização mais encontrados nos artigos de Linguística. Nessa investigação, analisaremos a frequência dos tipos e subtipos em função das seções: há uma relação entre a seção e o tipo predominante ou o tipo predominante perpassa por todas as seções. Além disso, buscaremos apresentar possíveis motivos para as escolhas observadas. Em *Argumento de Autoridade*, um argumento baseado na estrutura do real, analisaremos a presença da voz do outro no discurso científico como uma forma de demonstrar o percurso metodológico trilhado pelos autores dos artigos, bem como uma forma de sustentar e validar o

---

<sup>50</sup> Mesmo que com nomes diferentes para as seções.

posicionamento ou teoria apresentados pelos autores. Nessa parte, também buscaremos criar um quadro com os níveis de força argumentativa dos verbos e expressões empregados no momento de anunciar a voz do outro. Em *Sequências Explicativas e Conclusivas*, verificaremos a importância da demonstração das relações entre as partes/informações presentes no texto. Nessa seção, falaremos das sequências explicativas e conclusivas como um exemplo de argumentação pelo vínculo causal – outro argumento baseado na estrutura do real. Além disso, buscaremos analisar a ocorrência dessa argumentação em função das seções dos artigos: será que se dá em situações mais específicas? Em *Apresentação de Recortes do Corpus Analisado*, abordaremos a importância de recortes do *corpus* de análise como garantia para a análise apresentada no artigo. Nesse caso, trataremos esse recurso como ligação que fundamenta a estrutura do real, mais precisamente, uma manifestação do argumento pelo exemplo ou pela ilustração. Em *Utilização de Gráficos, Quadros e Tabelas*, demonstraremos como esses recursos, aparentemente isentos de força argumentativa, já que são apresentados como elementos explicativos, são uma estratégia interessante para a instauração da credibilidade em artigos científicos. Isso, porque buscam representar a demonstração científica do conhecimento, o que seria isento de polêmica, portanto, mais relacionado à explicação do que à argumentação propriamente dita. Em *A Escrita Científica: Vocabulário Técnico e Acadêmico*, demonstraremos a importância de um vocabulário técnico e acadêmico – apresentando suas particularidades – para a sensação de maior credibilidade dos textos científicos.

Apresentada a estrutura do estudo que desenvolveremos, iniciamos nossa análise falando da organização dos artigos de Linguística.

#### **4.3.1 A organização estrutural dos artigos de linguística**

Pelas análises realizadas, verificamos um padrão seguido por quase todos os artigos analisados. Mesmo que os títulos das seções tenham denominações ou divisões diferentes, é possível percebermos que se baseiam na seguinte disposição:

Título do Artigo  
Autores/Identificação Acadêmica  
Resumo / Palavras-chave  
Abstract / Keywords  
Introdução  
Fundamentação Teórica  
Contextualização e Apresentação do *Corpus*  
Análise do *Corpus*  
Considerações Finais  
Referências

Dos 10 (dez) artigos de nosso *corpus*, apenas 05 (cinco) obedeceram a essa organização. Contudo, as alterações observadas não são muito significativas, visto que apenas eliminam seções ou alteram a ordem das seções (ou o objetivo da seção<sup>51</sup>):

**T1** – não apresentou uma seção específica para contextualizar e apresentar o *corpus*.

**T4** – não apresentou uma seção específica para contextualizar e apresentar o *corpus*.

**T8** – apenas altera a ordem das seções (colocando a seção “Contextualização e apresentação do *corpus*” antes da seção “Fundamentação teórica”) e acrescenta a seção “Apresentação da atividade elaborada e aplicada”<sup>52</sup>. Vale dizer que utilizam uma única seção para contextualizar, apresentar e analisar o *corpus* (por isso, consideramos a existência das duas estruturas).

**T9** – por se tratar de um artigo com reflexões acerca do tema apresentado, não há uma análise de *corpus* propriamente dita.

**T10** – por não possuir um *corpus* de análise<sup>53</sup>, substitui as seções “Contextualização e Apresentação do *Corpus*” e “Análise do *corpus*” por “Contextualização” e uma seção que discuta teorias anteriores e aborde a criação de uma nova categoria de análise.

---

<sup>51</sup> Observado em artigos que não buscam, de fato, analisar um *corpus*, mas, sim, apresentar um material próprio.

<sup>52</sup> O principal objetivo do artigo era apresentar uma proposta de atividade criada pelas autoras.

<sup>53</sup> O artigo propõe uma abordagem teórica buscando a implementação de uma categoria de análise.

T2 segue a estrutura padrão, apenas acrescenta uma epígrafe e uma seção para os *Anexos*. T3 apenas acrescenta uma seção para as *Notas* que não foram informadas ao longo do texto, nos rodapés das páginas. T4 acrescenta uma seção de *Agradecimentos*. Em função disso, não consideramos que esses artigos sigam uma estrutura diferente da apresentada como padrão.

De um modo geral, a estrutura geral serviu de orientação para a elaboração de todos os artigos, mesmo que não tenha sido uma exigência das normas de publicação das duas revistas: *Revista de Estudos da Linguagem*<sup>54</sup> e *Revista Brasileira de Linguística Aplicada*<sup>55</sup>. Vemos assim, uma padronização da formatação dos discursos. Trata-se de um rigor que favorece o efeito de verdade, mas que também é seguido para se adequar aos parâmetros do gênero instituído.

**Tabela 02:** Organização estrutural dos artigos

Partes/Seções	T1	T2	T3	T4	T5	T6	T7	T8	T9	T10
Título	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X
Autores/Identificação Acadêmica	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X
Resumo / Palavras-chave	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X
Abstract / Keywords	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X
Epígrafe	0	X	0	0	0	0	0	0	0	0
Introdução	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X
Fundamentação Teórica	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X
Contextualização e Apresentação do <i>Corpus</i>	0	X	X	0	X	X	X	X	X	0
Análise do <i>Corpus</i>	X	X	X	X	X	X	X	X	0	0
Contextualização e Apresentação do trabalho elaborado	0	0	0	0	0	0	0	X	0	0
Contextualização e Apresentação de reflexões sobre um tema	0	0	0	0	0	0	0	0	X	X
Considerações Finais	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X
Referências	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X
Anexos	0	X	0	0	0	0	0	0	0	0
Notas	0	0	X	0	0	0	0	0	0	0
Agradecimentos	0	0	0	0	0	0	X	0	0	0

Fonte: Elaborada pela autora.

<sup>54</sup> Conferir anexo 01.

<sup>55</sup> Conferir anexo 02.

E mais do que uma padronização do esqueleto dos artigos, temos uma quase uniformização no interior das seções:

- na introdução: temos uma contextualização acerca do objeto de estudo e a indicação dos objetivos da pesquisa;
- na fundamentação teórica: temos a apresentação das teorias e dos conceitos que servirão de suporte para a análise/pesquisa;
- na contextualização e apresentação do *corpus*: temos a indicação do que motivou a escolha do *corpus*; bem como sua apresentação mais detalhada e a metodologia a ser empregada em sua análise;
- na análise do *corpus*: temos a análise propriamente dita e a indicação dos resultados.

Nos casos em que não havia uma análise de *corpus*, o teor de algumas seções foi alterado, mas, ainda assim, percebemos uma uniformização entre eles. Nesses casos, as seções de apresentação e de análise do *corpus* deram lugar a uma apresentação de trabalho desenvolvido/elaborado ou de reflexões acerca de um tema:

- na contextualização e apresentação do trabalho desenvolvido/elaborado: temos a apresentação do trabalho e as indicações dos fatores considerados em sua elaboração;
- na contextualização e apresentação de reflexões sobre um tema: temos a apresentação das reflexões e as indicações dos fatores que a orientaram e determinaram.

As seções resumo e considerações finais, apesar de possuírem semelhanças funcionais (apontar o teor da pesquisa e as conclusões alcançadas, respectivamente), possuem suas particularidades. Diante disso, trazemos, a seguir, uma análise mais detalhada dessas duas seções.

#### 4.3.1.1 Organização dos resumos

De acordo com Costa (2003, p.42), o resumo “é um parágrafo composto de frases coerentes com os objetivos pretendidos e as conclusões alcançadas no artigo; agregar, sem sobrecarregar demais, todo o tipo de informação nova, mas relevante, que contenha o artigo.”

Ainda a respeito das informações que devem estar presentes em um resumo, Costa (2003, p.42), retomando Bhatia (1993), aponta que quatro aspectos da pesquisa devem ser indicados nessa seção: “1- *O que o autor fez?*; 2- *Como o autor fez?*; 3- *O que o autor encontrou?*; 4- *O que o autor concluiu?*”. Ou seja, o esperado é que tenhamos a indicação da proposta da pesquisa (em resposta ao que o autor/pesquisador fez); da metodologia empregada e da base teórica adotada (em resposta ao como o autor/pesquisador fez); dos resultados obtidos (em resposta ao que o autor/pesquisador encontrou); e da conclusão alcançada (em resposta ao que o autor/pesquisador concluiu).

Analisando a estrutura dos resumos de nosso *corpus*, foi possível perceber o emprego de 10 (dez) tipos de informações, sendo que apenas dois foram observados em todos os dez artigos: a indicação da proposta/objetivo do trabalho e a indicação do objeto de estudo. A seguir, listamos todos os tipos de informações associados a seus índices de utilização.

100% - Apresentação da proposta/objetivo do artigo.

100% - Indicação do objeto de estudo (por várias vezes, depreendido dos objetivos da pesquisa).

90% (09) - Indicação do *corpus* de análise.

80% (08) - Apresentação da conclusão/resultado.

80% (08) - Indicação da base epistemológica.

70% (07) - Contextualização da questão objeto de análise.

40% (04) - Indicação da metodologia utilizada (procedimentos de pesquisa).

10% (01) - Organização do trabalho.

10% (01) - Indicação da motivação da pesquisa desarticulada da contextualização.

10% (01) - Indicação de uma hipótese.

Abaixo, apresentamos os fragmentos dos resumos relacionados ao tipo de informação que trazem.

- Apresentação da proposta/objetivo do artigo.

**T1:** “Este artigo tem por objetivo investigar, pela análise de discursos não oficiais do ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva, a hipótese de que haja, no *corpus* em questão, a predominância de um *ethos* popular para a sua figura. [...] e buscou identificar traços relacionados ao *ethos* do líder político nos discursos analisados.”

**T2:** “Diante desse fenômeno discursivo, do mirante dos estudos discursivos, nossa questão é tentar responder: por qual razão, mesmo sendo tão criticada pelos mais distintos atores sociais, a polêmica, ocupando um lugar bastante privilegiado nas mídias em geral – fenômeno que se acirra no momento atual, mas que já vem de longa data – insiste em se manter viva no espaço público?”

**T3:** “Com o objetivo de identificar casos em que uma sobreasseveração é atribuída, à revelia, a um locutor, e categorizar as manobras discursivas visíveis nas sobreasseverações, analisamos a forma como são relatados dois debates político-televisivos em sete veículos *on-line*.”

**T4:** “O presente artigo objetiva analisar os efeitos de sentidos do discurso humorístico acerca da homossexualidade masculina e da chamada ‘proposta de cura gay’ apresentada por um segmento conservador do cristianismo brasileiro.”

**T5:** “Diante disso, o objetivo deste trabalho é examinar como, no domínio discursivo religioso, os tradutores da Bíblia (particularmente do Novo Testamento) evidenciam posições ideologicamente marcadas ao optarem por determinadas traduções do original grego para termos relacionados com a função sacerdotal, com implicações para a legitimação discursiva de relações desiguais entre pares como clérigo-leigo e homem-mulher.”

**T6:** “[...] o presente artigo objetiva investigar as representações de gênero social veiculadas em livros didáticos de língua portuguesa. Analisamos os textos presentes em dois livros didáticos de língua portuguesa, com relação à abordagem realizada sobre os papéis sociais dos gêneros e sobre a sexualidade.”

**T7:** “O objetivo é mostrar que há padrões de preferência do tradutor usados provavelmente visando o público-alvo da tradução.”

**T8:** “Propõe-se ainda uma atividade para avaliar a qualidade de leitura dos alunos, discutindo-se formas de ajudá-los a compreender o seu processo de leitura como uma ação também definida pelos objetivos de construção de significados a partir da leitura de um texto.”

**T9:** “Este artigo pretende mostrar como os moradores de rua expõem sua trajetória de vida por meio das diferentes formas de expressão autobiográfica instauradas nas e pelas mídias sociais digitais. [...] no intuito de indicar como *sites*, *blogs* e páginas de Facebook, na diversidade de configuração multimodal que exploram, têm se revelado um espaço de manifestação de várias categorias de subalternos (SPIVAK, 2010), que, ao testemunharem sua forma de existência, reorganizam o vivido, oferecendo um entendimento das suas condições de existência.”

**T10:** “O objetivo geral é discutir *lugar* como categoria na disciplina toponímia para, em seguida, propor seu alargamento conceptual.”

- Indicação do objeto de estudo (por várias vezes, depreendido dos objetivos da pesquisa).

**T1:** “[...] traços relacionados ao *ethos* [...]”

**T2:** “[...] a polêmica, ocupando um lugar bastante privilegiado nas mídias em geral [...]”

**T3:** “[...] casos em que uma sobreasseveração é atribuída, à revelia, a um locutor [...]”

**T4:** “[...] os efeitos de sentidos do discurso humorístico acerca da homossexualidade masculina e da chamada ‘proposta de cura gay’ apresentada por um segmento conservador do cristianismo brasileiro.”

**T5:** Evidências de posicionamentos ideológicos em traduções. (Trata-se da essência do que seria o objeto de estudo)

**T6:** “[...] as representações de gênero social veiculadas em livros didáticos de língua portuguesa.”

**T7:** “Este artigo investiga o uso dos dois pontos e das reticências como provável traço do estilo do tradutor.”

**T8:** “[...] a qualidade de leitura dos alunos [...]”

**T9:** “[A exposição da trajetória de vida dos moradores de rua] por meio de diferentes forma de expressão autobiográfica instauradas nas e pelas mídias sociais digitais.”

**T10:** “[...] a posição ou status que *lugar* ocupa nos estudos toponímicos.

- Indicação do *corpus* de análise.

**T1:** “[...] pela análise de discursos não oficiais do ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva [...]”

**T2:** “Para dar conta dessa problemática, tomamos a polêmica midiática envolvendo a liberação, por parte da presidente Dilma Rousseff, do uso da Fosfoetanolamina (pílula do câncer), produzida desde os anos 1990 pelo Instituto de Química da USP-São Carlos e frequentamos um extenso conjunto de matérias publicadas em 2016 acerca dessa temática, em diversos dispositivos midiáticos brasileiros.”

**T3:** “Neste trabalho, analisamos notícias *on-line* baseadas em relatos de fala. [...] dois debates político-televisivos em sete veículos *on-line*”

**T4:** “[...] analisamos um *corpus* de um esquete publicado pelo canal ‘Porta dos Fundos’, cujo título é ‘Cura’.”

**T5:** “Para o estudo, foram selecionadas três passagens do Novo Testamento, em que serão examinadas especialmente as opções adotadas para tradução dos substantivos gregos *δίακovoϋ* e *δίακονία* e do verbo *δίακονεω* em três diferentes versões da Bíblia.”

**T6:** “Analisamos os textos presentes em dois livros didáticos de língua portuguesa [...]”

**T7:** “O *corpus* de análise é composto por três coletâneas de contos de autores americanos como, Philip Roth, John Updike e Jumpha Lahiri e as respectivas traduções para o português, de Paulo Henrique Britto, integrantes do Corpus ESTRA (MAGALHÃES, 2014).”

**T8:** “[...] por meio do exame de uma atividade retirada de livro didático [...]”

**T9:** “Foi realizado um estudo exploratório narrativas de moradores de rua [...]”

- Apresentação da conclusão/resultado.

**T1:** “Dessa forma, foi possível concluir que o *ethos* de Lula se mostrou, essencialmente, popular, criado a partir de uma imagem de chefe oriundo do povo, de cenografias voltadas para o auditório de cada discurso, de argumentações baseadas em apelos emocionais e de metáforas elaboradas a partir de traços presentes na cultura brasileira.”

**T3:** “Nossos resultados indicam a existência de dois tipos de manobras discursivas propiciadas pela construção da notícia *on-line*: o primeiro se evidencia em um processo de síntese; o segundo implica diversos graus de alteração na (re)produção de sentidos que recenografam os debates polífticotelevisivos.”

**T4:** “É possível depreender da análise que os temas acerca do humor constituem-se em veículos de produção e reprodução de ideologias e que o discurso em estudo apresenta um contraponto

em relação aos dizeres que mobilizam as práticas não heterossexuais como contingente e moralmente condenáveis. Observamos, inclusive, que as falas enunciadas pelas personagens na produção humorística contrapõem os discursos religioso, médico e patriarcal, permitindo uma reflexão a respeito das cristalizações sobre o que é ser gay.”

**T6:** “Os resultados sugerem que, em geral, prevalece o tratamento estereotipado das relações de gênero, embora já seja perceptível a inserção de textos que remetem à emancipação feminina. Os relacionamentos homossexuais não são mencionados, provavelmente ainda permanecendo como tema tabu.”

**T7:** “Os resultados obtidos confirmam padrões de preferências tradutórias de Paulo H. Britto no uso dos dois pontos e reticências, marcando fronteiras diferentes entre orações, provavelmente visando à compreensão do público-alvo. Confirmam também o argumento de Saldanha (2011) segundo a qual o estilo do tradutor pode ser influenciado pela narrativa do TF.”

**T8:** “Com base nas pesquisas em metacognição acerca dos objetivos de leitura, e por meio do exame de uma atividade retirada de livro didático, evidenciam-se causas e consequências do problema em foco.”

**T9:** “Os resultados sinalizam a relação do testemunho individual com a história coletiva, pois ele participa da construção de uma memória plural. Cada narrativa classifica e, de alguma forma, situa os acontecimentos axiologicamente dentro de uma dada causalidade e no interior de um circuito enunciativo, o qual coloca o sujeito que se autobiografa como personagem nuclear.”

**T10:** “Conclui-se, nesta etapa do trabalho, que *lugar* pode ser interpretado como categoria, pois trata-se da extensão/apreensão das relações (motivações) as quais são estabelecidas entre o homem e o próprio nome de *lugar*: é a sua gênese. [...] Quanto à sua extensão semântica, essa acontece no plano da abstração do vínculo que se estabelece entre o denominador e o *designatum*: como sentimento de pertencimento, afetividade, mundo vivido e experienciado.”

- Indicação da base epistemológica.

**T1:** “Para tanto, este estudo apoiou-se na Semiologia do Discurso como corrente teórica [...]”

**T2:** “[...] do mirante dos estudos discursivos [...]”

**T4:** “A metodologia adotada foi a Análise do Discurso de orientação francesa.”

**T5:** “Na ótica dos Estudos Críticos do Discurso [...]”

**T7:** “Estudos sobre o estilo do tradutor, como Baker (2000), Munday (2008) e Saldanha (2011), May (1997), Minelli (2005) e Novodvorski (2013) servem de base teórica para a análise a que se

propõe este trabalho. São também usados estudos sobre uso da pontuação no inglês e português (QUIRK *et al.*, 1985; HALLIDAY, 1985; TUFANO, 2005).”

**T8:** “Com base nas pesquisas em metacognição acerca dos objetivos de leitura [...]”

**T9:** “Utiliza-se como aporte teórico-metodológico a Análise do Discurso de linha francesa na sua articulação com os Estudos Culturais [...]”

**T10:** “Utilizar-se-á a abordagem teórica da Geografia Cultural e Humanista, a partir do viés da Fenomenologia, como também, os princípios teórico-metodológicos da disciplina Toponímia”

- Contextualização da questão objeto de análise.

**T2:** “Em seu último livro *Apologie de la polémique*, publicado em 2014 pela Presses Universitaires de France – PUF, Ruth Amossy nos chama a atenção para o fato de que, no momento atual, é possível constatar que os conflitos de opinião e seus desdobramentos, geralmente violentos, ocupam um lugar de bastante destaque na cena política. Nesse sentido, as mídias de uma maneira em geral, com base no argumento do interesse público, não cessam de orquestrar e de difundir polêmicas das mais variadas naturezas. Para comprovar tal asserção, basta dar uma espiada, sobretudo nos grandes jornais e revistas brasileiros e/ou estrangeiros, para ver que as menções às polêmicas pululam. No entanto, por meio de comentários nos mais diversos dispositivos midiáticos, distintos sujeitos, inscritos em diferentes posicionamentos ideológicos, têm criticado de maneira contundente essa *polemização* midiática.”

**T3:** “Essas notícias mostram-se ricas em sobreasseverações, conceito que, de acordo com Maingueneau (2008), implica o destaque feito pelo próprio locutor do texto-fonte. Não raro, no funcionamento midiático, o lugar de sobreasseverador é imputado a um locutor que não efetuou aquele destaque no texto-fonte.”

**T5:** “Na ótica dos Estudos Críticos do Discurso (VAN DIJK, 2008), as relações de poder e abuso do poder, as diferentes formas de dominação sofridas por pessoas ou grupos sociais, são usualmente mediadas pela linguagem.”

**T6:** “Considerando que o ambiente escolar é um lugar de formação dos indivíduos, em que são (re)construídas e legitimadas ideologias e representações sociais, e que o livro didático, em nossa realidade, destaca-se como um dos principais materiais utilizados em sala de aula [...]”

**T7:** “Estudos sobre pontuação e estilo de tradutores, incipientes nos estudos da tradução, observam que há mudanças obrigatórias ou opcionais de pontuação nos textos traduzidos (TT) que alteram o estilo dos textos-fonte (TF).”

**T8:** “Muitas atividades de leitura de textos escritos nos livros didáticos de Português propõem apenas questões de cópia-colagem de informações explícitas dos textos, salientando somente uma parte do processo da leitura, não auxiliando na compreensão da leitura como ação cognitiva e metacognitiva, que requer definição de objetivos para ser realizada, e não auxiliando no processo de avaliação da qualidade da leitura dos alunos.”

**T9:** “Discute-se o uso das novas tecnologias da web por moradores de rua, que, através das redes sociais, registram um modo de habitar o espaço social e se fazem visíveis na e para a sociedade que os marginaliza. [...] Concebidas como uma ‘reconstrução discursiva’ (GUILHAUMOU, 2004), essas narrativas traduzem uma presença social e indicam movimentos de alteridade inerentes ao processo de biografização de si.”

- Indicação da metodologia utilizada (procedimentos de pesquisa).

**T1:** “O método para obtenção dos resultados obedeceu, primeiramente, à seleção qualitativa de dados. Em seguida, essas informações foram agrupadas quantitativamente de acordo com a frequência dos fenômenos encontrados.

**T7:** “Na metodologia de análise foram usadas ferramentas do programa WordSmith Tools© 6.0 para gerar automaticamente dados estatísticos e linhas de concordâncias. O programa Microsoft Word 2010 foi usado para alinhamento e categorização dos recursos de pontuação analisados.”

**T9:** “Foi realizado estudo exploratório de narrativas de moradores de rua, considerando-se como os eventos narrados participam de uma sequencialidade e temporalidade que caracterizam as textualidades autobiográficas.”

**T10:** “É uma pesquisa de cunho qualitativa e interpretativista. [...] O alçamento, enquanto categoria central, deu-se com uma discussão prévia das categorias espaço, território, paisagem e lugar. Daí o conceito em uma dimensão analítica: motivacional, histórica, linguística, ideológica, social, identitária.”

- Organização do trabalho.

**T4:** “O trabalho está organizado da seguinte maneira: primeiro, examinamos a relação entre o discurso, o humor e as piadas; em seguida, apresentamos uma breve contextualização sobre a homossexualidade enquanto categoria; e, por fim, analisamos um *corpus* de um esquete publicado pelo canal ‘Porta dos Fundos’, cujo título é ‘Cura’.”

- Indicação da motivação da pesquisa desarticulada da contextualização.

**T10:** “Este texto parte da seguinte questão norteadora: qual é a posição ou status que *lugar* ocupa nos estudos toponímicos?”

- Indicação de uma hipótese.

**T1:** “[...] a hipótese de que haja, no *corpus* em questão, a predominância de um *ethos* popular para a sua figura.”

Além da alteração entre os tipos de informações contidas nos resumos analisados, também podemos indicar uma variação na posição que eles ocupam na seção. Por exemplo, a informação “Apresentação da proposta/objetivo do artigo”, dependendo do artigo, é apresentada no início (em 03), no meio (em 06) ou no final do resumo (em 01).

Diante do anunciado, não podemos indicar um padrão formal e estrutural<sup>56</sup> na elaboração da seção resumo, mas um padrão semântico, ou seja, do conteúdo. A partir do que verificamos, podemos presumir quais são as informações mais recorrentes nos resumos de artigos científicos da área de Linguística, ou seja, as informações tidas como mais significativas para apresentar as pesquisas da área: apresentação da proposta/objetivo do artigo; indicação do objeto de estudo; indicação do *corpus* de análise; apresentação da conclusão/resultado; indicação da base epistemológica; e contextualização da questão objeto de análise. Esse padrão mais semântico que formal é mais um fator que indica a importância dos parâmetros que asseguram a verdade, pois o conjunto de informações do resumo é a síntese que sustenta a credibilidade da pesquisa realizada, dando ênfase aos passos que levaram aos resultados obtidos.

Vale observarmos que o resultado aponta, em boa parte, para a estrutura preconizada pelo método científico levantado acima por Bhatia (1993, *apud* Costa 2003). De todos os aspectos sinalizados, apenas um teve uma recorrência inferior a 70%: “*Como o autor*

---

<sup>56</sup> Pensando na ordem das informações.

fez?” (pensando nos procedimentos metodológicos das pesquisas). É importante considerarmos outro ponto a respeito desse aspecto: a maior parte dos textos analisados trouxe a indicação da teoria que serviu de suporte para o trabalho (o que também participa da resposta à questão “como o autor fez”), não revelando apenas a metodologia empregada. Além disso, diante dos resultados observados, notamos o que nos parece outra particularidade dos artigos científicos de Linguística: a importância de contextualizar a pesquisa, indicando os fatores que a provocaram.

#### 4.3.1.2 Organização das considerações finais

Quanto à estrutura das Considerações Finais, percebemos uma utilização de 13 (treze) tipos de informações e nenhum foi verificado em todos os artigos. Na verdade, não fosse o fato de, algumas vezes, ter vinda associada à reflexão e à explicação das análises e dados, poderíamos ter considerado que todos os artigos apresentaram a conclusão/resultado da pesquisa. Abaixo, seguem todos os tipos de informações identificados associados a seus índices de utilização.

- 90% (09) - Explicação e comentários da análise e dos dados apresentados na pesquisa (com apresentação rápida do percurso visto no artigo e dos resultados oriundos da pesquisa). Reflexão ou análise conclusiva.
- 80% (08) - Apresentação da conclusão/resultado da pesquisa.
- 60% (06) - Contextualização (abertura) da conclusão.
- 50% (05) - Indicação do objetivo do trabalho / Intenção do artigo associada à uma contextualização que levou à elaboração de uma atividade a ser aplicada.
- 40% (04) - Sugestão de novas pesquisas e reflexões acerca do assunto tratado no trabalho.
- 30% (03) - Indicação do *corpus* analisado.
- 30% (03) - Indicação da base teórica.
- 20% (02) - Explicação da relevância do *corpus*/pesquisa.
- 10% (01) - Retomada rápida da introdução a fim de recuperar a ideia principal.

10% (01) - Indicação do objeto de análise.

10% (01) - Indicação da circunstância de produção do artigo.

10% (01) - Indicação do que motivou a pesquisa e a posição defendida.

10% (01) - Agradecimento.

A fim de ilustrarmos os tipos de informações apontados acima, selecionamos alguns fragmentos das seções conclusivas dos artigos analisados.

- Explicação e comentários da análise e dos dados apresentados na pesquisa (com apresentação rápida do percurso visto no artigo e dos resultados oriundos da pesquisa).

**T1:** “Essa imagem era construída por meio de diversos recursos, sendo, o principal, o emprego do *ethos de chefe*, não como um líder soberano ou distante, mas identificado com o povo, porque oriundo das camadas mais pobres da sociedade. / Suas construções simples eram potencializadas, muitas vezes, quando inseridas em *metáforas* [...]”

**T2:** “As nossas primeiras análises indicam que a mídia, ao transformar em polêmica determinados assuntos que circulam no espaço público, à luz do suposto interesse coletivo e a partir da encenação de confronto entre diferentes atores sociais, colocando-os em posições antagônicas e também desqualificando-os, apesar da aparente desordem discursiva, instaura a ordem da polêmica como regular.”

**T4:** “Sendo assim, o (inter)locutor, a princípio, é induzido a se deparar com a situação limite da morte, pela qual surge a necessidade de salvação para a vida eterna.”

**T5:** “Uma avaliação global das três versões bíblicas, a partir das passagens analisadas, evidencia que a ARC, caracterizada por uma linguagem mais literal, em função do princípio da tradução por equivalência formal, embora bastante marcada pelas premissas tradicionais dos tradutores, apresenta a vantagem de evitar os acréscimos em relação ao texto original.”

**T6:** “Deve-se ressaltar, no entanto, que, mesmo com o predomínio do direcionamento acima caracterizado, pudemos também perceber que a representação hegemônica é pontualmente questionada por discursos de resistência, que aos poucos também vêm ganhando espaço no LDLP. [...] Não foi nossa pretensão, considerando a dimensão do presente estudo, chegar a afirmações amplas a respeito do tratamento oferecido aos gêneros sociais nos LDLP em geral, mas apenas fazer um levantamento preliminar desta relevante questão em duas obras didáticas.”

**T7:** “Para atingir esse objetivo, buscou-se a literatura sobre estilo do tradutor, especialmente, observando o estilo da tradução perifericamente. Se de um lado foi possível mostrar a consistência do uso diferenciado dos dois pontos e reticências pelo tradutor nos três TT de diferentes TF e sugerir estratégias usadas visando ao leitor do público-alvo, não foi possível analisar o uso da vírgula e do ponto e vírgula, também consistente, ou evidenciar a existência ou não de convenções editoriais para o tipo textual que possam ter influenciado as escolhas feitas pelo tradutor.”

**T8:** “a ;;;partir dos dados discutidos, pudemos chegar a algumas afirmações interessantes acerca dos comportamentos cognitivos dos alunos, as quais de forma alguma poderiam ser feitas com base nas tarefas dos livros didáticos [...]”

**T9:** “A essa função social, acrescenta-se uma função emocional de ser ouvido e, de alguma forma, acolhido. Como testemunha de uma época na qual o grupo de excluídos não para de crescer dada a supremacia da lógica econômica em detrimento de priorizar o bem-estar dos cidadãos, cada narrativa autobiográfica tecida representa um movimento de recomposição da própria identidade desse sujeito que foi excluído de uma convivência social digna. E cada vez que essa narrativa é colocada em circulação nas redes sociais, quem o faz demonstra um engajamento no sentido de inserir esse “excluído” em um circuito interacional e também se coloca como testemunha uma condição de vida.”

**T10:** “Partimos, então, do princípio que *lugar* é mais que o espaço apreendido e ocupado, localização referenciada, nomeada. Seguindo tal premissa, assinalamos que o conhecimento que abrange este estudo possibilita algo a mais, como o entendimento ou apreensão das relações (motivações) que são estabelecidas entre o homem e o nome de *lugar*.”

- Apresentação da conclusão/resultado da pesquisa<sup>57</sup>.

**T1:** “O que se percebe com esta pesquisa é que o tipo de liderança de Lula voltava-se para um perfil de equilíbrio e de diálogo com todos os setores da sociedade, desde grupos favorecidos economicamente até aqueles que viviam em situação de miséria.”

**T2:** “Sobre o caso que trouxemos para mostrar esse funcionamento, [...] vemos, principalmente, o engendramento de dois acontecimentos discursivos, os quais, por um lado, colocam em xeque a cientificidade dos trabalhos do Professor Dr. Gilberto Chierice do Instituto de Química da USP-São Carlos/SP, silenciando seu renhido e longo trabalho de pesquisa acerca da

---

<sup>57</sup> Os artigos T8 e T9 apresentaram conclusões, porém, vinculadas à reflexão e à explicação das análises e dados.

fosfoetanolamina [...]Essa imagem negativa da ciência brasileira, em última análise, sem nenhum tipo de proselitismo político, produz, no nosso entendimento, muito capital simbólico e material, sobretudo para os grandes laboratórios farmacêuticos nacionais e internacionais.”

**T3:** “Como observamos, as manobras discursivas incidentes na construção da notícia *on-line* recenografam os debates político-televisivos. Considerando que o leitor não possui acesso ao texto-fonte, mesmo que os *hiperlinks* o direcionem para os vídeos dos debates, a comparação entre o acontecimento discursivo e a interpretação da sobreasseveração é praticamente impossível.”

**T4:** “O que apreendemos imediatamente é que a cena protagonizada, embora se configure como essencialmente humorística, valida-se a partir de elementos do discurso religioso.”

**T5:** “Enfim, percebe-se que não basta apresentar a Bíblia traduzida numa linguagem contemporânea, orientada pelo princípio da equivalência dinâmica, até porque, em nome da atualização, simplificação e fluência da linguagem, os tradutores se permitem fazer acréscimos ao texto, ‘complementando’ o seu sentido com a veiculação de suas próprias premissas doutrinárias.”

**T6:** “Através do presente estudo, foi possível constatar que, de maneira geral, prevalece nos LDLP analisados uma representação tradicional de gênero, em que a mulher é preferencialmente associada aos papéis de mãe e esposa e o homem ao mundo do trabalho, ou seja, as obras didáticas ainda servem à reprodução de estereótipos de gênero, embora, de maneira geral, preocupem-se com o ‘politicamente correto’.”

**T7:** “O trabalho, portanto, contribui para a produção do conhecimento nos estudos do estilo do tradutor, mostrando hábitos estilísticos do tradutor Paulo Henrique Britto em relação ao uso dos dois pontos e reticências, provavelmente preocupado com uma leitura mais clara dos textos traduzidos pelos leitores brasileiros.”

**T10:** “Considerando as discussões da Geografia Cultural e Humanista, acreditamos na ampliação conceptual de *lugar* como noção de sentimento de pertencimento, afetividade, mundo vivido e experienciado. Nesse sentido, percebemos o nome de *lugar* como um patrimônio linguístico e cultural, testemunho de uma comunidade. Materializado e corporificado, o nome é um produto e o reflexo social e cultural da cosmovisão de um grupo.”

- Contextualização (abertura) da conclusão.

**T1:** “A conclusão desta análise possibilitou um aprofundamento nos processos envolvidos na construção do *ethos* do ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva.”

- T3:** “Os enunciados em destaque fazem parte do mecanismo de uma sofisticada e complexa maquinaria midiática, que produz e põe em circulação notícias *on-line*. As seleções e torções efetuadas pelos veículos de informação na construção das notícias evidenciam posicionamentos e cumprem uma necessidade pragmáticodiscursiva de adequação da enunciação à cenografia construída pela notícia e ao *ethos* do veículo.”
- T4:** “No discurso humorístico, encontram-se cristalizadas as diversas manifestações culturais e ideológicas. O que implica considerar que o nosso *corpus* de análise (no caso, um esquete produzido pelo canal ‘Porta dos Fundos’, cujo título é ‘Cura’) não deve ser entendido apenas como um instrumento de diversão.”
- T5:** “Neste breve estudo, acredito ter ilustrado com relativa clareza, a partir dos itens lexicais selecionados e discutidos nas três passagens bíblicas examinadas, de que modo as premissas dos tradutores os levam a representar os atores sociais encontrados na Bíblia de certa maneira e não de outra, imprimindo no seu trabalho de tradução as marcas ideológicas e os valores de grupos hegemônicos [...]”
- T6:** “O LDLP é uma ferramenta importante em sala de aula para professores e alunos. Sua elaboração está sujeita a uma série de pressões e interesses, em um lugar e tempo específicos, de forma que afirmar que o LDLP é neutro seria, no mínimo, ingênuo.”
- T9:** “Como fragmento constitutivo da história coletiva, uma narrativa autobiográfica é um espaço que ilustra a complexidade das identidades e como elas são percebidas e vividas por cada sujeito. A compreensão que ela elabora da inscrição de cada um no tecido social tem uma dimensão performativa por criar uma história para o indivíduo, que assume essa narrativa sendo a ‘sua vida’ e como uma justificativa do seu percurso.”
- Indicação do objetivo do trabalho / Intenção do artigo associada à uma contextualização que levou à elaboração de uma atividade a ser aplicada.
- T2:** “Nosso objetivo, neste artigo, foi o de tentar mostrar o papel da mídia na construção de polêmicas e como essas polêmicas podem fabricar os mais distintos acontecimentos discursivos, no caso aqui arrolado acerca da fosfoetanolamina sintética.”
- T4:** “Em vista disso, o presente trabalho consistiu em examinar quais eram os efeitos de sentido que circulavam, no discurso contido em uma produção de humor, a respeito da homossexualidade masculina, frente a uma “proposta de cura gay”, apresentada por um segmento conservador do cristianismo.”
- T7:** “O objetivo foi mostrar a recorrência de recursos de pontuação nas traduções em substituição a outros usados nos TF, alterando a função da pontuação na interação narrativa nesses textos.”

**T8:** “Este artigo propôs-se a avaliar criticamente as atividades de leitura em livros didáticos de Português, considerando os modelos tradicionais de cópia-colagem que as estruturam, bem como a possibilidade de desenvolver atividades fundamentadas no aparato conceitual relacionado aos estudos em metacognição – no caso deste artigo, atividades fundamentadas em objetivos claros de leitura.”

**T10:** “A intenção foi construir uma proposição conceitual e metodológica que pudesse permitir elevar *lugar* à noção de categoria nessa área.”

- Sugestão de novas pesquisas e reflexões acerca do assunto tratado no trabalho.

**T5:** “Dados os (necessários) limites e escopo do trabalho, pesquisas posteriores poderão contribuir para uma compreensão mais ampla dessas questões. [...] Estudos que se dediquem a discutir, esclarecer e denunciar tais artifícios, portanto, se mostram relevantes no desenvolvimento de qualquer perspectiva de estudo que se pretende crítica.”

**T6:** “Assim, apontamos para a relevância e necessidade da realização de mais pesquisas sobre a temática e, conseqüentemente, sobre o papel exercido pelo LDLP no atendimento das demandas sociais atuais.”

**T7:** “Essas duas limitações, entretanto, abrem espaço para estudos posteriores, de investigação das convenções editoriais para o tipo textual e de pesquisa mais ampla sobre escolhas retóricas, por tradutores e autores, de recursos de pontuação para compor significados temáticos dos textos.”

**T8:** “Considerando esses desafios, este artigo pretende ser uma pequena parte de um projeto maior de pesquisa e reflexão, cujo objetivo é a proposta de reformular e desenvolver metodologias de ensino de leitura, em particular, e de línguas, em geral.”

- Indicação do *corpus* analisado.

**T1:** “O *corpus* escolhido compôs-se de discursos proferidos durante os dois mandatos de Lula como Presidente da República, em contextos nos quais o público-alvo variava quanto à classe social.”

**T2:** “Para tanto, frequentamos analiticamente um breve arquivo de notícias sobre tal substância [...]”

**T4:** “[...] o nosso *corpus* de análise (no caso, um esquete produzido pelo canal ‘Porta dos Fundos’, cujo título é ‘Cura’) [...]”

- Indicação da base teórica

**T2:** “[...] mobilizando, sobretudo, os trabalhos de Ruth Amossy (2014), Dominique Maingueneau (2008) e Marie-Anne Paveau (2015).”

**T7:** “Baker (2000) sugeriu a importância do estudo, de um lado; May (1994) e Minelli (2005), de outro, mostram mudanças relevantes na pontuação de traduções literárias e a escassez de estudos sobre a pontuação nas línguas. As autoras usam metodologias da tradução literária em seu estudo.”

**T10:** “Para tal empreitada, a contribuição do constructo teórico e metodológico da Geografia Cultural e Humanista foi fundamental.”

- Explicação da relevância do *corpus*.

**T4:** “Neste sentido, o *corpus* analisado constitui-se como uma arena de lutas, onde os (inter)locutores, falando de posições ideológicas, sociais e culturais distintas, interagem e atuam uns sobre os outros (BRANDÃO, 2012, p. 22).”

**T8:** “O que justificou nossa proposta é a premissa de que atividades deste tipo permitem a realização de diagnósticos acerca das reais capacidades e dificuldades de leitura dos alunos, algo que não é possível com exercícios limitados à cópia-colagem de informações do texto.”

- Retomada rápida da introdução a fim de recuperar a ideia principal

**T7:** “O artigo foi iniciado com o estabelecimento da relevância de um estudo do uso dos recursos de pontuação em *corpora* paralelos como uma das possibilidades de se determinar o estilo como atributo pessoal dos tradutores.”

- Indicação do objeto de análise

**T7:** “Este artigo investigou o uso dos dois pontos e das reticências em três TT de diferentes TF, de um mesmo tradutor, Paulo Henriques Britto, usando metodologia dos estudos linguísticos, com o auxílio de ferramentas de corpus.”

- Indicação da circunstância de produção do artigo.

**T9:** “[...] que foi desenvolvido em estágio pós-doutoral realizado em 2015, na Université de Paris 13 Sorbonne Paris Cité, sob sua supervisão.”

- Indicação do que motivou a pesquisa e a posição defendida.

**T10:** “Desde o início, uma questão dominou o cenário da investigação: qual é o status ou posição que *lugar* ocupa na área da Toponímia, ou seja, nomes de lugares? No nosso entender, *lugar* é mais que uma referência locacional. Não faz sentido algum estudar o *lugar* partindo apenas da localização, o lócus, recorte que se faz no/do espaço, espaço esse entendido como transformação social.”

- Agradecimento.

**T9:** “Agradeço à professora Marie-Anne Paveau pela produtiva interlocução durante realização do projeto de pesquisa que gerou este artigo [...]”

Ao contrário do que foi visto na seção resumo, nas considerações finais, percebemos uma recorrência maior de manutenção da ordem das informações (padrão formal e estrutural), mesmo percebendo um comprometimento maior no padrão semântico, ou seja, do conteúdo das informações. Por exemplo, em apenas 03 (três) artigos a informação “Apresentação da conclusão/resultado da pesquisa” não apareceu no final da seção. Vale dizer que em dois casos (T8 e T9) esse fato foi motivado em função das conclusões/resultados terem sido apresentadas ao longo da seção, associadas à explicação das análises. Apenas um artigo (T6) introduziu a seção com a informação conclusiva. As informações “Contextualização (abertura) da conclusão” e “Retomada da introdução a fim de recuperar a ideia principal” apareceu no início de todos os artigos em que foi foram empregadas.

Mesmo considerando essas semelhanças quanto à posição das informações na seção, não podemos indicar um padrão na elaboração das considerações finais. Isso, porque a alternância dos tipos de informações foi considerável. O que podemos, é presumir

quais são as informações mais recorrentes nos fechamentos de artigos científicos da área de Linguística, ou seja, as informações tidas como mais significativas para finalizar a pesquisa: a apresentação da conclusão/resultado da pesquisa (tendo em vista que apareceram em todos os artigos: apenas não foram apresentados, isoladamente, em dois dos artigos); a explicação e os comentários da análise e dos dados apresentados na pesquisa (com apresentação rápida do percurso visto no artigo e dos resultados oriundos da pesquisa) ou a reflexão/análise conclusiva; e a contextualização (abertura) da conclusão. Outros aspectos podem ser vistos como secundários, visto que só foram observados em 05 (cinco) e 04 (quatro) artigos, respectivamente: a indicação do objetivo do trabalho e a sugestão de novas pesquisas e reflexões acerca do assunto tratado no trabalho.

De acordo com manuais de escrita científica, é comum encontrarmos algumas orientações sobre a elaboração da conclusão (ou considerações finais) do artigo científico:

- ser breve e direto (portanto, trata-se de uma seção de curta extensão);
- evitar apresentar novos argumentos;
- apresentar o resultado e uma conclusão;
- retomar a introdução a fim de recuperar a ideia principal;
- resumir o percurso visto no artigo;
- sugerir novas pesquisas / apontar a importância de novas pesquisas.

Avaliando os aspectos apresentados como típicos de uma conclusão de artigo científico, observamos que os cinco primeiros orientaram essa seção nos artigos selecionados. Diante disso, podemos dizer que, a princípio, apenas a indicação da importância de novas pesquisas no assunto não é uma prática típica da elaboração de conclusões nos artigos de Linguística. Talvez isso se explique pelo fato de que, em grande parte, as análises nessa área passam pela observação de um *corpus* específico, a partir de uma dada teoria, o que demonstra uma análise bem pontual. Vale dizer que a falta de uma sugestão de novas pesquisas também pode ser explicada pela falta de necessidade de ter que expor o que já é implícito ao gênero (o intuito de incitar

novos olhares). Mas, o importante é que essa omissão pode sugerir que a conclusão alcançada parte de uma análise completa, sendo desnecessárias novas investigações. Dessa forma, tal estratégia de apagamento pode ser vista como uma força para os efeitos de verdade dos artigos de Linguística.

No geral, retomando a análise organizacional dos artigos, percebemos que a padronização estrutural e informativa observada nos artigos atingiu textos publicados em revistas distintas e de autores de diversas localizações, o que nos leva a acreditar que se trata, mesmo que de forma não explícita, de uma padronização produzida pelo suporte em questão (artigo científico da área de Linguística). Isso se deve ao fato de que alguns aspectos observados parecem não ser próprios do grande gênero artigo científico, mas próprios dos artigos área analisada (mas não restritos a ela). Entre essas particularidades, temos: a frequente incidência de seções de apresentação e análise de *corpus* (uma vez que é recorrente o estudo de *corpus* nessa área); ausência da indicação da metodologia de análise no resumo do artigo; poucas recorrências, na seção de Considerações finais (ou conclusão), de sugestão de novas pesquisas acerca do assunto tratado no trabalho.

#### **4.3.2 Modalidade argumentativa dos artigos científicos de linguística**

Em todos os artigos foi verificado o uso predominante de uma modalidade argumentativa do tipo demonstrativa. Esse fato é justificado pelos próprios objetivos que orientam a construção dos textos: apresentar uma informação visando buscar a aceitação de seus pares<sup>58</sup>. De acordo com Amossy (2008, p.233), “uma tese é apresentada pelo locutor, num discurso monogerado ou num diálogo, a um auditório do qual o primeiro quer obter a adesão por meio de demonstração racional, do raciocínio articulado apoiado em provas”.

---

<sup>58</sup> Considerando que, no geral, os artigos acadêmicos são elaborados para um grupo específico: geralmente, pessoas da mesma área de conhecimento, ou áreas afins.

É essa intenção de obter a aceitação do interlocutor que faz com que o artigo seja organizado de maneira tão racional: apresentando a questão a ser analisada (inclusive, de forma contextualizada); a teoria que orienta a pesquisa e a própria análise; os resultados observados; para, assim, apresentar a conclusão alcançada.

Desse modo, mesmo sem a obrigatoriedade de seguirem um padrão de construção estrutural fixo (não imposto pela seção de editoração das revistas), os artigos tiveram uma organização bem similar.

Além da organização estrutural, também podemos ver a construção dos enunciados visando à esse reconhecimento do trabalho por parte do auditório: manutenção de enunciados delocutivos (mesmo em artigos que recorram às investidas em 1ª pessoa); uso de 1ª pessoa generalizante; uso de modalizações epistêmicas; predomínio de enunciados no presente ou pretéritos do modo indicativo; uso de argumentos de autoridade; apresentação de recortes que ajudem na comprovação da leitura realizada; construções de causalidade baseadas no real; emprego de nominalizações definidas.

A seguir, trazemos mais detalhadamente a análise dos aspectos apontados como estratégias discursivas empregados para garantir essa adesão do interlocutor.

#### **4.3.3 Os aspectos discursivos dos artigos científicos de linguística**

Como vimos acima, além do emprego de uma estrutura padrão e da predominância de uma modalidade argumentativa do tipo demonstrativa em todos os artigos estudados, verificamos outros elementos que também são responsáveis por garantir o tom de discurso científico e, por isso mesmo, garantir uma verdade apresentada e defendida. Trata-se de aspectos relacionados às questões enunciativas (*Sujeito Enunciador; Modalização*) e argumentativas (*Argumento de Autoridade; Sequências Explicativas e Conclusivas; Apresentação de Recortes do Corpus Analisado; Utilização de Gráficos, Quadros e Tabelas e A Escrita Científica: Vocabulário Técnico e Acadêmico*).

A seguir, apresentamos as análises seguindo a ordem indicada acima.

#### 4.3.3.1 Sujeito enunciador

No que tange à enunciação, foi possível observar uma quebra do paradigma inicial que prescreve ao texto científico um apagamento do sujeito enunciador. Conforme vimos, anteriormente, esse aparente apagamento poderia ser observado com o emprego da 3ª pessoa do singular, de construções na voz passiva, de metáforas metonímicas e até do uso da 1ª pessoa do plural evidenciando um sujeito universal (em especial, a voz da academia). No entanto, nos textos de Linguística analisados, também verificamos a presença de construções na 1ª pessoa do singular e na 1ª pessoa do plural com tom autoral: em 09 (nove) dos artigos foi empregado o uso da 1ª pessoa (singular e/ou plural autoral), deixando marcada a presença de um enunciador que assume a autoria da pesquisa. Apenas em 01 (um) dos artigos analisados (T1) manteve-se a busca pelo apagamento do sujeito enunciador por todo o corpo do texto.

**T2:** “Para darmos conta dessa problemática, tomamos a polêmica midiática... e frequentamos em extenso conjunto [...]”

**T3:** “Objetivamos analisar as notícias sobre o debate veiculadas por diversos *sites*,”

**T4:** “A partir daí, procuramos compreender, no presente trabalho, a maneira como a imagem do homossexual é construída, num discurso que se importa em contestar uma visão que preconiza a ‘cura’ para a homossexualidade.”

**T5:** “Parto da premissa, neste caso, de que não existe algo como traduções objetivas e consequentemente inquestionáveis como se fossem as únicas possíveis.”

**T6:** “Consideramos relevante realizar esta pesquisa devido à carência de estudos que reflitam a respeito do que vem sendo veiculado no LDLP em termos de gênero social,”

**T7:** “Para tanto, recorremos aos estudos das abordagens linguísticas da tradução.”

**T8:** “O que motiva nossa discussão é a grande recorrência de questões de cópia-colagem de informações explícitas [...]”

**T9:** “Em uma abordagem discursiva, a qual considera que as práticas de linguagem são práticas sócio-históricas culturalmente situadas, propomos uma análise dos modos de articulação de um dizer autobiográfico de sujeitos que têm pouco espaço para se manifestar devido à situação de exclusão em que se encontram.”

**T10:** “É nessa etapa, portanto, que compreendemos que, no ato de denominar a coisa, o recorte cultural apreendido, estabelece-se um vínculo de afetividade com a coisa nominada, o lugar, corporificado e materializado.”

Vale comentar que no artigo T7 percebemos a marcação do sujeito enunciador, mas em apenas uma passagem no corpo do texto (na Introdução: fazendo referência à base epistemológica) e em indicações secundárias de tradução:

T7: “(MINELLI, 2005, p. 56, tradução nossa)”

Em apenas um dos artigos (T5), houve uma marcação do sujeito enunciador utilizando a 1ª pessoa do singular (1ª ps). Mas, mesmo sendo um artigo de autoria simples (um autor), também é possível observarmos o emprego da 1ª pessoa do plural (1ª pp).

T5: “Parto da premissa, neste caso, de que não existe algo como traduções objetivas e consequentemente inquestionáveis como se fossem as únicas possíveis.”

“Assim, considero de extrema relevância para este estudo a perspectiva de uma “análise do discurso textualmente orientada” na linha proposta por Fairclough ([1992] 2001, 2003), [...]”

“Para os propósitos deste trabalho, apesar de utilizar o termo Análise Crítica do Discurso, já muito bem estabelecido no Brasil, identifico-me com o posicionamento de Teun van Dijk [...]”

“Nesse debate, podemos delinear pelo menos três posturas diferentes sobre o assunto [...]”

“Como podemos perceber [...]”

“Vejamos agora como agem os tradutores [...]”

Observando as passagens com a utilização da 1ª pessoa, vemos que as empregadas no plural são mais usadas para deixar de fazer uma referência direta e exclusiva ao enunciador/autor do artigo. Trata-se de uma *1ª pessoa com tom generalizante* ou indicadora da *voz da academia*. No primeiro caso, a 1ªpp englobaria todos os sujeitos da situação comunicativa: tanto os enunciadores, quanto os interlocutores. Principalmente, porque o autor do texto também faz uso da 1ª pessoa do singular. Ou seja, o uso do plural abarcaria, também, o interlocutor/leitor, indicando, assim, uma interação autor-leitor. No segundo caso, a 1ªpp parece indicar o posicionamento/visão do enunciador aliado ao da comunidade científica na qual está inserido. Neste caso, a voz da academia aparece como validador do que é enunciado. Trata-se de um *nós epistêmico*. Vale dizer que, em ambos os casos, o uso da 1ªpp pode ser visto apenas como uma forma mais polida de marcar a presença do sujeito enunciador. Seria o que chamamos de plural de modéstia. Nesse caso, ao contrário de termos a inclusão de

outras vozes e percepções no texto, temos somente uma marcação mais suave da voz ou da percepção exclusiva do autor do texto.

Ainda pensando na marcação do eu nos enunciados, temos a presença de outros dois artigos (T9 e T10) que recorrem à 1ª pessoa. Nos dois casos, mesmo sendo ambos de autoria simples, o investimento da 1ª pessoa se deu no plural (1ª pp).

Em algumas passagens, é possível vermos a presença da 1ª pp com um tom generalizante: englobando tanto os enunciadores, quanto os interlocutores. Ou seja, trata-se de um uso que indica algo percebível por todos, o que confere credibilidade ao que é dito. Em outros momentos, a 1ª pp assume um papel de voz da academia (epistêmico).

**T9:** “Consideramos os múltiplos fatores que decorrem da presença dos moradores de rua no espaço digital, tanto do ponto de vista sociointeracional quanto político, postulando que ambos encontram-se inter-relacionados.” → Nós epistêmico

“Esse dinamismo parece-nos essencial para fortalecer a AD muito mais como uma perspectiva macrocontextualista do que como uma disciplina (termo que remete a um ordenamento rígido e, em última instância, a certos dogmas), para que ela possa, na sua diversidade, efetivamente, produzir novos e relevantes conhecimentos para as ciências da linguagem e para as ciências em geral.” → Nós epistêmico

“Mesmo que esse dinamismo possa gerar certa resistência provocada pela (inevitável e saudável) instabilidade que o novo traz, ele é fruto do modo problematizador como interrogamos nossos objetos e nos obriga a revisitar posicionamentos e crenças internalizados.” → Nós generalizante

“Consideramos esses subalternos como vítimas de um silenciamento histórico, que negou a presença deles e, conseqüentemente, nega o que representam em termos de fracasso de uma sociedade que não consegue promover a igualdade de direitos; eles são ignorados pelo poder público e ausentes da história oficial.” → Nós epistêmico

**T10:** “Particularmente, entendemos essa unidade (nome e lugar) como um sentimento de ligação, de alma, de afetividade. Sabemos que a Toponímia é o estudo dos nomes de lugares, mas uma inquietação tem nos tomado como desafio quando pensamos na noção de lugar, já que o nome é o significante.” → Nós epistêmico e Nós generalizante, respectivamente.

“No nosso entender, *lugar* torna-se, então, categoria central, pois se trata da extensão/apreensão das relações (motivações) que são estabelecidas entre o homem e o próprio nome de *lugar*: é a sua gênese.” → Nós epistêmico

“Quando (nos) interrogamos, focalizamos o fenômeno e não a coisa em si, pois a ideia de fato tem sua gênese nos fundamentos da lógica positivista. [...] Teremos, então, ideias como as de causalidade, repetitividade e controle, entre outras.” → Nós generalizante

“Segundo Azevedo (2002, p. 64), na busca por um caminho metodológico, pensamos o todo nas partes e as partes no todo, numa perspectiva holográfica, como um caleidoscópio. → Nós generalizante

Vale destacar que o uso dessa 1ª pessoa com tom generalizante também pode ser apreendido em outros artigos que fizeram uso da 1ª pp<sup>59</sup>, como mostram os fragmentos a seguir:

**T2:** “A evolução tecnológica dos sistemas midiáticos parece finalmente propor uma solução para uma questão física: a possibilidade de estar em mais de um lugar ao mesmo tempo. Sem sair de onde estamos, seja pela tela de um monitor, *smartphone*, *tablet* conectado à internet, seja por um receptor digital ou analógico de TV, ou ainda apenas pelas ondas de rádio, temos acesso a todas essas formas, quase instantâneas, de gerar informação e entretenimento, o que nos abre janelas para o mundo, um mundo apresentado não como a coisa em si, mas enquanto um efeito dessa realidade sempre (re)construída.”

**T6:** “Em noossa sociedade, [...]. Por isso, podemos reconhecê-la como um lugar em que são veiculados diferentes discursos, os quais tanto podem reproduzir a ideologia dominante”

**T8:** “O aspecto mais interessante a ser abordado é a forma como alguns alunos enquadraram as diferenças históricas entre passado e presente: mudanças não na língua, nas pessoas ou nos elementos sociais, mas sim na forma com que as enxergamos atualmente, que não se assemelha a como fazíamos antes [...]”

Como alguns textos são de dupla autoria, torna-se mais difícil identificarmos com clareza uma diferença entre a utilização da 1ª pp como manifestação de posicionamento autoral (exclusivo dos enunciadores/autores) e como uma união das

---

<sup>59</sup> A diferença é que, ao contrário dos apresentados acima (T5, T9 e T10), estes possuem dupla autoria.

vozes dos enunciadores/autores com a voz da comunidade científica. No entanto, em algumas situações, essa manifestação de posicionamento coletivo fica mais evidente, em especial, quando empregada para fazer referência a questões que envolvem o social, o passado comum ou as experiências comuns (como foi visto acima).

Mesmo percebendo o uso das construções elocutivas em quase todos os textos, não podemos dizer que essa marcação do sujeito enunciador é predominante nos artigos de Linguística. Isso, porque foi observado que a 1ª pessoa (singular ou plural) foi mais utilizada em situações mais específicas, a saber, em passagens que associam a pesquisa ao enunciador, sem que isso o relacione diretamente ao que é apresentado – como se ele fosse apenas um divulgador de um fato/resultado real, que não depende de seu olhar:

- nas apresentações dos *corpus*;

**T2:** “Para tanto, analisamos um conjunto de reportagens...”

**T3:** “Neste trabalho, analisamos notícias on-line baseadas em relatos de fala.”

**T4:** “Para tanto, escolhemos um esquete humorístico intitulado com ‘Cura’ [...]”

**T6:** “Analisamos os textos presentes em dois livros didáticos de língua portuguesa, com relação à abordagem realizada sobre os papéis sociais dos gêneros e sobre a sexualidade.”

- nos momentos em que apresentam os objetivos e as propostas de trabalho;

**T2:** “Diante desse fenômeno discursivo, do mirante dos estudos discursivos, nossa questão é tentar responder: [...]”

**T3:** “Com o objetivo de identificar casos em que uma sobreasseveração é atribuída, à revelia, a um locutor, e categorizar as manobras discursivas visíveis nas sobreasseverações, analisamos a forma como são relatados dois debates político-televisivos em sete veículos *on-line*.”

**T4:** “No presente trabalho, pretendemos refletir acerca dos efeitos de sentido que circulam sobre a homossexualidade [...]”

**T5:** “Em vista disso, meu objetivo neste trabalho [...]”

**T8:** “Nossa atividade constrói-se sobre os mesmos textos que fundamentaram a tarefa de Cereja e Magalhães (2010); entretanto, elaboramo-la a fim de valorizar o potencial de construção de

significados e de estabelecimento de pontes para novos conhecimentos que o trabalho com os diferentes textos propostos pelo livro pode proporcionar, mas que não foram explorados por seus autores.”

**T10:** “Nosso interesse, portanto, é estudar, com mais afinco, qual é a extensão do significado de *lugar*, o qual constitui-se como elemento caracterizador na própria definição da disciplina – estudo do nome de *lugar* – e que, na nossa concepção, deve ser elevado à noção de categoria.”

- nas indicações das metodologias; dos suportes teóricos e metodológicos; da organização dos trabalhos verificados no artigo;

**T2:** “Com efeito, lançamos mão dos trabalhos de Ruth Amossy (2014), no que tange à discussão da polêmica como modalidade argumentativa; Dominique Maingueneau (2008), no tocante ao conceito de simulacro; e Marie-Anne Paveau (2015), para tratar de memória e desmemória discursiva.”

**T3:** “O trabalho está dividido em três seções. Na primeira, tratamos da noção de [...]; na segunda, descrevemos os dados [...].”

**T5:** “primeiro, examinamos a relação entre o discurso, o humor e as piadas; em seguida, apresentamos uma breve contextualização sobre a homossexualidade enquanto categoria; e, por fim, analisamos um *corpus* de um esquete publicado pelo canal ‘Porta dos Fundos’, cujo título é ‘Cura’.”

**T6:** “Nessa perspectiva, relacionamos os resultados encontrados principalmente a dois aspectos [...].”

“primeiramente, discutimos as noções de identidade, gênero e representação social aqui assumidas; a seguir, abordamos o papel do livro didático na construção das identidades em sala de aula. No tópico seguinte, debatemos as representações de gênero social veiculadas em dois exemplares de LDLP, para, na sequência, desenvolvermos reflexões a partir dos dados identificados.”

**T7:** “Para tanto, recorremos aos estudos das abordagens linguísticas da tradução.”

**T8:** “Para tanto, apresentamos o modelo cópia-colagem que caracteriza a maioria das atividades de leitura nos livros didáticos. Posteriormente, tecemos comentários acerca dos conceitos e corolários relacionados à definição de objetivos de leitura [...]. Por fim, discutimos os resultados de uma atividade de leitura elaborada com objetivos específicos, com base nos princípios recortados neste artigo [...].”

**T10:** “Apoiar-nos-emos nessa perspectiva para pensar o que abrange *lugar* em Toponímia. Direcionamos, portanto, nossa investigação para a compreensão e o desvelamento do fenômeno a ser estudado.”

• na apresentação dos resultados:

**T2:** “Nessas reportagens, verificamos [...]”

**T3:** “Nossos resultados indicam a existência de dois tipos de manobras discursivas [...]”

**T4:** “Observamos, inclusive, que as falas enunciadas pelas personagens na produção humorística contrapõem os discursos religioso, médico e patriarcal, permitindo uma reflexão a respeito das cristalizações sobre o que é ser gay.”

**T6:** “Nessa perspectiva, relacionamos os resultados encontrados principalmente a dois aspectos [...]”

**T8:** “A partir dos dados discutidos, podemos chegar a algumas afirmações interessantes acerca dos comportamentos cognitivos dos alunos [...]”

Mesmo quando a 1ª pessoa é utilizada na exposição de uma crença/posicionamento do enunciador/comunidade, é comum que apareça associada a modalizadores/construções que apresentem a informação como algo provável/possível.

**T2:** “Em segundo lugar, podemos perceber que, no interior dessa aparente calma, as lutas políticas em busca do poder, com o poder, pelo poder, podem modificar essas relações de força [...]. A partir disso, uma terceira forma de significar esse aforisma mostra-nos que o político seria a própria batalha, o exercício do poder como uma guerra continuada.”

“Apesar de os estudos foucaultianos serem uma excelente lupa para ampliar a compreensão de nossos objetos, parece-nos que abordar a polêmica, hoje, no campo midiático, leva-nos a questionar não necessariamente o confronto das relações de poder e força dos discursos que ali se apresentam, mas, para além ou aquém disso, parece pertinente observar a proporção com que os discursos polêmicos se apresentam na mídia e como eles deixam cair por terra a utopia do consenso, mostrando-nos, ao contrário, a valoração do dissenso e de um tipo particular de dissenso que hierarquiza as vozes que põe a circular, colocando-as em estatutos muito distintos.”

**T4:** “A partir daí, podemos perceber um discurso que, na perspectiva dos médicos higienistas (TREVISAN, 2000, p. 179), associa os homossexuais masculinos aos papéis sociais atribuídos ao feminino [...]”

“A partir daí, verificamos que o *corpus* analisado inscreve-se em uma Formação Discursiva (FD), a saber, religiosa cristã.”

“Nesta confluência, observamos que o esquete analisado importa-se, num primeiro momento, em reconsiderar os dizeres que sustentam uma ‘proposta de cura’ para a homossexualidade.”

“Neste sentido, podemos observar que a vida de Jesus, em uma época remota, é atualizada em termos de localização [...]”

**T5:** “Parto da premissa, neste caso, de que não existe algo como traduções objetivas e consequentemente inquestionáveis como se fossem as únicas possíveis. Toda tradução é presumivelmente informada pelos valores ideológicos que orientam os tradutores como membros de grupos sociais de prestígio.”

“Visto que nenhuma tradução aplica esses princípios de maneira absoluta, sob pena de comprometer a qualidade do trabalho, o que verificamos é uma questão de predominância de um ou de outro princípio em cada tradução.”

**T8:** “Para refletirmos sobre um padrão de atividades de leitura e os requisitos necessários ao seu ensino, reconhecendo que o andamento da leitura dos textos está diretamente relacionado às instruções e motivações dadas aos alunos (VAN DEN BROECK e cols., 2001, p.1082), presumimos que uma boa tarefa será aquela que, entre outras ações, saberá definir propósitos claros para a leitura de um texto, ativando conhecimentos prévios dos alunos e atrelando-os aos saberes explorados nos textos do livro didático (GERHARDT, 2009).”

**T9:** “Esse dinamismo parece-nos essencial para fortalecer a AD muito mais como uma perspectiva macrocontextualista do que como uma disciplina (termo que remete a um ordenamento rígido e, em última instância, a certos dogmas), para que ela possa, na sua diversidade, efetivamente, produzir novos e relevantes conhecimentos para as ciências da linguagem e para as ciências em geral.”

**T10:** “No nosso entender, *lugar* torna-se, então, categoria central, pois trata-se da extensão/apreensão da relação (motivações) que são estabelecidas entre o homem e o próprio nome de *lugar* [...]”

Desse modo, vimos que, frequentemente, a autoria dos enunciados só é assumida pelos autores quando esses se referem ao trabalho realizado, deixando os demais enunciados – os que trazem as informações que norteiam ou que resultam da pesquisa – afastadas dessa relação/interferência do sujeito enunciativo. Mesmo quando o modo

elocutivo é empregado para apresentar os resultados/conclusões, ele é comumente utilizado de modo a deixar transparecer que esses dados foram apenas verificados pelo sujeito enunciador, sem, contudo, ter dependido de seu olhar para serem admissíveis.

No geral, podemos dizer que, mesmo os artigos que fizeram uso da 1ª pessoa (seja do singular ou do plural; seja uma manifestação autoral, epistêmica ou generalizante), o que predomina são as construções delocutivas. Sendo assim, o que temos são artigos com uma modalização objetiva, mas com o investimento do *eu* (1ª pessoa). Considerando as construções delocutivas, percebemos a utilização de diversas estratégias discursivas para não evidenciar a presença e a interferência do sujeito enunciador na apresentação das informações, a saber:

- emprego de verbos na voz passiva sem a indicação do agente da passiva / indeterminação do sujeito:

**T1:** “Em seguida, essas informações foram agrupadas quantitativamente de acordo com a frequência dos fenômenos encontrados.”

**T2:** “Ou seja, aquilo que poderia ser visto como argumento puramente emotivo, desnecessário e/ou prejudicial ao jogo argumentativo no espaço público, mostra-se imbricado à própria polêmica, não necessariamente produzindo-a, mas alimentando a dicotomia, a polarização e o desabono ao outro a que se contrapõe.”

**T3:** “Quanto aos temas, segurança pública e saúde foram abordados nas duas emissoras.”

**T4:** “Os textos de humor têm sido apresentados como um domínio privilegiado para a manifestação inconsciente de uma ideologia calcada na *homofobia*, fenômeno amplamente observado no Ocidente. Tanto é que a imagem dos homossexuais é construída tipicamente, por exemplo, nas piadas, por meio de contendas e dissensões ideológicas e sociais.”

**T5:** “Neste caso, percebe-se que a versão ARC traz a tradução mais formal e solene, qualificando Paulo e Apolo como ‘ministros’, de modo bem diferente de como fizera em relação a Febe na passagem anterior (Rm 16.1). [...] Nota-se claramente como os atores sociais são representados de formas bastante diferentes, sendo um fator determinante para essa representação a questão do gênero: ao que parece, os tradutores assumem como evidente que mulheres são servas e homens são ministros.”

“Essa premissa, no entanto, é reforçada pelo acréscimo, por conta dos tradutores, de expressões que não fazem parte do texto original.”

**T6:** “Deste modo, torna-se relevante trazer para o espaço escolar a reflexão crítica sobre questões de importância social, como as de gênero, não somente com vistas a oferecer subsídios para o contradiscurso, mas principalmente para legitimar discursos emancipatórios.”

“Estudos nas mais diversas áreas vêm sendo desenvolvidos sobre o conceito de identidade, que assume diferentes conotações em virtude de abordagens distintas.”

**T7:** “Nessa etapa, foi feita uma revisão apropriada dos recursos de pontuação nos arquivos em *doc*. Foi inserido um espaço antes e depois de cada recurso de pontuação, o que é reconhecido como *tokenização* em LC e, no caso das reticências, foram inseridas etiquetas entre parênteses angulares (por exemplo, <r>...</r>). Após as devidas correções e anotações do texto, os arquivos em *doc* foram salvos em *txt*.”

**T8:** “A discussão que pode ser feita em relação à etapa de pós-leitura da atividade diz respeito ao fato de que os problemas que os alunos apresentaram nas suas respostas não revelaram falta de capacidade cognitiva [...]”

**T9:** “Discute-se o uso das novas tecnologias da web por moradores de rua, que, através das redes sociais, registram um modo de habitar o espaço social e se fazem visíveis na e para a sociedade que os marginaliza. Utiliza-se como aporte teórico-metodológico a Análise do Discurso de linha francesa na sua articulação com os Estudos Culturais. [...] Foi realizado estudo exploratório de narrativas de moradores de rua, considerando-se como os eventos narrados participam de uma sequencialidade e temporalidade que caracterizam as textualidades autobiográficas.”

**T10:** “O alçamento, enquanto categoria central, deu-se com uma discussão prévia das categorias espaço, território, paisagem e lugar.”

- emprego de orações subordinadas substantivas subjetivas:

**T1:** “O que se percebe com esta pesquisa é que o tipo de liderança de Lula voltava-se para um perfil de equilíbrio e de diálogo com todos os setores da sociedade, desde grupos favorecidos economicamente até aqueles que viviam em situação de miséria.”

**T2:** “[...] é possível constatar que os conflitos de opinião e seus desdobramentos, geralmente violentos, ocupam um lugar de bastante destaque na cena política”

**T4:** “É possível depreender da análise que os temas acerca do humor constituem-se em veículos de produção e reprodução de ideologias e que o discurso em estudo apresenta um contraponto em relação aos dizeres que mobilizam as práticas não heterossexuais como contingente e moralmente condenáveis.”

“Cabe ressaltar que, dadas as relações de força existentes, a formação social constitui-se como heterogênea.”

**T5:** “De acordo com van Dijk (2008), para que esse controle aconteça, é necessário haver uma base de poder que permita o acesso privilegiado a recursos sociais escassos, que resulta em três formas diferentes de poder [...]”

**T6:** “Faz-se necessário realizar uma maior problematização, na medida em que a representação das identidades se constitui num espaço de conflito e negociação que precisa ser enfrentado a partir de uma perspectiva mais democrática.”

**T7:** No Quadro 1 é possível observar que as traduções são publicadas na mesma década, em 2001, 2003 e 2006. Pode-se observar, ainda, que a editora das três traduções é a mesma, a Companhia das Letras; portanto, as regras editoriais impostas pela editora poderiam influenciar a maneira de que os recursos de pontuação são usados.”

**T8:** “Uma primeira observação importante refere-se à ausência de objetivos para essa atividade, o que já representa uma artificialidade. Sem isso, não é possível estabelecer quais significados a atividade pretende fazer emergir.”

**T9:** “De uma forma ou de outra, é preciso mostrar um comportamento distintivo que desperte o interesse e possa romper com a uniformização sob pena de não ser percebido em meio a tantos outros revelados.”

“Cabe ressaltar que os modelos coletivamente instituídos nos espaços de sociabilidade geram um movimento constante de maior ou menor identificação com esses padrões, muitos deles representativos de posicionamentos valorizados, logo alçados à condição de objetos de desejo.”

**T10:** “Conclui-se, nesta etapa do trabalho, que lugar pode ser interpretado como categoria, pois trata-se da extensão/apreensão das relações (motivações) as quais são estabelecidas entre o homem e o próprio nome de *lugar*. é a sua gênese.”

• atribuição de ações ao próprio artigo/estudo/pesquisa/*corpus* de análise (ou seja, uso de metáforas metonímicas<sup>60</sup>):

**T1:** “Este artigo tem por objetivo investigar, pela análise de discursos não oficiais do ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva, a hipótese de que haja, no *corpus* em questão, a predominância de

---

<sup>60</sup> Metáforas metonímicas, visto que as ações são atribuídas a coisas (à análise, ao resultado, à pesquisa, ao *corpus* de análise) e não a pessoas.

um *ethos* popular para a sua figura. Para tanto, este estudo apoiou-se na Semiologia do Discurso como corrente teórica e buscou identificar traços relacionados ao *ethos* do líder político nos discursos analisados.”

**T2:** “Esse fenômeno coloca uma questão: como permitir que todas as vozes façam-se ouvir sem que sejam hierarquizadas e, conseqüentemente, apagadas na dissidência?”

“A matéria acima [...] ilustra bastante bem toda a polêmica gerada em torno da não obrigação da USP de ter de fornecer a fosfoetanolamina a pacientes com câncer.”

**T3:** “Essas notícias mostram-se ricas em sobreasseverações, conceito que, de acordo com Maingueneau (2008), implica o destaque feito pelo próprio locutor do texto-fonte. Não raro, no funcionamento midiático, o lugar de sobreasseverador é imputado a um locutor que não efetuou aquele destaque no texto-fonte.”

“As seleções e torções efetuadas pelos veículos de informação na construção das notícias evidenciam posicionamentos e cumprem uma necessidade pragmático-discursiva de adequação à enunciação à cenografia construída pela notícia e ao *ethos* do veículo.”

**T4:** “O presente artigo objetiva analisar os efeitos de sentidos do discurso humorístico acerca da homossexualidade masculina e da chamada ‘proposta de cura gay’ apresentada por um segmento conservador do cristianismo brasileiro.”

**T5:** “Diante disso, o objetivo deste trabalho é examinar como, no domínio discursivo religioso, os tradutores da Bíblia (particularmente do Novo Testamento) evidenciam posições ideologicamente marcadas ao optarem por determinadas traduções do original grego para termos relacionados com a função sacerdotal, com implicações para a legitimação discursiva de relações desiguais entre pares como clérigo-leigo e homem-mulher.”

**T6:** “Os resultados sugerem que, em geral, prevalece o tratamento estereotipado das relações de gênero, embora já seja perceptível a inserção de textos que remetem à emancipação feminina.”

**T7:** “Os resultados obtidos confirmam padrões de preferências tradutórias de Paulo H. Britto no uso dos dois pontos e reticências, marcando fronteiras diferentes entre orações, provavelmente visando à compreensão do público-alvo.”

“A Figura 3 mostra que a mudança relativa ao uso dos dois pontos se dá majoritariamente por substituição, com destaque para GC\_Britto, com o acréscimo em menor proporção nos TT.”

**T8:** “As questões apresentadas na etapa de retenção, denominadas *atividades durante a leitura*, realizadas no intervalo entre os textos, buscam estabelecer vínculos entre passado e presente na História do Brasil, em termos de relações étnicas e de percepção sobre as riquezas brasileiras.”

**T9:** “Este artigo pretende mostrar como os moradores de rua expõem sua trajetória de vida por meio das diferentes formas de expressão autobiográfica instauradas nas e pelas mídias sociais digitais.”

“Os resultados sinalizam a relação do testemunho individual com a história coletiva, pois ele participa da construção de uma memória plural.”

**T10:** “A pretensão deste estudo não é, de forma alguma, modificar, em sua essência, o conceito de Toponímia como o estudo do nome de lugar. A proposta vincula-se mais na perspectiva de ampliação conceptual do que seja *lugar* na própria disciplina.”

• uso de períodos no infinitivo e no particípio:

**T1:** “Compreender a formação do *ethos* popular de Lula é aprofundar-se na imagem de sucesso de um presidente que entrou para a História do Brasil.

**T2:** “Para comprovar tal asserção, basta dar uma espiada, sobretudo nos grandes jornais e revistas brasileiros e/ou estrangeiros, para ver que as menções às polêmicas pululam.”

**T5:** “Nos termos de hoje, é o equivalente a afirmar que os projetos sociais das igrejas não podem ser descritos como *ministérios*, mas como simples ‘serviços’.”

**T6:** “Faz-se necessário realizar uma maior problematização, na medida em que a representação das identidades se constitui num espaço de conflito e negociação que precisa ser enfrentado a partir de uma perspectiva mais democrática.”

**T7:** “Pode haver, entretanto, usos distintos referentes aos dois pontos e a vírgula.”

“Para atingir esse objetivo, buscou-se a literatura sobre estilo do tradutor, especialmente, observando o estilo da tradução perifericamente. Se de um lado foi possível mostrar a consistência do uso diferenciado dos dois pontos e reticências pelo tradutor nos três TT de diferentes TF e sugerir estratégias usadas visando ao leitor do público-alvo, não foi possível analisar o uso da vírgula e do ponto e vírgula, também consistente, ou evidenciar a existência ou não de convenções editoriais para o tipo textual que possam ter influenciado as escolhas feitas pelo tradutor. Não foi possível aprofundar, e não fazia parte do escopo do trabalho, a relação entre a função da pontuação e sua influência na construção de determinados significados textuais, ou seja seu valor literário nos TF e TT.”

**T8:** “A leitura do mais recente *Guia do Livro Didático do Ensino Médio* (Brasil, 2012), por sua vez, permite inferir a mesma orientação *bottom-up* para a leitura observada nos descritores [...]”

“Por isso, na elaboração das atividades de leitura, é preciso, entre outros procedimentos importantes, estabelecer para os alunos objetivos para ler um texto e auxiliá-los a mantê-los

em mente durante a atividade, para que a seleção de conteúdos abstraídos por eles tenha consistência e organicidade, e possa proporcionar aprendizado de conceitos.”

**T9:** “A própria exposição da vida nas redes sociais aponta para uma malha de interações na qual todos podem se colocar como emblemáticos de uma postura modelar, seja por se adequar aos modelos valorizados, seja por subvertê-los, caracterizando assim uma corajosa insubordinação. De uma forma ou de outra, é preciso mostrar um comportamento distintivo que desperte o interesse e possa romper com a uniformização sob pena de não ser percebido em meio a tantos outros revelados.”

**T10:** “Utilizar-se-á a abordagem teórica da Geografia Cultural e Humanista, a partir do viés da Fenomenologia, como também, os princípios teórico-metodológicos da disciplina Toponímia.”

- relato de acontecimentos ou apresentação de informações aparentemente inquestionáveis:

**T1:** “Durante seus mandatos, Lula se mostrou aos brasileiros um político, sobretudo, conciliador. Era capaz de discursar para classes sociais distintas e dialogar tanto com setores de sua base governamental quanto com os da oposição. Essa imagem de líder carismático favoreceu tamanha identificação do povo com seu chefe de Estado que garantiu a maior aprovação histórica de um governante, mesmo diante de escândalos políticos.”

**T2:** “A ordem passou a vigorar no dia 10 de junho de 2014. A partir de então, pessoas que quisessem obter a substância, precisavam entrar com ações judiciais, que eram entregues à Procuradoria Geral da USP.”

**T3:** “A participação do público mudou a cenografia do debate da Globo, o que também resultou em mudança na relação entre os candidatos, que não se confrontaram. A cenografia da Globo propiciou que os candidatos diferissem muito pouco do perfil apresentado nos programas gratuitos do Horário Político cotidiano. Dessa forma, os atores políticos resumiram suas falas à apresentação de propostas impostas pelo tema apresentado, o que justifica a discrepância quantitativa entre as temáticas levantadas nos dois debates.”

“A fala de Dilma volta-se contra a acusação da esposa de José Serra, num tom de vitimização, o que é confirmado quando a candidata atribui àquele discurso o ‘ódio’, relacionando essa cenografia aos ataques a ela direcionados. A sobreasseveração de Terra dá à notícia um tom de ataque, que inverte o tom e a cenografia. Enquanto a sobreasseveração de Dilma acentua que o ódio é uma ‘coisa que o Brasil não tem’, o portal Terra fala em ‘algo que não é da característica do brasileiro’.

**T4:** “Até pouco tempo atrás, o Código Penal, instituído na década de 1940, em relação ao atentado violento ao pudor, considerava, em seu artigo 214, os atos libidinosos diversos da cópula vaginal. O que significava que a relação sexual era apenas a que acontece entre um homem e uma mulher, a qual se denominava ‘conjunção carnal’. E, assim como a Igreja concebe em absoluto a relação entre homem e mulher, a lei penal refletia essa normalidade em seus artigos.”

“Após o episódio da ressurreição, Jesus chama, de acordo com a ordem de chegada, o próximo para ser atendido. Tal expressão remete o (inter)locutor, considerando-se a noção de *interdiscurso*, à imagem que se faz tradicionalmente de um médico. Sendo assim, o papel da memória discursiva consiste em reafirmar a ideologia cristã, na qual Jesus é mobilizado como o ‘médico dos médicos’. A intervenção divina, portanto, ocorre num nível espiritual e, então, a lógica é de que Jesus tenha maior poder que os médicos do plano temporal.”

**T5:** “Hoje, os leitores em geral e os fiéis ligados tanto às igrejas evangélicas como à igreja católica, em particular, dispõem de um considerável leque de traduções da Bíblia, diferenciadas entre si por critérios como a linguagem mais ou menos contemporânea, a ausência ou a presença de notas explicativas bem como a natureza e o público visado por essas notas.”

**T6:** “Desde os primeiros meses de vida, são atribuídos e ensinados às crianças comportamentos tidos como típicos para meninos e meninas, estabelecendo-se assim, social e culturalmente, a separação de gênero. Por sua vez, a desigualdade dessas representações é construída, perpetuada e naturalizada através de práticas sociais recorrentes (menino veste azul/menina veste rosa; menino brinca na rua, joga bola; menina brinca em casa, com bonecas).”

**T7:** “A compilação do *corpus* é iniciada com a digitalização dos textos. Os TT e seus respectivos TF são digitalizados e transformados em documentos eletrônicos no formato *PDF*, nomeados de acordo com o padrão de catalogação do ESTRA.”

**T8:** “Muitas atividades de leitura de textos escritos nos livros didáticos de Português propõem apenas questões de cópia-colagem de informações explícitas dos textos, salientando somente uma parte do processo da leitura, não auxiliando na compreensão da leitura como ação cognitiva e metacognitiva, que requer definição de objetivos para ser realizada, e não auxiliando no processo de avaliação da qualidade da leitura dos alunos.”

**T9:** “Contar a própria vida inclui um movimento de reconfiguração de experiências vividas que vão além de uma enumeração de acontecimentos pessoais e coletivos. O narrador-personagem vai expondo fatos que tecem, ao longo da narrativa, um percurso existencial e delineiam uma imagem de si a partir das fatualidades e das representações que mobiliza, conscientemente ou não. Ele impõe sua voz e abre espaço para que outras vozes sejam entendidas: a das instituições, a dos valores e a das crenças. Conjuntamente, elas vão conferindo uma coesão

aos seus grupos de pertencimento desse narrador, coesão nem sempre capaz de silenciar o embate entre ideologias diversas.”

**T10:** “São vários os tipos de conhecimento, dentre eles: o senso comum, o religioso, o filosófico e o científico. Este último é o que mais se diferencia dos demais, e uma das razões é a necessidade de uma ordenação em suas proposições, e isso acontece no ato da relação do pensamento humano com os objetos, por meio de definições de conceitos básicos.”

O fato de haver, na maior parte dos artigos um afastamento do enunciador (predomínio da 3ª ps ou da 1ª pp generalizante e, mesmo, da 1ª pp epistêmica) temos uma maior sensação de credibilidade acerca das informações apresentadas, contribuindo, assim, para ampliar o efeito de verdade. Isso ocorre, especialmente, porque compartilhamos a significação imaginária segundo a qual a verdade é impessoal, ela não pertence aos sujeitos, mas aos objetos e ao mundo fenomenal.

#### **4.3.3.1.1 A frequência do investimento da 1ª pessoa nos artigos**

Ainda pensando no emprego dos enunciados elocutivos, vimos que eles não são usados com a mesma frequência em todo o artigo. Há seções em que são mais recorrentes e seções em que quase não são utilizados. Diante disso, apresentaremos, agora, a frequência do investimento da 1ª pessoa nas seções dos artigos.

#### **RESUMO**

Dos 09 (nove) artigos que empregaram a 1ª pessoa<sup>61</sup>, em apenas 03 (três) vimos uma oscilação considerável entre enunciados elocutivos e delocutivos na seção *resumo*. Em 01 (um) artigo, vimos um predomínio de construções delocutivas. Em 05 (cinco) artigos, vimos uma construção exclusivamente delocutiva.

---

<sup>61</sup> Como o T1 não fez uso de uma enunciação elocutiva, ele não foi considerado nessa análise. Dessa forma, os textos examinados nesse quesito são 09 (nove).

## INTRODUÇÃO

Dos 09 (nove) artigos que empregaram a 1ª pessoa, em 06 (seis) vimos uma oscilação considerável entre enunciados elocutivos e delocutivos na seção *introdução*. Em 03 (três) artigos, vimos um predomínio de construções delocutivas. Em nenhum dos artigos, vimos uma construção exclusivamente delocutiva.

## FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Dos 09 (nove) artigos que empregaram a 1ª pessoa, em apenas 03 (três) vimos uma oscilação considerável entre enunciados elocutivos e delocutivos na seção *fundamentação teórica*. Em 05 (cinco), vimos um predomínio de construções delocutivas. Em 01 (um) artigo, vimos uma construção exclusivamente delocutiva (no T7, a marcação do sujeito enunciador, ficou apenas na indicação de autoria da tradução: “Tradução nossa”).

## CONTEXTUALIZAÇÃO E APRESENTAÇÃO DO CORPUS

Dos 08 (oito) artigos que empregaram a 1ª pessoa e que possuíam a seção *contextualização e apresentação do corpus*, em 01 (um) vimos uma oscilação considerável entre enunciados elocutivos e delocutivos. Em 04 (quatro) artigos, vimos um predomínio de construções delocutivas. Em 02 (dois) artigos, vimos uma construção exclusivamente delocutiva. Vale destacar que 02 (dois) dos artigos não apresentaram essa seção em seu texto: T4 e T10.

## ANÁLISE DO CORPUS / APRESENTAÇÃO DA ATIVIDADE ELABORADA

Dos 07 (sete) artigos que empregaram a 1ª pessoa e que possuíam a seção *análise do corpus / apresentação da atividade elaborada*, em 04 (quatro) vimos uma oscilação considerável entre enunciados elocutivos e delocutivos. Em 02 (dois) artigos, vimos um predomínio de construções delocutivas. Em 01 (um) artigo, vimos uma construção exclusivamente delocutiva (no T7, a marcação do sujeito enunciador, ficou apenas na indicação de autoria da tradução: “Tradução nossa”). Vale destacar que 02 (dois) dos artigos não apresentaram essa seção em seu texto: T9 e T10.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Dos 09 (nove) artigos que empregaram a 1ª pessoa, em 05 (cinco) vimos uma oscilação considerável entre enunciados elocutivos e delocutivos na seção considerações finais. Em 03 (três) artigos, vimos um predomínio de construções delocutivas. Em 01 (um) artigo, vimos uma construção exclusivamente delocutiva.

Diante do exposto, fica evidente que o apagamento total ou parcial do sujeito enunciator é mais interessante em seções que apresentam o *corpus*, um contexto que justifique/oriente a relevância da pesquisa e a teoria que servirá de aporte para análise. É provável que esse acontecimento seja explicado pelo fato de as informações apresentadas nessas seções não serem provenientes, de forma exclusiva, dos próprios autores – ainda que estes sejam também sujeitos enunciativos –, mas de uma situação anterior à pesquisa e originárias de outros sujeitos enunciativos convocados no dialogismo interno do texto (autores citados, alusões à comunidade científica, e outras fontes).

Como resultado, as seções em que os enunciados delocutivos são predominantes transmitem a sensação de serem enunciados independentes do olhar e da perspectiva do sujeito enunciator autor do texto e, conseqüentemente, são responsáveis por passar uma sensação de veracidade das informações, pela impessoalidade que esse comportamento enunciativo carrega.

Após a análise das construções enunciativas, é possível dizer que, mesmo deixando evidentes as marcas da presença do sujeito enunciator autor do texto, esse não aparece assumindo todas as informações apresentadas nos artigos científicos. Assim, boa parte dos efeitos de objetividade prescritos pelos manuais de escrita científica ficam preservados pela gestão enunciativa do dialogismo interno. Além disso, o fato de os artigos frequentemente fazerem uso de uma 1ª pessoa generalizante ou epistêmica, tira do enunciator a responsabilidade única pelo que é apresentado. Nesse caso, o enunciator compartilha com o interlocutor ou com a própria academia a reponsabilidade pelo que é exposto, ou seja, divide com eles o compromisso de estar apresentando a potencial verdade apresentada pelos fatos. Ou, numa outra perspectiva, essa utilização da 1ª pessoa generalizante ou epistêmica já apresenta o

fato como verdade, uma vez que esse compartilhamento do posicionamento acaba funcionando como garantia do que é informado/afirmado. Nesta última situação, trabalha-se com a seguinte ideia: “se todos percebem dessa forma, é evidente que o fato é inquestionável”.

#### **4.3.3.2 Modalização**

Um dos recursos importantes para garantir a adesão do interlocutor é o emprego de uma modalização que aponte para uma certeza ou possibilidade diante dos fatos. Trata-se das construções epistêmicas.

Ao analisarmos os artigos de Linguística, verificamos a adoção de todos os tipos e subtipos de modalização:

- Epistêmicas: asseverativas; quase-asseverativas, de crença.
- Deônticas: de obrigatoriedade, de proibição, de possibilidade/permissão; volitiva.
- Avaliativas (ou afetivas ou apreciativas).
- Delimitadoras.

No entanto, os tipos epistêmicos asseverativos, quase-asseverativos e de crença; deônticos volitivos; avaliativos e delimitadores foram mais recorrentes, principalmente, considerando uma análise mais ampla (que contemple os artigos como um todo). Vale dizer que, quando avaliados de maneira segmentada, foi possível verificarmos uma utilização mais recorrente de determinadas construções modalizadoras em função das seções. É o que indicamos a seguir.

#### **RESUMO**

Predomínio de modalizações epistêmicas (asseverativas e quase-asseverativas) e deônticas volitivas: as construções epistêmicas foram observadas na apresentação do *corpus*, na contextualização e problematização do assunto a ser tratado no artigo e na indicação da conclusão da pesquisa ou de um raciocínio; já as construções deônticas volitivas, na apresentação do objetivo da pesquisa/artigo.

**T1:** “Este artigo tem por objetivo investigar [...]” → deôntica volitiva

“[...] foi possível concluir que o *ethos* de Lula se mostrou, essencialmente, popular [...]” → epistêmica quase-asseverativa

**T2:** “[...] é possível constatar que os conflitos de opinião e seus desdobramentos, geralmente violentos, ocupam um lugar de bastante destaque na cena política.” → epistêmica quase-asseverativa

“Nesse sentido, as mídias de uma maneira geral, não cessam de orquestrar e de difundir polêmicas das mais variadas naturezas.” → epistêmica asseverativa

**T3:** “Essas notícias mostram-se ricas em sobreasseverações.” → epistêmica asseverativa

“Nossos resultados indicam a existência de dois tipos de manobras discursivas propiciadas pela construção da notícia *on-line*: o primeiro se evidencia em um processo de síntese; o segundo implica diversos graus de alteração na (re)produção de sentidos que recenografam os debates político televisivos” → epistêmica asseverativa

**T4:** “O presente artigo objetiva analisar [...]” → deôntica volitiva

“O trabalho está organizado da seguinte maneira: primeiro, examinamos a relação entre o discurso, o humor e as piadas; em seguida, apresentamos uma breve contextualização sobre a homossexualidade enquanto categoria; e, por fim, analisamos um *corpus* de um esquete publicado pelo canal ‘Porta dos Fundos’, cujo título é ‘Cura’.” → epistêmica asseverativa

“É possível depreender da análise que os temas acerca do humor constituem-se em veículos de produção e reprodução de ideologias.” → epistêmica quase-asseverativa

**T5:** “[...] são usualmente mediadas pela linguagem [...]” → epistêmica quase-asseverativa

“[...] o objetivo deste trabalho é examinar como [...]” → deôntica volitiva

“[...] no domínio discursivo religioso, os tradutores da Bíblia (particularmente do Novo Testamento) evidenciam posições ideologicamente marcadas ao optarem por determinadas traduções do original grego [...]” → epistêmica asseverativa

**T6:** “Os resultados sugerem que, em geral, prevalece o tratamento estereotipado das relações de gênero [...]” → epistêmica quase-asseverativa

“Os relacionamentos homossexuais não são mencionados, provavelmente ainda permanecendo como tema tabu.” → epistêmica quase-asseverativa

**T7:** “Estudos sobre pontuação e estilo de tradutores, incipientes nos estudos da tradução, observam que há mudanças obrigatórias ou opcionais de pontuação [...]” → epistêmica asseverativa

“Este artigo investiga o uso dos dois pontos e das reticências como provável traço do estilo do tradutor.” → epistêmica asseverativa / epistêmica quase-asseverativa

“O objetivo é mostrar que há padrões de preferência do tradutor usados provavelmente visando o público-alvo da tradução.” → deôntica volitiva / epistêmica quase-asseverativa

**T8:** “Com base nas pesquisas em metacognição acerca dos objetivos de leitura, e por meio do exame de uma atividade retirada de livro didático, evidenciam-se causas e consequências do problema em foco.” → epistêmica asseverativa

“Propõe-se ainda uma atividade para avaliar a qualidade de leitura dos alunos, discutindo-se formas de ajudá-los a compreender o seu processo de leitura [...]” → deôntica volitiva / epistêmica asseverativa

**T9:** “Este artigo pretende mostrar como os moradores de rua expõem sua trajetória de vida por meio das diferentes formas de expressão autobiográfica instauradas nas e pelas mídias sociais digitais.” → deôntica volitiva

“Concebidas como uma ‘reconstrução discursiva’ (GUILHAUMOU, 2004), essas narrativas traduzem uma presença social e indicam movimentos de alteridade inerentes ao processo de biografização de si.” → epistêmica asseverativa

**T10:** “Conclui-se, nesta etapa do trabalho, que *lugar* pode ser interpretado como categoria, pois trata-se da extensão/apreensão das relações (motivações) as quais são estabelecidas entre o homem e o próprio nome de *lugar*: é a sua gênese.” → epistêmica asseverativa / epistêmica quase-asseverativa / epistêmica asseverativa

Mesmo não ocupando uma posição de destaque na seção resumo, é possível vermos uma modalização delimitadora que apresenta os limites sobre os quais o enunciado deve ser considerado. Dessa forma, as informações e os resultados apresentados devem ser vistos como relacionados a uma situação específica e não de forma generalizada. Analisando sua recorrência, percebemos que a modalização delimitadora está frequentemente associada ao *corpus* e à teoria ou à metodologia utilizada na pesquisa. Abaixo, listamos alguns fragmentos com esse tipo de modalização.

**T2:** “Nesse sentido, as mídias de uma maneira geral, não cessam de orquestrar e de difundir polêmicas das mais variadas naturezas”. → delimitadora

**T3:** “Não raro, no funcionamento midiático, o lugar de sobreasseverador é imputado a um locutor que não efetuou aquele destaque no texto-fonte” → delimitadora

**T8:** “Com base nas pesquisas em metacognição acerca dos objetivos de leitura, e por meio do exame de uma atividade retirada de livro didático, evidenciam-se causas e consequências do problema em foco.” → delimitadora

## INTRODUÇÃO

Predomínio de modalizações epistêmicas (asseverativas e quase-asseverativas) e deônticas volitivas<sup>62</sup>: as construções epistêmicas foram observadas na apresentação do *corpus*, na contextualização e problematização do assunto a ser tratado no artigo, na apresentação do aporte teórico; já as construções deônticas volitivas, na apresentação do objetivo da pesquisa/artigo.

**T1:** “Este artigo visa a apresentar os resultados de uma pesquisa [...]” → deôntica volitiva

“Essa imagem de líder carismático favoreceu tamanha identificação do povo com seu chefe de Estado que garantiu a maior aprovação histórica de um governante [...]” → epistêmica asseverativa

**T2:** “À luz dos estudos discursivos, propomos pensar, neste trabalho [...]” → deôntica volitiva

“Nessas reportagens, verificamos principalmente duas posições que fazem brotar e irrigam a polêmica [...]” → epistêmica asseverativa

**T3:** “[...] esses fragmentos condensam uma tomada de posição [...]” → epistêmica asseverativa

“[...] retomada desses fragmentos pelos textos noticiosos frequentemente apresenta manobras discursivas que os sintetizam, ampliam, diminuem ou simplificam.” → epistêmica quase-asseverativa

**T4:** “No presente trabalho, pretendemos refletir acerca dos efeitos de sentido que circulam sobre a homossexualidade” → deôntica volitiva

“Neste diapasão, o artigo está organizado da seguinte maneira: na próxima seção, examinamos a relação entre o discurso e o humor; na seção 3, apresentamos uma abordagem teórica a respeito do riso, sob uma perspectiva filosófica; na seção 4, discutimos a relação entre o inconsciente e os *chistes*; na seção 5, apresentamos um breve histórico sobre a homossexualidade; na seção 6, procedemos a análise propriamente dita, descortinando os

---

<sup>62</sup> Diferentemente das modalizações epistêmicas (asseverativa e quase-asseverativa), que foram empregadas em todos os artigos, as modalizações deônticas volitivas, foram observadas nas introduções de apenas 05 (cinco) artigos.

significados produzidos no esquete humorístico; na seção 7, temos as considerações finais.”  
→ epistêmicas asseverativas

**T5:** “Conforme evidenciam os Estudos Críticos do Discurso (VAN DIJK, 2008), as relações de poder e abuso do poder, as diferentes formas de dominação sofridas por pessoas ou grupos sociais, bem como as variadas formas de resistência e mudança dessas relações (FAIRCLOUGH, 2001) são usualmente mediadas pela linguagem.” → epistêmica asseverativa / epistêmica quase-asseverativas

**T6:** “Em nossa sociedade, a escola apresenta grande importância para a formação dos indivíduos.”  
→ epistêmica asseverativa

“Nesta perspectiva, o presente trabalho tem por objetivo investigar as representações de gênero que perpassam os livros didáticos de língua portuguesa [...]” → deôntica volitiva

“As análises efetuadas sugerem que, apesar de alguns avanços, ainda prevalece nos LDLP uma construção tradicional de representação de gênero social.” → epistêmica quase-asseverativa

**T7:** “Estudos de traduções literárias (MAY, 1997; MINELLI, 2005) concluem que mudanças de recursos da pontuação afetam o estilo do texto-fonte (TF) e do seu autor.” → epistêmica asseverativa

“Neste artigo, confirma-se a existência também do estilo do tradutor [...]” → epistêmica asseverativa

“O objetivo é mostrar a recorrência de recursos de pontuação [...]” → volitiva

**T8:** “Em termos de processamento cognitivo, tais atividades reconhecem apenas o processamento *bottom-up* (ascendente) de informação [...]. Em termos de estratégias metacognitivas, essas atividades não incluem a elaboração de hipóteses sobre os significados que os textos trazem, tampouco consideram a definição de objetivos de condução cognitiva para a execução das tarefas de leitura. Isso significa, [...] que aos alunos não é dada a prerrogativa de gerenciar a construção de significados à medida que leem os textos [...]” → epistêmica asseverativa

“A leitura do mais recente *Guia do Livro Didático do Ensino Médio* (Brasil, 2012), por sua vez, permite inferir a mesma orientação *bottom-up* para a leitura observada nos descritores → epistêmica quase-asseverativa

**T9:** “Este trabalho tem por objetivo apresentar um estudo sobre o uso das novas tecnologias da web por moradores de rua [...]” → deôntica volitiva

“Tal abordagem funda-se na compreensão de que as interações verbais mobilizam muito mais do que categorias linguísticas, pois essas interações representam modos de ser e de agir socialmente.” → epistêmica asseverativa

“Essas tecnologias podem redefinir os modos de inserção social, assim como podem atenuar o sentimento de isolamento e funcionar como agente de uma memória culturalmente configurada.” → epistêmica quase-asseverativa

**T10:** “É fato que nome e lugar constituem uma unidade identitária, que marca o recorte cultural. Particularmente, entendemos essa unidade (nome e lugar) como um sentimento de ligação, de alma, de afetividade.” → epistêmica asseverativa / epistêmica de crença

“Uma provável resposta, ainda que embrionária, é de que a ideia de se construir um sistema de identificação de categoria na disciplina Toponímia se faz pensando no real [...]” → epistêmica quase-asseverativa

“A intenção é construir, no primeiro momento, uma proposição conceitual e metodológica que permita alçar *lugar* à noção de categoria nos estudos toponímicos.” → deôntica volitiva

Além das modalizações predominantes, também vemos o emprego de modalizações delimitadoras e avaliativas. Na análise, percebemos que a modalização delimitadora está frequentemente associada ao *corpus* e à teoria ou metodologia utilizada na pesquisa (assim como na seção resumo); a modalização avaliativa frequentemente aparece relacionada aos estudos que servem de suporte para os trabalhos ou aos dados extraídos da pesquisa. Seguem alguns excertos com essas modalizações.

**T1:** “Acrescentaram-se à teoria, outros estudos também relevantes para a pesquisa [...]” → avaliativa

“Essa imagem de líder carismático favoreceu tamanha identificação do povo com seu chefe de Estado que garantiu a maior aprovação histórica de um governante [...]” → avaliativa

**T2:** “À luz dos estudos discursivos, propomos pensar, neste trabalho [...]” → delimitadora

“Nessas reportagens, verificamos principalmente duas posições que fazem brotar e irrigam a polêmica, [...]” → delimitadora

**T5:** “[...] livro sagrado do Cristianismo, como importante referencial normativo [...]” → avaliativa

“Hoje, os leitores em geral e os fiéis ligados tanto às igrejas evangélicas como à igreja católica, em particular, dispõem de um considerável leque de traduções da Bíblia,” → delimitadora / avaliativa

**T6:** “Deste modo, torna-se relevante trazer para o espaço escolar a reflexão crítica sobre questões de importância social,” → avaliativa

“No caso da questão do gênero social, tais representações conferem subsídios valiosos para a construção e reprodução de identidades pelos estudantes.” → delimitadora / avaliativa

**T7:** “[...] que o tradutor brasileiro Paulo Henriques Britto (PHB) tem um padrão consistente de uso de certos recursos de pontuação nas traduções [...]” → avaliativa

**T8:** “Em termos de processamento cognitivo, tais atividades reconhecem apenas o processamento *bottom-up* (ascendente) de informação [...]. Em termos de estratégias metacognitivas, essas atividades não incluem a elaboração de hipóteses sobre os significados que os textos trazem, tampouco consideram a definição de objetivos de condução cognitiva para a execução das tarefas de leitura. [...] o que diminui consideravelmente a qualidade desse tipo de atividade (JOU e SPERB, 2003).” → delimitadora / delimitadora / avaliativa

**T10:** “Em matéria de linguagem, Colombo faz menção aos nomes próprios e diz que, em certos aspectos, são os que mais se assemelham aos indícios naturais.” → delimitadora

“Por isso, é essencial, a priori, conceituar *lugar* em uma dimensão de categoria analítica: motivacional, histórica, linguística, ideológica, social, identitária. E um diálogo com outras áreas do saber é fundamental, como, por exemplo, a Geografia Cultural e Humanista.” → avaliativa

## FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Predomínio de modalizações epistêmicas (asseverativas e quase-asseverativas) e avaliativas<sup>63</sup>: as construções epistêmicas foram observadas, principalmente, na apresentação das teorias que orientam as pesquisas; já as construções avaliativas, na avaliação das teorias e de fatores ligados às pesquisas.

**T1:** “[...] é possível reconhecer a importância da ação no âmbito social.” → epistêmica quase-asseverativa

“Dessa forma, entidades políticas são criadas para garantir o cumprimento dos deveres e o acesso aos direitos dos cidadãos. O político torna-se o representante de uma propriedade coletiva de valores.” → epistêmicas asseverativas

---

<sup>63</sup> Diferentemente das modalizações epistêmicas (asseverativa e quase-asseverativa), que foram empregadas em todos os artigos, as modalizações avaliativas, foram observadas nas fundamentações teóricas de apenas 06 (seis) artigos.

“É importante destacar que esse processo de construção do *ethos* por parte do enunciador é, no mais das vezes, inconsciente, orientado, principalmente, pelas condições que lhe são impostas.” → avaliativas

**T2:** “Em segundo lugar, podemos perceber que, no interior dessa aparente calma, as lutas políticas em busca do poder, com o poder, pelo poder, podem modificar essas relações de força.” → epistêmica quase-asseverativa

“Destarte, o espaço discursivo teria como referência o modelo das lutas [...]” → epistêmica quase-asseverativa

“Com efeito, não se trata de uma tradução que produz uma paráfrase do discurso do Outro, mas uma paráfrase disfórica desse discurso do Outro.” → epistêmica asseverativa

**T3:** “Essa dupla incorporação insere enunciador e coenunciador em uma comunidade imaginária que evoca uma certa unidade discursiva e evidencia um tom, por meio de um *ethos discursivo* que se constrói na cenografia.” → epistêmicas asseverativas

**T4:** “Os discursos explorados nas piadas, de acordo com Possenti (1998), são temas socialmente controversos, os quais pontuam visões estereotipadas sobre um problema.” → epistêmica asseverativa

**T5:** “[...] o controle da mente é outra forma poderosa de reprodução da dominação pelo abuso de poder [...]” → epistêmica asseverativa / avaliativa

“Assim, considero de extrema relevância para este estudo” → avaliativa

“Nesse debate, podemos delinear pelo menos três posturas diferentes sobre o assunto [...]” → epistêmica quase-asseverativa

**T6:** “Dessa maneira, a identidade social seria formada por uma diversidade de ‘*personae* sociais’ constituídas ao longo da vida.” → epistêmica quase-asseverativa

“As estudiosas sugerem que as identidades não se apresentam de maneira totalmente intencional nem totalmente consciente [...]” → epistêmica quase-asseverativa

**T7:** “[...] pressupõe que tal escassez possa ser atribuída ao fato de a pontuação ser organizada por estruturas naturais da linguagem, o que dificulta sua prescrição em gramáticas.” → epistêmicas quase-asseverativas / epistêmica asseverativa

**T8:** “[...] a literatura sobre a definição de objetivos de leitura reconhece que, a partir dos mesmos dados dispostos em um texto, pode-se chegar, [...] a diferentes representações mentais e a diferentes inferências preditivas e retrospectivas sobre esse texto [...]” → epistêmica quase-asseverativa

“Os estudos em metacognição asseveram que qualquer pessoa [...]” → epistêmica asseverativa

“[...] um plano de leitura adequado ao texto em questão [...]” → avaliativa

**T9:** “No universo digital, a não presença física dos sujeitos, o que lhes permite grande mobilidade, gera, como contrapartida, uma disponibilidade intensa, que é fruto da conexão ininterrupta e facilmente acessível.” → avaliativa

“Essa conectividade e a relativa liberdade de expressão favorecem uma participação mais democrática, que pode influenciar o debate político por meio da universalização de acesso à informação disponível na internet (cf. CASILLI, 2010).” → epistêmica quase-asseverativa

“Graças a essa conexão, todos se sentem próximos de todos e as mensagens são difundidas no tempo real em que são produzidas e circulam por redes que permitem o amplo compartilhamento.” → epistêmica asseverativa

**T10:** “Isto nos faz pensar que, em geral, o fenômeno é tudo aquilo que se mostra, ou seja, o que aparece com evidência à percepção dos sentidos ou consciência.” → epistêmica quase-asseverativa

“Os estudos de pesquisa qualitativa diferem entre si quanto ao método, à forma e aos objetivos. Compreendem um conjunto de diferentes técnicas interpretativas que visam a descrever e a decodificar os componentes complexos de significados.” → epistêmica asseverativa

“Uma das características essenciais capazes de identificar uma pesquisa de cunho qualitativo é o enfoque descritivo e indutivo.” → avaliativa

Além das modalizações predominantes, também vemos o emprego de modalizações delimitadoras, epistêmicas de crença e deônticas de obrigatoriedade. Na análise, percebemos que as modalizações delimitadoras estão frequentemente associadas ao *corpus*, à teoria ou à metodologia utilizada na pesquisa (assim como nas seções resumo e introdução); as modalizações epistêmicas de crença aparecem para demonstrar o posicionamento dos sujeitos enunciadoreis diante das análises; as modalizações deônticas de obrigatoriedade indicam como os fatos devem ser compreendidos. Em alguns dos artigos, verificamos, ainda, o uso de modalizações deônticas volitivas, apresentando a intenção/os objetivos dos sujeitos enunciadoreis.

**T11:** “Para que se estabeleçam relações de igualdade entre os indivíduos, é preciso que seja determinado um conjunto de valores partilhados pela coletividade.” → deôntica de obrigatoriedade

“Nessa perspectiva, as relações de influência na sociedade passam, necessariamente, pela linguagem [...]” → delimitadora

“Com essa concepção, o autor pretende demonstrar que uma mesma metáfora pode [...]” → delimitadora / volitiva

**T2:** “Ao trazer para análise o discurso midiático acerca do discurso científico, vemos que essa espetacularização também adentra a construção da notícia, mas não sem um elemento que nos parece nodal – a polêmica...” → delimitadora/ epistêmica de crença

“Nesse sentido, entendemos como pertinente propor um diálogo com outro autor...” → epistêmica de crença

**T3:** “A configuração discursiva dessas retomadas é o objeto deste estudo, que focaliza as notícias *on-line* sobre dois debates político-eleitorais televisivos, com base nos desdobramentos da Análise do Discurso, na perspectiva de Mainqueneau.” → delimitadora

“Objetivamos analisar as notícias sobre o debate veiculadas por diversos *sites*,” → volitiva

**T4:** “A partir daí, procuramos compreender, no presente trabalho [...]” → deôntica volitiva

“Neste diapasão, o artigo está organizado da seguinte maneira” → delimitadora

**T5:** “Assim, considero de extrema relevância para este estudo” → epistêmica de crença

“Assim, a análise crítica da atividade dos tradutores da Bíblia deverá ser simultaneamente uma ‘análise interdiscursiva’ [...]” → deôntica de obrigatoriedade

“Traduções orientadas por esse princípio pretendem representar com maior exatidão o *sentido* e não a *forma* do texto original na língua de destino.” → deôntica volitiva

“Nessa perspectiva, portanto, embora não se trate de reduzir a análise do discurso à análise de textos [...]” → delimitadora

**T6:** “Nesse contexto, a heterossexualidade é tida como orientação hegemônica.” → delimitadora

**T7:** “[...] autora defende que o uso criativo da pontuação em traduções deve ser tratado com maior sensibilidade.” → epistêmica de crença / deôntica de obrigatoriedade

**T8:** “Nesse sentido, em relação ao problema central deste artigo, a própria atividade de leitura, a partir do reconhecimento de como funciona a mente dos alunos diante de tarefas desse tipo, precisa explicitar um plano de leitura adequado ao texto em questão [...]” → delimitadoras / deôntica de obrigatoriedade

“[...] presumimos que uma boa tarefa será aquela que [...]” → epistêmica de crença

“Tais reflexões são, a nosso ver, cruciais para um re-entendimento do que seja um ensino de qualidade, o qual, para o pesquisador em cognição e ensino, inclui promover o agenciamento dos alunos sobre seus próprios processos de aprendizado.” → epistêmica de crença / delimitadora

**T9:** “Esse dinamismo parece-nos essencial para fortalecer a AD muito mais como uma perspectiva macrocontextualista do que como uma disciplina (termo que remete a um ordenamento rígido e, em última instância, a certos dogmas), para que ela possa, na sua diversidade, efetivamente, produzir novos e relevantes conhecimentos para as ciências da linguagem e para as ciências em geral.” → epistêmica de crença / avaliativa

“Inserida em uma tradição científica não muito antiga de tratar o objeto de estudo na sua relação com todo o sistema históricocultural do qual faz parte, ela foi configurando-se, a nosso ver, como um paradigma teórico-metodológico que trata a linguagem na inscrição de seus vários aspectos constitutivos, sejam eles de ordem social, política, comunicativa, inter-relacional ou material.” → epistêmica de crença

**T10:** “[...] estudo do nome de *lugar* – e que, na nossa concepção, deve ser elevado à noção de categoria.” → epistêmica de crença

“Acreditamos que uma abordagem pelo viés da Geografia Cultural e Humanista nos possibilitará ampliar os horizontes de lugar enquanto categoria analítica.” → epistêmica de crença

“No nosso entender, *lugar* torna-se, então, categoria central, pois trata-se da extensão/apreensão da relação (motivações) que são estabelecidas entre o homem e o próprio nome de *lugar*: é a sua gênese.” → epistêmica de crença

## CONTEXTUALIZAÇÃO E APRESENTAÇÃO DO CORPUS

Predomínio de modalizações epistêmicas (asseverativas e quase-asseverativas) e avaliativas<sup>64</sup>: as construções epistêmicas foram observadas na apresentação do *corpus* e na sua relação com o aporte teórico; já as construções deônticas avaliativas, na avaliação dos dados do *corpus*.

**T1:** (Não apresentou essa seção)

**T2:** “[...] o pesquisador químico Prof. Dr. Gilberto Orivaldo Chierice, com base nos resultados de suas pesquisas, sintetizou, em laboratório, a fosfoetanolamina, substância que surg(e) ia como uma promessa na cura do câncer.” → epistêmica asseverativa / epistêmica quase-asseverativa.

---

<sup>64</sup> Diferentemente das modalizações epistêmicas (asseverativa e quase-asseverativa), que foram empregadas em todos os artigos, as modalizações deônticas avaliativas, foram observadas na contextualização e apresentação do *corpus* de apenas 03 (três) artigos dos 07 (sete) que apresentaram essa seção.

“A matéria acima [...] ilustra bastante bem toda a polêmica gerada [...]” → epistêmica asseverativa / avaliativa

“[...] a expressão ‘pílula do câncer’ nos mostra que existe uma renhida luta pela gestão da memória discursiva dessa substância [...]” → modalização epistêmica asseverativa / avaliativa

**T3:** “A participação do público mudou a cenografia do debate da Globo, o que também resultou em mudança na relação entre os candidatos, que não se confrontaram. A cenografia da Globo propiciou que os candidatos diferissem muito pouco do perfil apresentado nos programas gratuitos do Horário Político cotidiano.” → epistêmicas asseverativas

“No entanto, o tratamento dado à sobreasseveração feita pelo autor da fala relatada parece ter papel fundamental no processo de construção das notícias *on-line* analisadas, o que permite observar esse processo como característica desse gênero.” → epistêmicas quase-asseverativas

**T4:** (Não apresentou essa seção)

**T5:** “Dos vinte e sete escritos que compõem o Novo Testamento, as diferentes versões da Bíblia em português (bem como noutras línguas) tradicionalmente identificam vinte e um como sendo epístolas ou cartas.” → epistêmica quase-asseverativa

“As epístolas, portanto, ocuparam lugar central na organização da vida das primeiras comunidades cristãs, razão por que foram acolhidas no cânon em tão grande número [...]” → epistêmica asseverativa

“Por isso mesmo, por assumirem propósitos comunicativos peculiares, não se limitam a reproduzir as formas genéricas comuns ao ambiente em que surgiram [...]” → avaliativa / epistêmica asseverativa

**T6:** “No contexto brasileiro, o LDLP assume posição de destaque e pode ser visto como o principal material a subsidiar a prática pedagógica... → epistêmica asseverativa / epistêmica quase-asseverativa.

“Apesar desse controle, pesquisadores têm apresentado críticas às atividades e ao formato do LDLP, principalmente no que se refere à precária adequação das coleções didáticas às necessidades contemporâneas de ensino-aprendizagem das múltiplas linguagens [...]” → epistêmica asseverativa / avaliativas

**T7:** “No Quadro 1 é possível observar que as traduções são publicadas na mesma década, em 2001, 2003 e 2006. Pode-se observar, ainda, que a editora das três traduções é a mesma, a Companhia das Letras; portanto, as regras editoriais impostas pela editora poderiam influenciar a maneira de que os recursos de pontuação são usados.” → epistêmicas quase-asseverativas

“Essa aproximação dos textos foi obtida por meio da retirada da novela *Adeus, Columbus* e *Coelho se cala* de suas respectivas coletâneas [...]” → epistêmica asseverativa

**T8:** “O estágio final de recuperação contém atividades de fixação e verificação da aprendizagem e de checagem do alcance dos objetivos de leitura. Nesse estágio, é possível refletir sobre a relação entre os dados recrutados e os conhecimentos prévios dos alunos [...]” → epistêmica asseverativa / epistêmica quase-asseverativa

“O objetivo da leitura, que, a propósito, emerge diretamente dos textos escolhidos, é o de estabelecer articulações e comparações entre dados do passado e do presente na História do Brasil [...]” → epistêmica asseverativa

“Porém, é interessante notar que essas relações passado/presente, no fim, acabam sendo realizadas pelos alunos que responderam às perguntas [...]” → avaliativa

**T9:** “Essa abertura pode banalizar a intimidade, que perde seu *status* de vida interior, mas favorece gestos de mobilização e solidariedade em favor daqueles vistos em situação de carência ou fragilidade.” → epistêmica quase-asseverativa / asseverativa

“Emerge não apenas uma nova forma de expressão, mas um novo modo de agenciamento pelas novas relações que são instauradas entre os sujeitos.” → epistêmica asseverativa

**T10:** (Não apresentou essa seção)

Além das modalizações predominantes, também vemos o emprego de modalizações delimitadoras, frequentemente, associada ao *corpus*.

**T2:** “Num pequeno levantamento sobre o caso, nas manifestações a favor do composto e discursos que veiculam a ciência via mídia, é possível perceber, nas marcas linguísticas, a espetacularização da polêmica (AMOSSY, 2014).” → delimitadora

**T3:** “O jornalismo *online*, ao reproduzir os acontecimentos da última hora, seleciona-os e elabora a notícia, interferindo, durante esse processo, no funcionamento das sobreasseverações que são constitutivas dessa notícia.” → delimitadora

**T5:** “Nesse sentido, a Carta aos Romanos ocupa um lugar peculiar no *corpus paulinum* por duas razões” → delimitadora

**T6:** “No contexto brasileiro, o LDLP assume posição de destaque e pode ser visto como o principal material a subsidiar a prática pedagógica.” → delimitadora

“[...] compreendemos que os textos presentes nos LD pressupõem uma leitura diferente daquela que seria feita se os textos estivessem em seu contexto original [...]” → epistêmica de crença

T7: “Nessa etapa, foi feita uma revisão apropriada dos recursos de pontuação nos arquivos em *doc*.”  
→ delimitadora

T8: “[...] nesse momento da atividade, foi possível perceber que, mediante os parâmetros que estabelecemos para a análise das suas respostas, o comportamento cognitivo dos alunos evidenciou [...]” → delimitadoras

## ANÁLISE DO CORPUS

Predomínio de modalizações epistêmicas (asseverativas e quase-asseverativas) e avaliativas nos 07 (sete) artigos que possuíam essa seção. As construções epistêmicas foram observadas com grande frequência em todos os artigos, em especial, na análise do *corpus*: na apresentação dos fragmentos do *corpus*, na discussão dos fragmentos e na exposição de resultados. As construções avaliativas – recorrentes em 05 (cinco) dos artigos –, foi mais verificada com o objetivo de avaliar aspectos da análise ou do próprio *corpus*.

T1: “A imagem de chefe do ex-presidente constrói-se nesse trecho,” → epistêmica asseverativa

“A menção à fome e à morte costuma sensibilizar o auditório, principalmente se ele é formado por pessoas de origem humilde que já vivenciaram tais situações.” → epistêmica quase-asseverativa / avaliativa

“[...] em uma clara demonstração de uso de cenografias.” → avaliativa

T2: “Todo esse embate de sentidos, essa luta pela gestão da memória discursiva mostra-nos que, gradativamente, os discursos que dizem o acontecimento discursivo fosfoetanolamina, no âmbito do discurso científico, sofrem na grande mídia jornalística nacional um processo de denegação, de revisão de linhagem discursiva.” → epistêmica asseverativa

“Enunciando fosfoetanolamina, podemos dizer que, para além de simplesmente denominar o objeto que está sendo reivindicado, as manifestações de rua utilizam o discurso científico para balizar seus dizeres e legitimar sua causa [...]” → epistêmica quase-asseverativa/ epistêmica asseverativa

“Para retomar as palavras iluminadas de Amossy (2014), haveria um polílogo, para muito além do diálogo.” → avaliativa

T3: “As escolhas lexicais, a opção por evidenciar ou apagar os sujeitos políticos indiciam interpretações possíveis dos posicionamentos de cada uma das revistas no discurso [...]” → epistêmica quase-asseverativa

“Sem destacar candidatos, em seu título, *Veja sobreassevera* o evento político como o renascimento do debate televisivo, sem informar o motivo deste.” → epistêmica asseverativa

**T4:** “As *formas marcadas são recuperadas* no nível enunciativo, a partir de marcas linguísticas que *mostram* a presença de outra voz, tais como o discurso direto, o discurso indireto, as aspas e a glosa. Já as *formas não marcadas são identificáveis* sobre a face de índices textuais distintos [...]” → epistêmicas asseverativas

“Isto significa que, em algumas culturas, *muito provavelmente* não se reconhecem nem a cena, nem Jesus e nem as suas palavras.” → epistêmica quase-asseverativa

“Por outro lado, identificamos *sem muita dificuldade* [...]” → avaliativa

**T5:** “No NT, esse termo *é utilizado* em diversas passagens com os sentidos possíveis de ‘servo’, ‘ministro’ ou ‘diácono’.” → epistêmica asseverativa

“Dessa forma, poucas pessoas são chamadas de ministros no Novo Testamento, e *provavelmente* isso só acontecerá com homens e não com mulheres, embora haja *boas evidências* de que as mulheres tenham exercido funções de destaque nas primeiras comunidades [...]” → epistêmica quase-asseverativa / avaliativa

**T6:** “A análise inicial desses textos *mostrou-nos que eles poderiam ser* categorizados em torno das seguintes temáticas [...]” → epistêmica quase-asseverativa

“*Percebe-se* que o enfoque dado no fragmento selecionado *aborda* o relacionamento dos amantes e não o adultério propriamente dito.” → epistêmicas asseverativas

“*Merece ainda ser observado* neste exemplo [...], o que *claramente* veicula uma representação bastante consolidada de traço de masculinidade, pois usar perfume ‘é coisa de mulher’ [...]” → avaliativas

**T7:** “A Tabela 3 *mostra* que os TT *têm* mais formas e itens (*types/tokens*) em relação a seus respectivos TFc [...]” → epistêmica asseverativa

“[...] enquanto o segundo indica *uma provável influência* dos recursos usados pelos autores dos TF.” → epistêmica quase-asseverativa

“Certas instâncias do uso dos recursos de pontuação dos TF, com função ainda não descrita nas gramáticas do inglês, são substituídas *consistentemente* nos TT.” → avaliativa

**T8:** (Não apresentou essa seção isoladamente. A contextualização e a análise do *corpus* foram reunidas em uma mesma seção)

**T9:** (Não apresentou essa seção)

**T10:** (Não apresentou essa seção)

Além das modalizações predominantes, também vemos o emprego de modalizações delimitadoras. Na análise, percebemos que a modalização delimitadora está frequentemente associada ao *corpus* e à teoria ou metodologia utilizada na pesquisa (assim como nas seções anteriores).

**T1:** “Pela verificação das incidências das metáforas, foi possível comprovar o que Lakoff e Johnson (1980) afirmam [...]” → delimitadora

**T2:** A notícia da figura 7, de autoria da jornalista Natália Cuminale (Veja, 21/05/2016), já em seu título, “Pílula do barulho”, mostra-nos a designação da pílula não mais como a pílula do câncer e, sim [...]” → delimitadora

**T3:** “Sem destacar candidatos, em seu título, *Veja* sobreassevera o evento político como o renascimento do debate televisivo, sem informar o motivo deste.” → delimitadora

**T4:** “O discurso em questão, por outro lado, propõe que o pensamento religioso integre-se à cultura moderna.” → delimitadora

“Na cena protagonizada, o funcionamento da língua(gem) assenta-se na tensão existente entre dois processos (ORLANDI, 2000, p. 36).” → delimitadora

**T5:** “No contexto do cristianismo primitivo, na mentalidade dos tradutores da Bíblia, qualquer pessoa poderia ser referida como ‘serva’ [...]” → delimitadoras

“Neste caso, percebe-se que a versão ARC traz a tradução mais formal e Solene [...]” → delimitadora

**T6:** “Neste texto, a mulher parece ser ‘menos culpabilizada’ [...]” → delimitadora

[...] podemos observar, pela fala do delegado que, no geral, em situação de adultério, a mulher sofre as consequências por “ser mais fraca” → delimitadoras

“Com base nos exemplos aqui analisados, observamos que [...]” → delimitadora

**T7:** “Retomando os estudos sobre a pontuação revisados acima, conclui-se que os resultados obtidos neste estudo confirmam os achados de Novodvorski (2013) no que tange a explicitação de pausas nos TT.” → delimitadora

“No caso dos recursos da pontuação, evidencia-se no corpus uma facilitação da interpretação do texto pelo leitor [...]” → delimitadoras

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Predomínio de modalizações epistêmicas (asseverativas e quase-asseverativas) e avaliativas: as construções epistêmicas foram observadas na apresentação dos resultados e na conclusão; já as construções avaliativas, na qualificação dos dados.

**T1:** “[...] a análise desses discursos permitiu inferir [...]” → epistêmica quase-asseverativa.

“As modalidades argumentativas mostravam-se fundamentais, pois proporcionavam nuances diferentes [...]” → epistêmica asseverativa.

“O que se percebe com esta pesquisa é que [...]” → epistêmica asseverativa

“Suas construções simples eram potencializadas [...] para facilitar a compreensão de situações complexas [...]” → avaliativas

**T2:** “As nossas primeiras análises indicam que a mídia [...] instaura a ordem da polêmica como regular [...]” → epistêmicas asseverativas

“Essa imagem negativa da ciência brasileira [...]” → avaliativa

**T3:** “Os enunciados em destaque fazem parte do mecanismo de uma sofisticada e complexa maquinaria midiática, que produz e põe em circulação notícias *on-line*.” → epistêmica asseverativa / avaliativa / epistêmica asseverativa

“As seleções e torções efetuadas pelos veículos de informação na construção das notícias evidenciam posicionamentos e cumprem uma necessidade pragmáticodiscursiva de adequação da enunciação à cenografia construída pela notícia e ao *ethos* do veículo.” → epistêmicas asseverativas

**T4:** “Neste sentido, o *corpus* analisado constitui-se como uma arena de lutas, onde os (inter)locutores, falando de posições ideológicas, sociais e culturais distintas, interagem e atuam uns sobre os outros [...]” → epistêmicas asseverativas

“Isto permite que se possa rir também desses valores “naturalizados” a partir do que Jesus cura.” → epistêmica quase-asseverativa

**T5:** “Paulo e Apolo são exemplos de atores sociais masculinos que são sempre representados de forma positiva no que concerne ao seu status eclesial.” → epistêmicas asseverativas

“Apesar da terminologia do texto original tratar ambos os ministérios de forma equânime, os tradutores qualificam um como ‘serviço’ e outro como ‘ministério’, sugerindo que este é superior àquele.” → epistêmica quase-asseverativa

“Observa-se, dessa forma, que mesmo uma atividade técnica, altamente especializada, como é a tradução [...], não se faz sem a utilização de artifícios que, tenham os tradutores consciência

disso ou não, contribuem para a manutenção de situações de desigualdade e abuso do poder.”  
→ epistêmica asseverativa / avaliativa / epistêmica asseverativa

**T6:** “O LDLP é uma ferramenta importante em sala de aula para professores e alunos.” → epistêmica asseverativa / avaliativa

“[...] o que pode causar conflitos entre a leitura do texto (que se refere a um discurso possivelmente aceitável naquela época específica) e as reflexões do contexto atual [...]” → epistêmica quase-asseverativa

**T7:** “As autoras usam metodologias da tradução literária em seu estudo.” → epistêmica asseverativa

“[...] não foi possível analisar o uso da vírgula e do ponto e vírgula, também consistente, ou evidenciar a existência ou não de convenções editoriais para o tipo textual que possam ter influenciado as escolhas feitas pelo tradutor.” → avaliativa

“O trabalho, portanto, contribui para a produção do conhecimento nos estudos do estilo do tradutor, mostrando hábitos estilísticos do tradutor Paulo Henriques Britto em relação ao uso dos dois pontos e reticências, provavelmente preocupado com uma leitura mais clara dos textos traduzidos pelos leitores brasileiros.” → epistêmicas asseverativas / epistêmicas quase-asseverativas

**T8:** “[...] no caso deste artigo, atividades fundamentadas em objetivos claros de leitura.” → avaliativa

“O que justificou nossa proposta é a premissa de que atividades deste tipo permitem a realização de diagnósticos acerca das reais capacidades e dificuldades de leitura dos alunos, algo que não é possível com exercícios limitados à cópia-colagem de informações do texto.” → epistêmica quase-asseverativa / epistêmica asseverativa

“Como capacidade de leitura, emergiu a possibilidade de, em um mesmo grupo, haver diferentes tomadas de perspectiva de um mesmo fato ou problema, que podem ser posteriormente compartilhadas em atividades conjuntas de classe, como efeito da avaliação de leitura proporcionada pela atividade.” → epistêmicas quase-asseverativas

**T9:** “Como fragmento constitutivo da história coletiva, uma narrativa autobiográfica é um espaço que ilustra a complexidade das identidades e como elas são percebidas e vividas por cada sujeito. A compreensão que ela elabora da inscrição de cada um no tecido social tem uma dimensão performativa por criar uma história para o indivíduo, que assume essa narrativa sendo a ‘sua vida’ e como uma justificativa do seu percurso.” → epistêmica asseverativa

“E sendo um espaço, essas redes podem acolher aqueles que estão exilados em seu próprio território de existência, canalizando uma visibilidade baseada no engajamento dos sujeitos em relação àqueles que foram excluídos.” → epistêmica quase-asseverativa

**T10:** “Qualquer elemento pode desencadear um vínculo que, na nossa concepção, é permeado de afetividade.” → epistêmica quase-asseverativa / epistêmica de crença

“Materializado e corporificado, o nome é um produto e o reflexo social e cultural da cosmovisão de um grupo.” → epistêmica asseverativa

Além das modalizações predominantes, também vemos o emprego de modalizações delimitadoras, deônticas volitivas e epistêmicas de crença. Na análise, percebemos que a modalização delimitadora está frequentemente associada ao *corpus* e à teoria ou metodologia utilizada na pesquisa (assim como em todas as outras seções anteriores); as modalizações deônticas volitivas aparecem para exprimir um desejo associado/relacionado à pesquisa; as modalizações epistêmicas de crença aparecem para demonstrar o posicionamento dos sujeitos enunciadoreis diante das análises/resultados/conclusões.

**T1:** “O resultado ora apresentado, apesar de apontar para uma tese já reconhecida... difere dessas abordagens pelo *corpus* privilegiado [...]” → delimitadora

“Nessa busca pela adesão do público, as modalidades argumentativas mostravam-se fundamentais [...]” → delimitadora

**T2:** “Nosso objetivo, neste artigo, foi o de tentar mostrar o papel da mídia na construção de polêmicas [...]” → deôntica volitiva / delimitadora

“Essa imagem negativa da ciência brasileira, em última análise, sem nenhum tipo de proselitismo político, produz, no nosso entendimento, muito capital simbólico e material [...]” → epistêmica de crença

**T4:** “No discurso humorístico, encontram-se cristalizadas as diversas manifestações culturais e ideológicas.” → delimitadora

“Além disso, a cena em questão se apropria de uma variedade significativa de símbolos, os quais são perpetrados historicamente por uma conjuntura religiosa.” → delimitadora

“Neste sentido, podemos observar que a vida de Jesus, em uma época remota, é atualizada em termos de localização [...]” → delimitadora

**T5:** “Neste breve estudo, acredito ter ilustrado com relativa clareza” → delimitadora / epistêmica de crença.

“Uma avaliação global das três versões bíblicas, a partir das passagens analisadas, evidencia que a ARC [...], apresenta a vantagem de evitar os acréscimos em relação ao texto original.” → delimitadora

**T6:** “Através do presente estudo, foi possível constatar que, de maneira geral, prevalece nos LDLP analisados uma representação tradicional de gênero [...]” → delimitadora

“Nessa perspectiva, relacionamos os resultados encontrados principalmente a dois aspectos [...]” → delimitadora

**T7:** “O objetivo foi mostrar a recorrência de recursos de pontuação nas traduções em substituição a outros usados nos TF, alterando a função da pontuação na interação narrativa nesses textos.” → deôntica volitiva

**T8:** “A partir dos dados discutidos, pudemos chegar a algumas afirmações interessantes acerca dos comportamentos cognitivos dos alunos [...]” → delimitadora

“Em termos de investigação acerca das relações entre metacognição e leitura, e em como essa propriedade humana deve ser utilizada de forma a trazer real aprendizado para os alunos em todas as Disciplinas, consideramos que este artigo relaciona-se a duas questões de ensino mais gerais.” → delimitadoras /epistêmica de crença

“Considerando esses desafios, este artigo pretende ser uma pequena parte de um projeto maior de pesquisa e reflexão, cujo objetivo é a proposta de reformular e desenvolver metodologias de ensino de leitura, em particular, e de línguas, em geral.” → delimitadora; deôntica volitiva

**T10:** “No nosso entender, *lugar* é mais que uma referência locacional.” → epistêmica de crença

“A intenção foi construir uma proposição conceitual e metodológica que pudesse permitir elevar *lugar* à noção de categoria nessa área.” → deôntica volitiva

“Qualquer elemento pode desencadear um vínculo que, na nossa concepção, é permeado de afetividade.” → epistêmica de crença

“Considerando as discussões da Geografia Cultural e Humanista, acreditamos na ampliação conceptual de *lugar* como noção de sentimento de pertencimento, afetividade, mundo vivido e experienciado.” → delimitadora / epistêmica de crença

Após a exposição acima, verificamos que as modalizações predominantes durante todo o corpo dos artigos são as que apresentam a informação/fato como verdades ou quase verdades. Dito de outra forma, trata-se das modalizações epistêmicas asseverativas e quase-asseverativas. Dessa forma, o tom que perpassa por todo o texto é de certeza (ou de quase certeza) diante daquilo que se fala. As construções epistêmicas asseverativas e quase-asseverativas foram observadas na apresentação do *corpus* e na sua relação com o aporte teórico; na análise do *corpus*, bem como na apresentação de seus fragmentos; na contextualização e na problematização do assunto a ser tratado

no artigo; na apresentação do aporte teórico; na indicação das teorias que orientam as pesquisas; na discussão dos fragmentos; na exposição dos resultados e da conclusão.

As demais modalizações utilizadas com uma frequência significativa apareceram com propósitos quase definidos:

- modalização avaliativa: ao lado das modalizações epistêmicas, a modalização avaliativa aparece com significativa recorrência em quase todas as seções: introdução, fundamentação teórica, contextualização e apresentação do *corpus*, análise do *corpus* e considerações finais. As construções avaliativas foram observadas na avaliação dos estudos e das teorias que servem de suporte para os trabalhos; dos dados extraídos da pesquisa e do *corpus*; dos aspectos da análise; e da qualificação dos dados. Mesmo, isoladamente, não possuindo uma força argumentativa expressiva para a instauração da credibilidade – afinal, trata-se de uma manifestação particular de posicionamento – o fato de, na maioria dos casos, a avaliação ser positiva, temos um resultado favorável para o efeito de verdade (principalmente, quando a avaliação aparece relacionada à base teórica que sustenta todo o trabalho). Isso ocorre, porque ao destacar positivamente a teoria, automaticamente, destaca-se positivamente toda a pesquisa por ela orientada. Ademais, podemos perceber a questão da modalização avaliativa passando pela construção da imagem do sujeito: ao avaliar positivamente o trabalho do outro, o pesquisador colabora para a avaliação positiva de seu trabalho e, conseqüentemente, de maneira indireta, trabalha em prol do autoelogio.
- modalização volitiva: com grande frequência nas seções resumo, introdução e considerações finais, é empregada, principalmente, na indicação dos objetivos da pesquisa. Considerando o propósito de seu uso, fica claro por que a encontramos nas três seções acima. Afinal, conforme observamos em nossa análise, em quase todos os artigos vimos a indicação dos objetivos da pesquisa nas três seções: seja para anunciar o trabalho nas seções de abertura (resumo e introdução); seja para recuperar a motivação da pesquisa na seção de fechamento (considerações finais).

- modalização epistêmica de crença: com maior incidência nas seções fundamentação teórica e considerações finais, é empregada para demonstrar uma potencial verdade pelo viés dos autores da pesquisa (ou dos autores citados). Em outras palavras, nessas construções, a informação é apresentada como um posicionamento dos sujeitos enunciadorees diante das análises e conclusões. Mesmo não sendo apresentada como uma garantia de verdade, vimos, anteriormente, que essa modalização acabou sendo fortalecida pela presença de modalizadores epistêmicos quase-asseverativos. Sendo assim, sua indicação de crença pessoal se aproxima da sensação de possibilidade real.

Além do que apresentamos acima, encaramos como importante explicar o porquê de as modalizações delimitadoras não terem sido enquadradas como construções predominantes, apesar de aparecerem com regularidade em todas as seções de todos os artigos pesquisados. Essa opção se deu em função de essa modalização não ter produzido uma força semântica tão forte quanto as classificadas como predominantes. Elas, na maioria dos casos, apenas limitavam o alcance da força semântica das informações (entre elas, as apresentadas sob a influência dos demais tipos de modalização). Dessa forma, a modalização delimitadora pode ser vista como uma limitação para o próprio efeito de verdade dos discursos científicos, visto que não permite que os resultados apresentados sejam vistos como possíveis em qualquer situação. No entanto, em todos os artigos selecionados, as análises apontam para uma conclusão mais genérica. Ou seja, mesmo amparadas em um recorte do universo – em um *corpus* específico e delimitado; em um trabalho desenvolvido e aplicado a um grupo restrito – os resultados e as conclusões foram, no geral, estendidos a todas as situações/discursos de natureza semelhante. É nessa perspectiva que consideramos que a modalização delimitadora não produziu uma força semântica muito expressiva. No entanto, é preciso considerar, também, que sua presença tem um efeito retórico-argumentativo importante nos textos acadêmicos da área, na medida em que, ao delimitar o alcance epistêmico da pesquisa, indicam o espaço em que a verdade dos resultados deve ser considerada, especialmente em pesquisas que não buscam uma generalização absoluta dos resultados, como em outras áreas das ciências. Ao agir assim, ampliam a garantia da verdade no âmbito da delimitação feita.

Outro fator que potencializa o efeito de verdade dos textos científicos é a escolha dos tempos e modos verbais. De acordo com Bechara (2005, p.221), a utilização do modo indicativo é a mais propícia para a produção desse efeito, visto que é utilizado “em referência a fatos como verossímeis ou tidos como tais”. Analisando os artigos da área de Linguística, foi exatamente esse o modo verbal mais recorrente, principalmente, nos tempos presente, pretérito perfeito, pretérito imperfeito e futuro do presente.

- O futuro do presente foi mais empregado para anunciar a pesquisa, bem como seus objetivos e suas etapas. Em especial, verificamos a maior incidência do futuro do presente nas seções introdutórias (resumo e introdução) e no final de algumas seções, quando anunciavam a seção subsequente.
- O pretérito perfeito e o imperfeito foram empregados com maior frequência na apresentação e no fechamento da pesquisa. Nesses casos, vimos um uso com o objetivo de expor ações realizadas no passado: seja em relação à pesquisa ou em relação aos seus resultados. Nos artigos em que isso acontece, notamos uma tentativa de reproduzir cronologicamente as etapas, bem como a ordem de aparecimentos das informações. Tendo em vista que o resumo, a introdução e a contextualização objetivam informar aspectos anteriores que motivaram a pesquisa e que as considerações finais, costumeiramente, apresentam um resumo de tudo o que foi visto no artigo, a presença mais significativa desses tempos verbais é mais esperada. Contudo, não foi a construção mais adotada.
- O presente foi o tempo mais utilizado no decorrer de todos os artigos. Em alguns casos, foi empregado, inclusive, para recuperar informações passadas ou anunciar dados que seriam apresentados. Como resultado dessa opção, uma ação no passado é trazida para o presente do leitor do texto, causando um “efeito de permanência do conteúdo” (FUZER, 2012, *apud* Miranda, 2015, p.68) e uma ação futura é apresentada como garantida. Ademais, temos, com frequência, o emprego do presente do indicativo para apresentar a teoria que serviu de base da pesquisa e as citações que apareceram para sustentar a posição defendida pelos pesquisadores. A consequência dessa estratégia é bem apropriada para a instauração da credibilidade do discurso científico, visto que as informações advindas dessas teorias e citações são expostas como atemporais, mesmo se

referindo a estudos realizados no passado. Ou seja, divulgá-los por meio de verbos no presente possibilita que sejam vistos como atuais e ainda aceitos.

#### **4.3.3.3 Argumento de autoridade**

Outro recurso de grande importância e de frequente uso no discurso científico é a utilização de uma fonte anterior que sirva de base e, de certa forma, de garantia para a pesquisa realizada. Desse modo, além de revelar um percurso científico anterior à pesquisa apresentada, essa fonte também é empregada para validar a própria pesquisa que a utiliza. Trata-se da obrigatoriedade do uso da voz da ciência para validar o fazer científico.

Frente a essa necessidade de recuperar a voz do outro, torna-se importante verificarmos como essa estratégia se dá, uma vez que a maneira como a fonte é citada e os verbos e expressões empregados têm influência direta na força persuasiva do texto. É por isso que, a seguir, analisaremos o modo como esse argumento de autoridade foi usado nos artigos de Linguística. E mais, em seguida, proporemos uma possível divisão classificatória.

##### **4.3.3.3.1 Formas de citação**

Examinando os artigos de linguística como um todo – sem considerar as seções separadamente –, percebemos uma recorrência maior de citações indiretas. Dos 10 (dez) artigos, apenas 03 (três) fizeram um uso maior de citações diretas: o T3, o T5 e o T10. Em relação à localização da indicação da autoria – se antes ou depois da citação –, no geral, não houve uma divergência significativa, que possibilitasse um indício de preferência; apenas analisando os artigos separadamente: 05 (cinco) indicaram, com maior incidência, a autoria antes da citação (T1, T2, T5, T7, T10) e 05 (cinco) indicaram, com maior incidência, a autoria depois da citação (T3, T4, T6, T8, T9).

Diante da preferência pelas citações indiretas, podemos dizer que tal opção colabora para a construção de um texto mais dinâmico e fluido, uma vez que o autor da pesquisa

acaba adaptando o discurso citado ao seu estilo (ao seu texto), ao apresentar o teor da fala de outrem com suas próprias palavras. Ou seja, essa transcrição indireta passa pelo entendimento e pela perspectiva do autor da pesquisa. Desse modo, é possível que essa opção não seja vista como uma opção que corrobora tão fortemente a construção do efeito de verdade. No entanto, se percebemos essa técnica como demonstração de um cabedal de conhecimento, de uma competência vocabular, de uma qualidade textual, de um poder de síntese de uma teoria... do sujeito pesquisador, a citação indireta pode aparecer como forte constituição do efeito de verdade, visto que é capaz de conferir credibilidade ao autor da pesquisa. Considerando estas últimas palavras, é possível dizermos que a paráfrase, como estratégia de citação indireta, mesmo apresentando um novo olhar diante do texto original, consegue imprimir um efeito de verdade desejável ao texto científico.

É certo que a própria citação direta tem suas fragilidades: trata-se de um recorte selecionado pelo autor da pesquisa e um recorte nunca terá o mesmo valor que o texto na íntegra. Até mesmo, porque um fragmento lido de maneira descontextualizada pode possibilitar um entendimento diferente daquele observável no texto original (em sua totalidade). Assim, a presença de recortes apenas sugere que a interpretação feita por outros autores deve ser a correta. E não como uma garantia de que seja. É nessa medida, que esse recurso potencializa o efeito de verdade.

Analisando o emprego do argumento de autoridade no decorrer das seções dos artigos, verificamos uma recorrência maior na introdução, na fundamentação teórica e na contextualização. Nos resumos, a indicação da presença de outras vozes no texto aparece apenas na apresentação da base teórica adotada no trabalho. Nas demais seções (apresentação e análise do *corpus*; apresentação do trabalho elaborado), notamos uma produção mais autoral, sem a presença marcada de influência externa. Vale dizer que, nas considerações finais, observamos que, ao apresentarem os resultados, os autores retomaram o que orientou a pesquisa – teorias, conceitos, metodologias –, porém sem a indicação expressiva das outras vozes acionadas no

decorrer do artigo. Apenas em 04 (quatro) artigos, verificamos a presença de algumas citações<sup>65</sup> nessa parte da pesquisa: T4, T7, T9 e T10.

#### 4.3.3.3.2 Verbos e expressões indicadores de citação

Tendo em vista que um dos papéis da citação nos textos científicos é demonstrar um embasamento e, assim, aparecer como uma estratégia de sustentação para a pesquisa apresentada, torna-se importante verificarmos como as vozes de outros discursos são inseridas e apresentadas nos artigos científicos.

Conforme vimos acima, a opção de conjugar, no presente do indicativo, os verbos indicadores de citações, é uma estratégia interessante para os propósitos persuasivos dos artigos científicos. Mas, além disso, temos que dar importância à própria escolha dos verbos e das expressões empregadas para anunciar as citações.

Percorrendo os diversos textos do gênero, foi possível identificarmos uma diversidade considerável no que se refere à apresentação do autor/informação citado. Abaixo, apontamos algumas das construções verificadas nos artigos analisados.

- “Charaudeau menciona [...]” (T1)
- “O autor ressalta [...]” (T1)
- “Charaudeau identifica [...]” (T1)
- “Maingueneau chama de [...]” (T1)
- “Conforme define Maingueneau [...]” (T1)
- “Com essa concepção, o autor pretende demonstrar que [...]” (T1)
- “Foi possível comprovar o que Lakoff e Johnson afirmam [...]” (T1)
- “Para a autora, [...]” (T2)
- “Amossy nos mostra que [...]” (T2)
- “A autora compreende [...]” (T2)
- “Vemos que a autora propõe [...]” (T2)
- “De acordo com o autor [...]” (T2)

---

<sup>65</sup> T2 apenas indica nomes relacionando-os às teorias. Não houve citações propriamente ditas.

- “Marie-Anne Paveau busca integrar [...]” (T2)
- “Amossy nos leva a refletir [...]” (T2)
- “Conforme Maingueneau [...]” (T3)
- “Como lembra Nogueira [...]” (T3)
- “De acordo com Maingueneau [...]” (T4)
- “Conforme evidenciam os Estudos Críticos do Discurso (VAN DIJK, 2008) [...]” (T5)
- “[...] como ressaltam Gabel e Wheeler (1993, p.205) [...]” (T5)
- “Van Dijk (2008) destaca [...]” (T5)
- “Nas palavras de Nida e Taber (1974, p.12) [...]” (T5)
- “[...] a SBB informa [...]” (T5)
- “Lopes (2002) atribui [...]” (T6)
- “Bucholtz e Hall (2005) assumem [...]” (T6)
- “[...] o autor conclui que [...] (MOITA LOPES, 2020) [...]” (T6)
- “A esse respeito, Woodward (2012) explica [...]” (T6)
- “Woodward (2012) defende [...]” (T6)
- “Saldanha (2011) analisa [...]” (T7)
- “Saldanha (2011) reforça a noção de que [...]” (T7)
- “May (1997) pretende mostrar que [...] e afirma que [...]” (T7)
- “Minelli (2005) observa [...], e pressupõe que [...]” (T7)
- “A autora acredita que [...] podem fornecer resultados que esclareçam [...]” (T7)
- “Halliday (1985) explica que [...]” (T7)
- “A descrição em Tufano (2005) permite uma interpretação de que [...]” (T7)
- “Tufano (2005) argumenta que [...]” (T7)
- “[...] confirmam os achados de Novodvorski (2013) [...]” (T7)
- “[...] defendido por May (1997) e Minelli (2005)” (T7)
- “Baker (2000) sugeriu [...]” (T7)
- “[...] conforme atestam pesquisas sobre o assunto (MARCUSCHI, 2001; BOTELHO, 2010; VARGAS, 2012)” (T8)
- “Paveau (2012), ao caracterizar [...], defende [...]” (T9)
- “Conforme indica Walty (2005, p.19) [...] o que denota [...]” (T9)
- “Concebida por Amossy (2000) como [...]” (T9)
- “Arfuch (2010, p.76) [...], chama a atenção para [...]” (T9)
- “Trata-se daquilo que Casilli (2010, p.187) designa [...]” (T9)
- “Todorov (1983, p. 37-38) faz referência [...]” (T10)
- “Clément *et al* (1994, p. 69) assinalam que [...]” (T10)
- “Boemer (1994, p. 87) diz que [...]” (T10)
- “Como explicita Ullmann (1964, p. 161) [...]” (T10)
- “Segundo ANDRADE (2012, p. 205-206), podemos pensar [...]” (T10)

- “[...] a autora coloca que [...]” (T10)
- “No entender de Tuan (2012, p. 135) [...]” (T10)
- “O autor responde que [...]” (T10)
- “Dick (1990, p. 20) refere-se ao (...) como [...]” (T10)
- “Para finalizar, Santos (2000, p. 268) trata [...]” (T10)

Comparando os efeitos produzidos pelas diferentes construções, percebemos, por exemplo, que a expressão “Para a autora [...]” (T2) cria um efeito de credibilidade menor do que “Amossy nos mostra que [...]” (T2). Parece que a primeira forma de anunciar o discurso do outro é mais carregada de ponto de vista particular do que de uma potencial verdade científica. Esse mesmo efeito de subjetividade ocorre, por exemplo, em: “De acordo com o autor” (T2) e “Segundo ANDRADE [...]” (T10). Tal efeito pode decorrer da força ilocutória de *verbos de atitude* nas citações (nos mostra que, defende que, assegura, admite, afirma, conclui, assevera, etc.), que ampliam a força do argumento de autoridade pelo fato de narrativizar a citação e implicar o autor citado em um ou outro tipo de atitude proposicional em relação às asserções. Esses diferentes tipos de atitude serão melhor categorizados abaixo.

De uma forma diferente, temos “Marie-Anne Paveau busca integrar [...]” (T2): mesmo não dando a mesma sensação de ponto de vista particular, essa forma não produz a mesma força de verdade que “Amossy nos mostra que [...]” (T2). Isso acontece, porque, no primeiro caso, o verbo “buscar” sugere uma intenção de integrar e não uma integração de fato. Ou seja, percebemos uma modalização deôntica volitiva. Já no segundo, notamos uma modalização epistêmica asseverativa, que apresenta a informação como um fato certo.

O que percebemos é que a construção adotada acaba denotando o posicionamento do autor do artigo diante do conteúdo da citação ou da atitude do autor citado e sugerindo como a informação citada deve ser percebida pelo interlocutor. Dessa forma, embora caminhem para o mesmo resultado da demonstração científica, esses verbos e expressões parecem possuir forças diferentes quando pensados em sua relação com os efeitos de verdade.

A respeito da utilização de verbos dicendi – verbos que anunciam uma fala ou citação –, Marcuschi afirma que são responsáveis por introduzirem uma opinião ao caráter geral do que será relatado.

Tomando os verbos que introduzem opiniões nos tipos de discursos considerados, nota-se que eles têm várias formas de agir. Em primeiro lugar agem diretamente sobre o discurso relatado; em segundo lugar atuam sobre a compreensão deste discurso e, em terceiro, podem ser eles próprios o relato da forma como o discurso relatado atuou ou deve atuar. Neste último caso pensávamos na força perlocutória no sentido de Austin (1962). Com isto eles introduzem o discurso relatando seu efeito ou modo de atuar; são como que o relato de uma intenção do autor inferida pelo redator. Trata-se da imagem que o redator do relato faz a respeito da intenção que o autor teve ou teria. (MARCUSCHI, 1981, p.11-12)

É importante ressaltarmos que, em nossa análise, estendemos a noção trazida por Marcuschi para outros termos que desempenham essa função de expressar ou introduzir uma oração, mesmo não sendo verbos. Termos como os apresentados anteriormente: segundo X; de acordo com X; no entender de X...

Diante disso, analisaremos, a seguir, as principais construções empregadas nos artigos selecionados de modo a estabelecer um quadro interpretativo que as organize quanto aos efeitos por elas produzidos. Vale dizer que algumas dessas construções poderão sugerir mais de um efeito, dependendo do contexto de produção ou, porque, de fato, os efeitos se complementam.

#### **Quadro 05: Classificação dos Verbos e Expressões Indicadores de Citação**

##### **1. Verbos e expressões de intenção**

O verbo/expressão relaciona a citação a uma intenção/preensão/tentativa do autor/pesquisador citado. O efeito de intenção é promovido, na maioria das vezes, pela presença de modalizadores deônticos volitivos (busca, pretende, procura). São exemplos dessa construção de intenção:

- Com essa concepção, X pretende demonstrar que
- X busca integrar
- Vemos que X propõe
- X tenta compatibilizar
- X pretende mostrar que

## **2. Verbos e expressões delimitadores**

Algumas construções podem ser vistas como modalizadores delimitadores para o que será apresentado, ao limitar seu poder de alcance. Nesses casos, a verdade do enunciado é mais restrita, uma vez que é apresentada vinculada à visão de determinada fonte. Listamos como pertencentes à categoria de verbos e expressões delimitadores as seguintes construções:

- De acordo com X
- Para X
- Segundo X
- Conforme X
- Nas palavras de X
- Na perspectiva de X
- Na visão de X

## **3. Verbos e expressões de convicção**

De maneira similar ao que é visto nas construções delimitadoras, aqui a informação também não é apresentada como sendo inquestionável. Trata-se de uma citação que traz a postura de convicção do autor/pesquisador citado diante da informação. Desse modo, o teor da citação não é revelado como sendo algo já comprovado cientificamente. Seriam construções de convicção:

- X defende (que)
- X chama de
- X concebe como
- O que X denomina/chama
- X compreende (que/como)
- X propõe (que)
- X define como
- X acredita (que)
- X considera (que)
- X conceitua como
- (O que) X caracteriza como

- No entender de X
- X entende que
- X argumenta que

#### **4. Verbos e expressões de progressão de ideias/raciocínio**

As citações aparecem relacionadas a outras citações do mesmo autor, evidenciando o percurso do raciocínio do autor citado. Nesse caso, é comum que mais de uma construção desse tipo seja verificada em uma passagem do artigo. São exemplos dessa progressão de ideias/raciocínio:

- X inicia os seus postulados da seguinte forma
- X acrescenta
- X conclui que
- Para finalizar, X trata de

#### **5. Verbos e expressões de neutralidade**

A citação é inserida de maneira mais isenta: sem que seja apresentada como possível ou como inquestionável. A sensação obtida por essa construção é a de que a intenção do autor do artigo é de apenas repassar uma informação advinda de outra fonte sem, contudo, introduzir uma opinião ou sem se comprometer com a veracidade do que é relatado. Essa isenção de posicionamento pode ser vista em construções do tipo:

- X menciona
- X ressalta
- X identifica
- X destaca
- X acrescenta
- X analisa
- X cita
- X diz que
- X nos fala (que)
- X lista

- X descreve
- X discute
- X ressalta
- X informa
- X refere-se a
- X coloca que
- X explicita
- X observa que
- X indica que
- X assinala que

#### **6. Verbos e expressões de ilustração/comprovação**

A citação aparece relacionada diretamente ao que é dito/defendido no artigo. Nesse caso: 1. a citação aparece para comprovar algo que é apresentado no artigo; 2. a citação aparece para comprovar o que é apresentado em outra citação; 3. o que é apresentado no artigo aparece para comprovar o que é visto no texto citado (e, resumidamente, demonstrado pela citação). É o que vemos em construções como:

- O estudo de X ajuda a entender que/como
- Foi possível comprovar o que X afirma
- O que X disse ilustra bem
- (Isso) confirma o que é visto em X
- X confirma/comprova o que é visto em Y
- X reforça a ideia de que

#### **7. Verbos e expressões de embasamento anterior**

Mais do que demonstrar que a citação atual sofreu a influência de outra citação, esse tipo de construção acaba construindo um efeito de credibilidade. Afinal, quando as três vozes<sup>66</sup> caminham juntas, sem que uma seja contradita por outra, temos – ao menos, aparentemente – três trabalhos que comungam da mesma verdade.

---

<sup>66</sup> As três vozes seriam: a voz do autor do artigo; a voz do autor citado; a voz recuperada pelo autor citado.

Ademais, demonstra parte do percurso científico realizado pelo autor citado até chegar ao que foi expresso na citação. É o que acontece em:

- Apoiando-se em Y, X informa/afirma que
- X recorre às contribuições de Y para dizer que
- Amparado em Y, X afirma que
- X, recuperando Y, informa que

#### **8. Verbos e expressões de reflexão**

Apresentam as citações como uma proposta a uma reflexão a respeito de algo. Considerando o tom reflexivo da proposta, a informação citada aparece como algo possível, mas não, necessariamente, garantido e comprovado. Pode ser exemplificada pelas construções a seguir:

- X nos leva a refletir
- X nos ajuda a pensar sobre
- X sugere que

#### **9. Verbos e expressões de possibilidade**

Nesse caso, os verbos/expressões sugerem que a informação trazida pela citação tem uma chance considerável de ser possível, porém, ainda não garantidas. Desse modo, as informações são apresentadas como potenciais verdades. Vejamos alguns exemplos:

- Segundo X, podemos compreender
- A teoria de X aponta para

#### **10. Verbos e expressões de esclarecimento**

De maneira bem parecida com a construção que traz verbos e expressões de ilustração, nesse caso, a citação também aparece relacionada diretamente ao que foi apresentado no artigo. Os autores citados, bem como suas citações, são apresentados para introduzir: 1. um esclarecimento sobre algo apresentado anteriormente pelo próprio autor do artigo; 2. um esclarecimento sobre uma citação

de outro autor incluída anteriormente no artigo; 3.um esclarecimento sobre uma citação do próprio autor citado, só que apresentada anteriormente no corpo do artigo. O que percebemos, é que esse tipo de construção confere ao autor citado o poder de ser visto como o detentor de um conhecimento aparentemente inquestionável. Seu esclarecimento é o que confere a veracidade ao que foi exposto em outro momento. São exemplos de verbos e expressões de esclarecimento:

- Conforme esclarece X
- Assim como X explica
- X elucida
- X reforça a noção de que (principalmente se vier para fortalecer uma ideia de outro texto/autor)

#### **11. Verbos e expressões de evidência**

Mesmo que associadas a alguma autoria específica (o que as aproxima das citações com verbos e expressões delimitadores), trata-se de citações nas quais as informações são apresentadas com maior potencial de verdade. Mesmo que sejam passíveis de questionamento no mundo científico, as informações são apresentadas como sendo

- X evidencia que
- X demonstra que
- X revela
- X afirma que
- X nos mostra que
- X atesta que

Analisando os efeitos de sentido depreendidos das diversas construções, podemos perceber que algumas contribuem mais para a instalação do efeito de verdade no texto científico: verbos e expressões de reflexão; verbos e expressões de ilustração/comprovação; verbos e expressões de embasamento anterior; verbos e expressões de possibilidade; verbos e expressões de esclarecimento; verbos e

expressões de evidência. Sendo que os últimos produzem efeitos mais significativos de verdade, visto que são expressos como possibilidade, elementos esclarecedores e divulgadores de fatos/evidências.

Paralelamente, temos construções muito empregadas nos artigos científicos, mas que não conseguem imprimir o mesmo potencial de verdade ao que é informado por meio das citações: verbos e expressões de intenção; verbos e expressões delimitadores; verbos e expressões de convicção. Uma vez que apresentam, respectivamente, o que é informado como sendo a intenção, a visão ou a convicção de um autor/pesquisador. Dessa maneira, a informação perde força de verdade ao ser associada ao olhar do pesquisador.

Já as demais construções apresentam-se mais neutras no que se refere à produção do efeito de verdade: verbos e expressões de progressão de ideias/raciocínio; verbos e expressões de neutralidade.

Considerando a intenção do artigo científico, que é a de apresentar as informações do trabalho como bem fundamentadas e, por isso, confiáveis, torna-se mais interessante a observação dessa questão na apresentação das citações que respaldarão a pesquisa. Diante disso, as últimas construções do quadro (verbos e expressões de reflexão; de ilustração/comprovação; de embasamento anterior; de possibilidade; de esclarecimento e de evidência) apresentam-se como mais interessantes para a efetivação do efeito de verdade. Devendo, portanto, ter seu emprego mais evidenciado no decorrer dos textos científicos.

#### **4.3.3.4 Sequências explicativas e conclusivas**

Uma forma de garantir que a pesquisa aponta para uma potencial verdade científica é estruturando as informações com sequências que demonstrem as relações observadas no percurso científico até a indicação dos resultados. Como o discurso científico se ampara na experiência, na análise de fatos e dados para apresentar o resultado obtido, é fundamental que essa garantia também seja verificada na própria escrita. Diante disso, observamos, ao longo de todos os artigos, a presença de orações causais,

conclusivas, explicativas, bem como a utilização de sequências esclarecedoras (que se apresentam como outra forma de informar algo).

Vale dizer que tais construções foram mais empregadas em passagens que apresentam a relação entre: a teoria e o trabalho; a contextualização e a seleção do *corpus*; a análise e os resultados da pesquisa. Esse emprego se justifica pela razão de serem, de fato, aspectos que precisam se apresentar no texto científico de maneira mais indiscutível, evidenciado aquilo que os embasa e sustenta. É importante demonstrar por meio dessas construções explicativas, causais e conclusivas: por que a teoria selecionada tem sua relevância; por que e como a teoria e a pesquisa se fundem (uma explicando e garantindo a outra); por que o *corpus* selecionado é adequado para sustentar ou embasar uma ideia; qual a relação entre o caminho trilhado e o resultado alcançado.

São fragmentos que exemplificam essas sequências:

**T1:** “Dessa forma, tratar de instâncias é ir além dos aspectos psicológicos e sociais que envolvem cada personalidade.”

“Considerando-se uma situação discursiva, o sujeito apresenta-se ao outro, primeiramente, como um ser social. Essa identidade social é o que lhe garante legitimidade para falar, dadas as circunstâncias que cercam a enunciação. A partir disso, esse sujeito constrói, então, uma imagem de si que corresponde a uma identidade discursiva. Logo, o *ethos* efetivo será o produto extraído da relação entre duas identidades: psicológica e social; e discursiva.”

**T2:** “Num pequeno levantamento sobre o caso, nas manifestações a favor do composto e discursos que veiculam a ciência via mídia, é possível perceber, nas marcas linguísticas, a espetacularização da polêmica (AMOSSY, 2014). Pois, se nos dois primeiros *posts*, a substância é chamada de fosfoetanolamina sintética, ao aparecer nas chamadas de notícias das mídias que mais circulam nacionalmente, passa a ser designada como ‘pílula do câncer’”.

**T3:** “Afirmar que a sobreasseveração é destacada em um texto-fonte não significa que ela seja movida por uma intenção, uma vez que as notícias *on-line* são um produto coletivo da maquinaria midiática, sendo o ‘locutor do texto-fonte’ a instância dada como responsável pelo texto.”

**T4:** “Os discursos explorados nas piadas, de acordo com Possenti (1998), são temas socialmente controversos, os quais pontuam visões estereotipadas sobre um problema (p. 25-26). Assim,

as temáticas abrangidas no espaço das piadas encontram-se arraigadas no imaginário popular, como parte da memória e da identidade de uma sociedade. Desta forma, as piadas tendem a representar, por exemplo, os homossexuais masculinos, inseridos na história das sociedades ocidentais, como promíscuos, caricatos, efeminados.”

“A partir daí, as produções humorísticas são conceituadas de acordo com o pensamento de Mikhail Bakhtin (2011, p. 262), quer dizer, como enunciados relativamente estáveis, marcados por ‘seu *conteúdo*, seu *estilo* e sua *composição*’.”

**T5:** “Visto que nenhuma tradução aplica esses princípios de maneira absoluta, sob pena de comprometer a qualidade do trabalho, o que verificamos é uma questão de predominância de um ou de outro princípio em cada tradução.”

“Por isso mesmo, por assumirem propósitos comunicativos peculiares, não se limitam a reproduzir as formas genéricas comuns ao ambiente em que surgiram [...]”

[...] a linguagem dos tradutores o reserva para pessoas que exerciam funções hoje vistas como sacerdotais ou “ministeriais”, isto é, ligadas a alguma posição oficial na estrutura da igreja, embora essa estrutura a rigor não existisse como tal no cristianismo primitivo. Dessa forma, poucas pessoas são chamadas de ministros no Novo Testamento, e provavelmente isso só acontecerá com homens e não com mulheres,”

**T6:** “Neste texto, a mulher parece ser ‘menos culpabilizada’ pelo ato de traição, tendo em vista que o enredo vai construindo uma espécie de justificativa para sua atitude [...]”

**T7:** “[...] muitos escritores podem usar um ou outro princípio ou combinar os dois, mas há casos em que um escritor parece ter preferência por um ou outro, ou seja, o escritor prefere a pontuação gramatical ou fonológica, o que pode ser visto como parte de seu estilo individual.”

“Portanto, ao traduzir do inglês para o português, o tradutor encontraria poucas restrições linguísticas que demandem mudanças na tradução.”

**T8:** “Tal pensamento não identifica os saberes prévios dos alunos como parte da construção do aprendizado e não problematiza o aspecto processual e, por isso, a cada vez sempre único, da relação entre texto e leitor. Em decorrência disso, não reconhece que a mera repetição de informações explícitas do texto não produz aprendizado, e, quando esse problema é considerado, não se consegue definir as suas causas profundas.”

**T9:** “Isso significa que cada sujeito interpretante constrói uma cadeia de segmentos necessária para seu entendimento. Ou seja, essa linearidade compreende uma construção individualizada em meio a várias possíveis e pertinentes.”

“Conseqüentemente, rejeita-se a ideia de oposição entre o interno e o externo como se se tratassem de polos que se excluem.”

“Wieviorka (1998, p.128) afirma que a abundância das narrativas de vida representa uma ‘democratização dos atores da história’, pois é dado direito de fala aos ‘excluídos’ e aos ‘sem voz’. Trata-se, portanto, de ampliar as perspectivas que se tem sobre a vida em sociedade, assim como de instanciar como atores aqueles que não pertencem às elites sociais e econômicas e que, por isso, são expostos a vários tipos e níveis de violência.”

**T10:**“Segundo ANDRADE (2012, p. 205-206), podemos pensar, então, que a relação da Toponímia, a partir de uma visão interdisciplinar, estabelece o sentido de unidade diante dos diversos saberes. Ou seja: possibilita ao sujeito re/encontrar a identidade, a história, a etimologia do nome na multiplicidade de conhecimentos, tendo em vista, o plano onomasiológico no ato de dar nomes aos lugares.”

“O todo é mais do que a soma das partes, porque possui mais propriedades e qualidades do que cada parte separada.”

Com exceção das sequências esclarecedoras, vemos nesse tipo de construção um exemplo de argumentação pelo vínculo causal, que se desenvolve a partir de uma cadeia causal: indo da causa ao efeito ou do efeito à causa. Considerando os fragmentos apresentados, vimos que a maior recorrência é das formas *b* e *c* apontadas por Perelman e Oldbrechts-Tyteca (2005, p.299-300)<sup>67</sup>:

- apresentando a causa seguida do resultado/conclusão: X, por isso, Y; X, em decorrência disso, Y; X, portanto, Y; X, dessa forma Y; Visto que X, verificamos Y.
- ou apresentando o resultado/conclusão seguido da causa/explicação: Y, porque X; Y, pois X; Y, tendo em vista X; Y, uma vez que X.

Em relação às sequências esclarecedoras, vemos um papel de especificar algo que foi apenas sugerido anteriormente ou de clarear uma noção apresentada de maneira mais obscura. Diante dessa necessidade de esclarecimentos e clareza das ideias,

---

<sup>67</sup> Recuperando a citação que apresentamos anteriormente na seção 4.4.3.1.2 *Argumento pelo vínculo causal*:  
a) as que tendem a relacionar dois acontecimentos sucessivos dados entre eles, por meio de um vínculo causal;  
b) as que, sendo dado um acontecimento, tendem a descobrir a existência de uma causa que pôde determiná-lo;  
c) as que, sendo dado um acontecimento, tendem a evidenciar o efeito que dele deve resultar.

principalmente das noções, percebemos uma preocupação com uma escrita mais acessível. O que pode ser visto como uma abertura desses textos à interlocutores não tão especializados.

A respeito das noções, e recorrendo a Vignaux (2004), Novais (2019, p.322) indica que

todo texto que se visa demonstrativo ou que se inscreve em situações polêmicas, representa ideias, constrói desenvolvimentos, argumenta, isto é, trabalha os sentidos das noções que invoca ou constrói. As noções, são as grandes questões, os grandes temas que alimentam e motivam os discursos e os textos de uma cultura universal ou de uma dada cultura. E mais, toda argumentação trabalha as noções em vista de modificá-las, de completá-las ou transformá-las.

Tendo em vista a intenção dos artigos científicos, que é a de obter a adesão de um auditório por meio de uma demonstração racional, por meio de provas, compreendemos que o esclarecimento de algumas noções reforça ou, mesmo, esclarece o posicionamento do sujeito comunicante, ao mesmo tempo que corrobora a adesão desse auditório.

Além das sequências observadas acima, em alguns artigos, verificamos, também, a presença significativa de sequências desconstrutivas de raciocínio. Trata-se de uma estrutura que apresenta uma possível interpretação dos fatos, para, em seguida, desconstruí-la ao revelar a interpretação mais adequada (interpretação, essa, defendida no trabalho).

**T2:** “À primeira vista, opiniões antagônicas podendo usufruir do mesmo espaço, como se tivessem o mesmo peso, gera a sensação de que a mídia democratiza o espaço público, no qual pululam essas diferentes vozes, cada uma com suas estratégias. Mas, quando observados os efeitos de sentido, que esses encontros produzem no espaço midiático, vemos que os discursos que circulam, tomados por seus agentes, traduzem o outro, como diz Maingueneau (2008), a partir de suas próprias posições, ou seja, o outro é trazido sempre como simulacro.”

“A construção do *ethos* de seu inventor como um *químico exótico* poderia soar inclusive como uma característica singular positiva, mas, no percurso da leitura do artigo escrito pelo enunciador jornalista, vemos que essa construção coloca em xeque os dois objetos do dizer: o sujeito pesquisador (com as características aventadas: exótico, matuto etc.), que é posto em questão quanto à responsabilidade pela descoberta de algo tão importante para o campo das ciências médicas; e a própria descoberta (*milagrosa*), produzindo-se um efeito de dúvida se ela poderia ser reconhecida como científica.”

“Esse ethos semiotizado poderia ser posto de forma secundária, quando olhamos para o verbal que vem em destaque nessa página, porém, como estamos tratando do jogo polêmico, analisando como discursivamente ele vai se construir, é preciso entender que ‘polemizar no interior de certo campo é apresentar-se implicitamente como aceitando os pressupostos que lhes são associados’ (MAINGUENEAU, 2008, p.110).”

**T3:** “Essas duas cenas definem o chamado ‘quadro cênico do texto’, que especifica o espaço estável no interior do qual o enunciado adquire sentido. No entanto, não é com esse quadro cênico que o leitor se depara na enunciação, mas com a cenografia, “instituída pelo próprio discurso” (MAINGUENEAU, 2008, p.116). A cenografia não é, portanto, um lugar, um quadro, um espaço já construído, que existiria alheio ao discurso.”

Esse tipo de construção torna-se eficiente no processo argumentativo, uma vez que reconhece a possibilidade de outra interpretação dos fatos, ao mesmo tempo que revela os motivos que não permitem que seja percebida como a mais adequada. Seria uma técnica similar – porém com suas particularidades – ao que Emediato (2010) apresenta como argumentação autofágica e retorsão.

Chama-se *autofagia* a incompatibilidade de um princípio com suas condições de enunciado, suas consequências ou suas condições de aplicação. O argumento autofágico, como o próprio nome diz, apresenta uma ideia autodestrutiva, pois faz surgir incoerência de uma proposição, expondo seu enunciador ao ridículo. O argumento que consiste em desmascarar a autofagia chama-se retorsão. (EMEDIATO, 2010, p.175) (grifos do autor.)

Diferente do que explica Emediato (2010), não temos, nessa construção, a presença de uma interlocução típica entre dois atores distintos e a intenção de atacar a fala do outro. No entanto, temos sim duas vozes – a do que seria possível e a do que é apresentado como adequado<sup>68</sup> – que são apresentadas e contrastadas de modo que a segunda anule o efeito da primeira.

Essas sequências desconstrutivas de raciocínio podem ser explicadas a partir das palavras de Charaudeau (2016, p.551), quando o autor aborda a heterogeneidade dos destinatários que receberão as informações presentes na pesquisa. Afinal, mesmo os membros de uma comunidade científica específica possuem posicionamentos

---

<sup>68</sup> Ambas sinalizadas pelo autor dos artigos.

diferentes, fundamentam-se em teorias distintas. Sendo, portanto, interessante abordar aspectos outros não aceitos na pesquisa, de forma a tentar, já de início, demonstrar sua invalidade no caso em questão.

É preciso dizer que o sujeito científico, ao se expressar oralmente ou por escrito, sabe que se dirige a destinatários múltiplos, ainda que esses se encontrem numa mesma comunidade de saber, a comunidade científica. Na verdade, os destinatários são portadores de posicionamentos diversos apoiados em teorias diferentes. Em vista disso, o sujeito do discurso científico deve levar em conta os diversos posicionamentos, fazendo-o responder de antemão a algumas objeções que lhe poderiam ser feitas. Disso advém o fato de conviverem ao mesmo tempo a citação e a oposição.

Analisando todas as sequências acima – considerando as sequências construtivas e as desconstrutivas de raciocínio –, percebemos que os esclarecimentos, as explicações e as demonstrações do percurso do raciocínio funcionam como garantia para os resultados e para as informações apresentadas.

#### **4.3.3.5 Apresentação de recortes do *corpus* analisado**

Ao lado dos argumentos de autoridade, utilizados para conferir credibilidade aos artigos científicos, temos a apresentação de recortes do *corpus* analisado, a fim de garantir que a análise apresentada está correta ou é possível. Parece que, além de exemplificarem, as imagens e os fragmentos do *corpus* são responsáveis por dar um toque de veracidade à pesquisa. É uma forma de fazer com que o leitor possa comprovar o que é dito pelos autores.

Vale destacar que a opção por orientar toda a pesquisa a partir da análise de um *corpus* é muito recorrente em artigos de Linguística. Basta verificarmos no nosso próprio *corpus* de trabalho: dos 10 (dez) artigos analisados, apenas 02 (dois) não fizeram, de fato, a análise de um material a fim de criar ou de sustentar uma teoria: T9 e T10, visto que buscaram apresentar reflexões acerca do assunto indicado. No entanto, mesmo não objetivando apresentar uma análise de *corpus*, T9 menciona um material que serviu de base para a reflexão exposta no artigo. Assim, como nos demais casos, essa menção aparece para demonstrar que o que é dito tem fundamento.

Acontece que, assim como foi visto na questão das citações, um recorte do *corpus* nunca terá o mesmo valor que o texto na íntegra. Isso, porque um fragmento é lido de maneira descontextualizada, o que pode interferir na interpretação e na própria análise. Dessa forma, a presença de recortes apenas sugere que a interpretação feita pelos autores dos artigos deve ser a mais correta – e não como uma garantia de que seja.

Considerando os 08 (oito) artigos que trouxeram a análise de um *corpus*, todos fizeram uso dessa estratégia argumentativa. Vale dizer que, mesmo não se propondo a analisar propriamente um *corpus*, T9 trouxe alguns recortes com o objetivo de ilustrar e sustentar sua reflexão.

A partir da análise desse recurso nos artigos selecionados, verificamos que há uma oscilação na forma como são expostos nos artigos: aparecendo após a análise, de modo a ilustrá-la ou aparecendo antes da análise, de modo a orientá-la, exemplificá-la. O importante é que, em ambas construções, trata-se de um recurso utilizado como comprovação da leitura feita do material analisado.

Completando o foi dito, a análise de um *corpus* aparece para exemplificar ou ilustrar uma teoria ou um posicionamento acerca de uma teoria. Desse modo, pode ser vista como uma argumentação pelo exemplo ou pela ilustração. Temos, assim, fundamentos pelo caso particular sendo empregados para fundamentar a estrutura do real.

Em ambos os casos, temos um caso particular servindo como base para uma generalização, o que, de certa forma, não deveria ser visto como garantia para a criação ou demonstração de uma regra. Acontece que esses materiais de análise são apresentados – e, possivelmente, vistos pelos interlocutores – como uma amostra de um material maior que corresponde aos aspectos verificados no material selecionado. Ou seja, quando T1 aborda a criação de determinado *ethos* a partir de alguns discursos de um presidente, ele sugere que esse *ethos*, provavelmente, será verificado em outros discursos do mesmo presidente. O que permite generalizar que o determinado presidente constrói um “*ethos x*” em seus discursos. Da mesma forma, quando T4 trata da representação do homossexual em alguns episódios de determinado programa de humor, ele sugere que essa representação tem grande possibilidade de ser mantida

em outros episódios do mesmo programa. E mais, sugere que é possível que essa representação se estenda a outros programas humorísticos.

A fim de determinarmos a argumentação mais verificada a partir da análise do *corpus* de cada artigo – se pelo exemplo ou pela ilustração –, revisitamos os resumos e retiramos deles, informações que nos permitissem chegar a uma conclusão amparada nos próprios propósitos dos artigos. Dessa forma, nossa análise trará dados mais genéricos, visto que investigaremos o uso de um *corpus* de maneira mais ampla (determinada pelo objetivo geral de cada pesquisa); e não de forma mais pontual, investigando a utilização de cada fragmento de maneira individual.

**T1:** Argumentação pelo exemplo → a análise do *corpus* aparece para demonstrar a imagem construída pelo texto analisado.

“Este artigo tem por objetivo investigar, pela análise de discursos não oficiais do ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva, a hipótese de que haja, no *corpus* em questão, a predominância de um *ethos* popular para a sua figura.”

**T2:** Argumentação pela ilustração e pelo exemplo → a análise do *corpus* aparece para comprovar uma teoria ao mesmo tempo que busca responder a um questionamento levantado no próprio artigo.

“Diante desse fenômeno discursivo, do mirante dos estudos discursivos, nossa questão é tentar responder: por qual razão, mesmo sendo tão criticada pelos mais distintos atores sociais, a polêmica, ocupando um lugar bastante privilegiado nas mídias em geral – fenômeno que se acirra no momento atual, mas que já vem de longa data – insiste em se manter viva no espaço público? Para dar conta dessa problemática, tomamos a polêmica midiática envolvendo a liberação, por parte da presidente Dilma Rousseff, do uso da Fosfoetanolamina [...]”

**T3:** Argumentação pela ilustração → a análise do *corpus* aparece para comprovar uma teoria.

“Essas notícias mostram-se ricas em sobreasseverações, conceito que, de acordo com Maingueneau (2008), implica o destaque feito pelo próprio locutor do texto-fonte. Não raro, no funcionamento midiático, o lugar de sobreasseverador é imputado a um locutor que não efetuou aquele destaque no texto-fonte. Com o objetivo de identificar casos em que uma sobreasseveração é atribuída, à revelia, a um locutor, e categorizar as manobras discursivas visíveis nas sobreasseverações, analisamos a forma como são relatados dois debates político-televisivos em sete veículos *on-line*.”

**T4:** Argumentação pelo exemplo → a análise do *corpus* aparece para elaborar uma regra.

“O presente artigo objetiva analisar os efeitos de sentidos do discurso humorístico acerca da homossexualidade masculina e da chamada “proposta de cura gay” apresentada por um segmento conservador do cristianismo brasileiro. [...] É possível depreender da análise que os temas acerca do humor constituem-se em veículos de produção e reprodução de ideologias e que o discurso em estudo apresenta um contraponto em relação aos dizeres que mobilizam as práticas não heterossexuais como contingente e moralmente condenáveis.”

**T5:** Argumentação pela ilustração → a análise do *corpus* aparece para comprovar uma teoria.

“Na ótica dos Estudos Críticos do Discurso (VAN DIJK, 2008), as relações de poder e abuso do poder, as diferentes formas de dominação sofridas por pessoas ou grupos sociais, são usualmente mediadas pela linguagem. Diante disso, o objetivo deste trabalho é examinar como, no domínio discursivo religioso, os tradutores da Bíblia (particularmente do Novo Testamento) evidenciam posições ideologicamente marcadas ao optarem por determinadas traduções do original grego para termos relacionados com a função sacerdotal, com implicações para a legitimação discursiva de relações desiguais entre pares como clérigo-leigo e homem-mulher.”

**T6:** Argumentação pelo exemplo → a análise do *corpus* aparece para elaborar uma regra.

“[...] o presente artigo objetiva investigar as representações de gênero social veiculadas em livros didáticos de língua portuguesa. Analisamos os textos presentes em dois livros didáticos de língua portuguesa, com relação à abordagem realizada sobre os papéis sociais dos gêneros e sobre a sexualidade. Os resultados sugerem que, em geral, prevalece o tratamento estereotipado das relações de gênero, embora já seja perceptível a inserção de textos que remetem à emancipação feminina. Os relacionamentos homossexuais não são mencionados, provavelmente ainda permanecendo como tema tabu.”

**T7:** Argumentação pela ilustração → a análise do *corpus* aparece para comprovar uma teoria.

“Este artigo investiga o uso dos dois pontos e das reticências como provável traço do estilo do tradutor. O objetivo é mostrar que há padrões de preferência do tradutor usados provavelmente visando o público-alvo da tradução. [...] Os resultados obtidos confirmam padrões de preferências tradutórias de Paulo H. Britto no uso dos dois pontos e reticências, marcando fronteiras diferentes entre orações, provavelmente visando à compreensão do público-alvo. Confirmam também o argumento de Saldanha (2011) segundo a qual o estilo do tradutor pode ser influenciado pela narrativa do TF.”

**T8:** Argumentação pela ilustração e pelo exemplo → a análise do *corpus* aparece para comprovar uma regra ao mesmo tempo que aparece para buscar apresentar as causas e consequências do problema ilustrado pelo *corpus*.

“Com base nas pesquisas em metacognição acerca dos objetivos de leitura, e por meio do exame de uma atividade retirada de livro didático, evidenciam-se causas e consequências do problema em foco.”

**T9:** Não há análise de *corpus*.

**T10:** Não há análise de *corpus*.

Após a análise dos resumos, verificamos uma oscilação entre *corpus* que aparece para “exemplificar”, “ilustrar” ou “exemplificar e ilustrar” uma teoria. Assim sendo, não podemos chegar a um modelo que seja o prototípico entre os artigos de Linguística. O que podemos é deduzir, a partir dos artigos analisados, que há uma preocupação maior em ilustrar do que exemplificar. Isso, porque, em quase todos os casos, mesmo servindo para a elaboração de uma nova regra, o *corpus* aparece, inicialmente, para demonstrar outra regra já aceita.

De qualquer modo, a utilização de um *corpus* para poder formular ou sustentar uma lei, apesar de frágil, por não garantir a manutenção da regra em outras situações similares, acaba sendo empregada como garantia para o que é defendido no artigo. É nessa medida, que esse recurso possui um papel importante para a construção de um efeito de verdade.

#### **4.3.3.6 Utilização de gráficos, quadros e tabelas**

Outro recurso empregado em alguns dos artigos selecionados foi a utilização de gráficos, quadros e tabelas. Dos artigos analisados, 04 (quatro) organizaram seus dados e suas informações em gráficos e/ou quadros: T1 (quadro esquemático e

gráficos com os dados obtidos na análise); T5 (quadros com recortes contrastivos<sup>69</sup> do *corpus* de análise); T6 (quadros com a indicação do *corpus* de análise e com os dados encontrados); T7 (tabelas, gráficos e quadros com a função de esquematizar as funções observadas, de indicar o *corpus* de análise e de apresentar os dados verificados).

Optamos por diferenciar esses recursos em demonstrativos, de análise e esquemáticos tendo em vista a função comunicativa de cada um. Os *demonstrativos (ou indicativos)* seriam aqueles utilizados para evidenciar uma informação/dado que, pode ou não ter sido apresentada no corpo do texto. Os *de análise* seriam aqueles utilizados para organizarem os dados de uma análise que, na maioria dos casos, não foram indicados no corpo do texto. Além disso, podem ser empregados com o intuito de tornar evidente (visualmente) o contraste entre a frequência/recorrência dos dados verificados. Os *esquemáticos* seriam os empregados para demonstrar, esquematicamente, uma informação apresentada no corpo do texto (podendo ser um pensamento, uma teoria, uma sequência de fatos, etc)

Os quadros demonstrativos foram empregados, principalmente, para evidenciar – em outra linguagem ou em outra disposição – o que não foi apresentado ou anunciado no corpo do texto. É o que verificamos em:

**T6:** QUADRO 1 -Textos com temática de adultério nos LDLP

<b>L1</b>	<b>L2</b>
“O menino” – Lygia Fagundes Telles (p.43)	“Metonímia, ou a vingança do enganado” – Rachel de Queiroz (p.79)
“A cartomante” – Machado de Assis (p.170)	(trechos de) <i>Memórias póstumas de Brás Cubas</i> – Machado de Assis (p.116)

---

<sup>69</sup> Os quadros foram empregados para apresentar passagens de textos diferentes (o original e suas traduções), a fim de indicar as diferenças observadas entre eles.

**T7:** Quadro 1 – Textos usados no corpus

Obra	Autor / Tradutor	1ª Edição usada	Editadora
<i>Intérprete de males</i>	Paulo H. Britto	2001	Companhia das Letras
<i>Interpreter of maladies</i>	Jhumpa Lahiri	1999	Houghton Mifflin
<i>Coelho se cala</i>	Paulo H. Britto	2003	Companhia das Letras
<i>Licks of love</i>	John Updike	2000	Random House, Inc.
<i>Adeus, Columbus</i>	Paulo H. Britto	2006/2011	Companhia das Letras
<i>Goodbye, Columbus</i>	Philip Roth	1959/1993	Vintage International

Fonte: elaborada pelos autores

As tabelas, os gráficos e os quadros de análise foram utilizados, principalmente, para apontarem os comparativos de análises, para organizarem os dados obtidos na pesquisa e para destacar algum contraste nos dados, como podemos ver em:

**T1:**

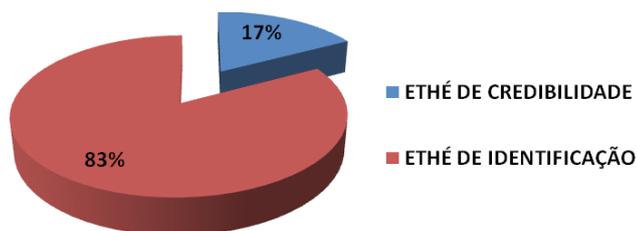


Gráfico 1 – Frequência dos *ethé* agrupados por tipologia

Fonte: elaborado pelas autoras

**T1:**

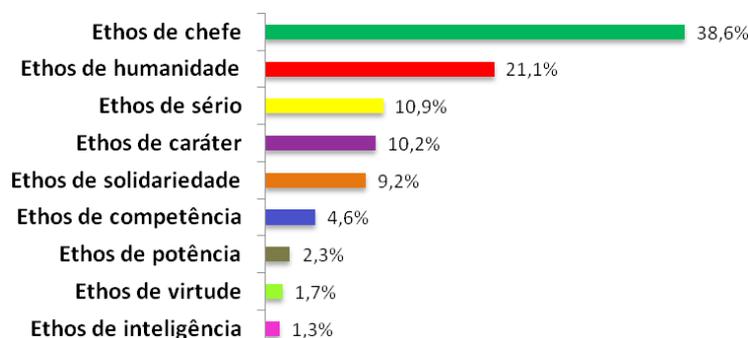


Gráfico 2 – Frequência dos *ethé*

Fonte: elaborado pelas autoras

**T5:**

**“QUADRO 1  
Três versões de Rm 16.1**

Versão bíblica	Romanos 16.1
Texto original (grego) + tradução literal	<u>Συνίστημι δὲ ὑμῖν Φοίβην τὴν ἀδελφὴν ἡμῶν οὖσαν &lt;καὶ&gt;</u> <i>E recomendo a vós Febe a irmã nossa sendo [também]</i>  διάκονον τῆς ἐκκλησίας τῆς ἐν Κενχρεαῖς diaconisa da igreja em Cencreia.
Almeida Revista e Corrigida (ARC)	Recomendo-vos, pois, Febe, nossa irmã, a qual serve na igreja que está em Cencreia.
Nova Versão Internacional (NVI)	Recomendo-lhes nossa irmã Febe, serva da igreja em Cencreia.
Nova Tradução na Linguagem de Hoje (NTLH)	Eu recomendo a vocês a nossa irmã Febe, que é diaconisa da igreja de Cencreia.

Fonte: Elaborado pelo autor.

**T6:**

**QUADRO 2  
Profissões associadas aos gêneros sociais nos livros didáticos**

T1			T2		
Homens	Mulheres	Homossexuais	Homens	Mulheres	Homossexuais
Operário	Cartomante	-	Advogado	Empregada doméstica	-
Sargento	Operária		Escritor		
Dono de Armazém			Cartunista		
Delegado					
Magistrado					
Funcionário Público					
Doutor					

**T7:**

**Tabela 1 – Ocorrência da pontuação no Corpus Brown**

Recurso	Frequência	Recurso	Frequência
Vírgula	4054	Ponto e vírgula	163
Ponto final	3897	Interrogação	89
Travessão	189	Dois pontos	78
Parênteses	165	Exclamações	26

Fonte: elaborada pelos autores

T7:

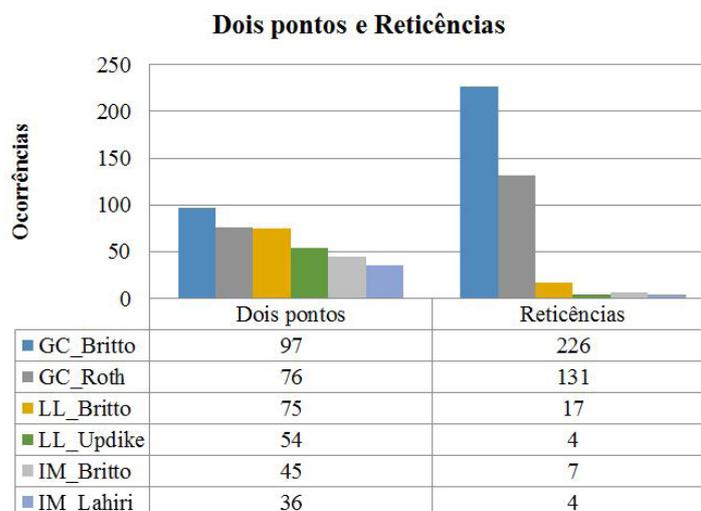


Figura 2 – Ocorrências de dois pontos e reticências no *corpus*

Fonte: elaborada pelos autores

T7:

Quadro 2 – Exemplos de acréscimo – Dois pontos

<b>ACRÉSCIMO</b>	
Miranda estava curiosa: de onde seria ele?	Miranda wondered where he was from.
<i>Conto: Sexy (IM)</i>	
“Não foi Deus não, foi a desgraçada da minha mãe”, disse ela, e, respirando fundo, inchando as bochechas como se estivesse tocando trombone, saiu-se com: “Imogene”.	“It wasn’t the good Lord, it was my hateful mother,” she said and, taking a deep breath that rounded out her cheeks like a trumpet player’s, came out with “Imogene”.
<i>Conto: Floreios de amor em plena guerra fria (LL)</i>	
E havia algo ainda mais estranho: o rabino Binder estava ajoelhado, tremendo. Se havia uma pergunta a se fazer agora, não era: “Sou eu?”, e sim “Somos nós?... Somos nós?”.	And there was an even greater strangeness: Rabbi Binder was on his knees, trembling. If there was a question to be asked now it was not “Is it me?” but rather “Is it us?... Is it us?”
<i>Conto: A Conversão dos Judeus (GC)</i>	

Fonte: elaborado pelos autores

Os quadros (ou figuras) esquemáticos, aparecem para demonstrar a informação trazida no corpo do texto de maneira sintetizada, por meio de esquemas. Ainda que seja muito empregado em textos científicos, esse recurso só foi observado em 01 (um) dos artigos analisados. Nesse caso, trata-se de um quadro proposto por um autor citado e não do próprio autor do artigo:

T1: A relação entre as instâncias está evidenciada na figura a seguir:

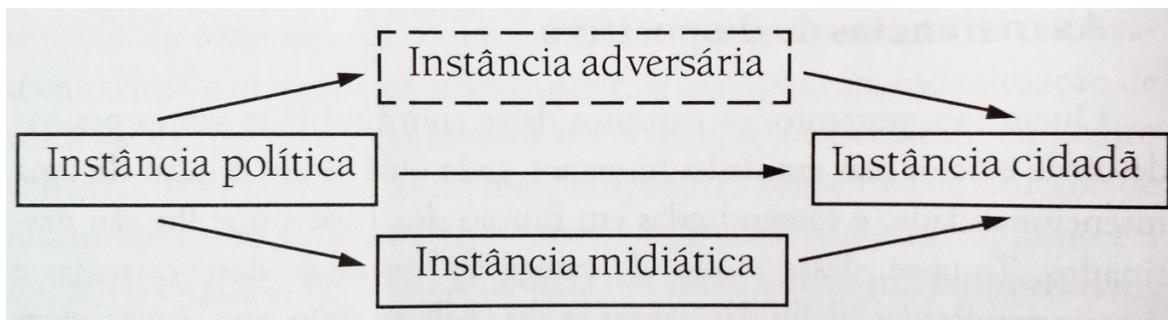


Figura 1 – Instâncias na ação política  
Fonte: Charaudeau (2011, p. 56)

Apesar de, aparentemente, não terem força para conferirem um efeito de verdade significativo ao texto – por serem, na maioria das vezes, utilizados apenas para apresentar, em uma outra linguagem, os dados informados no corpo do texto; ou para organizarem fragmentos citados e comparativos de análises –, os gráficos, os quadros e as tabelas acabam produzindo um impacto positivo no texto. Isso, porque, parecem ser próprios do discurso científico.

Diante disso, percebemos que esses artifícios, mais do que dinamizar a leitura e a compreensão das informações, possuem a capacidade de conferir credibilidade àquele que fala, imprimindo, assim, uma sensação de maior profundidade à pesquisa. Dito de outra maneira, são recursos com força argumentativa e, por isso, interessantes para a instauração da verdade científica.

#### 4.3.3.7 A escrita científica: vocabulário técnico e acadêmico

Aliados às demais estratégias discursivas presentes no discurso científico da área de linguística, temos as características formais da escrita científica.

Talvez uma das mais expressivas estratégias discursivas nos textos científicos seja o emprego de vocabulário técnico e acadêmico. Conforme vimos na seção 4.4.3.3.2 *A escrita científica*, o uso de termos próprios da área de estudo é uma forma de evidenciar o conhecimento e o pertencimento a determinado campo de pesquisa. Desse modo,

funcionam como uma espécie de argumento de autoridade atribuído ao próprio autor do trabalho, uma vez que, ao sugerirem seu conhecimento a respeito do assunto, conferem a ele o direito à fala e, conseqüentemente, credibilidade ao que é informado ou defendido no artigo. São exemplos de vocabulário técnico presentes nos artigos analisados:

- T1:** *ethos* e *ethé*; *pathos*; *logos*; *ethos* pré-discursivo; discurso; espaço de discussão, espaço de ação e um espaço de persuasão; instância política/cidadã/midiática; imagem; lugares de fala; cenografia; modalidades argumentativas.
- T2:** polemização; discurso; heterogeneidade; vozes; imagem; sociocognição; quadro cênico; cena genérica; cenografia; cena englobante; (des)memória discursiva; representação metonímica; *pathos*.
- T3:** sobreasseveração; sobreasseverador; manobras discursivas; recenografar; destacabilidade; enunciações; regimes enunciativos; aforizador; hiperenunciador; enunciação aforizante; cena da enunciação; cena englobante; cena genérica; cenografia; discurso; gênero discursivo; *ethos*; topicalização.
- T4:** discurso; funcionamento ideológico dos discursos; enunciado; enunciatário; enunciação; sujeito; efeitos de sentido; rede interdiscursiva; (inter)locutores; pré-construído; heterogeneidade; heterogeneidade mostrada (marcada e não marcada); interdiscurso; formação discursiva; formações ideológicas; formação social; imagem; memória discursiva.
- T5:** discurso; posições ideológicas; legitimação discursiva; premissas; representação de atores sociais; valores ideológicos; análise interdiscursiva; equivalência formal; equivalência dinâmica; equivalência funcional; acusativo singular; substantivo morfologicamente masculino.
- T6:** representação social; representação de gêneros sociais; papéis sociais; prática sociointerativa; noções de identidade; construção discursiva; orientação hegemônica; representação (não) hegemônica; discursos.
- T7:** ferramentas do programa WordSmith Tools© 6.0; linhas de concordância; restrições linguísticas; convenções do tipo textual; escolhas retóricas; com base no Corpus Brown; constituintes da linguagem; catafórico; discurso; gramáticas descritivas.
- T8:** metacognição; ação cognitiva e metacognitiva; processamento *bottom-up*; processamento *top-down*; inferências agentivas; inferências preditivas; representações mentais; coerência interna.
- T9:** configuração multimodal; reconstrução discursiva; memória plural; circuito enunciativo; abordagem discursiva; práticas de linguagem; ponto de vista sociointeracional; discurso; dispositivo sociocomunicacional; vozes de sujeitos; discursividades; hipertextualidade; hipertexto; gêneros discursivos; padrões enunciativos; práticas de linguagem; perspectiva

macrocontextualista; retextualiza; discursividade narrativa de natureza autocentrada e autorrepresentativa; enunciador; fator enunciativo; encenação.

**T10:** estudos toponímicos; topônimos; toponímia; antroponímia; fenomenologia; atividade onomasiológica; gênese do sentido; enunciador; não-lugar; memória.

Considerando que os artigos acadêmicos são destinados, a princípio, a membros da própria comunidade científica, é esperado que os interlocutores comunguem dos mesmos conhecimentos e, por isso, compreendam a intenção do autor ao utilizar determinados vocábulos técnicos, mesmo sem a explicação de cada um. Diante disso, torna-se evidente o motivo que levou, por diversas vezes, a não explicação dos termos técnicos utilizados. Eles foram inseridos no corpo do texto, pressupondo que não causariam estranhamento.

Vale dizer que, mesmo apresentando termos frequentes em outras áreas do conhecimento, o que faz com que alguns termos sejam classificados como técnicos da área de Linguística são os sentidos depreendidos deles. Ou seja, mesmo que apareçam em outras áreas, aparecem com significados distintos. Como é o caso de vozes; imagem; discurso.

Alguns termos – como epistemológico; epistemologia; *episteme*; *corpus*; categoria; diálogo; dimensão; ideologia; estereótipos; noção; pesquisa qualitativa; pesquisa quantitativa –, apesar de frequentes nos textos da área de Linguística, são situados no limiar entre um vocabulário técnico e um vocabulário acadêmico; uma vez que são recorrentes em diversos campos do saber.

Pensando nas características da escrita acadêmico-científica, começamos pela tentativa de apagamento do sujeito comunicante no processo de construção do artigo. Dizemos tentativa, porque, mesmo em um texto exclusivamente escrito em terceira pessoa, é possível identificarmos marcas de posicionamento do sujeito comunicante. Desse modo, vemos nesses textos, construções com efeito de objetividade.

Conforme vimos na seção 5.3.3.1 *Sujeito Enunciador*, temos, na maioria dos artigos, o emprego da primeira pessoa plural. No entanto, o predomínio ainda é de construções

delocutivas, o que vai ao encontro do que preconiza Hyland (2006), recuperado por Miranda (2016).

Além dessa busca pelo apagamento do *eu*, temos a estrutura dos enunciados e a presença de nominalizações como sendo recursos próprios da escrita acadêmico-científica. Quanto à estrutura dos enunciados, percebemos a grande frequência de períodos longos e, por muitas vezes, complexos nos artigos analisados. Nesses casos, temos períodos compostos por mais de duas orações e, muito frequentemente, com orações – ou termos sintáticos – intercaladas.

Comparando duas passagens de T9, percebemos como a disposição das informações na sentença permite um menor ou um maior grau de dificuldade de compreensão.

**T9:** a. “Por meio delas, os moradores de rua elaboram um entendimento da sua trajetória, atestam um modo de vida gerado pelas desigualdades socioeconômicas do nosso tempo e descrevem os preconceitos e estigmas dos quais são vítimas em seu cotidiano, reivindicando um espaço no universo digital capaz de lhes garantir relativa visibilidade.”

b. “Essas novas condições de produção afetam as relações autor-leitor e a produção dos sentidos, tendo em vista que o circuito polarizado emissor-receptor, já desestabilizado pelas mídias convencionais (que, dentro dos seus limites técnicos, têm buscado a presença do público a que se dirige já na instância de produção do seu conteúdo), torna-se pulverizado.”

Apesar de termos duas sentenças de extensão bem próxima, percebemos que, em relação à leitura e ao seu entendimento, a primeira possui um grau de dificuldade menor que a segunda. Isso acontece, porque, mesmo possuindo 6 (seis) orações<sup>70</sup>, em T9a, essas aparecem numa sequência mais simples (bem delimitada e numa disposição do tipo: uma após a outra) e com termos numa ordem mais próxima da direta (alterando, apenas, a localização do adjunto adverbial para a introdução da sentença). Já em T9b, além de presenciarmos um grande número de orações, vemos que essas se apresentam intercaladas (uma interrompendo outra). Ademais, verificamos a presença de explicações e comentários inseridos no meio de um raciocínio. É o que ocorre em:

---

<sup>70</sup> Considerando as orações reduzidas.

*“que, dentro dos seus limites técnicos, têm buscado a presença do público a que se dirige já na instância de produção do seu conteúdo” e em “tendo em vista que o circuito polarizado emissor-receptor, já desestabilizado pelas mídias convencionais (que, dentro dos seus limites técnicos, têm buscado a presença do público a que se dirige já na instância de produção do seu conteúdo), torna-se pulverizado.”*

Podemos dizer que ambas são estruturas complexas, em função da dimensão, uma vez que quanto maior o período, mais difícil é manter a linha de raciocínio e, assim, alcançar a compreensão esperada pelo autor do texto. Porém, em função da disposição das informações, a segunda tem uma leitura ainda mais complexa. Outro exemplo de construção complexa é o verificado no fragmento abaixo:

**T10:** “Caminhando nesse sentido, ao considerarmos a Toponímia como uma disciplina do conhecimento científico, identificamos nela a existência de uma ordenação em suas proposições.”

Mesmo possuindo apenas 3 (três) orações – metade do que vimos nos fragmentos de T9 –, conseguimos perceber que a compreensão de T10 é mais obscura do que a percebida em T9a. Novamente, em função da ordenação das orações. Assim como em T9b, temos orações intercaladas, apresentando comentários/explicações no meio de um raciocínio, o que também pode ser verificado em:

**T1:** “No fragmento em questão, o domínio fonte corresponde ao zelo e à imparcialidade de uma mãe para com seus filhos, enquanto o domínio-alvo é, igualmente, o zelo e a imparcialidade de um presidente para com os estados de seu país.”

**T2:** “À luz dos estudos discursivos, propomos pensar, neste trabalho, por que, mesmo em uma época em que a polêmica midiática é tão criticada, vemos esse fenômeno se manter cada vez mais vivo no espaço público, a ponto de construir, sobre esse jogo de confronto de posições discursivas, uma ambivalência: se, de um lado, temos um aparente confronto de vozes discursivas, cada uma reivindicando para si o poder de se legitimar, o que poderia ser associado como algo próprio da estrutura democrática – a heterogeneidade e a profusão de vozes nos espaços públicos; por outro, vemos que essa aparente heterogeneidade constrói uma homogeneização do Outro, falando por ele e moldando-o no seu próprio discurso, construindo-o como simulacro.”

- T3:** “Dessa maneira, a notícia *on-line* faz emanar, a partir da notícia ‘tronco’, notícias laterais, que são ‘os galhos’ interligados por meio de outra característica da notícia *on-line*, os *hiperlinks*, dispostos na página em que as notícias são veiculadas.”
- T4:** “Em vista disso, verificamos uma crítica que remete – considerando-se a noção de interdiscurso – à própria formação da ética protestante, onde a preguiça e a indolência, assim como as riquezas que delas advenham, são consideradas como “pecados mortais” (WEBER, 2012, p. 127).”
- T5:** “Para responder, ilustrativamente, a essas questões, selecionei três passagens bíblicas do NT, a saber, Rm 16.1, 1 Co 3.5 e At 6.2-4,4 nas quais serão examinadas, à luz do texto original em grego, as opções adotadas para tradução dos substantivos *διάκονος* e *διακονία* e do verbo *διακονεω* em três diferentes versões da Bíblia em língua portuguesa, as quais também adotam diferentes critérios de tradução e assumem diferentes concepções sobre qual deveria ser a linguagem bíblica adequada em termos de registro.
- T6:** “Considerando que o ambiente escolar é um lugar de formação dos indivíduos, em que são (re)construídas e legitimadas ideologias e representações sociais, e que o livro didático, em nossa realidade, destaca-se como um dos principais materiais utilizados em sala de aula, o presente artigo objetiva investigar as representações de gênero social veiculadas em livros didáticos de língua portuguesa.”
- T7:** “Se de um lado foi possível mostrar a consistência do uso diferenciado dos dois pontos e reticências pelo tradutor nos três TT de diferentes TF e sugerir estratégias usadas visando ao leitor do público-alvo, não foi possível analisar o uso da vírgula e do ponto e vírgula, também consistente, ou evidenciar a existência ou não de convenções editoriais para o tipo textual que possam ter influenciado as escolhas feitas pelo tradutor.”
- T8:** “Observe-se, porém, que essa percepção é realizada sem se perder de vista o objetivo de leitura que foi inicialmente posto, e também com o apoio dos textos-base, que são lembrados nas questões não apenas como ponto de partida para as respostas, mas também como critérios e perspectivas de encaminhamento das respostas.”
- “Ora, além do fato de que só poderíamos detectar os termos em que essa dificuldade se manifesta com uma atividade com um objetivo de leitura definido, o que temos a dizer sobre isso é que essa ação gerenciada precisa ser ensinada na escola, como uma forma de refinamento da habilidade, que os alunos já têm, para comparar as coisas, e a partir de atividades como a que propusemos aos alunos, acompanhadas da discussão, junto com eles, de como elas devem ser observadas e resolvidas, e com que finalidade.”

Considerando que as construções acima demonstram um domínio da linguagem por parte do autor dos artigos, seu emprego acaba conferindo credibilidade ao texto. Isso pode ocorrer, porque é possível que o domínio em um campo acabe sugerindo o domínio em outro. No caso em questão, o domínio vocabular e estrutural da linguagem seria capaz de fortalecer a sensação de maior conhecimento científico. Mas é importante considerarmos, aqui, o que sugere o padrão de escrita científico: textos claros, objetivos e, de preferência, com períodos curtos. Nesse caso, estamos diante de uma das possíveis particularidades do discurso científico da área Linguística.

E quanto ao frequente estilo nominal? Por que a nominalização – em especial, a definida – é um recurso muito empregado em discursos científicos? Conforme já tínhamos visto em uma passagem retirada de Miranda (2016), a nominalização “‘congela’ o evento, reformulando-o como um objeto. Essa transformação (tornando processos em objetos) expressa uma perspectiva científica que busca estabelecer relações entre entidades”. Nesse ponto, temos o aparecimento de uma construção com efeitos mais concretos, mais objetivos: recurso interessante para a demonstração científica.

**T1:** “A relação de interdependência entre as instâncias, portanto, pode ser assim resumida.”

“A exaltação do corpo, a realização de façanhas na vida pessoal, envolvendo o físico, a manifestação da força, pelo tom da voz ou pelo teor agressivo das palavras são expressões desse *ethos*.”

**T2:** “A evolução tecnológica dos sistemas midiáticos parece finalmente propor uma solução para uma questão física: a possibilidade de estar em mais de um lugar ao mesmo tempo.”

**T3:** “A configuração discursiva dessas retomadas é o objetivo deste estudo, que focaliza as notícias *on-line* sobre dois debates político-eleitorais televisivos, com base nos desdobramentos da Análise do Discurso, na perspectiva de Maingueneau.”

“A participação do público mudou a cenografia do debate da Globo, o que também resultou em mudança na relação entre os candidatos [...]”

**T4:** “A formação de um chiste, por sua vez, ocorre a partir de determinadas técnicas [...]”

“O entendimento de uma produção de humor só é possível devido a ser construída através do saber *já-dito* sob a forma do pré-construído, do conhecimento partilhado (POSSENTI, 1998, p. 19), entre o falante e o ouvinte cristãos.”

**T5:** “[...] com implicações para a legitimação discursiva de relações desiguais entre pares como clérigo-leigo e homem-mulher.”

“Dessa forma, além do controle do discurso, o controle da mente é outra forma poderosa de reprodução da dominação pelo abuso de poder [...].”

“[...] não havendo versões cem por cento consistentes na aplicação da equivalência formal ou da equivalência dinâmica.”

“Uma avaliação global das três versões bíblicas, a partir das passagens analisadas, evidencia que a ARC, caracterizada por uma linguagem mais literal, em função do princípio da tradução por equivalência formal, embora bastante marcada pelas premissas tradicionais dos tradutores, apresenta a vantagem de evitar os acréscimos em relação ao texto original.”

**T6:** “Evidencia-se, dessa forma, a relação entre identidade de gênero e linguagem, na medida em que as práticas de linguagem são constitutivas das relações sociais e atuam na construção da identidade, em função dos papéis sociais que os interlocutores assumem no processo interacional.”

“Assim, a representação compreende um dos aspectos relevantes relacionados à identidade, na medida em que a (re)produção dos discursos sobre os sujeitos atuam no processo de identificação desses sujeitos sobre quem são, quem podem ser, junto aos grupos dos quais eles fazem parte. Woodward (2012) defende que diferentes entidades, através de recursos midiáticos, podem contribuir significativamente para a construção de identidades, a exemplo das telenovelas que enfatizam certos padrões de beleza e estilos de vida a serem seguidos pelo público e, muito claramente, da publicidade, cuja “eficácia” está condicionada à identificação dos consumidores com o produto anunciado e/ou com o(s) significado(s) associado(s) a ele (*status* etc.).”

**T7:** “Além disso, a marcação de aposto por meio de travessões conferem ao texto maior dramaticidade e informalidade enquanto o uso de vírgulas sugere uma inserção planejada no texto.”

“Para a geração de dados, foram realizados:

a) Geração dos dados estatísticos dos TT e TF com a ferramenta *lista de palavras* do *WordSmith Tools*© 6.0 (WST) (SCOTT, 2011);

b) Levantamento da frequência dos recursos de pontuação por meio de linhas de concordância dos TT e TF obtidas com o concordanciador do WST;

c) Categorização das ocorrências de dois pontos e de reticências (escolha explicada a frente), trazidos dos TF nos TT ou omitidos, acrescentados ou substituídos, de acordo com as mudanças pertinentes, usando as linhas de concordância dos TF e TT expandidas e alinhadas;

d) Análise das mudanças categorizadas como acréscimo, substituição e omissão nos TT.”

**T8:** “[...] o que evidencia o descomprometimento do exercício com a checagem entre o que os alunos estão lendo e as expectativas de leitura que eles possam ter construído previamente, o que impede uma aferição da qualidade de leitura, inclusive em termos das inferências que eles constroem.”

“A utilização da proposta de Nelson e Narens se insere numa perspectiva de ensino que busca não apenas avaliar a leitura dos alunos, mas também facultar o desenvolvimento da sua capacidade de criar estratégias próprias de leitura através da articulação entre as informações do texto e os conhecimentos que eles trazem como contribuição para a leitura.”

**T9:** “A expansão da vida digital tem levado os estudos da linguagem a se interessarem por esse fenômeno cultural que faz emergir discursividades outras a partir de práticas sociointeracionais, as quais vêm alterando os padrões de sociabilidade.”

**T10:** “A relação homem e meio se estabelece através do espaço.”

Além dos fragmentos retirados do corpo dos textos, temos a própria construção dos títulos. Nenhum dos títulos foi elaborado em torno de uma ação verbal, conforme é possível verificar abaixo. Vale dizer que a ordem apresentada a seguir não corresponde à ordem de análise: os títulos foram dispostos seguindo a ordem alfabética.

- A (des)ordem da polêmica na mídia: o caso da pílula do câncer.
- A representação do homossexual no discurso humorístico: uma análise do canal “Porta dos Fundos”.
- Discurso religioso e tradução: uma análise crítica da tradução de termos relativos ao sacerdócio.
- Metacognição, objetivos de leitura e atividades didáticas de língua portuguesa.
- Narrativas de moradores de rua nas mídias sociais.
- O *lugar* nos estudos toponímicos: reflexões.
- Padrões de uso dos dois pontos e reticências em traduções de Paulo Henriques Britto como traço do estilo do tradutor.
- Representações de gênero social em livros didáticos de língua portuguesa.
- Sobreasseverações: manobras discursivas em notícias *on-line*.
- Um estudo do ethos em discursos do ex-presidente Lula.

Diante dos títulos e dos fragmentos acima, percebemos que a alteração do verbo para o nome, produz uma sensação de que estamos diante de coisas ou fatos. O que diminui, consideravelmente, a sensação de questionamento a seu respeito. Isso acontece, porque a nominalização é construída, frequentemente, mantendo uma relação lógica de causa e efeito ao sintetizar toda uma oração em um único termo. De acordo com Oliveira, Orfanó e Miranda (2017, p.3272), referindo-se à Basílio (2006), “as formas nominalizadas permitem representar de modo unificado, e através de uma única palavra, toda uma proposição”. Pensando nisso, as nominalizações se apresentam como autônomas (não exigindo explicações, mesmo demandando complementos apresentados ou não), e, em função disso, como autoritárias. Dessa forma, seu uso frequente contribui para o fortalecimento da credibilidade.

É importante esclarecer que é bem provável que nem todos os recursos acima<sup>71</sup> sejam comuns ao discurso científico, em geral – contemplando todos os cursos de humanas, exatas e biológicas<sup>72</sup> –, mas é possível presumirmos o porquê de sua manifestação na área avaliada: como a linguagem é o objeto de estudo das pesquisas no campo da Linguística, seu domínio por parte do autor dos artigos é esperado. Ou seja, trata-se de uma consequência lógica quando pensamos na formação do profissional que desenvolve os artigos: aquele que trabalha com a linguagem tem, a princípio, um domínio sobre ela. Dessa forma, as construções mais complexas, com períodos longos e com orações intercaladas tornam-se frequentes.

#### **4.3.4 Síntese dos resultados**

Após a análise dos artigos selecionados foi possível chegarmos a alguns resultados que correspondem ao esperado pelos artigos científicos em geral, mas, também, a resultados que nos parecem ser mais específicos da área de Linguística – ou, ao menos, dos artigos analisados. Diante disso, apresentaremos, a seguir, um resumo dos

---

<sup>71</sup> A começar pela construção de períodos longos e complexos, já sinalizados, acima, como um “desvio” da regra.

<sup>72</sup> Trata-se das 3 áreas em que o conhecimento é tradicionalmente dividido. Mas também poderíamos pensar na divisão da ciência, apresentada por Marconi e Lakatos (2003), citada anteriormente: ciências formais (lógica e matemática), ciências factuais naturais (física, química, biologia...) e ciências factuais sociais (antropologia cultural, direito, economia, política, psicologia social, sociologia...).

resultados alcançados nesta pesquisa. Para isso, lançaremos mão de um quadro para cada aspecto avaliado, a fim de tornarmos a visualização mais clara.

#### **Quadro 06:** A Organização Estrutural dos Artigos de Linguística

- Os artigos seguem um padrão organizacional que não foge ao que foi apresentado como estrutura típica dos artigos em geral.
- Os textos possuem as informações preliminares de apresentação do texto (títulos e subtítulos), indicação dos autores e suas credenciais; resumos e palavras-chave; corpo do artigo contendo a apresentação, desenvolvimento/ exposição, resultados e conclusões da pesquisa; referências bibliográficas.
- Os textos organizam-se de maneira praticamente estável: Introdução; Fundamentação Teórica; Contextualização e Apresentação do *Corpus*; Análise do *Corpus* / Reflexão ou revisão de literatura

É bem provável que essa subdivisão do corpo do artigo se deva ao fato de que, na área de Linguística, é muito comum que a pesquisa seja orientada pela análise de um *corpus* que aparece como exemplo ou como ilustração para uma teoria, ou, em outros casos, como uma pesquisa que busca refletir acerca de uma teoria.

#### **Quadro 07:** Os Resumos dos Artigos de Linguística

- No geral, apresentam as informações esperadas nessa seção: a indicação da proposta da pesquisa; da base teórica adotada; dos resultados obtidos; e da conclusão alcançada.
- É comum a presença de uma contextualização da questão objeto de análise.
- É comum a indicação do corpus de análise.
- Não é comum a indicação dos procedimentos metodológicos seguidos.
- Não é comum a indicação de uma hipótese.

Mais uma vez, vemos o tipo de pesquisa influenciando a seção resumo. Tendo em vista a grande frequência da análise de *corpus* orientando as pesquisas da área de Linguística, a identificação do material analisado torna-se interessante já na apresentação dos trabalhos. Isso justifica o fato de que todos os artigos que fizeram uso desse recurso terem, já no resumo, apresentado o *corpus* investigado. A importância dada à contextualização da pesquisa, indicando os fatores que a provocaram, possivelmente, está relacionada à área da pesquisa/pesquisador. Nesse caso, o fato de o pesquisador de Linguística ver o contexto e a situação de

comunicação<sup>73</sup> como aspectos indissociáveis de qualquer análise/pesquisa, pode fazer com que essa questão seja percebida, automaticamente, como importante no momento de apresentar a pesquisa. As demais particularidades, parecem não ter muita relação nem ao tipo, nem à área de pesquisa, mas ao estilo do grupo de pesquisadores, que preferem não evidenciar: nem a hipótese que surgiu no início da pesquisa, nem os procedimentos metodológicos adotados. Como a hipótese pode ser ou não confirmada pela pesquisa, sua revelação parece não ser indispensável para o desenvolvimento do artigo. Vale dizer que, não há como provar que a hipótese apresentada foi, de fato, o que os pesquisadores tiveram como formulação provisória. Como a versão definitiva do artigo é elaborada após a conclusão da pesquisa, é possível que a hipótese exibida tenha passado por modificações, a fim de conferir maior credibilidade ao pesquisador (sugerindo que, desde o início, estava correto). Em relação à metodologia, parece que o mais importante para a área é indicar a base teórica que fundamentou o trabalho do que os procedimentos metodológicos seguidos. Uma possível justificativa para essa questão advém do fato de que quase todos os artigos analisados partiram de uma análise de *corpus* para defender ou criar uma teoria. Ou seja, não há um procedimento metodológico muito rígido<sup>74</sup> e que, portanto, valha a pena ser revelado. Nesses casos, o mais importante é apresentar o embasamento acerca do que vai ser pesquisado.

#### **Quadro 08:** As Conclusões dos Artigos de Linguística

- Os artigos apresentam a conclusão/resultado da pesquisa.
- No geral, os artigos repassam, de forma resumida, os passos observados na pesquisa. Principalmente, a explicação e comentários da análise e dos dados apresentados na pesquisa.
- De todos os aspectos apresentados como típicos de uma conclusão de artigo científico, apenas a indicação da importância de novas pesquisas no assunto não é uma prática típica da elaboração de conclusões nos artigos de Linguística.

O que percebemos com a análise dos textos é que as características da conclusão nos artigos da área de Linguística foi, basicamente, a preconizada pelos manuais de escrita

---

<sup>73</sup> Mais precisamente para os analistas do discurso que adotam a teoria Semiolingüística.

<sup>74</sup> Ao contrário do que é visto em pesquisa de outras áreas (biológicas, médicas...), nas quais a metodologia empregada e os procedimentos adotados podem interferir nos resultados.

científica: seção curta, sem a apresentação de novos argumentos e com a finalidade de resumir o percurso visto no artigo e apresentar o resultado/conclusão. Com exceção da sugestão da importância de novas pesquisas (verificada em apenas 40% dos artigos). Conforme apontamos, anteriormente, é possível que essa particularidade se deva ao tipo de pesquisa, visto que as análises nessa área passam pela observação de um *corpus* específico, a partir de uma dada teoria, o que demonstra uma análise bem pontual.

#### **Quadro 09:** Sujeito enunciador nos Artigos de Linguística

- No geral, notamos uma tentativa de apagamento do sujeito enunciador na maior parte dos artigos: por meio do emprego da 3ª pessoa do singular, de construções na voz passiva, de metáforas metonímicas e até do uso da 1ª pessoa do plural evidenciando um sujeito universal.
- Na maioria dos artigos, verificamos a presença de construções na 1ª pessoa (do singular ou do plural) com tom autoral.

Mesmo deixando evidente a presença do sujeito enunciador na maioria dos artigos, podemos dizer que, ainda assim, o que prevalece é a sensação de distanciamento desse em relação à pesquisa. Isso acontece, porque, em diversas situações, o uso da 1ªpp manifesta um tom generalizante ou epistêmico, e não autoral. Ademais, as seções que apresentam o *corpus*, o contexto que justifica/orienta a relevância da pesquisa e a teoria que servirá de aporte para análise são construídas, em sua maioria, de maneira delocutiva. Assim, podemos perceber uma particularidade cerceada por uma necessidade. O pesquisador da área de Linguística, frequentemente, parece se mostrar no texto, mas, considerando a necessidade de manter a credibilidade científica, essa presença segue uma restrição: não é interessante que o pesquisador se mostre indistintamente. O que justifica o fato de serem mais percebidos em passagens que associam a pesquisa ao enunciador, sem que isso o relacione diretamente ao que é apresentado – como se ele fosse apenas um divulgador de um fato/resultado real, que não depende de seu olhar. Em contrapartida, os enunciados que trazem as informações que norteiam ou que resultam da pesquisa aparecem mais afastados dessa relação/interferência do sujeito enunciador.

### Quadro 10: A Modalização nos Artigos de Linguística

- Predomínio de enunciados com modalizações epistêmicas asseverativas ou quase-asseverativas.
- Grande incidência de enunciados com modalizações deônticas volitivas; avaliativas, epistêmicas de crença e delimitadoras.
- Predomínio de verbos no modo indicativo. Sendo, na maioria dos casos, conjugados no presente. Seguidos das conjugações no pretérito (perfeito e imperfeito) e futuro.

De acordo com a análise dos artigos, percebemos que mesmo fazendo uso significativo de modalizadores deônticos volitivos, avaliativos, epistêmicos de crença e delimitadores, o que predominou foi um tom de certeza ou de quase certeza diante daquilo que se fala. Isso, porque, nas passagens mais relacionadas à pesquisa propriamente dita (na contextualização e na problematização do assunto a ser tratado no artigo; na indicação da base teórica; na apresentação do *corpus* e na sua relação com o aporte teórico; na análise do *corpus*, bem como na apresentação de seus fragmentos; na discussão dos fragmentos; na exposição dos resultados e da conclusão), os modalizadores predominantes foram os epistêmicos asseverativos e quase-asseverativos, inclusive, em função da predominância dos verbos no presente do modo indicativo.

### Quadro 11: Argumento de Autoridade nos Artigos de Linguística

- Pesquisas embasadas e sustentadas por citações de autores que abordaram assuntos afins ao objeto de análise.
- Uso de verbos e expressões indicadores de citação demonstrando o posicionamento do autor do artigo diante do conteúdo da citação ou da atitude do autor citado e sugerindo como a informação citada deve ser percebida pelo interlocutor.
- Preferência pelas citações indiretas.
- Uso de verbos e expressões indicadores de citação demonstrando “intenção”, “limitação”, “convicção” e “neutralidade”.

Mesmo não sendo a opção que mais contribui para a credibilidade, parece que, nos artigos científicos da área de Linguística, a preferência seja a citação indireta. E mais do que isso, que a escolha pelos verbos e expressões indicadores de citação não segue um rigor semântico que vise à força de convicção. Afinal, várias construções, apesar de buscarem evidenciar a demonstração científica, não possuíam uma carga de

certeza. Assim, inferimos que nos textos da área, a credibilidade está mais para “o que se informa” pela citação do que para “o como se informa”.

#### **Quadro 12:** Sequências Explicativas e Conclusivas nos Artigos de Linguística

- Uso de sequências explicativas e conclusivas para demonstrar as relações observadas no percurso científico até a indicação dos resultados: presença de orações causais, conclusivas, explicativas, bem como a utilização de sequências esclarecedoras.

A respeito desse tópico, podemos dizer que o corpus selecionado segue o esperado dos artigos científicos: uma construção textual baseada em explicações, causas e conclusões. Além disso, pensando no objetivo das pesquisas de trazerem as informações, os dados e os resultados de maneira clara e objetiva, as sequências esclarecedoras aparecem como mecanismos facilitadores para esse fim. O que nos parece menos típico dos artigos científicos são as sequências desconstrutivas de raciocínio, também observadas em textos de nosso *corpus*. No entanto, como não foram percebidas na maior parte dos artigos analisados, não as consideramos como particularidades dos artigos da área de Linguística. O que fica, então, é a aproximação dos mecanismos explicativos e conclusivos utilizados pelos artigos da área e os artigos em geral.

#### **Quadro 13:** Apresentação de recortes do *corpus* analisado nos Artigos de Linguística

- Frequente utilização do argumento pelo exemplo ou pela ilustração.
- Frequentemente, as pesquisas na área contam com uma análise de *corpus*.
- Frequentemente, o *corpus* que tem seus recortes apresentados nos artigos é composto por textos e discursos.
- Predominância da argumentação pela ilustração.

Assim como é visto em muitas pesquisas científicas, nos artigos analisados verificamos a utilização de um caso particular servindo como base para uma possível generalização. Nesses casos, as pesquisas recorrem a exemplos ou ilustrações a fim de, respectivamente, fundamentar/instituir ou reforçar uma regra. Considerando que,

frequentemente<sup>75</sup>, o material de análise das pesquisas na área de Linguística é composto de textos e discursos, o que servirá de exemplo ou de ilustração para uma regra será a análise de um *corpus*. Vale dizer que, a partir dos nossos estudos, verificamos uma possível predominância dos argumentos pela ilustração. Isso, porque, mesmo em alguns casos em que a análise do *corpus* funcionou para elaborar uma regra (ou seja, argumentação pelo exemplo), observamos, inicialmente, uma relação do *corpus* como ilustração de uma teoria. Sendo assim, parece ser uma particularidade da área a necessidade de apresentar o *corpus* como validador de uma teoria. Dessa forma, parece ser comum às pesquisas da área possuírem o papel de assegurar a validade de trabalhos anteriores.

#### **Quadro 14:** Utilização de Gráficos, Quadros e Tabelas nos Artigos de Linguística

- Utilização de representações ilustrativas que possuem a função de organizar e possibilitar a interpretação do trabalho desenvolvido, de forma clara e objetiva: gráficos, quadros e tabelas.
- As representações ilustrativas demonstrativas foram empregadas, principalmente, para evidenciar o que não foi apresentado ou anunciado no corpo do texto e na modalidade “quadro”.
- As representações ilustrativas de análise foram utilizadas, principalmente, para apontarem os comparativos de análises, para organizarem os dados obtidos na pesquisa e para destacar algum contraste nos dados.
- As representações ilustrativas esquemáticas, aparecem para demonstrar a informação trazida no corpo do texto de maneira sintetizada, por meio de esquemas.

Apesar de serem, aparentemente, próprios do discurso científico – ou seja, uma marca desse discurso – esses recursos não foram muito utilizados pelos artigos analisados. Apenas 40% dos artigos apresentaram informações por meio dessas representações ilustrativas. A partir dos resultados, parece que a escrita científica da área de Linguística no gênero em questão prima pela escrita fluida, linear, sem interrupções de outras técnicas informativas. No entanto, considerando que a ocorrência desse recurso não foi insignificante (principalmente, quando pensamos na quantidade de quadros, gráficos e tabelas presentes nos artigos que fizeram uso desse recurso), preferimos falar que

---

<sup>75</sup> Tendo por base o que foi verificado nos 10 (dez) artigos analisados.

os artigos analisados preferiram uma escrita mais contínua, e não que se trata de uma particularidade da área. Sendo assim, podemos dizer que, mesmo sendo recursos de grande valia para a credibilidade científica, os textos selecionados parecem não conferir tamanha necessidade – ou mesmo importância – para a utilização de tabelas, quadros e figuras.

#### **Quadro 15:** A Escrita Científica nos Artigos de Linguística

- Emprego de vocabulário técnico e acadêmico.
- Grande incidência de nominalizações.
- Grande frequência de períodos longos e, por muitas vezes, complexos.

A partir da análise dos artigos foi possível identificarmos uma aparente particularidade da escrita científica da área de Linguística que vai de encontro ao previsto nos artigos científicos em geral: a presença de períodos longos e complexos. De acordo com os manuais de escrita científica, o texto precisa ser claro e, para que isso seja possível, é importante que os períodos sejam curtos e diretos, evitando a existência de muitas orações interligadas e, principalmente, intercaladas. No entanto, quando pensamos em outros aspectos valorizados na escrita científica, observamos a importância dada ao emprego de vocabulário técnico e acadêmico. Considerando que tal vocabulário não facilita a clareza das informações para um público em geral, chegamos a uma questão: como ser claro utilizando termos inacessíveis a tantos? Daí vem a complementação: é importante que o texto seja claro para a comunidade científica para a qual foi elaborado. Sendo assim, são as habilidades de escrita e de leitura da comunidade que devem orientar a escrita dos artigos científicos. Tendo em vista que o objeto de estudo da área de Linguística é, exatamente, a linguagem, a presença de períodos longos, indiretos e complexos não deve comprometer tanto a clareza das informações, afinal, espera-se que os membros dessa comunidade dominem esse tipo de construção.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

O artigo científico é um instrumento central na comunicação da ciência. É por meio dele que pesquisas são frequentemente anunciadas entre os pares, que resultados (mesmo que parciais) são apresentados para a comunidade científica com a intenção de promover um debate coletivo de ideias e, assim, possibilitar novos descobrimentos. Trata-se de um dos mecanismos de divulgação do conhecimento científico mais utilizados entre os membros de uma comunidade científica.

Nessa busca de apresentar novas ideias e teorias, o pesquisador ultrapassa o desejo de apenas informar. Isso ocorre, porque vemos nos artigos científicos uma visada demonstrativa. Ou seja, o pesquisador procura apresentar seus resultados como aceitáveis e como potencialmente verdadeiros. Em função disso, organiza seu discurso de divulgação da pesquisa seguindo um raciocínio hipotético-dedutivo: indicando o questionamento, apresentando estratégias de prova e mantendo-se engajado na posição defendida (CHARAUDEAU, 2016).

No entanto, não é certo que as estratégias de prova e que a forma como o pesquisador se engaja na defesa de seu posicionamento sejam as mesmas em todos os campos do conhecimento. É possível – e até esperado – que aspectos da pesquisa e/ou da própria comunidade interfiram no modo como os discursos são elaborados. E foi, nessa perspectiva que executamos nosso trabalho.

A fim de estudarmos os mecanismos discursivos responsáveis por conferir credibilidade aos artigos da área de Linguística, adotamos um *corpus* de análise composto de 10 (dez) artigos da área. Embora todos os textos analisados sejam da área, os resultados devem ser entendidos apenas como padrões e tendências de escrita acadêmico-científica da área, não como específicos ou típicos dela. Nessa análise, selecionamos alguns aspectos que nos parecem exercer algum tipo de influência na instauração da verdade científica: aspectos relacionados às estratégias enunciativas (a apresentação do enunciador; a gestão do dialogismo e a modalização) e aspectos relacionados às estratégias argumentativas (os argumentos baseados na estrutura do real: argumento

de autoridade, argumento pelo vínculo-causal; as ligações que fundamentam a estrutura do real: argumento pelo exemplo ou pela ilustração; e os elementos típicos dos textos científicos: a escrita científica e a utilização de gráficos, quadros e tabelas). Vale, aqui, deixar claro que os aspectos analisados não esgotam os recursos utilizados para fortalecer a verdade científica – seja no geral, ou da área. Até mesmo, porque, conforme vimos, uma única pesquisa não consegue abarcar toda a complexidade do fazer científico. É o diálogo entre os trabalhos que faz com que a ciência avance e seja recebida com respeito. Desse modo, torna-se interessante o desenvolvimento de novas pesquisas que contribuam para o amadurecimento deste trabalho.

Inicialmente, analisamos a organização estrutural dos artigos. Nesse tópico, verificamos que, mesmo sendo publicados em revistas diferentes e escritos por autores de diversas localidades, os textos, no geral, seguiram uma estrutura parecida, mesmo que com denominações distintas: Título do Artigo – Autores/Identificação Acadêmica – Resumo/Palavras-chave – Abstract/ Keywords – Introdução – Fundamentação Teórica – Contextualização e Apresentação do *Corpus* – Análise do *Corpus* – Considerações Finais – Referências. Tendo em mente que a estrutura não foi predeterminada pelas normas de publicação das revistas, podemos compreender como um possível padrão de escrita acadêmico-científica da área de Linguística associado aos parâmetros do gênero instituído.

Outras semelhanças foram percebidas ao longo da análise. Dentre elas, a presença de marcas discursivas que remetem ao pesquisador a autoria do que é dito, o que vai de encontro ao que prescreve a norma tradicional de escrita acadêmico-científica. Tradicionalmente, o sujeito enunciativo deve manter-se apagado e deixar a entender que os fatos e a pesquisa falam por si. Sendo assim, o ideal é uma construção na 3ª pessoa do singular ou, quando muito, na 1ª pessoa do plural evidenciando um sujeito universal. No entanto, em quase todos os artigos pesquisados notamos o emprego da 1ª pessoa evidenciando um tom autoral. Porém, esse emprego não foi utilizado ao longo de todo o artigo. Verificamos um emprego modesto desse tipo de construção, principalmente, em passagens que apresentam o *corpus*, os objetivos e as propostas de trabalho, os suportes teóricos e metodológicos, a organização dos trabalhos e a apresentação dos resultados. Ou seja, a autoria dos enunciados só é assumida pelos

autores quando esses se referem ao trabalho realizado, deixando os demais enunciados – os que trazem as informações que norteiam ou que resultam da pesquisa – afastadas dessa relação/interferência do sujeito enunciativo. Mesmo quando o modo elocutivo é empregado para apresentar os resultados/conclusões, ele é comumente utilizado de modo a deixar transparecer que esses dados foram apenas verificados pelo sujeito enunciativo, sem, contudo, ter dependido de seu olhar para serem admissíveis. Sendo assim, mesmo apresentando uma particularidade que diferencia a escrita dos artigos da área de Linguística das demais áreas, podemos dizer que, ainda assim, o que prevalece é o preconizado pela regra geral. O que temos então, são artigos com uma modalização objetiva, mas com o investimento do *eu* (1ª pessoa).

Ainda abordando os aspectos enunciativos, temos a questão da modalização. Após a análise dos artigos, verificamos a presença de todos os tipos e subtipos de modalizações. No entanto, as predominantes foram exatamente as epistêmicas asseverativas e quase-asseverativas. Em outras palavras, as que apresentam a informação/fato como verdades ou quase verdades. Assim, o tom que perpassa por todo o texto é de certeza (ou de quase certeza) diante daquilo que se fala. As demais modalizações utilizadas com uma frequência significativa apareceram com propósitos quase definidos: 1. *modalização avaliativa*, observadas na avaliação dos estudos e das teorias que servem de suporte para os trabalhos; dos dados extraídos da pesquisa e do *corpus*; dos aspectos da análise; e da qualificação dos dados; 2. *modalização epistêmica de crença*, observadas na demonstração de uma potencial verdade pelo viés dos autores da pesquisa; 3. *modalização delimitadora*, observadas na limitação do alcance da força semântica das informações; 4. *modalização volitiva*, observadas, principalmente, na indicação dos objetivos da pesquisa. Considerando que o efeito pretendido pelo discurso científico é de convicção a respeito do que é dito, podemos dizer que as modalizações avaliativas, epistêmicas de crença e as delimitadoras não seriam interessantes para a efetivação desse propósito. No entanto, analisando os artigos, percebemos que mesmo essas modalizações foram empregadas de maneira a contribuir para a credibilidade científica. Isso, porque: 1. As modalizações avaliativas, frequentemente, eram uma avaliação positiva acerca das teorias que serviram de suporte para os trabalhos. Afinal, ao destacar positivamente a teoria, automaticamente, destaca-se positivamente toda a pesquisa por ela orientada. 2. As modalizações

epistêmicas de crença apareciam, constantemente, fortalecidas pela presença de modalizadores epistêmicos quase-asseverativos, o que as fazia se aproximar de uma sensação de possibilidade real. 3. As modalizações delimitadoras possuíam duas particularidades bem distintas: a.) na maioria das vezes, deveriam delimitar o alcance da proposição, no entanto, a própria pesquisa aparecia apresentando os resultados como estendíveis a outras situações/discursos de natureza semelhante (não produzindo, assim, uma força semântica muito expressiva); b.) principalmente nos casos em que as pesquisas não buscam uma generalização dos resultados, possuem um efeito retórico-argumentativo importante, uma vez que indicam o espaço em que a verdade dos resultados deve ser considerada (ampliando a garantia da verdade no âmbito da delimitação feita).

A respeito das estratégias argumentativas, vemos a presença do argumento de autoridade como questão essencial para a validação da pesquisa. Trata-se de uma maneira de evidenciar o percurso científico do sujeito pesquisador, revelando, assim, sua autoridade para também falar. No entanto, não basta citar, é preciso que o pesquisador fique atento à forma como ele cita, aos verbos e expressões que ele utiliza para indicar as citações. No decorrer dos artigos selecionados, foi possível observarmos uma variação considerável de verbos e expressões dicendi. A fim de melhor avaliá-los, decidimos organizá-los em um quadro classificando-os em 11 (onze) tipos.

- Verbos e expressões que mais contribuem para a instalação do efeito de verdade no texto científico: de reflexão; de ilustração/comprovação; de embasamento anterior; de possibilidade; de esclarecimento; de evidência. Sendo que os últimos produzem efeitos mais significativos de verdade, visto que são expressos como possibilidade, elementos esclarecedores e divulgadores de fatos/evidências.
- Verbos e expressões neutros: de ideias/raciocínio; de neutralidade.
- Verbos e expressões que mais contribuem para a instalação do efeito de verdade no texto científico: de intenção; delimitadores; de convicção.

Quanto à presença de sequências explicativas e conclusivas, vimos que possuem função de demonstrar discursivamente a relação entre as etapas e os procedimentos das pesquisas. Nesse caso, observamos a presença de orações causais, conclusivas, explicativas e esclarecedoras o que, provavelmente, deve ser visto em artigos de outras áreas.

Outra estratégia verificada e que parece ser comum aos artigos científicos em geral é a utilização de gráficos, quadros e tabelas. Além de facilitarem a clareza das informações, esses recursos parecem produzir um impacto positivo no texto exatamente porque parecem ser próprios do discurso científico. Sendo assim, acabam possuindo a capacidade de conferir credibilidade ao texto na medida em que imprimem uma sensação de maior profundidade à pesquisa.

A respeito da apresentação de recortes do *corpus* analisado, vimos se tratar de um recurso muito importante para a credibilidade de pesquisas que envolvem a análise de um *corpus*. Afinal, os recortes, mesmo possuindo suas fragilidades, aparecem para exemplificar a regra que está sendo apresentada/criada ou para ilustrar uma regra que está sendo defendida/recuperada. O que parece ser uma tendência da área de Linguística é a valorização do *corpus* como ilustração de uma teoria ou regra, tendo em vista sua maior recorrência nos artigos selecionados.

Para finalizar, abordamos as questões ligadas à escrita acadêmico-científica. Nessa seção, identificamos, mais uma vez, aspectos que parecem seguir as recomendações do gênero em geral – a presença de um vocabulário técnico e acadêmico e o emprego de nominalizações – e de aspectos que parecem padrões os artigos da área de Linguística – elaborações de períodos longos e complexos.

Após toda análise, foi possível chegarmos a evidências de que, de fato, a comunidade científica contribui para a definição das estratégias discursivas a serem adotadas. Mesmo sem a realização de uma pesquisa contrastiva entre áreas distintas, essa conclusão foi possível, uma vez que a análise aponta para algumas características que fogem ao que é prescrito pelos manuais gerais de escrita acadêmico-científica.

Pensando na questão da verdade científica, voltamos ao que dissemos logo nos capítulos iniciais: é um produto social e é falível. Nessa perspectiva, as estratégias valorizadas para a obtenção e para a manutenção da credibilidade dos artigos da área de Linguística podem não ser aplicáveis em textos de outras áreas. E, considerando essa falibilidade, todos os efeitos depreendidos do uso dessas estratégias deveriam, portanto, ser encarados não como verdades, mas como formas próprias da escritura científica ou como efeitos de verdade que resultam das formas discursivas.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AMOSSY, R. (org.). *Imagens de si no discurso: a construção do ethos*. 2 ed. São Paulo: Contexto, 2011.

AMOSSY, R. As modalidades argumentativas do discurso. In: LARA, G. M. P.; MACHADO, I. L.; EMEDIATO, W. (Orgs.). *Análises do discurso hoje*. v.1. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2008.

AMOSSY, R. *L'argumentation dans le discours*. 2.ed. Paris: Armand Colin, 2006.

ANDRADE, V. A. B. *Modalização em artigos científicos da área da Linguística*. 2010. 150f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Instituto de Letras e Linguística, Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2010.

ARISTÓTELES. *Metafísica*. Livro I. São Paulo: Loyola, 2002, [s/p]. Disponível em: <<http://www.unirio.br/cch/filosofia/Members/dario.teixeira/teoria-do-conhecimento-2018-01/1-aristoteles-metafisica-livro-i/view>>. Acesso em: 22 de outubro de 2019.

ARISTÓTELES. Arte Retórica. In: *Arte Retórica e Arte Poética*. 15.ed. Rio de Janeiro: Ediouro, [1990], p.17-228.

AUTHIER-REVUZ, J. *Entre a transparência e a opacidade: um estudo enunciativo do sentido*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2004.

AUTHIER-REVUZ, J. Hétérogénéité montrée et hétérogénéité constitutive: éléments pour une approche de l'autre dans le discours. In: *DRLAV*, 26, 1982, p.91-151.

BAKHTIN, M.; VOLOCHÍNOV, V. N. *Marxismo e Filosofia da Linguagem*. 13.ed. São Paulo: Hucitec, 2009.

BAKHTIN, M. *Estética da Criação Verbal*. 2.ed. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

BASÍLIO, M. *Formação de classes de palavras no português do Brasil*. São Paulo: Contexto, 2006.

BECHARA, E. *Moderna gramática portuguesa*. 37.ed. rev. ampl. 15ª reimpr. Rio de Janeiro: Lucerna, 2005.

BHATIA, V. K. *Analysing Genre: Language use in professional setting*. London/New York: Longman, 1993 *apud* COSTA, A. R. da. *O Gênero Textual Artigo Científico: Estratégias de organização*. 2003. 157f. dissertação (Mestrado em Letras – Estudos Linguísticos) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2003.

BOURDIEU, P. *La distinction*. Critique sociale du jugement. Paris: Editions de minuit, 1979.

CASTILHO, A; CASTILHO, C. M. Advérbios modalizadores. In: ILARI, R. (org.) *Gramática do Português Falado*. v. 2. Campinas: Editora da UNICAMP, 1993, p.213-260 *apud* Matos, F. C. V. de. *Modalização: uma estratégia argumentativa*. 2009. 108f. Dissertação (Mestrado em Língua Portuguesa) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2009.

CHARAUDEAU, P. Sobre o discurso científico e sua mediação. In: *Calidoscópio*. vol.14, n.3. Unisinos, set/dez 2016, p.550-556. Disponível em: <<http://www.patrick-charaudeau.com/IMG/pdf/.pdf>>. Acesso em: 10 de dezembro de 2019.

CHARAUDEAU, P. Dize-me qual é teu corpus, eu te direi qual é a tua problemática. In: *Revista Diadorim*. v.10, Rio de Janeiro, 2011, p.01-23. Disponível em: <<http://www.revistadiadorim.letras.ufrj.br>>. Acesso em: 14 de agosto de 2016.

CHARAUDEAU, P. *Linguagem e discurso: modos de organização*. 2.ed. São Paulo: Contexto, 2010a.

CHARAUDEAU, Patrick. *O discurso das mídias*. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2010b.

CHARAUDEAU, P. *El contrato de comunicación en una perspectiva lingüística: convenciones psicosociales y convenciones discursivas*. Opción Maracaibo, 2009. Disponível em: < <http://www.patrick-charaudeau.com/El-contrato-de-comunicacion-en-una.html>>. Acesso em: 10 de dezembro de 2019.

CHARAUDEAU, P. Contrato de comunicação. In: CHARAUDEAU, P.; MAINGUENEAU, D. *Dicionário de Análise do Discurso*. 2.ed. São Paulo: Contexto, 2008a, p.130-133.

CHARAUDEAU, P. Situação de comunicação. In: CHARAUDEAU, P.; MAINGUENEAU, D. *Dicionário de Análise do Discurso*. 2.ed. São Paulo: Contexto, 2008b, p.450-452.

CHARAUDEAU, P. (dir.). *La médiatisation de la science*. Bruxelles: de Boeck, 2008c.

CHARAUDEAU, P. Les stéréotypes, c'est bien. Les imaginaires, c'est mieux. In: Boyer H. (dir.). *Stéréotypage, stéréotypes: fonctionnements ordinaires et mises en scène. Langue(s), discours*. v.4. Paris: L'Harmattan, 2007. Disponível em: <<http://www.patrick-charaudeau.com/Les-stereotypes-c-est-bien-Les,98.html>>. Acesso em: 10 de setembro 2014.

CHARAUDEAU, P. Visadas discursivas, gêneros situacionais e construção textual. In: MACHADO, I. L.; MELLO, R. de. *Gêneros reflexões em análise do discurso*. Belo Horizonte, NAD/Fale-UFMG, 2004, p.13-41.

CHUNG, T. M.; NATION, P. Technical vocabulary in specialized texts. In: *Reading in a Foreign Language*, v.15, n.2. 2003 *apud* MIRANDA, M. V. *Processos verbais em artigos científicos: Uma análise com base na língua em uso*. 2016. 105f. Dissertação (Mestrado em Letras – Estudos Linguísticos) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2016.

CORACINI, M. J. *Um fazer persuasivo: o discurso subjetivo da ciência*. São Paulo: Pontes, 1991.

CORRÊA-ROSADO, L. C. Teoria semiolinguística: alguns pressupostos. In: *Memento: Revista de Linguagem, Discurso e Cultura*. v.05, n.2. UNINCOR, 2015, p.01-18. Disponível em: <[http://periodicos.unincor.br/index.php/memento/article/view/1826/pdf\\_44](http://periodicos.unincor.br/index.php/memento/article/view/1826/pdf_44)>. Acesso em: 10 de outubro de 2019.

COSTA, A. R. da. *O Gênero Textual Artigo Científico: Estratégias de organização*. 2003. 157f. dissertação (Mestrado em Letras – Estudos Linguísticos) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2003.

DESCARTES, R. *Le discours de la méthode*. Paris, Eds. Sociales, 1650 *apud* CORACINI, M. J. *Um fazer persuasivo: o discurso subjetivo da ciência*. São Paulo: Pontes, 1991.

EMEDIATO, W. Discurso, argumentação e modalização nos processos avaliativos. In: MACHADO, I. *et al.* *A transdisciplinaridade e a interdisciplinaridade nos estudos da linguagem*. FALE/UFMG, 2013, p.79-101.

EMEDIATO, W. *A fórmula do texto: redação, argumentação e leitura*. 5. ed. São Paulo: Geração Editorial, 2010.

EMEDIATO, W. Contrato de leitura, parâmetros e figuras de leitor. In: MARI, H. *et al.* (orgs.). *Ensaio sobre leitura 2*. Belo Horizonte: Editora PUC Minas, 2007, p.83-98.

FOUCAULT, M. Verdade e Poder. In: *Microfísica do Poder*. s/d. Disponível em <[https://www.nodo50.org/insurgentes/biblioteca/A\\_Microfisica\\_do\\_Poder\\_-\\_Michel\\_Foucault.pdf](https://www.nodo50.org/insurgentes/biblioteca/A_Microfisica_do_Poder_-_Michel_Foucault.pdf)>. Acesso em: 25 de julho de 2018.

FUZER, C. Realização de processos verbais em textos científicos da área de engenharia civil. In: *DELTA*, v.28, n. especial, 2012 *apud* MIRANDA, M. V. *Processos verbais em artigos científicos: Uma análise com base na língua em uso*. 2016. 105f. Dissertação (Mestrado em Letras – Estudos Linguísticos) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2016.

GUIMARÃES, E. Expressão modalizadora no discurso de divulgação científica. In: *Educação e Linguagem*. Ano 4. n.5, jan-dez.2001, p.65-77.

GUIRADO, M. Vértices da pesquisa em psicologia clínica. In: *Psicologia USP*. v.8, n.1. São Paulo, 1997. Disponível em: <<http://www.scielo.br/scielo.php?&pid=S0103-65641997000100009>>. Acesso em: 11 de janeiro de 2020.

GRIZE, J-B. Le point de vue de la logique naturelle. In: DOURY, M.; MOIRAND, S. *L'Argumentation aujourd'hui: Positions théoriques en confrontation*. Paris: Presses Sorbonne Nouvelle, 2004, p.35-44.

HAROCHE, C.; HENRY, P.; PÊCHEUX, M. La sémantique et la coupure saussurienne: langue, langage, discours. In: *Langages*, 24, 1971, p.93-106 apud MAINGUENEAU, D. Formação Discursiva. In: CHARAUDEAU, P.; MAINGUENEAU, D. *Dicionário de Análise do Discurso*. 2.ed. São Paulo: Contexto, 2008a, p.240-242.

HOPPER, P.; THOMPSON, S. The discourse basis for lexical categories in universal grammar. In: *Language*. v.XIX, 1984, p.703-752 .

HYLAND, K. *English for Academic Purposes: An Advanced Resource Book*. London: Routledge, 2006 apud MIRANDA, M. V. *Processos verbais em artigos científicos: Uma análise com base na língua em uso*. 2016. 105f. Dissertação (Mestrado em Letras – Estudos Linguísticos) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2016.

HYLAND, K. Academic attribution: citation and the construction of disciplinary knowledge. In: *Applied Linguistics*, v.20, n.3, p.341-367, 1999 apud MACEDO, T. *A citação como recurso de afiliação acadêmica*. 2006. 213f. Tese (Doutorado em Linguística) – Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2006.

IVANIC, R. *Writing and identity: the discursal construction of identity in academic writing*. Amsterdam: John Benjamins Publishing Company, 1998 apud MACEDO, T. *A citação como recurso de afiliação acadêmica*. 2006. 213f. Tese (Doutorado em

Linguística) – Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2006.

LAKATOS, E. M.; MARCONI, M. A. *Metodologia científica*. São Paulo: Atlas, 1988 apud SILVA, E. A. Evolução Histórica do Método Científico: Desafios e Paradigmas para o Século XXI. In: *Econ. Pesqui.*, Araçatuba, v.3, n.3, p.109-118. mar.2001. Disponível em: <[http://www.feata.edu.br/downloads/revistas/economiaepesquisa/v3\\_artigo07\\_evolucao.pdf](http://www.feata.edu.br/downloads/revistas/economiaepesquisa/v3_artigo07_evolucao.pdf)>. Acesso em: 13 de novembro de 2019.

LEIBRUDER, A.P. O discurso de divulgação científico. In: BRANDÃO, H.M. Gêneros do discurso na escola: mito, conto, cordel, discurso político, divulgação científica. São Paulo: Cortez, 2000. p.229-253 apud TARGINO, M. das G. Divulgação científica e discurso. In: *Comunicação & Inovação*. São Caetano do Sul, v.8, n.15, p.19-28, jul-dez.2007. Disponível em: <[https://seer.uscs.edu.br/index.php/revista\\_comunicacao\\_inovacao/article/view/678](https://seer.uscs.edu.br/index.php/revista_comunicacao_inovacao/article/view/678)>. Acesso em: 13 de novembro de 2019.

MACEDO, T. *A citação como recurso de afiliação acadêmica*. 2006. 213f. Tese (Doutorado em Linguística) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2006.

MAINGUENEAU, D. Ethos, cenografia, incorporação. In: AMOSSY, R. (org.). *Imagens de si no discurso: a construção do ethos*. 2.ed. São Paulo: Contexto, 2011.

MAINGUENEAU, D. *Cenas da enunciação*. POSSENTI, S.; SOUZA-E-SILVA, M. C. P. de (orgs.). São Paulo: Parábola Editorial, 2008a.

MAINGUENEAU, D. Formação Discursiva. In: CHARAUDEAU, P.; MAINGUENEAU, D. *Dicionário de Análise do Discurso*. 2.ed. São Paulo: Contexto, 2008b, p.240-242.

MAINGUENEAU, D. Os discursos constituintes. In: MAINGUENEAU, D. *Cenas da enunciação*. POSSENTI, S.; SOUZA-E-SILVA, M. C. P. de (orgs.). São Paulo: Parábola Editorial, 2008c, p.37-54.

MAINGUENEAU, D. Diversidade dos gêneros de discurso. In: MACHADO, I. L.; MELLO, R. de (orgs.). *Gêneros: reflexões em análise do discurso*. Belo Horizonte: NAD/POSLIN/FALE, 2004. p.43-58.

MAINGUENEAU, D.; COSSUTTA, F. L'analyse des discours constituants. In: *Langages*. 29e année, n.117, 1995. p.112-125.

MARCONI, M. de A.; LAKATOS, E. M. *Fundamentos de metodologia científica*. 5.ed. São Paulo: Atlas, 2003.

MARCUSCHI, L. A. *A ação dos verbos introdutórios de opinião*. Universidade Federal de Pernambuco, 1981.

MIRANDA, M. V. *Processos verbais em artigos científicos: Uma análise com base na língua em uso*. 2016. 105f. Dissertação (Mestrado em Letras – Estudos Linguísticos) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2016.

MATOS, F. C. V. de. *Modalização: uma estratégia argumentativa*. 2009. 108f. Dissertação (Mestrado em Língua Portuguesa) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2009.

NASCIMENTO, E. P. do. A modalização e os gêneros formulaicos: estratégia semântico-argumentativa. In: *Revista de Letras*. n.32. v.1, jan/jul.2013. Disponível em: <<http://www.periodicos.ufc.br/revletras/article/viewFile/1441/1340>>. Acesso em: 28 de junho de 2018.

NATION, PI. *Learning vocabulary in another language*. Cambridge: Cambridge University Press, 2001 *apud* MIRANDA, M. V. *Processos verbais em artigos científicos: Uma análise com base na língua em uso*. 2016. 105f. Dissertação (Mestrado em Letras – Estudos Linguísticos) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2016.

NOVAIS, K. N. D. O pré-discurso e a esquematização na manutenção e na (des)construção das noções. In: CORREA, T. E. *et al.* (orgs.). *Estudos de pós-*

*graduação em linguística do texto e do discurso*. Belo Horizonte: Faculdade de Letras da UFMG, 2019, p.317-333.

NOVAIS, K. N. D. *Argumentação na Publicidade*: os modos de organização dos efeitos de verdade. 2015. 204f. Dissertação (Mestrado em Letras – Estudos Linguísticos) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2015.

NOVAIS, K. N. D.; GUIMARÃES, M. O caso “Hope ensina”: a questão do contrato e os parâmetros de pré-validação. In: *EID&A - Revista Eletrônica de Estudos Integrados em Discurso e Argumentação*, Ilhéus, n.8, jun.2015, p.134-147.

OLIVEIRA, A. L. A. M.; ORFANÓ, B. M.; MIRANDA, M. V. Nominalizações em textos acadêmicos de português brasileiro (PB): alguns aspectos cognitivo-funcionais da estrutura argumental dos deverbais e possíveis implicações para o ensino de PB. In: *De volta ao futuro da língua portuguesa*. Atas do V SIMELP – Simpósio Mundial de Estudos de Língua Portuguesa. Università del Salento, Lecce, 2017, p.3269-3286. Disponível em: <<http://siba-ese.unisalento.it/index.php/dvaf/article/view/18043>>. Acesso em: 20 de novembro de 2019.

OLIVEIRA, S. de F. As vozes presentes no texto acadêmico e a explicitação da autoria. In: *Pedagogia em ação*. v.6, n.1. PUC Minas, 2014. Disponível em: <<http://periodicos.pucminas.br/index.php/pedagogiacao/article/view/9182>>. Acesso em: 24 de novembro de 2019.

PERELMAN, C.; OLBRECHTS-TYTECA, L. *Tratado da Argumentação: A Nova Retórica*. 2.ed. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

PLANTIN, C. *A argumentação: história, teorias, perspectivas*. São Paulo: Parábola Editorial, 2008a.

PLANTIN, C. Verossímil. In: CHARAUDEAU, P.; MAINGUENEAU, D. *Dicionário de Análise do Discurso*. 2.ed. São Paulo: Contexto, 2008b, p.240-242.

PORTO, F.; GURGEL, J. L. Sugestão de roteiro para avaliação de um artigo científico. In: *Revista Brasileira de Ciências do Esporte*. v.40, n.02, [S.l.] Elsevier Editora Ltda, 2018, p.111-116. Disponível em: <<https://reader.elsevier.com/reader/sd/pii/S0101328917302597?token=288538770D5875FD5F3E36DEF8050AB6A0791912DE3C643EB80116252E4844293E1BB67A0F95427D10E06BA0E6D9DE68>>. Acesso em: 14 de janeiro de 2020.

SILVA, E. A. Evolução Histórica do Método Científico: Desafios e Paradigmas para o Século XXI. In: *Econ. Pesqui.*, Araçatuba, v.3, n.3, p.109-118. mar.2001. Disponível em: <[http://www.feata.edu.br/downloads/revistas/economiaepesquisa/v3\\_artigo07\\_evolucao.pdf](http://www.feata.edu.br/downloads/revistas/economiaepesquisa/v3_artigo07_evolucao.pdf)>. Acesso em: 13 de novembro de 2019.

SWALES, J. M. *Genre analysis: English in academic na research settings*. Cambridge: Cambridge University Press, 1990 apud COSTA, A. R. da. *O Gênero Textual Artigo Científico: Estratégias de organização*. 2003. 157f. dissertação (Mestrado em Letras – Estudos Linguísticos) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2003.

TARGINO, M. das G. Divulgação científica e discurso. In: *Comunicação & Inovação*. São Caetano do Sul, v.8, n.15, p.19-28, jul-dez.2007. Disponível em: <[https://seer.uscs.edu.br/index.php/revista\\_comunicacao\\_inovacao/article/view/678](https://seer.uscs.edu.br/index.php/revista_comunicacao_inovacao/article/view/678)>. Acesso em: 13 de novembro de 2019.

TRUJILLO, A. F. *Metodologia da ciência*. 3.ed. Rio de Janeiro: Kennedy, 1974 apud MARCONI, M. de A.; LAKATOS, E. M. *Fundamentos de metodologia científica*. 5.ed. São Paulo: Atlas, 2003.

VIARO, R. V.; VALORE, L. A. Método, Análise e Verdade em Psicologia: Sobre uma Análise Institucional do Discurso. In: *Psicologia: Ciência e Profissão*. vol.31, n.4. Brasília, 2011, p.718-733. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/pcp/v31n4/v31n4a05.pdf>>. Acesso em: 07 de janeiro de 2020.

VIEIRA, L. A. *A construção da narrativa científica nas Ciências Humanas: análise discursiva de editoriais da revista Varia Historia (2007 – 2016)*. 2017. 254f. Tese

(Doutorado em Ciência da Informação) – Escola de Ciência da Informação, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2017.

VIGNAUX, G. Une approche cognitive de l'argumentation. In: DOURY, M.; MOIRAND S. *L'argumentation aujourd'hui*. Positions theoriques en confrontation. Paris: Presses Sorbonne Nouvelle, 2004, p.103-124.

ZIMAN, J. *Public knowledge: the social dimension of science*. Belo Horizonte: Itatiaia, 1979 *apud* TARGINO, M. das G. Divulgação científica e discurso. In: *Comunicação & Inovação*. São Caetano do Sul, v.8, n.15, p.19-28, jul-dez.2007. Disponível em: <[https://seer.uscs.edu.br/index.php/revista\\_comunicacao\\_inovacao/article/view/678](https://seer.uscs.edu.br/index.php/revista_comunicacao_inovacao/article/view/678)>. Acesso em: 13 de novembro de 2019.

TABELAS, quadros e figuras. In: *Guia de Apresentação de Teses*. 2. ed. Faculdade de Saúde Pública da Universidade de São Paulo, 2017. Disponível em: <[http://www.biblioteca.fsp.usp.br/~biblioteca/guia/i\\_cap\\_04.htm](http://www.biblioteca.fsp.usp.br/~biblioteca/guia/i_cap_04.htm)>. Acesso em: 10 de janeiro de 2020.

**ANEXOS**

## REVISTA DE ESTUDOS DA LINGUAGEM

### Políticas editoriais

- [Foco e escopo](#)
- [Políticas de Seção](#)
- [Processo de Revisão por Pares](#)
- [Frequência de publicação](#)
- [Política de Acesso Aberto](#)
- [Arquivamento](#)
- [Ética da publicação e declaração de negligência](#)

### Foco e escopo

A Revista de Estudos da Linguagem é uma revista trimestral revisada por pares, patrocinada pela Faculdade de Letras e pelo Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal de Minas Gerais desde 1992. Sua missão é promover o avanço científico na área de Teoria e Análise Linguística, permitindo que pesquisadores do Brasil e do exterior divulguem suas pesquisas originais e inéditas e contribuam para o debate científico e o progresso na área. A Revista de Estudos da Linguagem é uma revista de acesso aberto e recebe submissões eletrônicas continuamente por seus números regulares e dentro de prazos e temas pré-estabelecidos, divulgados publicamente, para assuntos temáticos.

### Processo de Revisão por Pares

Toda submissão que atenda aos padrões de submissão da revista e ao Código de Conduta e Boas Práticas será analisada inicialmente pelo Editor Chefe, que avaliará possíveis problemas de autoria (como plágio, republicação etc.). Os casos de possível má conduta serão analisados de acordo com o fluxograma da COPE. A Revista de Estudos da Linguagem adota o sistema de revisão por pares duplo-cego.

Os trabalhos são atribuídos inicialmente a dois revisores. Caso haja um empate na avaliação dos revisores, o artigo será atribuído a outro revisor para uma terceira

avaliação. Os revisores devem enviar as revisões dentro de três semanas após a tarefa.

Os revisores devem seguir as [Diretrizes da COPE para revisores](#) .

### **Frequência de publicação**

Este é um diário trimestral. Os artigos são publicados coletivamente como parte de uma edição com seu próprio índice.

### **Política de Acesso Aberto**

A Revista de Estudos da Linguagem é uma revista de acesso aberto. Apoiamos o compartilhamento gratuito de informações, metodologia de pesquisa e dados. Os leitores e autores têm acesso gratuito a todas as seções da revista. Não há taxas de envio nem de processamento.

Incentivamos os autores a divulgar fontes de dados, métodos estatísticos e qualquer codificação usada em seus trabalhos.

### **Ética da publicação e declaração de negligência**

A Revista de Estudos da Linguagem segue as diretrizes do Comitê de Ética em Publicações ([COPE](#)) .

### **Responsabilidades dos editores**

*Decisões de publicação:* O editor é responsável por decidir quais artigos submetidos à revista serão publicados. O editor avaliará os manuscritos sem considerar a raça dos autores, gênero, orientação sexual, crença religiosa, origem étnica, cidadania ou filosofia política. A decisão será baseada na importância, originalidade e clareza do artigo, bem como a validade do estudo e sua relevância para o escopo da revista. Os requisitos legais atuais sobre difamação, violação de direitos autorais e plágio também devem ser considerados.

*Confidencialidade:* O editor e qualquer equipe editorial não devem divulgar nenhuma informação sobre um manuscrito enviado a ninguém que não seja o

autor correspondente, revisores, revisores em potencial, outros consultores editoriais e o editor, conforme apropriado.

*Divulgação e conflitos de interesse:* Os materiais não publicados divulgados em um artigo enviado não serão utilizados pelo editor ou pelos membros do conselho editorial para seus próprios fins de pesquisa sem o consentimento explícito por escrito do autor.

## **Responsabilidades dos revisores**

*Contribuição para as decisões editoriais* O processo de revisão por pares auxilia o editor e o conselho editorial na tomada de decisões editoriais e também pode servir ao autor na melhoria do artigo.

*Prontidão* Qualquer árbitro selecionado que se sinta desqualificado para revisar a pesquisa relatada em um manuscrito ou saiba que sua revisão imediata será impossível deve notificar o editor e se retirar do processo de revisão.

*Confidencialidade* Todos os manuscritos recebidos para revisão devem ser tratados como documentos confidenciais. Eles não devem ser divulgados ou discutidos com outras pessoas, exceto conforme autorizado pelo editor.

*Padrões de objetividade* As análises devem ser conduzidas objetivamente. Críticas pessoais ao autor são inadequadas. Os árbitros devem expressar suas opiniões claramente com argumentos de apoio.

*Divulgação e conflito de interesses* Informações ou idéias privilegiadas obtidas por meio da revisão por pares devem ser mantidas em sigilo e não usadas para vantagem pessoal. Os revisores não devem considerar manuscritos nos quais tenham conflitos de interesse resultantes de relações ou conexões competitivas, colaborativas ou outras com qualquer um dos autores, empresas ou instituições associadas aos trabalhos.

## **Deveres dos autores**

*Padrões de relatório:* Os autores dos relatórios de pesquisa originais devem apresentar um relato preciso do trabalho realizado, bem como uma discussão objetiva de seu significado. Os dados subjacentes devem ser representados com precisão no artigo. Um artigo deve conter detalhes e referências suficientes para

permitir que outros possam replicar o trabalho. Declarações fraudulentas ou conscientemente imprecisas constituem comportamento antiético e são inaceitáveis.

*Acesso e retenção de dados:* Os autores podem ser solicitados a fornecer os dados brutos de seus estudos juntamente com o artigo para revisão editorial e devem estar preparados para disponibilizar publicamente os dados, se possível. De qualquer forma, os autores devem garantir a acessibilidade desses dados a outros profissionais competentes por pelo menos dez anos após a publicação (de preferência por meio de um repositório de dados institucional ou por assunto ou outro datacenter), desde que a confidencialidade dos participantes possa ser protegida e direitos legais relativos a dados proprietários não impedem sua liberação.

*Originalidade, plágio e reconhecimento de fontes* Os autores enviarão apenas trabalhos inteiramente originais e citarão ou citarão adequadamente o trabalho e / ou palavras de outros. Publicações que foram influentes na determinação da natureza do trabalho relatado também devem ser citadas.

*Publicação múltipla, redundante ou simultânea:* Em geral, os artigos que descrevem essencialmente a mesma pesquisa não devem ser publicados em mais de uma revista. Submeter o mesmo trabalho a mais de uma revista constitui um comportamento antiético de publicação e é inaceitável. Os manuscritos que foram publicados como material protegido por direitos autorais em outros lugares não podem ser enviados. Além disso, os manuscritos sob revisão da revista não devem ser reenviados para publicações protegidas por direitos autorais. No entanto, ao enviar um manuscrito, o (s) autor (es) mantém os direitos sobre o material publicado. No caso de publicação, eles permitem o uso de seu trabalho sob uma licença CC-BY [<http://creativecommons.org/licenses/by/3.0/>], que permite que outras pessoas copiem, distribuam e transmitam o trabalho, bem como se adaptem o trabalho e fazer uso comercial dele.

## **Autoria do trabalho**

A autoria deve ser limitada àqueles que fizeram uma contribuição significativa para a concepção, design, execução ou interpretação do estudo relatado. Todos aqueles que fizeram contribuições significativas devem ser listados como coautores. Os artigos originários de teses e dissertações devem torná-lo explícito, a fim de evitar o auto-plágio.

O autor correspondente garante que todos os co-autores contribuintes e nenhuma pessoa não envolvida sejam incluídos na lista de autores. O autor correspondente também verificará se todos os co-autores aprovaram a versão final do artigo e concordaram com sua submissão para publicação.

*Divulgação e conflitos de interesse:* Todos os autores devem incluir uma declaração divulgando quaisquer conflitos de interesse financeiros ou outros substantivos que possam ser interpretados para influenciar os resultados ou a interpretação de seus manuscritos. Todas as fontes de apoio financeiro ao projeto devem ser divulgadas.

*Erros fundamentais em trabalhos publicados:* Quando um autor descobre um erro significativo ou imprecisão em seu próprio trabalho publicado, é obrigação do autor notificar imediatamente o editor da revista e cooperar com o editor para retirar ou corrigir o artigo na forma de um errata.

## Referência

Comitê de Ética em Publicações (COPE): Código de Conduta e Diretrizes de Boas Práticas para Editores de Revistas. Recuperado em [http://](http://publicationethics.org/files/u2/New_Code.pdf) [https://](https://publicationethics.org/files/u2/New_Code.pdf)

Acessado em 12 de novembro de 2017.

e - ISSN 2237-2083

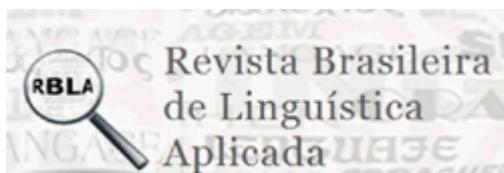


Licenciado através da [Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/)

Disponível em:

<<http://www.periodicos.letras.ufmg.br/index.php/relin/about/editorialPolicies#focusAndScope>>. Acesso em: 13 de janeiro de 2020 (página traduzida)

## Anexo 02 – Normas de Publicação da *Revista Brasileira de Linguística Aplicada*



### **SOBRE A REVISTA**

- [Informações básicas](#)
- [Fontes de indexação](#)
- [Propriedade intelectual](#)
- [Patrocinadores](#)

**ISSN 1984-6398 versão on-line**

### **Informações básicas**

A **Revista Brasileira de Linguística Aplicada**, uma publicação sem fins lucrativos, é um periódico trimestral, com avaliação por pares, que tem a missão de incentivar a pesquisa na área de Linguística Aplicada. Criada em 2001, a revista recebe artigos originais, de mestres e doutores, que tratam dos muitos fenômenos relacionados a problemas de linguagem da vida real relacionados à língua em uso em contextos diversos ou à aprendizagem. O periódico também publica resenhas, entrevistas e dois números temáticos por ano. A publicação, com apoio financeiro do CNPq e da FAPEMIG, é de responsabilidade do Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos, área de concentração em Linguística Aplicada e é distribuída, gratuitamente, aos sócios da ALAB.

O título abreviado do periódico é **Rev. bras. linguist. apl.**, que deve ser usado em bibliografias, notas de rodapé, referências e legendas bibliográficas.

### **Fontes de indexação**

A Revista Brasileira de Linguística Aplicada está indexada em:

- MLA (Modern Language Association of America)
- Linguistics Abstracts
- Linguistics and Language Behavior Abstracts
- CAPES/QUALIS A1
- EBSCO
- DOAJ (Directory of Open Access Journals)
- OCLC WorldCat
- Latindex
- Scopus
- SIS
- Redalyc

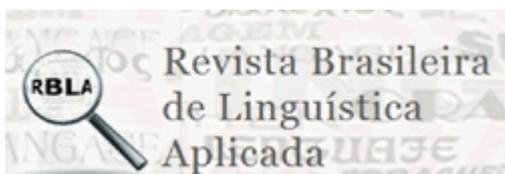
## Propriedade intelectual

Todo o conteúdo do periódico, exceto onde está identificado, está licenciado sob uma [Licença Creative Commons](#) do tipo atribuição CC-BY.

A revista on-line é o acesso aberto e gratuito.

## Patrocinadores

- Faculdade de Letras / Universidade Federal de Minas Gerais



ISSN 1984-6398 *versão on-line*

## INSTRUÇÕES AOS AUTORES

- [Escopo e política](#)
- [Forma e preparação de manuscritos](#)
- [Declaração sobre ética e práticas inadequadas](#)
- [Envio de manuscritos](#)

## Escopo e política

Os trabalhos submetidos para publicação são avaliados anonimamente por dois ou três pareceristas depois de uma pré-análise dos editores à luz da missão e das normas de publicação da RBLA.

Apenas os trabalhos aprovados por dois pareceristas são encaminhados para publicação, desde que o autor tenha efetuado as correções e modificações recomendadas.

Não se cobra dos autores pela publicação.

## Forma e preparação de manuscritos

1. O conteúdo dos artigos é de responsabilidade dos autores. Os Editores não assumem nenhuma responsabilidade por opiniões ou afirmações dos autores.

2. A Revista Brasileira de Linguística Aplicada segue as diretrizes do Código de Conduta e Boas Práticas do [COPE](#) (Committee on Publication Ethics) e não admite comportamentos antiéticos e

nem tolera quaisquer formas de plágio. O periódico segue as recomendações do International Committee of Medical Journal Editors que prescreve que "Os créditos de autoria devem estar baseados somente em contribuições substanciais para (A) concepção, planejamento, análise ou interpretação dos dados, (B) redação do artigo ou sua revisão intelectual crítica, (C) responsabilidade pela aprovação final para publicação. Todas as condições (A, B e C) devem ser cumpridas."

3. Os autores que encaminharem um manuscrito devem ter conhecimento de que, caso seja aceito para publicação, o copyright do artigo é transferido para a RBLA que, por sua vez utiliza a [Licença de Atribuição Creative Commons](#).

4. A revista recebe submissões em português, inglês e espanhol que tratem dos muitos fenômenos relacionados a problemas de linguagem da vida real relativos à língua em uso em contextos diversos ou ao ensino e aprendizagem de línguas.

5. O trabalho deve conter título em português e inglês, incluindo dois resumos de até 10 linhas nas duas línguas, seguidos de lista de palavras-chave também em inglês e português. Os textos devem ter no máximo 10.000 palavras (incluindo referências, notas e quadros), fonte Times New Roman, tamanho 12, com seções e subseções numeradas (Os títulos das seções devem vir sem recuo, com numeração arábica (com número não seguido de ponto)).

6. Terão prioridade de publicação os artigos que apresentem resultados de pesquisa e que tragam contribuições novas para a área de Linguística Aplicada.

7. Artigos resultantes de pesquisa de mestrado ou doutorado deverão incluir o nome do orientador em nota de rodapé e não como co-autor. A Comissão Editorial entende que a orientação deve ser explicitada, mas não deve ser confundida com co-autoria. De acordo com a Lei nº 9.610, de 19 de fevereiro de 1998. Art. 15: § 1º Não se considera co-autor quem simplesmente auxiliou o autor na produção da obra literária, artística ou científica, revendo-a, atualizando-a, bem como fiscalizando ou dirigindo sua edição ou apresentação por qualquer meio.

8. As notas devem vir em rodapé. Os agradecimentos não devem constar em nota de rodapé, e sim em uma seção própria ao final do artigo. Em caso de produto de bolsa de pesquisa, o nome da agência financiadora deve constar dos agradecimentos.

9. Em caso de ilustrações previamente publicadas, citar a fonte.

10. As referências bibliográficas devem seguir as normas da ABNT (ver exemplos ao final).

11. O trabalho deve ser enviado anonimamente - sem quaisquer referências que possam identificar o(s) autor(es).

12. Os textos submetidos devem vir acompanhados por um documento suplementar contendo:

- Nome(s) do(s) autor(es);
- Instituição à qual pertence(m);
- Titulação do(s) autor(es);
- Endereço para correspondência;
- E-mail;
- Referências completas de trabalhos próprios que foram citados no corpo do texto.
- Declaração assinada informando que a contribuição não foi publicada anteriormente, parcial ou integralmente, em meio impresso ou eletrônico, e nem está sob processo de avaliação de outros periódicos.

13. Em casos onde o(s) autor(es) cita(m) trabalhos próprios, as identificações deverão ser substituídas por XXX nas referências e no corpo do texto. As referências completas devem ser enviadas no documento suplementar.

14. Os textos devem ser submetidos através da página do Portal de Periódicos da Faculdade de Letras da UFMG, disponível no link: <http://www.periodicos.letras.ufmg.br/index.php/rbla>

#### Exemplos de Referências Bibliográficas

##### Livro

COATES, J. *Women talk*. Oxford: Blackwell, 1996. 324p.  
KASPER, G.; KELLERMAN, E. *Communication strategies: psycholinguistic and sociolinguistic perspectives*. Essex: Addison Wesley Longman, 1996. 398p.

##### Capítulo de livro

FREEMAN, D. Redefining the relationship between research and what teachers know. In: BAILEY, K. M.; NUNAN, D. (Ed.). *Voices from the language classroom*. Cambridge: Cambridge University Press, 1996. p. 88-115.

##### Artigo em periódico

JENSEN, J. B. A investigação de formas de tratamento e a telenovela: a escalada, parte 1. *Revista Brasileira de Linguística*, Petrópolis, v. 4, n. 2, p. 43-73, 1977.

##### Anais

DELL'ISOLA, R. L. P. Ensino de Língua Portuguesa: ações meta e epilinguísticas em coleção didática. In: SIMELP: 3, 2012, Macau. *Anais...* Macau: Universidade de Macau, 2012. p. 568-576.

CARMAGNANI, A. M. G. Individualised instruction; reporting an experience. In: National BRAZ-TESOL Convention, 3, 1994, São

Paulo. *Proceedings...* São Paulo: BRAZ-TESOL, 1994. p. 236-243.

Dissertação e tese

DALACORTE, M. C. F. *A participação dos aprendizes na interação em sala de aula de inglês: um estudo de caso*. 1999. 221 f. Tese (Doutorado em Linguística Aplicada ao Ensino de Línguas Estrangeiras) - Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte.

Documento eletrônico

As referências são seguidas de Disponível em: <<http://.....>>.

Acesso em:

GRADDOL, David. (Ed.). *Applied Linguistics for the 21st Century*. AILA Review 14. Catchline/AILA 2001. Disponível em: <<http://www.aila.soton.ac.uk/pdfs/Aila14.pdf>>. Acesso em: 01 maio 2006.

SOUZA, R. A. *O "chat" em língua inglesa: interações na fronteira da oralidade e da escrita*. 2000. 154 f. Dissertação (Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos) - Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte. Disponível em: <<http://www.letras.ufmg.br/ricsouza/trabalhosfinais.html>> Acesso em: 01 maio 2006.

## **Declaração sobre ética e práticas inadequadas**

A Revista Brasileira de Linguística Aplicada segue as diretrizes do Código de Conduta e Boas Práticas do COPE (Committee on Publication Ethics) e não admite comportamentos antiéticos e nem tolera quaisquer formas de plágio. Todos os trabalhos submetidos devem vir acompanhados por uma declaração assinada informando que o artigo é original e não foi publicado ou submetido a nenhum outro periódico ou livro. Os direitos de autoria são limitados àqueles que contribuíram significativamente para o desenvolvimento da pesquisa, a interpretação dos dados e o desenvolvimento do artigo. Todos os colaboradores que não se ajustarem aos critérios de autoria devem ser mencionados em uma nota de agradecimento. Os autores devem ter autorização dos participantes da pesquisa para divulgar os dados produzidos, mesmo que o anonimato seja garantido. Os artigos resultantes de teses e dissertações devem explicitar essa informação, de modo a evitar autoplágio. Os orientadores não devem ser incluídos como coautores, de acordo com a Lei nº 9.610, de 19 de fevereiro de 1998. Art. 15: § 1º. Os nomes dos orientadores devem constar em uma nota de rodapé na primeira página do artigo. Trabalhos escritos ou orais de outros autores, sejam eles publicados ou não publicados, devem ser citados. Os artigos submetidos a este periódico serão tratados como documentos confidenciais. Os editores coordenam o processo de avaliação cega por pares e

enviam os artigos submetidos a pareceristas de diferentes instituições.

### **Envio de manuscritos**

Os textos devem ser submetidos através da página do Portal de Periódicos da Faculdade de Letras da UFMG, disponível no link: <http://www.periodicos.letras.ufmg.br/index.php/rbla>

Disponível em: <<http://www.scielo.br/revistas/rbla/pinstruc.htm>>. Acesso em: 13 de janeiro de 2020.